

920
S58h

DEDALUS - Acervo - MP-REP

A historia e a legenda /



21800004982

30

L-29



A História e a Lenda

OBRAS DO MESMO AUTOR JÁ PUBLICADAS

Historicas

Historia da fundação do Imperio brasileiro desde 1807 até 1810—2ª edição aperfeiçoada.....	5 tomos
Curso de Historia dos povos americanos, nas conquistas, colonisação e emancipação.....	1 »
Christovam Colombo e o descobrimento da America.....	1 »

Litterarias

Varões Ilustres do Brazil durante os tempos colonias—3ª edição.....	2 »
Nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e Brazil.....	1 »
Considerações sobre poesia épica e poesia dramatica.....	1 »
Felinto Elycio e sua época.....	1 »
Memorias litterarias e politicas.....	2 »
Litterature portugaise, son passé, son état actuel	1 »

Politicas

Discursos parlamentares em varias secções legislativas.....	2 »
Situation sociale, politique et economique du Brazil.....	1 »

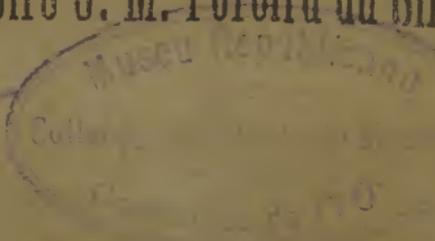
De phantasia

Jeronymo Corte-real—chronica do seculo 16... 1 »
Manoel de Moraes — » do seculo 17... 1 »
D. João de Noronha— » do seculo 18... 1 »
Aspasia — » do seculo 19... 1 »
Gonzaga—esboço poetico. 1 »

A HISTORIA E A LEGENDA

PELO

Conselheiro J. M. Pereira da Silva



903073

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DO POVO

QUARESMA & COMP. — LIVREIROS - EDITORES

65 e 67 Rua de S. José 65 e 67

1892

Ты р. Montenegro, rua Nova do Ouvidor n. 14.

ADVERTENCIA

Redigi alguns estudos historicos para o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Publicados na sua secção litteraria, tão manifesto favor obtiveram do publico, que á pedido de numerosos amigos resolvi formar com elles, e com varios, identicos e ineditos ensaios, o volume que ora vai confiado aos prátos.

Foi meu intento n'estes trabalhos separar a historia da legenda, que em muitos escriptos estimados se confundem, e pois illudem os leitores, dando-lhes noticias falsas dos acontecimentos e dos homens celebres que tem apparecido na scena do mundo.

Quasi que não apparece vulto saliente e com successo notavel na historia antiga ou moderna, que se não enfeite, ou se não infeccione com legendas inventadas pelo vulgo, imaginadas pelos poetas, e espalhadas pelos chronistas e historiadores em demasia credulos, e pouco escrupulosos, que as aceitam sem averiguar os factos com o criterio, que exigem as leis da verdadeira historia, que não é romance, mas a primeira das sciencias moraes e politicas.

Não será um serviço prestado á instrucção do povo publicar este livro destinado a esclarecer a historia, resgatando-a das maculas que lhe introduzio tambem falso espirito patriotico, suscitado a seu turno pelos raptos de phantasia?

Lucrecia Borgia

Não escapam os personagens celebres, que figuraram em seu tempo, à historia e à legenda, quaesquer que sejam seus intuitos e seus actos. A primeira toma a seu cargo reproduzir-lhes fielmente a physionomia; revelar-lhes, com exactidão, as qualidades; photographar-lhes, ao vivo, os caracteres; prestar-lhes, na narração dos successos, movimento, alma e vida, para que se gravem em paginas duradouras de livros e se guardem indeleveis na memoria e tradições dos homens. A legenda, que é fructo particular da imaginação, e genero especial de poesia, que o povo prefere por que mais lhe agrada, que o povo acredita por que não tem tempo de estudar a historia, pôde realçar a verdade com accessorios de ficção, mas não deve falsificar caracteres, inventar situações, e nem improvisar extravagancias que transformam a verdade, e alteram o sentir exacto dos personagens, e a apreciação dos acontecimentos verificados. Os traços geraes do painel cumpre sejam conformes à consciencia historica, embora se espalhem tons suaves que captivem na colorido delicado que interesse, sensibilidade que commova. Ora a verdade, mas não mente a Musa.

E' a historia um juizo severo e imparcial,

ataviada e inventiva é a legenda. Aquella instrue, moralisa, constitue vero sacerdocio; a legenda inspira o romance e o drama, que amenizam as horas do descanso e do tédio.

Shakspeare nas suas tragedias historicas; Walter Scott nos seus romances peregrinos, comprehenderam honrosa e largamente sua missão. Um ou outro discipulo seguiu-lhes o exemplo. Agradecem-lhes as letras applaudindo-os e encomiando os.

São poetas que completam o historiador, adicionando a seus quadros verdadeiras minudencias, circumstancias, episodios que illuminam os factos e as figuras, bem que de ficção, mas que respeitam a verdade historica. Traçam, assim, o circulo e as attribuições da legenda, não a convertendo em instrumento de enganos e de erros, com que se corrompa o espirito de quem acredita no que está escripto nos livros.

Entre os vultos que se tem celebrisado nos annaes historicos, nota-se um, que se acha de todo transfigurado na legenda, e pois nas composições dos poetas. Referimo-nos a Lucrecia Borgia. D'ella passamos a tratar, no proposito de rehabilitar-lhe as qualidades, e pintal-a como foi na realidade. Victima mais que ninguem, passa falsamente por uma Messalina, uma Theodora, uma creatura monstruosa.

Lêde, prescrutai, investigai, porém, os annaes, as chronicas, as historias, os documentos, os libellos publicados a respeito, as cor-

respondencias diplomaticas da época, e conhecereis que mais da imaginação que da realidade, mais da ficção que da historia, é a Lucrecia Borgia dos dramas e dos romances.

Victor Hugo, particularmente, inventou, phantasiou uma Lucrecia Borgia, que não é a da historia.

Perque razão, ó poeta, não boriastes a tela que o genio vos inspirava, com uns nomes de fantasia, como são todos, os caracteres e situações do vosso drama?

Para que emprestastes a vossos sonhos dourados figuras historicas que não conheceis? Mereçam embora elogios os raptos arrojados de vossa imaginação, certo é que tanto calumniastes a memoria de Lucrecia como adulterastes a verdade historica.

Não ha duvida que nos archivos publicos de varias nações, nos libellos do tempo, nas memorias escriptas pelos inimigos da familia dos Borgias, e que se publicaram em Roma e Florença, logo após a morte do Papa Alexandre VI, muitos crimes e attentados se attribuem ao Pontifice e particularmente a seu filho Cesar Borgia. Tornar responsaveis delle aos demais membros da familia, como Lucrecia e o Geral dos jesuitas Borgia, alias estimados por suas qualidades, constitue clamorosa injustiça.

Dividida em pequenos estados independentes, durante os seculos XV e XVI, curvados sob o jugo de despotas autonomos, ou de estrangeiros invasores, desgraçadissima era

a situação da Italia, obrigada constante e dolorosamente a presenciar horriveis attentados ; razão, todavia, não ha para pensar-se que na desmoralisação quasi geral não luzissem virtudes ; que entre os condottieris e tyrannos ferozes não raiassem alguns caracteres nobres.

Para conseguir nosso intuito, demorar-nos-hemos em considerações historicas, que illustrem melhor o episodio, que tomamos á peito reproduzir com o verdadeiro colorido.

Que era Lucrecia Borgia uma formosura, de porte elevado, esbelto e elegante, proclamaram-na Lourenço Pucci, embaixador de Florença em Roma, Zamboto de Veneza em Ferrara, Cagnolo de Parma, e outros muitos agentes diplomaticos ou secretos da época, e que a conheceram. Que se adornava com muito gosto ; cobria-se com muitas joias preciosas ; pintava com demasiado cuidado o rosto, os labios, os olhos, e as mãos ; mudava a côr dos cabellos que a natureza lhe dêra pretos, convertendo-os em louros, quasi fios de ouro, por meios de cosmeticos. ingredientes e especificos ; nenhuma duvida resta como o affirmam testemunhos da época. Que era intelligente, espirituosa, jovial e interessante na conversação e no trato, apregoam igualmente em suas memorias todos os que penetraram nos paços do Vaticano, ou nos castellos dos duques de Ferrara.

Filha natural de Alexandre Borgia antes que elle fosse nomeado Cardeal e elevado á thiara pontificia com o nome de Alexan-

dre VI ; educada com todo o mimo e primor, concentrava Lucrecia Borgia em sua pessoa a belleza physica da mãe, a vagabunda Vannoza, Romana do Transtevere, e a perspicacia e finura do pai, que nascera em Hespanha, descendente da raça mesclada de Godo e Mouro.

Tão miudas noticias nos chegam no tocante á sua vida, que até sabemos hoje o nome do alchimista que lhe preparava em Roma as differentes receitas assim de se colorir, perfumar e banhar : chamava-se Giovanni Marinelli.

Segundo os costumes do tempo e das princezas, que em princeza convertia-se logo a filha de um Cardeal e Cardeal que cingio depois a Corôa de Chefe do Catholicismo, contava Lucrecia apenas doze annos, e já tratava a familia de casal-a com um fidalgo hespanhol de nome D. João de Centelles. Antes que ella se unisse ao marido, e apenas decorrido um anno, conseguiu seu pai annular os contractos nupciaes, e consorcial-a com Gaspar Procida, conde de Averia, que lhe pareceu genro mais apropriado a seus planos ambiciosos. Egualmente infeliz foi, porém, o segundo noivo. Rasteava então a idade de Lucrecia pelos quatorze annos.

Bem não haviam passado seis mezes, e já Alexandre Borgia desfazia as escripturas, declarava nullas as nupcias ajustadas, e unia Lucrecia a João Sforza, senhor de Pezaro, effectuando com grande pompa as ceremonias religiosas no palacio de Santa Maria,

em Portico, e entregando a então ao marido.

Era ainda simples Cardeal Alexandre Borgia, mas a ambição politica já o inspirava, e, pois, pretendia crescer na importancia social do genro que escolhera.

Viviam felizes, contentes e como ennamorados os esposos, quando Alexandre Borgia foi eleito Papa e assentou-se na cadeira de S. Pedro. Verificaram-se, então, invasões francezas em Italia; interesses levantaram uns contra outros os famosos condotiéris que dominavam nos diferentes estados, appellidados quer republicas quer ducados e principados. Visava mais alto Alexandre VI, tomava sua politica novas orientações. O que contentava o Cardeal não bastava agora ao Pontifice.

Não era possivel desapossar Sforza do seu estado de Pezaro, annexara terra aos dominios de Cesar Borgia, o filho querido? Não era Cesar o melhor cabo de guerra da occasião, chefe temerario, arrojado, violento, despota, cruel e feroz, terror de Roma e da Italia? Que importava que fosse accusado de crimes hediondos, de assassinatos atrozes e até da morte do irmão, o Duque de Gandral? Não era a filha, instrumento, tambem, de sua politica, uma carta de jogar nas partidas que tratava o Papa com os potentados Italianos?

Para que lhe servia o genro Sforza, mesquinha influencia social, caracter indeciso e fraco?

Ideou livrar-se d'elle e não perdeu tempo na execução. Foi Sforza intimado para assi-

gnar termo, sob juramento de que era impotente, e que virgem se conservava Lucrecia. Submetteu-se Sforza, para salvar a vida. Evadiu-se, todavia, de Roma, e procurou asylo em Milão. Dahi protestou por escripto contra as declarações a que tinha sido compellido, e accusou o Papa e o filho Cesar de sinistras intenções a respeito de Lucrecia. Começa então a propalar-se boatos terriveis a respeito de relações intimas com o pai e o irmão, e pois a inventar-se lendas e contos no tocante á familia inteira dos Borgias.

Ao passo que Cesar Borgia invadia Pezaro, e occupava a cidade, annexando-a a suas posses, declarava o Papa nullo o casamento de Lucrecia, e consorciava-a com Affonso de Vecelio, sobrinho do rei de Napoles, Affonso II, cuja alliança politica lhe convinha no momento.

Teria Affonso então a mesma idade, pouco mais ou menos, que Lucrecia, cerca de dez-oito annos. Cavalheiro gentil, foi adorado por Lucrecia, e como dous loucos de amor residiam os jovens esposos no seio pomposo do Vaticano, onde o Papa folgava de reunir a familia Borgia.

Observou, porém, Cesar, que o pai começava a afeiçoar-se demasiadamente ao ultimo cunhado. Não lhe sorriam aos projectos politicos rivalidades na influencia que lhe interessava exercer plena e absoluta sobre o animo do Papa. Resolveu tirar a vida a Affonso, como praticara com o irmão, o Duque de Gandra, arredando do Vaticano

qualquer concurrente ao favor paterno. Preparou-lhe ciladas, mas o joven principe que era desconfiado, partio uma noite de Roma em segredo e inopinadamente e refugiou-se em Napoles.

Sentiram-se magoados o Papa e Lucrecia. Estimavam, e adoravam ambos Affonso de Vecelio. Que fazer, porém, contra Cesar? Lembrou-se o Papa de um expediente. Nomeou a Lucrecia governadora de Spoleto, e aconselhou-a a partir, tomar conta do Estado, chamar o marido para a sua companhia, e viver com elle em socogo, longe das vistas de Cesar.

Não prova este procedimento do Papa que elle como pai estimava a filha?

Obedeceu-lhe Lucrecia: em Folingio foi enconral a Affonso de Vecelio. Na solidão dos bosques, e em amores campestres deslissavam os dias de vida, tranquillos e contentes, quando enganado o Papa pelo filho pensou que os horizontes estavam serenados, e mandou-lhes dizer que voltassem para Roma, desassombrados de sustos.

De feito, em Roma não deixou Cesar escapar o menor indicio de indisposição ou de despeito; mostrava-se agradável á irmã e ao cunhado, e tudo parecia correr ás mil maravilhas.

Uma noite, porém, na propria praça de S. Pedro, ao subir as escadas do Vaticano, foi Affonso assaltado por dous sicarios. Defendendo-se briosamente e gritando por soc-

corro, acudiram-lhe os guardas do palacio e afugentaram os assassinos.

Mas Affonso recebera tres graves punhaladas, e foi preciso carregal-o aos braços para o Vaticano. Seria mandante do crime Cesar Borgia? Seus antecedentes o denunciavam. O proprio Papa acreditou-o, e tomou providencias cercando de guardas os aposentos de Affonso e de Lucrecia, e prohibindo a Cesar de penetrar no palacio.

Não ousou, todavia, ordenar inquirições, para descobrir os autores do attentado. Quando se verificasse ter sido Cesar, como punil-o? Os cuidados de Lucrecia, a sciencia dos facultativos restabeleciam as forças e curavam as feridas da victima. O Papa visitava-o constantemente. Lucrecia não lhe abandonava o leito.

Cesar Borgia, porém, não dormia e nem renunciava a seus projectos. Um dia penetrou subitamente no Vaticano, dirigio-se aos aposentos onde repousava Affonso que já entrava em franca e auspiciosa convalescencia. Não o viram os guardas bem que elle fosse acompanhado por um sicario. Estava Affonso deitado e sentados a seu lado o Papa e Lucrecia. Salta o sicario sobre o enfermo, enterra-lhe o punhal no coração, no ventre, nas faces, e no craneo. Jorra o sangue por cima do leito, borrifa as togas do Pontifice e as vestes da filha que gritaram horrorizados, pedindo soccorro Cesar e o assassino abandonaram porém livremente o Vaticano sem que fossem perseguidos.

Sepultou-se Affonso. Alexandre VI cahio como em prostração mental, sem nada ousar fazer, sem nada providenciar. Tinha medo do filho, não ousava arcar com elle, Lucrecia amaldiçoou o irmão, exprobou ao pai suas fraquezas e covardia. Cesar, porém, triumphára. O attentado ficou impune, e augmentou-lhe até a importancia em Roma e na Italia. Era a época dos valentões e arrojados condetieris, e Cesar gozava da mais vasta nomeada como tyranno vingativo, e soberano poderoso.

Decorreu um anno. Lucrecia vivia triste, solitaria, desesperada. Emmagrecia, não se mostrava ao publico, fallava só em isolamento, lastimando-se e derramando lagrimas.

Pensou Alexandre VI em pôr termo á precaria situação da filha. Acudio-lhe também a politica para coadjuvar-lhe os dese os. Casou de novo Lucrecia com Affonso d'Este, herdeiro da corôa de Ferrara. Era um Estado poderoso na Italia, cujo apoio necessitava o Papa para seus disignios. Escapava egualmente Lucrecia das garras e furores do irmão que se manifestava em Roma, seu inimigo decidido. Trocou assim Lucrecia, em 1500, a residencia de Roma pela de Ferrara, para onde a levou o novo marido. Teria cerca de 20 annos de idade. Em Ferrara viveu tranquillamente o resto da existencia, que não passou de 39 annos. De D. Affonso d'Este, que cingio a corôa em virtude do direito hereditario, teve Lucrecia filhos, e sua

descendencia occupou o throno de Ferrara por bastante tempo.

E' tudo o que narra a historia real, verdadeira, a respeito de Lucrecia.

Onde estão pois os envenenamentos que lhe attribue o poeta? Onde os punhaes com que ella mandava tirar a vida aos desaffectos? Onde os incestos, os adulterios, que lhe imputa confundindo sua historia com a do Papa e a de Cesar Borgia? De que fonte, de que documentos para provas contra Lucrecia para macular-lhe os creditos?

De todas as memorias do tempo, dos documentos encontrados nos archivõs publicos e particulares, dos livros e escriptos da época, anteriores e posteriores ao governo de Alexandre VI, dos pamphletos e libellos que se publicaram a respeito dos Borgias, nada resulta que nodêe tão negramente a reminiscencia e reputação de Lucrecia, bem que muito resalte contra o pai e contra Cesar Borgia.

O historiador inglez Roscoé, o chronista italiano Marquez de Campona, o escriptor allemão Ranke, Sismonde de Sismondi, o celebre cavalleiro francez Bayard, *sans peur et sans reproche*, não attribuem á Lucrecia crimes, antes a honraram de elogios, bem que não poupem, no emtanto, accusações á Cesar, e ao Papa Alexandre VI e accusações gravissimas, que estygmatisam para sempre suas memorias. Gregorowius, por ultimo, desejoso de descobrir a verdade no meio da immensidade de legendas que se repetiam,

depois de improbo e prolongadissimo trabalho, publicou um livro, resgatando os creditos de Lucrecia. E' este ultimo escripto, roborado com documentos incontestaveis, e uma critica conscienciosa e apurada, que lança maior luz no seio do cahos de legendas e fabulas no tocante aos Borgias.

Escrupuloso como se revela Gregorowius, tudo analysa, boatos, documentos, pamphletos, memorias. Nada esconde do que lhe chega ao conhecimento. Limpa inteiramente a vida de Lucrecia, emquanto residio em Roma: relativamente á sua existencia em Ferrara, não trepida tambem em defender-lhe a memoria.

Escrupuloso como era, cita todavia dous boatos que correram na epoca. Trocára Lucrecia em Ferrara cartas amorosas e compuzera versos dirigidos ao poeta Pedro Berembo, que foi depois cardeal da curia romana: algumas dessas cartas e uma mecha de cabellos louros affirma Gregorowius que se guardavam na Bibliotheca Ambrosiana de Milão, posto que da leitura das phrases alambicadas das cartas se não possa deprehender amor illicito; das expressões methaphysicas em que abundam dir-se-ha de preferencia que se tratava de paixão platónica. Acrescenta tambem Gregorowius que o publico de Ferrara lhe attribuiu tambem amores com um Hercules Strozzi, que foi assassinado em uma praça da cidade por sicarios, ao mando de Affonso d'Este.

Pensa, todavia, Gregorowius, que imputou-

se falsamente a Lucrecia o ciúme do marido, quando este era reconhecido amante da joven dama, com quem Hercules mezes antes se casára em Ferrara. Não seria mais provavel que fosse o crime commettido para que Affonso possuísse exclusivamente a viuva? D'este boato vago, e que parece-lhe improvado, não colheu Gregorowius provas egualmente que desdourassem Lucrecia. Para defendel-a não bastávam o testemunho de Bayard e os dos embaixadores de varias potencias italianas e agentes estrangeiros da época, que affirmam severamente que ella era respeitada e querida na côrte de Ferrara e gozava de sympathias e geral veneração do povo? Accrescente-se por outro lado, que ella fundára em Ferrara casas pias e hospitaes, distribuia abundantes esmolas aos pobres, quando soccorrera Ferrara quando uma peste dizimou-lhe a população. Lucrecia vendeu então brilhantes e joias, para poder auxiliar os infeccionados da molestia, e patentear seu espirito de caridade.

Guardaria, como guardou sempre, a estima geral do povo de Ferrara quem lhe não merecesse o respeito e a veneração?

Que provas tambem em seu abono mais accetaveis do que o facto de haver vivido bem e tranquillamente com Affonso d'Este, que era, entretanto, um potentado feroz e um marido zeloso, e nunca soubera perdoar a menor offensa? De ter morrido aos 39 annos de idade no meio das lamentações do povo?

Para que se inventam punhaes e envene-

namentos de Lucrecia? Para que se lhe attribuem numerosos adulterios, e até lhe são dados filhos naturaes, que ella procurava occultamente nos faustosos bailes mascarados de Veneza onde jámais fôra como narra Victor Hugo em um dos seus dramas?

Nem é já uma legenda verosimil; é tudo ficção, é mentira, calumnia! E mais lamentavel é ainda que dictionarios biographicos francezes, redigidos ás pressas, as repitam e propaguem como verdades.

A familia, não ha duvida, foi pessima, e escandalosa sua memoria. De seu irmão Cesar refere a historia crimes horrorosos. O punhal foi sua arma favorita. Numerosas foram suas victimas. Condotieri, fogoso por genio e por valentia, por instinctos e por intelligencia, ganha nome de bravo nas lutas e guerras, de patriota pela sua resistencia a invasores estrangeiros, e de perverso e cruellissimo pelos assassinatos perpetrados friamente. Do Papa Alexandre VI narram-se tambem perfidias e procedimentos condemnaveis.

Verdadeiras ou falsas, o que não verificamos, tradições da época attribuem ao Pontifice egualmente a composição de um veneno especial e mistura de cantaridas e de acido arsenioso, á que se dava o titulo de peçonha fabricada por Alexandre Borgia. Da nomeada horrorosa do pai e do irmão procedia de certo a suspeita contra Lucrecia e contra outros Borgias mais ou menos innocentes, e que padeciam em seus creditos, em consequencia dos laços de familia.

Políticos eram o Papa e Cesar ; chefes de governos na Italia na epoca em que viveram, e em que exerceram influxo. Faltava, porém, á Italia a independencia, a autonomia, a liberdade. Da extrema desgraça brotára a immoralidade, dos soffrimentos a desesperação, da fraqueza a necessidade de empregar traições e meios illicitos com que se vingasse de seus oppressores.

Não nos surpreendam, portanto, e notadamente as astucias, perfidias e crueldades, que se attribuem a Alexandre VI e a seu filho Cesar Borgia.



Carlos Magno

Não pôde suscitar-se duvida á respeito do logar que compete a Carlos Magno na historia universal. Deve-se considerar o quarto na collocação dos genios guerreiros, conquistadores e politicos, cujas façanhas assombram o mundo. A Cesar, a Alexandre, a Napoleão I segue-se, de certo, Carlos Magno. Foram, todavia, muito differentes as épocas em que viveram. Os primeiros no seio de grandes civilisações : nas noites de trevas e barbaria o ultimo. Esta circumstancia realça mais a memoria de Carlos Magno.

Nasceu, em 742, na cidade de Saltzburgo, territorio dos bavaros tributarios dos reis Frankos que dominavam grande parte das Gallias, além dos seus estados germanicos. Haviam pertencido as Gallias, as Hespanhas, as orlas septentrionaes da Africa desde o Egypto até as costas occidentaes da Mauritania, as ribas do Danubio e do Rheno, a Grecia, a Asia menor, e consideravel porção das ilhas britannicas. A todos os paizes vencidos e domados haviam imposto sua lingua, suas instituições, suas leis, suas tradições, seus costumes e sua civilização adiantada. Tinham fundido na sua raça as dos povos conquistados que ficavam desde logo filiados ao centro de Roma. Foi o mais vasto imperio conhecido. Com elle nenhum outro se compara, quer antes quer posteriormente, nem o de Alexandre que es-

praiou-se até o Indo e o Indostão na Asia ; nem o Arabe fundado por Mafoma ou Mahomet, nem o Franko creado por Carlos Magno, nem o de Carlos V de Hespanha, e nem emfim o ultimo francez de Napoleão I em tempos proximos á nossos dias .

A crise, todavia, que soffeu o imperio Romano no seculo IV ao transferir-se a séde da capital de Roma para Constantinopla, trouxe como resultado ora uma só nação, ora divisão em duas nações, com imperadores independentes, e causou por fim a ruina e o desmoronamento do colosso. O imperio do Oriente pôde ainda sustentar-se até meados do seculo V, bem que desmoralizado, ferido de molestia mortal, extorcendo se em repetidas convulções e trocando o titulo de Romano pelo de Grego. O do occidente sumio-se do quinto para o sexto seculo, invadido por toda parte pelos povos chamados barbaros, que da Teutonia, appellidada pelos Romanos de Germania, e actualmente conhecida pelo nome de Allemanha, se atiraram sobre as Gallias, Hespanhas, Italia, Danubio e Africa, perseguidos por outros povos ainda mais ferozes, oriundos do extremo Norte e dos sertões aziaticos que os expelliram de suas patrias e os empurraram para mais longe. Os Teutões ou Germanicos encontraram novo e mais agradavel sólo para se estabelecerem com suas familias. Separavam-se em nações ou grupos importantes, comquanto provenientes da mesma stirpe e fallando o mesmo idioma, mas governando-se inde-

pendente e diversamente. Do seculo IV para o V assenhorearam-se os Ostrogodos das margens do Danubio e da parte norte da Italia. D'ahi pouco depois expulsados pelos Gregos capitaneados por Belisario e Narses, foram substituidos pelos Lombardos, que formaram um reino que guarda seu nome : os Wisigodos seguiram para as Gallias Septentrionaes, e de lá perseguidos pelos Sincambros ou Frankos passaram-se para as Hespanhas, onde já dominavam Alanos, Suevos e Vandalos. Submeteram-se-lhes os primeiros mas emigraram os ultimos para a Africa fronteira ; os Borgonhezes apoderaram-se no emtanto da Helvecia e porções das Gallias encravadas entre os Alpes e o mar Mediterraneo, e ahi ficou tambem á terra seu nome ; os Anglos, os Saxonios e os Dinamarquezes apossaram-se de parte das ilhas britannicas, confinando em Galles e territorios da Escossia e os bretões e scottos. Espalharam-se ainda nos paizes actualmente conhecidos pelos nomes de Bohemia, Polonia, Principados do Danubio, Austria, Moravia, Russia e Hungria, outras hordas Asiaticas e do Norte, que se appellidavam Hunos, Avaros, Tartaros e Slavos.

Foi o christianismo que propagando-se por todos esses povos até ahi ou errantes ou barbaros, que foi creando costumes moraes, sociedades regulares, relações reciprocas, e formou assim as nações actuaes da Europa.

No seculo X novas erupções se verificaram provenientes de terras mais affastadas, Co-

sacos, Mongões, Bulgaros e Tartaros Scandinavos e Normandos apparecêram tambem, correndo os mares das Gallias e ilhas britannicas. Subjugaram estes ultimos a parte septentrional das Gallias, já então appellada França, nome proveniente dos conquistadores Teutonicos, e d'ahi transferiram-se com seu chefe Guilherme para as ilhas Britannicas, e fundaram sobre o reino Anglo-Saxonio, que alli vigorava, outro com lingua, instituições e costumes differentes.

Dos chefes primitivos Frankos pouco se sabe ao certo antes de um que tinha o nome de Clodovig, e que casando-se com uma princeza Borgonheza, deixou, com toda sua nação, os antigos ritos e adoptou a religião christã. Missionarios christãos derramavam-se então por toda a parte, e por entre os barbaros e os iam chamando ao Christianismo. Christãos já se declaravam Frankos, Borgonhezes, Godos, Lombardos e Suevos melhor chamados allemães, pois que generalisaram o nome á terra.

A dynastia de Clodovig ou Clovis, que tirava origem de um Merovego, extinguiu-se em 752 com Chilperico III, deposto do throno dos Frankos em uma assembléa reunida em Soissons á qual concorreram os bispos e os barões feudaes da época. O Papa Zacarias aconselhava que a corôa devia pertencer a quem exercesse de facto o poder e auctoridade real. Não tocava, portanto, ella á Pepino, o bom, filho de Carlos Martel. Duque de Colonia, chefe immediato ao soberano, e prin-

cipal do reino que governava, enquanto o ultimo descendente de Clodovig entregava-se á vida de prazeres, guardando de rei apenas o titulo.

Acclamado Pepino em 741 rei dos Frankos e coroado pelo Papa Estevam II, começou a segunda dynastia appellidada na historia Carlovingiana. O derradeiro dos Merovegos, recolhido a um mosteiro, obrigado a perder a cabelleira, distinctivo da familia, e a tomar ordens ecclesiasticas, morreu pouco depois da sua deposição. A raça de Pepino era egualmente Franka, pertencia á Germania, bem que não fosse aparentada com a dos Merovegos. Tornara-a conhecida e importante Pepino de Heristal, chefe do palacio dos Merovegos ; temido pelos visinhos seu filho Carlos Martel derrotando em Poitiers os Arabes de Hespanha, que ousaram invadir a França e reunil-a as suas conquistas das Hespanhas. Comprehendia o reino dos Frankos, sob Pepino o breve, a Neustria, que era Galla, e a Austrasia quasi toda teutonica, e tinha por tributarios os Suabios ou Allemães, os Frisões, os Turingios e Bavaros na Germania, os Bretões e Aquitanios nas Gallias. Ao empunhar o sceptro estabeleceu Pepino a séde do reino Franko em Metz, como centro mais apropriado para a administração civil, militar e politica de todos os seus estados. Por fallecimento de Pepino em 768 partilharam-se seus dominios por dous filhos Carloman e Carlos, appellidado posteriormente de Magno. Aproveitou-se este da morte do irmão mais velho para apo-

derar-se dos seus estados, usurpando-os aos sobrinhos que fugiram para a Lombardia e restaurando em sua pessoa o titulo inteiro de rei dos Frankos. Dotado de faculdades extraordinarias legou á posteridade uma memoria das mais gloriosas. Desdobrava-se, no emtanto, uma éra embrutecida, barbara, atróz, sanguinaria. Desapparecêra a grandiosa civilização Romana. Iniciava se a idade média. Cobria o mundo escuridão tão completa que não permittia raiar a mais tenue luz, que abrisse caminho ao espirito e nem á consciencia humana. Conservava sómente a egreja Romana alguns vestigios do passado : nella e nos mosteiros reunia-se a parte da sciencia que escapára do cataclysmo, que assolara o Occidente da Europa.

Era assim a sociedade religiosa a unica que ainda cultivava alguns estudos antigos, já no emtanto muito obliterados e suffocados nas lutas e discussões theologicas, que monopolisavam os animos. Certo é que a barbaria dominava exclusivamente, bem que amainada e moderada ás vezes pela voz dos padres, que acudiam em soccorro da humanidade opprimida. Subsistia, lá ao longe, entretanto, e encostado á Asia, o imperio do Oriente denominado Grego, que em Constantinopla se estragava nas ancias da anarchia, mésclo do passado com os tempos novos, do luxo com a miseria, das pretensões hierarchicas com a fraqueza, e que ameaçava a todo o momento ser devorado pelos Musulmanos da Asia que já começavam a minar-lhe os alicerces.

Bem que não progredisse, permanecia ainda Constantinopla bem distincta das nações que a circumdavam pelo norte e occidente. Erguia-se, augmentava, robustecia-se, já e cada vez mais se exaltava o imperio Arabico, senhor de grande parte da Asia, da Africa das Hespanhas e de numerosas ilhas do Mediterraneo, comquanto se achasse então partilhado em dous califados independentes, o de Bagdad e o de Cordova. Cumpre dizer-se que mostrava-se o Arabe herdeiro mais illustrado da civilisação e luzes de Roma e da Grecia antigas, porque brilhava com litteratura, artes, sciencia e cavalheirismo de costumes, de que se fôra esquecendo o imperio de Constantinopla.

Existia, portanto, Carlos Magno no centro occidental da Europa, no meio de verdadeira barbaria de instituições, costumes, tradições e tendencias do espirito. Mimoseára-o, todavia, a Providencia Divina com o genio, que é a faculdade superior do homem. Dotára-o igualmente de desmarcada ambição de augmentar seus estados, de formar um grande imperio, de firmar uma reputação gloriosa e de restaurar a antiga civilisação, que apenas raiava entre os Arabes e Gregos de Constantinopla, e de que resquícios appareciam apenas pela Italia, particularmente dos Apeninos para o sul da peninsula.

Perseverava comtudo mais ou menos descontentes e ciosos dos Frankos, os Bavaros, os Arquitanos, os Lombardos, os Borguinhões, bem que oriundos da mesma raça

Teutonica ; inimigos declarados os Saxões, que não queriam como seus parentes germanicos adoptar a religião christã e que quando iam ás suas terras missionari s ecclesiasticos os afugentavam e ás vezes trucidavam.

Os primeiros que inquietaram a Carlos no principio do seu reinado foram os Bavaros, os Aquitanios, os Bretões e os Borgonhezes. Não trepidou em combatel-os, e executou suas operações militares tão habilmente, capitaneando em pessoa seus exercitos, que lhe não custou muito curval-os e como tributarios e obrigar-os á obediencia. O systema politico adoptado por Carlos Magno consistio em dividir os territorios conquistados em condados ; collocar á sua frente um delegado militar ; deixar aos vencidos suas leis, costumes e administração e vigiar a boa ordem e a execução de justiça por meio de commissarios regios, denominados *Missi dominici*, encarregados de percorrer os condados, fiscalisar a administração civil e ecclesiastica, e communicar-lhe quanto colhessem de seus exames, afim de que como rei e superior pudesse providenciar o que fosse conveniente aos povos.

Mais longe e ao Norte, ao Nordéste, e á Léste chamaram-lhe, todavia, maiores cuidados, valentes e furiosos adversarios, os Saxões. Bohemios e Moravos. Perseverando em seus costumes barbaros, em sua idolatria, perseguiam, assassinavam os missionarios que tratavam de catechisal-os. Resolveu-se Carlos a encetar contra elles guerra decidida,

movido não só pelo desejo de augmentar seus dominios régios como de estender e propagar o catholicismo que o inspirava profundamente.

Para que lhe não faltasse auxilio dos duques, condes e barões frankos, que dispuham de vassallos e soldados numerosos; para que o coadjuvasse egualmente a Igreja Catholica, influindo os bispos sobre os animos dos povos, e exhortando-os a acompanhalo leal e dedicadamente; convocou Carlos em Worms uma assembléa dos nobres e prelados principaes; expôz-lhe a necessidade de combater os Saxonios, afim de se defenderem contra suas depredações, e solicitou-lhes o voto e apoio.

Em idênticas assembléas, durante seu longo reinado reuniram-se amiudadas vezes os nobres e prelados, dando-lhes o nome de Campo de Março. O rei estribava-se assim na nação representada pelos chefes da Egreja e dos condados.

Applaudiram-no unisonamente os Magnatas civis e clericas; o Summo Pontifice de Roma, com quem Carlos e seus antepassados entretinham constantemente as mais amigaveis e estreitas relações, animava todas as emprezas destinadas a propagar o catholicismo.

Não deixou Carlos d'ahi por diante de apellidar essas assembléas, para ouvir-lhes os pareceres, sempre que se tratava de negocios de guerra, ou de graves questões politi-

cas e administrativas. Foi instituição que vigorou em seu tempo, e que desde seu fallecimento desapareceu com a marcha dos acontecimentos sociaes e politicos.

Formou-se um numeroso exercito, e partio Carlos para a guerra contra os Saxões. Iniciou-a mas gastou nella mais de trinta annos, porque comquanto vencedor quasi sempre, e os Saxões recebessem condições de paz por elle impostas, não esqueciam seus odios. Bem lhes não deixava o territorio, elles e seus visinhos, os Bohemios e Moravios levantavam-se de novo, arrazavam-lhe as fortalezas que construira aniquilavam os presidios que formára, trucidavam os Fran- kos que encontravam. Da luta entre Carlos e Saxões resulta a opinião geralmente acceita de que elle empregava crueldades contra os vencidos, pois que lhes devastava o paiz, perseguia-os como animaes bravios, e não poucas vezes mandava assassinar os prisioneiros.

Não ha duvida que com os Saxões procedera por este modo Carlos, mas só depois de encarniçados combates, de pertinazes e prolongadas lutas e quando já cançado com suas repetidas traições. Muito diversamente tratou, porém os demais povos subjugados; mostrava-se para com elles humano, equitativo, benevolente.

Ao mesmo tempo que contra os Saxões, e arrastado por uma desmarcada ambição, dirigio Carlos guerra pertinaz contra os Slavos e Avaros que subjugavam a Bohe-

mia, a Hungria, a Austria, a Panomia e a Croacia. Triumphos sobre triumphos contou em novos combates. Vivia, pois, em guerra permanente, mas de cada uma resultava augmento de seus dominios. O rei dos Frankos avassallou com suas repetidas victorias e á pouco e pouco todos os paizes desde os Pyrneos até os Alpes, desde o Mediterraneo até o mar do Norte e a Pomerania; desde o golpho de Gasconha até a Croacia, a Bohemia, a Carinthia, a Istria e a Dalmacia. Comquanto lhe não faltassem trabalhos que lhe occupassem todos os instantes da vida attribulada, novos lh'os requereu o Papa Adriano I em 773. Insultara os Lombardos as possessões de S. Pedro e assaltaram o exarcado de Ravena doado á Egreja de Roma por Pepino, pai de Carlos Magno. Motivara as hostilidades a recusa declarada do Pontifice para coroar reis da Austrasia aos filhos de Carloman, irmão de Carlos Magno, refugiados em Pavia, que era então a capital do reino Lombardo.

Não trepidou Carlos em acudir ao Papa, tanto mais que o offendiam os procedimentos dos Lombardos; rompeu com Didier, rei da Lombardia, repudiou-lhe e recambiou-lhe a filha, que havia esposado; declarou-lhe guerra: escalou os Alpes, apoderou-se de Pavia e das principaes cidades, exterminou os Lombardos, extinguiu a existencia d'aquelle reino, reduzio seu territorio á obediencia, confirmou a doação que seu pai fizera do Exarcado á Egreja Catholica de Roma,

e reconheceu o Pontifice como soberano temporal de Estados. Em mosteiros acabaram miseravelmente o proprio Didier e toda a sua dynastia, depostos do throno.

Acclamou-se Carlos rei dos Lombardos, e como tal corôou-se em Monza, collocando sobre a cabeça o diadema de ferro, e juntando mais esse Estado aos seus já tão extensos dominios.

Gratificou-o o Papa com o titulo e honras de patricio, que lhe affirmavam privilegios importantes, e que significavam sua soberania em Roma, como a haviam exercido os antigos imperadores.

Regressado para Aix-a-Capella, sua predilecta residencia, e capital de seus Estados por elle constituida, tinha muito perdido da barbaria da sua época, e de suas proprias tendencias do espirito. Presenciára o espectáculo de Roma e de algumas outras cidades da Italia, que conservavam ainda e apesar dos destroços produzidos pelas invasões dos barbaros, os vestigios da civilisação antiga. Dir-se-hia Carlos outro homem agora, e seu animo propendeu para a civilisação que ambicionou aplicar as terras que lhe pertenciam. Recebendo em Aix embaixadores dos Emires Arabes de Saragossa e Huesca, que se não tinham submettido á proclamação de um califado em Cordova, independente do de Bagdad, e sollicitando seus socorros contra Abderraman, que se constituiria chefe dos crentes nas Hespanhas e Africa, cuidou logo Carlos em juntar novos lou-

ros á sua gloria de conquistador. Preparou valente exercito e partio para a Hespanha. Atravessou os Pyrenêos por dois escondrijos das selvas, derrotou tropas de Abderraman, apoderou se de Barcellona e de Pamplona, e erigio o territorio conquistado em condado annexo a seus Estados Frankos com o titulo de Marcas de Hespanha. Guerreava ainda na Iberia quando lhe veio a noticia de novas revoltas dos Saxões, a que necessitava acudir com toda a urgencia.

Parou, pois, nas suas aggressões contra os Arabes e Mouros, e firmada sua auctoridade na Catalunha, Aragão e Navarra, que nunca mais os Mouros conseguiram restaurar, e que ficaram pertencendo aos christãos, regressou para sua capital, no proposito de castigar os Saxões rebellados.

E' aqui logar e occasião para recontar a famosa derrota que conta a historia terem Franks soffrido em Roncevailles ao perpassarem as montanhas dos Pyrinêos de volta de Hespanha para França. Por todos os modos e feitos a têm os romancistas e poetas decantado, interessando-a com episodios imaginarios, legendas e ficções pittorescas, agradaveis e dramaticas scenas. Improvisou-se até um heroe, Bernardo del Carpio, fructo de pura fantasia. que mais valente se pretende acclamar que os paladinos de Carlos Magno, denominados falsamente Pares de França. quando entre os Frankos não havia semelhante instituição e nem se chamava ainda o que se denominou

depois reino de França, conhecidos como eram os territorios pelo titulo de Gallias.

Verdade é que a retaguarda de uma divisão do exercito de Carlos Magno, commandada pelo sobrinho Roldão, Rolland ou Orlando, como alguns escriptores e poetas o chamam, atrazou-se na marcha e deixou-se guiar pelos Bascos por entre umas apertadas gargantas de morros, que formavam o estreito valle de Roncenvailles. Inimigos eram de Carlos Magno os Bascos, habitantes dos Pyrinêos, oriundos dos antigos Iberos, recalcitrantes a todos os invasores e conquistadores do sólo Hespanhol, promptos a combater em ciladas e traiçoeiramente quantos não pertenciam á sua raça, já que em campo leal não ousavam apresentar-se. Cahiram, subitamente, de cima das serras, das abas das montanhas, dos escondrijos e cavidades do sólo, frechas, pedras, projectis sobre os Frankos que Rollando commandava, e que se tinham separado do grosso do exercito de Carlos Magno. Surprehendidos e colhidos em crise tão apertada, não puderam empregar suas armas e portanto defender-se. Foi a retaguarda do exercito cercada e trucidada pelos Bascos. Memora-se Roldão como uma das victimas do infausto acontecimento, no anno de 777. E' esta a realidade historica.

Havia-se dirigido Carlos para Pandenbora, quando á seus ouvidos souou uma tristissima nova. Rebutára em Roma uma revolução contra o Sumo Pontifice, que fugira da cidade. Vio-se obrigado a confiar a conti-

nuação da guerra contra os Saxões a cabos illustres e a partir com um novo exercito para a Italia.

Fôra o caso que em 799, Leão III, acompanhando uma procissão religiosa, recebera insultos e ferimentos na face e fôra arrastado para um convento, de onde escapára á noite, servindo-se de uma escada de corda.

Apoderaram-se do governo de Roma os amotinados, em quanto o perseguido Pontifice implorava auxilio de Carlos, e se lhe apresentava em pessoa em Pandenborn. Prostrou-se Carlos a seus pés pedindo-lhe a benção. Acompanhou-o até Roma. Castigou seus inimigos e restaurou-o no throno de Vigario de Christo. Corria então o anno de 800. Agradecido o Papa ; proclamou-o, no templo de S. Pedro, no dia de Natal, e ao festejar-se o anniversario de Christo, Imperador romano do Occidente, restaurando assim a dignidade dos antigos imperadores em sua pessoa, como defensor da Egreja Catholica. Quasi quatrocentos annos se tinham já passado desde que se extinguiira esse titulo. O Papa corôou-o com o diadema de ouro na basilica de S. Pedro, depositando-lhe na cabeça o signal da grandeza á moda Romana e deslizando-lhe sobre os hombros o manto de purpura como usavam os antigos Cesares. Denominou-o ainda Magno para realçar-lhe as honras. De regresso para a Alemanha, continuou Carlos sua guerra contra os Saxões, e os foi curvando inteira-

mente ao jugo Franko. Que existencia, interrompida tão incessantemente com viagens, batalhas e guerras ! Cêrca de duzentos combates travou Carlos Magno e quasi sempre em pessoa, e, pois, cêrca de duzentas victorias alcançára porque quasi sempre vencera. Batido propriamente poucas vezes : contido apenas, e sem poder avançar, raras, muito raras vezes. Em peregrinação constante de um para outro canto de seus dominios territoriaes e dos de seus visinhos e inimigos, mal podia descansar em Aix-a-Capella. Por toda a parte gozava no entanto, da maior consideração e respeito, quer dentro dos seus estados, quer nos reinos extranhos. Prezava-o o clero, porque era o sustentador da religião catholica ; amavam-no seus guerreiros, porque os sabia apreciar, honrar e conceder-lhes territorios para organizarem feudos e propriedades. Adoravam-no os povos Frankos e até os Gallo-Romanos, porque a todos distribuia justiça, e não approvava perseguições e tyrannias dos seus delegados, e nem dos possessores de feudos. Em torno de Carlos Magno, cingido com as coroas de prata dos Frankos, de ferro dos Lombardos, e de ouro dos Romanos do antigo imperio, alistáva-se e nobilitáva-se uma phalange singular de bravos, que nas chronicas ganharam louros immorcessiveis. A esses seus cabos de guerra que o acompanhavam nas execuções e lutas, concedeu feudos e propriedades rusticas, é que applicam os

romancistas impropriamente o titulo de Paladinos ou pares de França.

Deriva-se d'ahi a quantidade copiosa de poemas, e cantatas de legendas, e ficções, de invenções e fabulas. Como os idealizam os livros de cavallaria, os romances, os madrigaes, os poemas, espalhados por todo o mundo e em todas as linguas ! Qual dentre nós se não commove ainda lembrando-se das leituras enthusiasticas da Historia dos Doze Pares de França, de Reynaldo de Montalvão, de Guy de Borgonha, de Roldão, e de Oliveiros ? Como nos entretinham e deliciavam quando crianças esses livrinhos que recontavam suas valentias, e os amores fantasticos dos paladinos e das Angelicas e Floripes ? Impossivel fôra ser-lhes indifferentes ; não sentir enthusiasmos pelas proezas dos famosos fidalgos, que crearam a escola da cavallaria galante e valente, e cujos braços nunca se cançaram de dar golpes mortaes, até em gigantes da ponte de Mantible ; cuja generosidade inebria no compendio de aventuras arrojadas, de encantamentos de jardins de fadas, e de mil contos peregrinos ! Como ouvir friamente os bellos cantos de Boyardo, os admiraveis e formosos versos de Ariosto, as pittorescas descrições de Pulci, ao exaltarem os meritos e proezas dos intitulos Doze Pares de França !

Época cavalheirosa, nobilitada pela poesia e pelas tradições populares como verdadeiramente fidalga, e entretanto, na realidade, época inteiramente barbara !

Tudo é admiração diante do palacio de Aix-a-Capella, e da cathedral vasta e imponente que mandou construir Carlos Magno ! Quão impetuosa se pinta a sua côrte, composta de duques, condes, barões, bispos, abbades, cavalheiros, pagens, damas, que no dizer de Eghinard, escriptor da epoca, e cujas obras são a fonte mais ou menos pura da verdade, pelo seu numero extraordinario espantaram e electrizaram os proprios embaixadores do luxuoso Imperador grego, Nicoforo, e do opulentissimo Califa de Bagdad Haround Al Raschid. Como tudo se presta ás ficções e ás legendas !

A guerra então não exigia largos estudos scientificos. Eram-lhe bastante a rigidez das armas, a dextreza e agilidade dos cavalheiros, o manejo estrategico das espadas, a direcção acertada das lanças, o valor e coragem do animo. Como vibram essas espadas, particularmente a famosa durindana de Roldão ! Como resistem esses elmos e capacetes aos golpes pesados dos inimigos ! Como repellem esses peitos, escudos e armas de aço, as furiosas estocadas que nelles inutilmente se quebram ?

Quanto extasiam essas justas e torneios, esses duellos parciaes, em que dous combatentes desafiados provam suas valentias e força, ora pela causa da patria, ás vezes em defeza de brios pessoaes, não raro em prol de amores e gloria de damas, que os têm acurvados a seu jugo aprazivel ! Dos Arabes

aprenderam os Christãos grande parte dos costumes e delicadezas de cavallaria, e de generosos combates particulares, e souberam ainda mais ornal-os com episodios interessantes e poeticos.

Que importa que houvesse Carlos Magno verificado, conforme as tradições dos contemporaneos, cincoenta e seis expedições militares, ! Não se lhe abateu a poderosa organização de que fôra dotado. Que elle proprio conduzisse e capitaneasse seus exercitos nas centenas de combates que travou valentemente durante mais de quarenta annos ! Não se lhe quebravam as forças nem se lhe diminuia o espirito ! Sobrava-lhe a grande intelligencia para applicar-se ao mesmo tempo á tarefas diferentes dos misteres de militar, de soldado, de guerreiro. Era um excellente administrador de seus bens particulares, averiguava e regularisava os rendimentos de sua casa e patrimonio : como não trataria de melhorar a admistração civil e financeira dos seus estados ?

Os seus editos denominados capitulares patenteiam seu tino, sua experiencia, sua sabedoria no tocante á legislação applicavel ás pessoas e bens dos subditos. Para instruir os vassallos fundou escolas da lingua teutonica, e bem assim do idioma meio celta e meio latino, que os populares fallavam e que se converteu na lingua franceza moderna. Relativamente ao latim que era empregado em todos os actos da Egreja, nos livros e nos

contractos particulares e publicos, unica linguaem então escripta, tratou Carlos de desenvolver seu conhecimento, confiando o ensino aos sacerdotes e prestando-lhes auxilios para tornal-o mais extenso, desenvolvido e propagado. Posto que em sua côrte, casa e familia se fallasse exclusivamente o idioma teutonico, aprendera e fizera aprender a seus filhos o latim e a lingua gallo-romana, que era a do povo miudo, e exhortava seus fidalgos a seguirem-lhe o exemplo. Mandou vir de Italia diversos sugeitos com reputação de sabios para dirigirem a instrucção publica, architectos para levantarem Egrejas em seus estados, pintores para decorarem os editícios, musicos para espalharem o gosto da verdadeira harmonia. Citam com louvor as chronicas da epoca o nome de um illustrado varão chamado Alcain, que prestou relevantissimos serviços á instrucção e á propaganda religiosa.

Cumpre admirar que nesta época de tão supina ignorancia, quando nem reis, nem principes, nem fidalgos aprendiam sequer a lêr e a escrever, um soberano se elevasse acima do seu seculo pela instrucção e pelo gosto das letras e das artes, que animasse com premios aos mestres, sustentasse á sua custa aulas de ensino primario, de musica, de architectura, de esculptura, de desenho, verdadeiros ornamentos do espirito, e incentivos de progressos intellectuaes e de civilisação. Nem inferiores foram os serviços por elle prestados á religião, Catholica. Erigio

e protegeo conventos de monges por toda a parte com a obrigação de doutrinarem os povos. Installou em muitos logares bispados, para que os pastores fossem os verdadeiros instrumentos da moral e da civilização de seus vassallos.

Tão importantes não foram todavia os resultados de seus trabalhos quanto alguns chronistas e historiadores, particularmente francezes, lhe attribuem. Haquem estabeleesse em seu palacio uma academia de sabios, litteratos e artistas, por elle presidida, e que tinha o titulo de Palatina. Ahi pinta-se Carlos a discutir, denominando-se de David, Alcain, de Horacio, e Enghebert, seu favorito, de Homero ! Excede á cathegoria de legenda, passa á fabula. Não era já muito para a época o que executava Carlos Magno em favor das letras e das artes ?

Não se revelava tão adiantado, mais adiantado que todos os reis e magnatas christãos do occidente da Europa ?

Poderia nos seus barbarizados dominios imitar com Academias os Califas Mahometanos ?

Correspondia-se amigavelmente Carlos Magno com o Papa, com o Imperador grego de Constantinopla, com o grande califa Araabe Haround Al-Raschid. E' questão muito ventilada nas varias narrativas que existem qual o preço de um enorme elephante, adestrado e submisso, e o de um relógio aperfeiçoado com musica, figuras, rodas e machinismos, que de Bagdad recebeu Carlos Magno,

e que o extasiaram e a toda a suacôrte. Mais ainda lisongeou-o Haround Al-Raschid remetendo-lhe as chaves do Santo Sepulchro de Christo, e um pedaço do santo lenho, em que fôra o filho de Deus crucificado, segundo lhe garantia o famoso Califa, possuidor da cidade de Jerusalem.

Casára-se Carlos Magno com quatro mulheres e dellas tivera tres filhos e algumas filhas. Infinito foi o numero de suas concubinas, acompanhavaos usos da época. Mostrou-se esposo dedicado de uma ou duas das consortes ; das outras divorciou-se : foi pai extremoso e procurou dar á prole toda a instrucção e moralidade compativeis com o tempo.

Casou as filhas com alguns nobres da sua nação, e proporcionou-lhes feudos e baronias valiosas. Não guardaram ellas infelizmente a decencia e dignidade de costumes. Quando seja legenda o que o monge de São Gall refere no tocante a uma de nome Emma, que consorciára-se com Eginhard, o chronista contemporaneo, já ahí se descobre a relaxação dos costumes ! Tal crença alcançou que nol-a descrevem poeticamente diversos historiadores, e que inspirou quadros a pintores celebrados. Carregava, sumariam as lendas, carregava Emma ás costas o amante, quando elle se retirava dos paços régios nas madrugadas afim de que na neve que se deramava pelo sólo se não descobrissem as pisadas de Eginhard, e ignorasse o pai os seus amores e os seus escandalos.

Benevolo e generoso attendia Carlos Magno a todos os seus vassallos, e justiçaava com rectidão, equidade e até misericordia. Afóra a usurpação dos estados de seus sobrinhos, no intuito de augmentar seu reino; afóra as conquistas da Aquitania, Bretanha, Lombardia, Saxonia e outras localidades, para formar o grande imperio Franko; afóra os castigos rigorosos que impôz a Didier, rei dos Lombardos, e aos inimigos do Papa Romano; nodôa-se unicamente sue memoria com as cruezas que empregou contra os povos Saxonios, por causa das luctas prolongadas e traições permanentes que delles soffreu, e em que gastou tantos annos de sua vida. Quando inteiramente subjugados e convertidos ao christianismo, tratou-os, todavia, com a maior benevolencia.

Assevera Kollrausch, historiador moderno allemão, que era homem alto, cheio de corpo e robusto de forças; que longos e lisos cabellos cahiam-lhe pelas costas, revelando testa espaçosa: que seu rosto recamado de espessa barba resplandecia com grandes olhos azues e penetrantes e faces alegres e coradas; que no seu trato exterior unia á dignidade aspecto ameno e jovial; que montava excellente e destramente a cavallo apezar de pesado e repleto de immensa barriga; que manejava admiravelmente todas as armas, e nunca lhe falhou a coragem nos transes mais arriscados; que dedicava-se a caçadas perigosas; e gozára até quasi os ultimos dias de vida de saúde vigorosa. Sobrio na

comida e na bebida, contentava-se com carnes assadas e fructas, cerveja e vinhos, que em suas propriedades rusticas ás ribas do Rheno mandava fabricar para seu uso e para seus rendimentos. A' sua mesa sentava-se toda a familia, parentes e favoritos mais queridos.

Folgava de ouvir musica enquanto o brodio durava. Deitava-se cedo e levantava-se ao amanhecer do dia. Recebia então os seus conselheiros e amigos ; fallava aos vassallos que o procuravam ; tomava contas aos seus rendeiros. Vestia-se modestamente e á moda do seu povo, guarneecendo-se só de couraça e armas quando partia para a guerra. Fallava com facilidade, clareza e abundancia tanto a lingua teutonica como a latina, e o dialecto popular que se foi formando com a colligação galla e romana. Não podia escrever posto que lêsse perfeitamente, porque as mãos enormes tinham-lhe ficado pezadas com as manoplas que costumava uzar e com o manejo da espada monstruosa, de que se servia. Ainda actualmente em Aix e nos musêus de Vienna admiram-se as gigantescas lanças e armas que Carlos Magno empregava nos combates.

Seu gosto pelas artes prova-se com a construcção da cathedral de Aix-a Capella. e a do palacio contiguo, onde sempre residia quando descançava das guerras. Reunia nas salas gabinetes e corredores do palacio tudo o que o luxo do tempo e em outros paizes mais civilizados que o seu conseguira e de maior formosura e preço ;

manuscriptos de obras importantes, mappas, armas, vasos, marmores, pinturas e moveis. De Ravena, que fôra a ultima capital do imperio romano do occidente e onde morara o derradeiro Imperador Romano Angustulo, desthronado por Odoacre chefe dos Heruos, transportára Carlos Magno para Aix-a-Capella preciosidades artisticas do mais apri-morado gosto. Constituia sua leitura favorita o livro da cidade de Deus, escripto por Santo Agostinho, e seus deleites os ser-mões de alguns famosos Padres da egreja latina. Não tão devoto quanto o seu bisavô Pepino de Heristal que acreditára de boa fé que S. Pedro lhe escrevêra do Paraiso uma carta pedindo lhe defendesse o Papa de Roma, era todavia Carlos Magno extremamente religioso: respeitador sincero dos Pontifices e dos arcebispos e bispos, que representavam a Egreja Catholica; frequentador convicto das solemnidades ecclesiasticas que ordenava se celebrassem com pompa, musicas e cantos para que se tornassem mais deslumbrantes e agradaveis ao povo.

Legou a seu filho um imperio extenso em territorio; abundante de povoação; temido de todos os reinos e estados da época, porque sobre todos se elevava em forças e em influencia. Mereceu de certo o titulo de Imperador Romano, que em sua pessoa e poder se rehabilitava e o sobrenome de Magno, pelo qual o conhece o mundo.

Inscrevêra, infelizmente, Carlos Magno na areia suas vistas e planos, ao promover

os progressos materiaes e moraes e a civilisação que aspirava em prol de seus povos. Figura-se seu reinado um bello e esplendido dia, raiando magestosamente no meio das noites anteriores e das successivas noites, enegrecidas todas por sombras pesadas e batidas por tempestades e chuvas copiosas. Refulge elle como um meteóro luminoso e sahido das trévas, ás quaes volve apenas morto. A barbaria continuou, desde que Carlos desceu ao sepulchro ; carregou-se de novo o mundo occidental de luto e crépe, e entregou se ás angustias do soffrimento mais profundo e intenso. De suas instituições salvára-se apenas a dos barões feudaes, que mais barbaros ainda depois se patentearam. De suas providencias o poder que os Papas adquiriram e que Gregorio VII pretendeu elevar acima de todos os reis e povos do mundo. Dos seus dominios reinos dispersos que cada um por seu lado se foi organisando, emancipando, ou escravizando. Não deixou tambem Carlos Magno successores dignos de sustentarem e honrarem suas tres corôas e nem o seu nome. Seu filho e herdeiro Luiz victima foi da propria incapacidade e das ambições dos filhos, comquanto Luiz, entre elles, houvesse em vida partilhado seus estados, proclamando-os reis de territorios importantes. Batido em guerras por elles suscitadas, prisioneiro, encerrado em um mosteiro, coagido a uma vida de penitencias, restituído depois á liberdade e ao throno, morreu, deixando dilacerados todos os do-

minios que o pai lhe legára. De uma vez separou-se Allemanha de França. Em ambos os paizes continuou, todavia, ainda por algum tempo, a dynastia Franka que extinguiu-se por fim em ambas e foi por outras substituida.

A corôa imperial que tocou á Allemanha cingiram varios membros da casa de Saxonia, da Suabia, da Franconia, da Austria; no reino que do seculo X em diante se foi denominando França, a raça do Conde Hugo Capeto, que se duvida ainda hoje si é oriunda dos Frankos, ou ainda dos Gallos-Romanos, é que empunhou o sceptro e fundou uma nova dynastia. Ora subjugada á Allemanha, ora independente, correu a Lombardia, e com ella a Italia, destinos tormentosos.

Foi Carlos Magno, de certo, o typo, o exemplo, o modelo dos perfeitos cavalleiros da idade média. Seus posteros imitadores, mesmo os mais arrojados, que combateram na Palestina, durante a época das Cruzadas, Tancredo, Godofredo de Bouillon e Baldoino não o excederam em dextreza, valor e temeridade. Ornou-as talvez mais a galanteria dos modos e dos gestos, não a verdadeira e solida qualidade de guerreiro leal e generoso, a apparencia não a realidade. Finou-se em fim Carlos Magno em 814, aos 72 annos de idade, em Aix-a-Capella, e após quarenta e seis annos de reinado. Tendo collocado com suas proprias mãos sobre a cabeça do filho Luiz a corôa imperial, acclamando o egualmente rei dos Lombardos e dos Frankos,

exhalou o ultimo suspiro, repetindo com perfeita intelligencia as preces latinas, e recommendando-se á misericordia divina.

Depositou-se seu corpo em um sepulchro no centro da cathedral. Dizem as chronicas senão legendas, que o sentaram em uma cadeira. As guerras e revoluções destruíram-lhe, todavia, o tumulo. Hoje mostra-se apenas o lugar, coberto com uma enorme lage, em que está lavrado o distico— Carlos Magno—. Com seus restos enterraram-se as insignias da realleza, um livro do evangelho, e um pedaço da verdadeira cruz, em que padeceu Jesus Christo. A's salas do seu palacio, á alguns trastes de seu tempo que se conservaram, correm ainda hoje multidões de estrangeiros curiosos que desejam visitar reliquias de um grande homem.

Contendem Allemães e Francezes a respeito do direito que lhes cabe de contar como sua a gloria adquirida por Carlos Magno. Como recusar aos primeiros a sua procedencia de raça Franka ? Incontestavel é que sob este ponto de vista á Allemanha pertence de preferencia, tanto mais que tambem na Allemanha nascêra e se finára. Como rei dos Frankos é que governou ambos os paizes e bem assim a Italia ; como imperador dos Romanos legou a corôa imperial aos descendentes que empunharam o sceptro da Germania onde existiam a maior parte dos seus dominios. Não está caracterizada a nacionalidade allemã antes que a franceza ?

O Papa Gregorio VII

Fundou-se o pontificado no dia em que se juntaram em Roma alguns entusiastas que haviam abraçado as doutrinas do christianismo, que se propagavam pela Judéa.

Desde que Jesus foi preso em Jerusalém, começou a dispersão de seus discipulos. Uns o abandonaram logo. Assustados com sua morte, os que ainda se conservavam a seu lado partiram para a Galiléa. Voltaram depois alguns delles para a cidade santa, e ahi fundaram a primeira igreja considerada como associação de pobres e instituição do diaconato. Transferiram-se outros para Antiochia, e, seguindo o exemplo de Jerusalém, erigiram segunda igreja. Varios passaram-se para a Grecia e d'ahi para Roma, arvorando-se em missionarios da nova religião baseada nas mais sublimes maximas da moral e do espiritualismo, e que exaltava os espiritos, affeioava as sympathias do coração, e socejava as consciencias com uma crença calma, serena e divina, diversa das seitas sensuaes que vigoravam. A barca apostolica abria suas velas á aragem fresca do vento que favoravelmente as assoprava, e as palavras de Jesus eram pelas multidões ouvidas como um aroma saudavel da vida, e uma esperanza segura d'além-tumulo.

Roma nessa época dominava o mundo. Tiberio succedêra a Augusto como imperador. Proconsules governavam as provin-

cias da Asia, da Africa e da Europa. Para a Grecia, que mais brilhava ainda pelas luzes, e para Roma, centro do imperio colosso, encaminharam-se, pois, os apóstolos, uns após outros no proposito de revelarem ao mundo com maior successo a doutrina que devia salvar-o dos cataclysmas sociaes e polticos, que tanto o ameaçavam. Emquanto Paulo até então chamado Saúl, e agora espontaneamente convertido, occupava-se efficaç e gloriosamente na propaganda da crença nova na Asia e Grecia, e ganhava em Roma o titulo de apóstolo bem que não houvesse sido discipulo de Jesus, Pedro, denominado Simão, deixava o Oriente e entrava tambem em Roma para dirigir e formar egreja christã na capital do universo conhecido.

Crescendo o numero dos crentes, apesar das perseguições e martyrios que lhes eram inflingidos pelos imperadores e pelos sectarios do paganismo, succederam-se na Egreja Romana uns a outros chefes, com o titulo de bispos, e prestava-lhes contente o rebanho, que progressivamente se avolumava, uma obediencia illimitada.

Subditos civis e politicos do Imperador continuavam sempre a considerar-se os christãos desde o mais humilde até o mais levantado em hirarchia, que entre elles se alcançava pela eleição, a que os fieis procediam livremente.

Consistia sua união na escrupulosa observancia dos preceitos moraes do novo culto que se propagava.

Continuou esta situação com a partilha do imperio romano em dous estados ; transferio-se a séde principal para Constantinopla, as ribas do Bosphoro ; subordinou-se indirecta mas constantemente a cidade do Tibre á capital do Oriente bem que ou por proconsules ou por imperadores independentes com o titulo de occidentaes se governasse algumas vezes, e aos mesmos intitulos imperadores do occidente que fixaram sua residencia em Ravenna, preferindo-a a Roma, por se temerem dos Ostrogodos, primeiros invasores da Italia.

A erupção dos barbaros teutonicos, chamados pelos Romanos de Germanicos e que invadiram a Europa ; e o desapparecimento do Imperio do occidente no cahos e na anarchia em que submergio-se a sociedade depois das devastações dos novos conquistadores, lembraram aos habitantes de Roma a necessidade de delegar a auctoridade suprema á consules, á pretores, e ao seu bispo, já denominado Papa, por pretender desde o principio fundar superioridade sobre todos que governavam dioceses.

Os bispos do occidente subordinavam-se-lhe pela maior parte bem como os da Africa. Os do oriente, porém, escolheram novo Papa, o prelado de Constantinopla, e d'ahi derivou-se a divisão da igreja christã em duas, a romana e a grega.

Desde então foi formando a igreja romana uma instituição politica, cujo character não perdeu ainda.

Pepino, o breve, successor dos reis frankos Merovegos, supplicado pelo Papa, acudio em soccorro de Roma contra os Lombardos que na Italia haviam substituido aos Ostrogodos, conquistou-lhes em 740 o exarcado de Ravenna, de que estavam de posse, e fez delle doação a S. Pedro para seu patrimonio.

Carlos Magno, rei dos Frankos, na éra de 800, confirmou a doação do avô, e em Roma reconheceu o Papa Leão III como senhor temporal de estado, ficando-lhe logo confiada e a seus successores a independente e geral auctoridade soberana. Em paga, declarou o Papa restaurado o imperio romano do occidente, que se extinguiira havia quasi quatro seculos; collocou a corôa de ouro sobre a cabeça de Carlos Magno, e sagrou-o na Egreja de S. Pedro, em noite de natal, ao celebrar as ceremonias religiosas do costume.

Parte deste acontecimento notavel a origem do poder temporal do Pontificado. O espirital estava pelos fieis admittido e consagrado. Por morte de Carlos Magno passou o titulo de Imperador aos seus successores Frankos, que continuaram governando a Germania ou Allemanha.

Era obrigação destes soberanos, logo que aclamados reis, tomarem o titulo de Imperador, coroarem-se e sagrarem-se como taes pelas mãos do Papa, em Roma. Revestidos de tão subida magistratura, intervinham na eleição dos Pontifices, a qual era submettida á sua sancção, e nomeavam uma auctori-

dade imperial que os representava em Roma, como suzerano do Estado.

O primeiro Imperador assim aclamado e reconhecido, depois de Carlos Magno, foi Otton I, que em Roma fez consagrar seus direitos. Luctas, porém, e muitas vezes porfiadas e sangrentas, assollavam as terras da Italia. O Imperador queria dominar absolutamente. Recalcitrava, não raro, o Pontifice de Roma, defendendo a independencia do sólo. Pretextavam de preferencia interesses e questões religiosas. Um e outro dispunham de partidarios no proprio seio da peninsula, e duas fracções alcunhadas depois de Guelfos e Gibelios, combatiam-se permanentemente pelo triumpho do imperialismo, ou do Papado. Quantos crimes, perseguições, attentados se commetteram por causa dos odios provenientes das brigas do Imperador e do Pontifice! A Italia dividira-se em pequenos estados, republicanos ou feudaes, e entre elles um havia, Normando, que preponderava na Sicilia, Napoles e Calabria; todos tomavam parte nas bellicosas contendias travadas entre o Imperador e o Papa.

Por eleição dos senhores feudaes germanicos, leigos e ecclesiasticos, como era uso na Allemanha, succedera em 1056 no reino franko-germanico a Henrique III Henrique IV, seu filho, ambos da casa da Franconia. Já então estava extincta a stirpe de Carlos Magno na Allemanha, bem como na parte de seus dominios, que se denominou reino de França. Era então na Allemanha menor ainda o

príncipe, e sizanias, intrigas e luctas suscitaram-se entre os bispos e os duques e margraves que ambicionavam a suprema auctoridade e regencia dos Estados.

A dynastia Franka deixára em França e na Allemanha firmado e enraizado o elemento feudal, e portanto os intitulos reis eram muitas vezes subjugados por estes fidalgos.

Perseveravam sempre em Roma, bem como em toda a Italia, os dous partidos com pretensões oppostas, e a briga assentava principalmente em querer cada um delles ter Pontifice que lhe fosse dedicado.

Influencia extensa, poderosa, quasi illimitada exercia então entre os ecclesiasticos um simples frade, beneditino, chamado Hildebrando, de baixa origem, filho de um carpinteiro. Nascera na Toscana entre os annos de 1015 e 1020, e fôra tirado da abbadia de Cluny pelo Papa Leão IX que o conhecera, e elevado ao cargo de subdiacono, que conservou sem ambicionar outras maiores honrarias. Foi sua idéa constante emancipar-se o papado da auctoridade do Imperador; procederem livremente o clero e povo romano a sua eleição; governar o pontifice á igreja catholica como directo successor de S. Pedro e vigario de Christo, sem que interviesse rei ou potencia civil e estrangeira; levantar-se acima de todos os monarchas, como o primeiro e superior, o Pontifice Romano; e moralisar e tornar independente do poder civil o clero, abolido o uso das investiduras,

ou nomeações pelos monarchas, para que fosse exclusivamente empregado da religião e para que na Igreja encontrassem os Pontifices todo o apoio necessario. Procederia de tão audazes designios de um beneditino a independencia da Italia, curvada até então a Gregos, Ostrogodos, Lombardos e Frankos, e depois a Allemães.

A acção dos Imperadores na escolha e deposição dos Pontifices, nas investiduras dos cargos ecclesiasticos, não se manifestava tão prejudicial ás crenças religiosas e á tranquillidade e bem estar dos povos italianos?

O Papa Alexandre II, dirigido por Hildebrando, ordenou que não exercesse auctoridade o prefeito imperial e senão cunhasse a nova moeda com a effigie de Henrique IV, enquanto elle se não coroasse Imperador em Roma.

Ao receber depois a noticia de que Henrique IV desejava repudiar a consorte para o que convocara concilio de bispos germanicos, o Papa enviou ao Concilio reunido em Fancfort, a fim de julgar a pretensão régia, um sacerdote de nome Damião, com instrucções terminantes de oppôr-se ao divorcio, e de applicar ao rei e aos juizes quando o decidissem excommunhões ecclesiasticas. Conseguio com sua influencia salutar defender e salvar a moral e costumes particulares e publicos, obstando as pretensões do monarcha.

Entrava tambem no systema de Hildebrando tornar o pontifice unico poder espirital do mundo christão, considerados sob este ponto de vista subditos quer os imperadores e reis,

quer os nobres e o povo. Cumpria-lhe para isso alargar suas vistas para a Italia politica, libertal-a do jugo estrangeiro que lhe pesava e alquebrava as forças, já quando de imperadores gregos e romanos, já depois sob chefes godos, vándalos e lombardos, e ultimamente allemães pelo direito adquirido pellos reis Frankos.

Quando executava assim Alexandre II os intentos de Hildebrando, sobreveio-lhe a morte em 1073. Clero e povo romano acclamaram papa a Hildebrando no meio de applausos entusiasticos e sem que se cedesse á eleição regular.

Ao principio não lhes acquiesceu aos desejos Hildebrando, mas cedeu lhes por fim, investindo se da thiara e tomando o nome de Gregorio VII.

Da Germania exigio-lhe Henrique IV explicações do seu procedimento e declarou que não admittia o facto da acclamação. Ou por prudencia, ou conscienciosamente, respondeu lhe Hildebrando que se não sagraria sem seu assentimento e approvação, e que accitára o poder coagido pelos votos populares unisonos, que lhe exigiram se sacrificasse pelo bem publico e da Egreja.

Não perdeu tempo, todavia, Gregorio VII para assegurar se de auxilios e soccorros dos Normandos da Sicilia, dos reis de Inglaterra e França, e de varios duques soberanos de estados na Italia, preparando se para a lucta e resistencia, caso Henrique IV o contrariasse.

Henrique IV, todavia, que bastantes trabalhos sustentava na Germania contra os senhores feudaes, considerou melhor conciliar-se e approvou a eleição de Gregorio VII aceitando-lhe as explicações como satisfactorias.

Ninguem egualava a Hildebrando em resoluções e em energia de acção: não temia comprometter-se; não lhe faltava coragem para arrostar indisposições de poderosos; era, além disso, profunda e conscienciosamente religioso, instruido nas sagradas escripturas, ornado de virtudes selectas, e de infinita caridade: como subdiacono e conselheiro do Vaticano propuzera constantemente reformas tendentes a melhorar os costumes do clero, moralisal-o, instruil-o e impôr-lhe á vida regras de santidade. Logo que foi Papa restabeleceu a lei do celibato dos padres, que não era executada, nem obedecida, bem que já antes decretada. Quem pertencesse á Igreja devia, em sua opinião, consagrar se exclusivamente ao serviço divino e não agarrar-se a bens da terra pelos laços do matrimonio. Posto que não conseguisse em seu pontificado a execução rigorosa desta disposição, porque muitos bispos se lhe declararam adversos, certo é, comtudo, que Gregorio VII logrou com sua providencia, mais politica, talvez, que religiosa, chamar ao serviço da Igreja maior numero de fervorosos adherentes e interessados, destacando-os de cuidados e inquietações de mulher, filhos e familias para só se occuparem com

as obrigações divinas. Prohibio tambem que os ecclesiasticos fossem nomeados e investidos de cargos pelos reis, senhores ou auctoridades seculares, no intuito de desprender-os de sujeição aos estranhos, e de subordinar-os de preferencia á Curia Romana, condemnando com penas severas espirituaes todo o contracto de compra e venda de empregos da Egreja. Esta ultima resolução foi que produziu maior irritação nos animos dos monarchas, e appellida-se na historia — questão de investiduras.

Como ousava Gregorio VII alçar a hombridade pontificia acima de todos os poderes da terra ?

Encontramos em suas cartas particulares os seguintes principios, que reproduzimos textualmente: « O mundo é regulado por duas bases, o sol que é a maior, a lua mais pequena. A potencia apostolica representa o sol, e a lua a potencia dos reis. Ora, como a lua recebe a luz do sol, assim os imperadores, os reis e os principes recebem a sua auctoridade do Papa, e este só de Deus tem a sua. E', pois, o poder da cadeira de Roma superior á dos thronos, e os reis devem submissão e obediência ao Papa. Se os apóstolos podem ligar e desligar no céu, com mais razão podem dar e tirar na terra imperio, realezas, principados, condados e toda a especie de bens. São os juizes espirituaes, e portanto devem ser os temporaes. Ora, o Papa é o successor dos apóstolos, successor de S. Pedro na sua cadeira,

o vigário de Christo, e portanto superior a todos. »

Bem não decorrêra muito tempo, parecendo até que não divergiam o Imperio e o Pontificado, quando novas lutas surgem. Henrique IV, victorioso dos Saxões, recommençára as hostilidades contra os ecclesiasticos daquelle paiz, apoderara-se dos bens de abbas e conventos, depozera bispos, e nomeara substitutos para os cargos vagos. Protestou immediatamente Gregorio VII contra a invasão dos seus direitos, e ameaçou-o com castigos da Igreja. Renovaram-se as brigas, e tanto Henrique na Germania, como o Papa em Roma, encontraram inimigos e partidarios. Contra Gregorio VII rompeu uma conspiração em Roma, urdida pelos adherentes de Henrique IV. Officiava o Pontifice na noite de Natal de 1078, na basilica de Santa Maria, quando hordas de homens armados penetraram no templo, espancaram, e affugentaram o povo, arrancaram do altar o Papa, feriram-no na frente, rasgaram-lhe as vestes sagradas, e conduziram-no preso para uma torre fortificada por um Cencio, chefe da facção imperialista, em um dos suburbios proximos da cidade.

Correu e divulgou-se a noticia pela cidade; armou-se o povo immediatamente e bem que sem ordem assaltou a torre, obrigou os guardas a fecharem as portas e formou-lhe regular assedio. Atemorisado Cencio, e conhecendo que estava perdido logo que ouviu os alaridos das multidões que ameaçavam o

forte, e divisou-lhes o numero consideravel, pensou que o unico meio de salvar-se dependia do proprio Papa: lançou se-lhe aos pés supplicando-lhe perdão, e declarando-se arrependido. Com a mesma placidez com que se deixára insultar e manietar na basilica, sem que manifestasse o menor indicio de susto, tendo agora prostrado a suas plantas seu perseguidor, deitou-lhe Gregorio VII o seu perdão, exigindo apenas que se penitenciasse e espiasse seus crimes em algum convento remoto. Dirigio-se então o Papa á janella para avisar ao povo de que estava salvo e para recommendar-lhe socego.

Abertas as portas declarou o Papa que concedia liberdade a Cencio, e partio a pé acompanhado de todo o povo para a basilica. Ahi continuou até ao fim a solemnidade, que começára, e que fôra coagido a suspender. Amanhecia já o dia 25 de Dezembro.

Cencio dirigio-se para a Allemanha com muitos cumplices do seu attentado. Recebeu-os benevolmente Henrique IV e escreveu a Gregorio VII defendendo-os, accusando o Pontifice de tyrannia e despotismo, e declarando-lhe positivamente que não cedia dos seus privilegios e regalias de nomear e demittir bispos e auctoridades ecclesiasticas na Allemanha, de investil-as de suas insignias, de empossal-as dos seus cargos, e de enviar delegados para governo civil de Roma.

Respondeu-lhe energicamente Gregorio VII reivindicando suas prerogativas e independencia como successor de S. Pedro, respei-

tado pelos Imperadores Frankos e todos os reis da terra; intimou-o para não investir nem um clerigo na Allemanha sem ordem e nomeação sua apostolica; censurou-o pela pretensão dada a excommungados e ameaçou-o com a applicação das penas dependentes da Egreja.

Convocou Henrique IV um concilio de prelados allemães em Worms. Formulou uma accusação contra Gregorio VII. Imputavalle sortilegios e actos de magia. Apresentava-o como inimigo da religião, perseguidor do clero, despota e tyranno no governo da Egreja e invasor das attribuições do imperio. Nasceram naturalmente deste libello as legendas e fabulas populares attribuindo a Gregorio VII ter pacto com o diabo, e exercer artes de nicromancia. Decidio o concilio que fosse Gregorio VII deposto do throno e nomeado outro Papa que se investisse da thiara, cabendo ao rei e imperador o cumprimento da sentença por meio das armas, quando se lhe não sujeitasse o padre Hildebrando.

Partiram embaixadores para Roma e emmissarios para a Italia incumbidos de levantarem os povos contra o Papa e de fazerem proceder á eleição de outro que o substituisse na cadeira de S. Pedro.

Não se amedrontou Gregorio VII. Era occasião de reunir-se o synodo annual de bispos, abbades e ecclesiasticos de elevada categoria, e bem assim de principes italianos, que lhe eram devotados, e que costumavam

comparecer em Roma para esta funcção religiosa. Mais numeroso que nunca fôra, notava-se agora o que congregou-se na Igreja de S. Pedro.

Concorreram muitos principes leigos e entre elles a princeza Mathilde, filha e herdeira do marquez Bonifacio, e que reinava na Toscana, Placencia, Parma e parte da Lombardia. Ella era casada com Gozelão, duque de Lorena, mas vivia separada do marido e partilhava idéas favoraveis á supremacia do Pontificado Romano. Agradavam-lhe além disso os costumes severos, e character elevado e moralisado do Pontifice, já pelas virtudes que o adornavam, já pela fé religiosa que professava exemplarmente.

Deu-se conhecimento á assembléa da decisão do concilio de Worms, e dos actos de Henrique IV, offensivos da liberdade da Igreja e dos direitos da cadeira de S. Pedro. Unanimemente declarou-se o synodo favoravel a Gregorio VII, e prometeu-lhe plena adhesão e apoio.

Não tardou Gregorio VII em fulminar excommunhão maior contra Henrique IV, e sua deposição do throno germanico, ordenando aos subditos o não reconhecessem mais como soberano, aos catholicos cortassem todas as suas relações com elle e com os mais excommungados incluídos em uma lista publicada, e que comprehendia os bispos allemães que tinham assignado a sentença proferida no concilio de Worms.

Espalháram-se logo pela Allemanha as

suas encyclicas. Remettêra-as aos bispos, abbades e priores, recommendando-lhes a leitura nas Egrejas, na occasião de celebrarem-se os sacramentos. Transmittira-as aos duques da Baviera, Saxonia, Carintia, Lorena, Suabia e aos mais senhores feudaes de inferior escala, pedindo-lhes defendessem os direitos da Egreja e de S. Pedro contra as violencias de Henrique IV, e affirmando que lhes competia eleger novo rei que governasse o Estado, porquanto eram todos iguaes na jerarchia. Accrescentava que não se eximiria de perdoar, quando arrependidos, quer o rei quer os bispos excommungados, provassem obediencia á religião e implorassem a graça do Pontifice.

Prodigioso foi o effeito produzido no seio das populações supersticiosas ; grande parte dos bispos cumpriram as ordens de Roma ; os animos se exaltavam, fugia-se da presença e vista do rei, e cada dia que se passava diminuia o numero dos partidarios imperia-listas. Para mais amedrontar as massas ignorantes e affastal-as da submissão devida ao monarcha, espalhavam-se boatos aterradores. Morrêra repentinamente um dos mais resolutos campeões de Henrique IV. Propagou-se que do céu viêra o castigo por se declarar inimigo do Papa, e que se notára que um raio repentinamente lhe penetrára em casa, e lhe ficára queimado o corpo. Sustentador acerrimo de Henrique, o bispo de Utrecht, orando na cathedral, fôra assaltado de uma syncope, e não pôde terminar sua pré-

dica. Fallecera em delirio, resultado da subita enfermidade, que o ferira. Accrescentava o vulgo que os demonios, em derredor do leito, esperavam que elle se finasse para arrastarem-lhe a alma e encerrarem-na no inferno. Não houve successo natural por menos importante que não fosse aproveitado para dar corpo á justiça do Papa, e fazer acreditar em castigos dos que recalcitravam contra os decretos do successor de S. Pedro, representante de Deus na terra.

Emquanto Gregorio VII conservava-se tranquillo em Roma, atemorizava-se assim Henrique IV diante de symptomas terriveis que começaram. Sublevaram-se de feito os Saxões contra sua auctoridade; abriram conferencias secretas contra elle varios duques, margraves, arcebispos e abbades. Separaram-se do rei alguns prelados excommungados, e correram para Roma implorando perdão e confessando se arrependidos.

Era Henrique IV orgulhoso, cruel e vingativo. Não lhe faltavam por essa razão inimigos. Accrescentava-se-lhe o numero em consequencia das superstições religiosas que dominavam os espiritos dos povos, e do exemplo dos que se viram sempre para o sol que se levanta, e aproveitam a occasião para apedrejar o que tomba do lado opposto.

Atrazadas em luzes como estavam as massas populares, quer das camadas superiores, quer das médias, quer das infimas, em que as sociedades humanas se dividiam, o im-

previsto e o fortuito explicavam-se por intervenção sobrenatural ; os mais frequentes cursos da natureza, os raios, as tempestades, os terremotos, passavam por avisos do céu ; curavam-se os doentes mais com as reliquias dos santos que afugentavam os demônios que com medicamentos empregados ; era Deus a palavra unica do grande enigma da humanidade ; tudo se explicava pela vontade de Deus, tudo em Deus se resolvia: não era o Pontifice Romano seu representante na terra ? Impeccavel como S. Pedro ?

Os duques da Baviera, Suabia e Carintia juntaram-se em varios logares, e resolveram convocar em Tribur, ás ribas do Rheno, para Novembro proximo, uma dieta incumbida de pôr fim aos males que perturbavam a paz da igreja catholica, convidando para ella os eleitores, margraves, padres, bispos e abbades da Allemanha. Foi em Tribur numeroso o concurso, e ahí resolveu-se que uma dieta geral se abria em Augsburgo no anno seguinte, a fim de julgar a Henrique, excomungado pelo Papa, e de, quando assentada sua deposição da corôa, eleger outro rei que occupasse o throno mais dignamente. Decretou-se egualmente que se supplicasse ao Pontifice seu comparecimento e que accettasse a presidencia da Dieta.

Favoreciam assim os acontecimentos ao Papa, que na Italia não temia adversarios, bem que na Lombardia contasse alguns entre os proprios bispos. Conheceu Henrique que lhe convinha temporisar, e escreveu

aos duques e prelados allemães pedindo-lhes a suspensão das suas resoluções, promettendo inteira justiça aos aggravos que lhe attribuiam e affiançando-lhes suas sympathias e amizade perpetua.

Mais animados os conjurados logo que notaram os temores do rei, responderam-lhe que no intervallo de tempo até a convocação e reunião da Dieta em Augsburgo se retirasse elle para Spire, conservasse character particular, não exercesse acto magestático, até que pudesse defender-se e livrar-se das excommunhões da egreja.

Como era poderosa a palavra do Pontifice de Roma ! Não alcançaria comtudo tanto, se não se suscitassem tambem indisposições dos subditos contra arbitrariedades e despotismos de Henrique IV !

A Henrique IV espantaram os acontecimentos ; prostraram-lhe o animo, despiram-no de toda a coragem. Os espiritos violentos são os que mais facilmente se abatem nas crises imprevistas. Resolveu partir inesperadamente da Allemanha, seguido apenas pela consorte e alguns criados e amigos. Pôz-se a caminho viajando como particular obscuro ; atravessou em 1077 os Alpes e penetrou na Lombardia, decidido a conciliar-se com Gregorio VII, e a satisfazel-o nas suas exigencias esperando occasião para exercer suas prerogativas. Não lhe era mais airoso receber perdão do Papa que humilhar-se a uma assembléa de duques e bispos Allemães, que se deviam considerar seus vassallos ?

Posto que acolhido com alegria pelos Milanezes, que se offereceram a marchar ás suas ordens, e sustentar-lhe os direitos, continuou elle sua viagem para Roma. Chegou-lhe em Parma aos ouvidos que o Papa achava-se no castello de Canossa, em Toscana, o qual pertencia á Condessa Mathilde. Dirigio a esta soberana uma mensagem, pedindo-lhe sua intervenção para com Gregorio VII, afim de que o acolhesse benevolmente e lhe levantasse a excommunhão, que lhe fulminára. Respondeu o Papa ao principio que na Dieta de Augsburgo decidiria ácerca de sua sorte. Instado, porém, e ardentemente pela princeza, permittio o Pontifice que o rei entrasse no castello, com vestes de penitente, camisa e calças de algodão, sem capa nos hombros, sem chapéo na cabeça e sem sapatos nos pés, para poder receber a absolvição.

Sujeitou-se Henrique IV. Abriram-se lhe os portões de ferro, baixaram-se-lhe as pontes levadiças da fortaleza. Só ao rei, todavia, foi consentida a entrada, e apenas dentro da primeira esplanada recebeu ordem para esperar as resoluções do Papa. Reinava um inverno bastante rigoroso; tres dias e tres noites ficou Henrique IV exposto ás intemperies do tempo, no meio do terraço descoberto, alastrado o chão de neve, tiritando de frio, e recebendo apenas para nutrir-se caldos fracos e mal preparados, sem que nem um guarda lhe dirigisse a palavra ou respondesse a suas perguntas.

Após tão dura penitencia, e ao raiar o quarto dia, foi então conduzido á presença de Gregorio VII, que levantou a excommunhão e perdoou-lhe os peccados, depois que o rei cahio de joelhos a seus pés e implorou-lhe a graça. Impôz-lhe, comtudo, a condição de comparecer no logar e dia que lhe fossem designados para saber se lhe seriam conser-vadas a auctoridade régia e as insignias ma-gestaticas.

Deixou Henrique o castello de Canossa, offendido em seus brios, coberto de vergonha, ancioso de vingança. Voltou para Allemanha, e ahi encontrou um novo rei accla-mado em seu logar, Rodolpho, duque da Suabia, que os magnatas germanicos lhe oppuzeram logo que tiveram noticia de sua viagem á Italia e antes que elles se reunis-sem em Augsburgo.

Appellou Henrique para seus partidarios e conseguiu levantar um exercito que lhe apres-taram os amigos dedicados, que, levantada sua excommunhão, ousaram tomar sua de-feza. Travou-se na Allemanha uma guerra porfiada, sangrenta, que durou cerca de tres annos, e em que se alternaram successos oppostos. Fallecendo, no emtanto, seu com-petidor Rodolpho de Suabia, dispersou-se o partido rebellado contra a autoridade de Henrique IV, e elle recobrou sua soberania e auctoridade.

Seguro e garantido na Allemanha, tratou Henrique de invadir a Italia e de vingar-se de Gregorio VII.

Seguiu com poderosas e aguerridas hostes : ainda a condessa Mathilde e alguns senhores de territorios italianos pretenderam oppôr-se-lhe á marcha. Nenhum obstou-lhe, todaviã, os passos, e, maltratados em campo razo, fugiam assustados diante de suas tropas. De forças militares não dispunha o Papa, e para Roma encaminhou-se livremente Henrique IV, depois de ter devastado os campos florentinos.

Assediou Roma, e tres vezes assaltou-a em vão ; na quarta penetrou, todavia, pelo lado de S. João de Latrão, e obrigou o Papa a refugiar-se no castello de Santo Angelo, abandonando-lhe a cidade.

Mandou-lhe então Henrique propôr que na egreja de S. Pedro o reconhecesse, coroasse e sagrasse Imperador Romano, como rei que era de Allemanha e successor de Carlos Magno ; compromettia se, executada esta solemnidade, conciliar se com elle.

Bem que sem esperanças de soccorro, não permittio o animo altivo de Gregorio VII tratar com o rei, e menos adherir-lhe ás propostas.

Recusou-lhas peremptoriamente, e exigio que Henrique IV lhe implorasse perdão, e se penitenciasse publicamente.

Declarou-o então Henrique IV deposto da thiara e do throno ; convocou um concilio de padres que elegeram papa á um clerigo que tomou o nome de Clemente, e empossou-se do Vaticano, das basilicas romanas, e da auctoridade pontificia. Por elle foi coroado o

imperador Henrique IV, que, deixando assediado o castello de Santo Angelo, partio de Roma no intuito de repellir resistencias de italianos, que desciam da Toscana em favor do papa, enviados pela intrepida e virtuosissima condessa Mathilde.

Acudio, no emtanto, o Normando Roberto Guiscard, rei da Italia meridional. Bateu e venceu os soldados e partidarios de Henrique IV, que estacionavam em Roma e seus arredores; tomou conta da cidade, libertou o Pontifice e restituiu-lhe a auctoridade.

Roubou, porém, edificios, casas e egrejas; destruiu propriedades; lançou fogo em varios sitios, e só desamparou Roma movido pelos rogos e lagrimas do Papa, que, enternecido pelas desgraças da infeliz cidade, abaixou-se a atirar-se-lhe aos pés e a implorar-lhe a retirada de sua desenfreada soldadesca, cuja presença indignava os habitantes de Roma.

Melhor fôra deixar-se victimar por Henrique IV, que pelo Normando Guiscard! Aquelle pouparia a cidade; este imitou os antigos barbaros dos seculos V e VI! Volveu, porem, logo Henrique IV para Roma, e Gregorio VII, temeroso de vinganças, partio para o sul da Italia, atraz do exercito retirante de Guiscard.

Chegado a Salerno cahio o Papa gravemente doente, e após soffrimentos prolongados, terminou sua existencia terrestre á 5 de Maio de 1085, com cerca de setenta annos de idade repetindo em voz alterada :

vina. Haveria um perigo quando triumphasse completamente uma autocracia theocratica. Vencedora, todavia, em parte ; deixando aos poderes civis funcções que só elles devem exercer ; chamando-os á concordia, salvava a humanidade, porque lembrava-lhes a consciencia, attributo que se póde dizer desprezado então entre tão barbaros habitadores das nações occidentaes da Europa. Do apurado ecclectismo, das separações indispensaveis entre o temporal e o espiritual, é que surgio a civilisação mederna, que dá a Deus o que é de Deus, e aos homens o que é dos homens. As religiões são os unicos e poderosos elementos que suffocam os máos instinctos da nossa raça, e produzem a victoria dos bons, que partem da consciencia.

Causará actualmente sensivel estranheza o contexto de maximas apregoadas por Gregorio VII : « A egreja romana, dizia elle, é fundada por Deus sómente ; póde o papa depôr bispos, príncipes, monarchas, porque é superior a todos os potentados da terra ; annullar decisões alheias, sem que ninguem possa infringir e nem revogar as suas deliberações ; julgar e condemnar a todos, sem ser susceptivel de ser julgado por ninguem da terra ; nunca erra e não póde errar, porque, apenas eleito, reveste-se dos meritos de S. Pedro. »

Não se aprecie, porém, a theoria de Gregorio VII pela nossa época presente. E' mistér applicar o escalpello e reconhecer o fundo

da ferida para se comprehender a sociedade de então, estudal-a nos seus costumes, tendencias, idéas, superstições, barbaria e ignorancia quasi completa em quo cahira com o naufragio do Imperio Romano. Asylavam-se ainda restos de luzes na Egreja, em torno da qual gyravam reis, proconsules, magnatas, populações mergulhadas nas trevas e eivadas de vicios hediondos. Nem reis, nem nobres, e menos povo sabiam lêr. O laço unico que approximava então os homens tão differentes de origens, tradições, governo e linguagem, era um culto que se não escravisasse ao poder temporal dos monarchas e senhores feudaes do tempo. Para conseguir a liberdade da Egreja necessitava se do reconhecimento de um só chefe que a concentrasse e amparasse, e que, proclamando o direito, a moral e a justiça, resistisse aos caprichos, desmandos, arbitrariedades, violencias, ambições, crueldades e despotismos dos mandões politicos tão destituídos de sentimentos humanos.

Não seria maior calamidade para a éra, de que tratamos, e até para o futuro da civilização, que só a força material prevalessesse?

Que os Atilas, os Gensericos, os imperadores Tudescos se não contivessem diante da palavra de um ancião santo de virtudes, e mais ou menos ornado de luzes, bem que não dispuzesse de exercitos?

Exagerou-se, não ha duvida, Gregorio VII, e commetteu erros lamentaveis; mas para honrar-lhe a memoria, e reconhecer-lhe a

superioridade do genio, baste saber-se que conseguiu moralisar o clero, regenerar a Igreja e levantar o espirito dos italianos, lembrando-lhes a liberdade e independencia do sólo.

A Gregorio VII não sobreviveu muito tempo Henrique IV da Allemanha. Deixára em Roma Guiberto, com o nome de Clemente; mas o povo não reconheceu-o como successor de S. Pedro, appellidou-o anti-papa, e expulsou-o da cidade eterna. Resultou uma verdadeira revolução na eleição dos Pontífices.

D'ahi por diante só cardeaes e bispos, reunidos em conclave a effectuaram, sem que mais precisasse da sancção ou approvação dos intitulados imperadores.

O novo Papa eleito em Roma, Urbano II, renovou os anathemas de Gregorio VII contra Henrique IV, e poderosamente concorreu com suas encyclicas, para que nova revolta rebentasse na Allemanha.

De volta para seu roino deparou Henrique IV novas opposições armadas pela noticia de sua nova excommunhão. Seus proprios filhos sublevaram-se, considerando-o excommungado, e não quizeram mais communicar-se com o pai.

Posto que apoiado em força armada, temia-se Henrique IV de ciladas, traições e assassinatos, suspeitando sempre que lhe seria contrária a sorte. Na Dieta que convocára em Mayença, no intuito de congraçar-se com o filho Henrique e com os duques e ma-

gnatas que se lhe mostravam infensos, foi repentinamente preso, obrigado a despir-se das insignias da realeza, e a assignar renuncia da corôa. Não tardou em ser encerrado na fortaleza de Ingelhein, enquanto o filho se fazia eleger rei, e se empossava do throno.

Escapo de Ingelhein por esforços de alguns amigos e partidarios, andou errante, fugido, dormindo em choupanas rusticas, enveredando caminhos desertos, comendo o que a commiserção particular lhe dava para alimentar-se, até que chegou a Liège e encontrou asylo nos paços do Bispo. Não durou ali dous mezes, e finou-se ralado de remorsos desesperados.

Mandou o Bispo enterrar na cathedral: revoltou-se, porém, o povo da cidade, arrancou do tumulo o cadaver e arrastou-o para o campo como unico jazigo dos excommunados. Cinco dias conservou-se o corpo exposto ás intemperies da atmospherá e á voracidade dos animaes carnivoros e das aves de rapina. Almas piedosas em uma noite o recolheram, todavia, e o transportaram para Spire, onde, ás escondidas, sepultou-se, até que se puderam celebrar-lhe exequias quando o Papa Pascual II declarou levantada a excommunhão que lhe fôra fulminada.

Guilherme Tell

Quanto é admiravel e encantador o lago dos quatro cantões, na Suissa ! Montanhas o cercam altanadas ; mil cascatas brotam das veias que ellas parecem abrir ; aqui precipicios ameaçadores, grutas de penedos ; alli uma ou outra pequena campina estendida qual cortina verde, onde pulullam lindos chalets, pastam rebanhos de ovelhas, de vaccas, de cabras, e esvoaçam, chiando, bandos de aves alegres ; mais ao longe como que escondidos, mares de gelo simulando o encapelar das ondas ; esta ou aquella aldeia pendurada dos morros ou dispersa pelas praias irregulares do lago. A' um canto a banhar-se como odalisca em suas formosas aguas, a cidade de Luzerna, contornada de frondosos arvoredos.

Tudo alli falla, canta, resôa aos ouvidos, correspondendo aos encantos mysteriosos do coração : o susurro dos ventos, os gemidos da noite, o murmurio das aguas, o cicio dos arbustos, o éco das vozes humanas pelos pittorescos descampados, o som da buzina do caçador ; o cantico do barqueiro a procurar os cardumes dos peixes ; a harmonia da gaita tangida pelo rude pegureiro ao pastorear as manadas de gado, tudo penetra até o intimo d'alma.

E' uma terra singular, um mundo á parte, tão differente dos demais paizes da Europa ; encravada no meio delles, mas separada por serras alcantiladas, e retalhada por lagos pittorescos que a embellezam e vivificam ! Não perde jámais sua lembrança o feliz mortal que a visita e admira.

Habita-a um povo pastor e industrioso, modesto e entretanto bravo e intrepido, cioso de sua independencia, vivendo, não vegetando em vida patriarchal, de costumes sinceros e innocentes ; livre cada um, em seu cantão, no seu pequeno Estado, sem que se sujeite a mandões, sem que se curve a resoluções arbitrarias.

Serviram-lhe de muralhas para a defesa nacional essas serranias, cujos cumes recortados parecem desapparecer na atmospherá; sustentaram sua liberdade os braços valentes de seus filhos ; auxiliam-lhe a autonomia esses mesmos quatro grandes Estados que a rodeiam, Allemanha, Austria, França e Italia, que lutando pela influencia externa fundam um equilibrio politico europeu na manutenção da pequena republica, que reúne federalizados numerosos cantões de raça allemã, de raça franceza e de raça italiana, amigos entre si, sem zelos nem ciumes uma da outra e governando-se separada e independentemente, emquanto que laços geraes as prendem para o bem commum e para garantia da liberdade e da independencia patria.

E' simples a historia da Suissa : despida

de peripecias, de commoções, de guerras e de scenas dramaticas. Arde a Europa em guerra em derredor, e pelos lados ; bem poucas vezes se convulsiona a Suissa com pequenas dissenções intestinas, que felizmente, apenas irrompidas, com geito e tino se abatem quasi immediatamente ; como que existe esquecida no mundo. Não escapa, no entanto, á legenda ; que é fructo da imaginação, dos raptos e sonhos populares, pois que deriva tambem de um infundado patriotismo, que consiste em realçar façanhas, ou improvisar episodios surprehendedentes.

Póde-se todavia dizer que só a dous acontecimentos notaveis da sua historia ligam-se legendas, mas que são pelo povo acreditadas e repetidas todas as noites em torno da lareira, ao crepitar do fogo que aqueça a ceia da familia ; transferidas de pais a filhos, de gerações a gerações, e que cada vez aformoseando-se mais e apropriando-se ás transformações progressivas dos costumes, se radiam e produzem as mais agradaveis sensações.

Originaram-se ellas quer da proclamação da independencia no seculo XIV, firmada na batalha de Morgarten, quer das victorias que igualmente no XV conseguiram os Suissos em Granson, Morat e Nancy contra Carlos o Temerario, Duque de Borgonha, poderosissimo vizinho, que tentára submettel-os a seu jugo ambicioso, e cahira diante do mais louvavel denodo e ardente patriotismo.

Tratemos, por ora, sómente da lucta da

independencia e das legendas que se lhe annexaram.

Durante o reinado de Carlos Magno, todos os cantões suissos, de origem franceza, allemã e italiana, estavam incorporados no imperio franko, que succedera ao antigo romano, e emulava em seu tempo com o Arabe em importancia, extensão e grandeza. Cobria-se parte do sólo de fortalezas e castellos, governados por fidalgos da confiança de Carlos Magno; outra parte fôra deixada livre aos moradores, que formavam communas, sujeitas, comtudo, á suzerania imperial. Procedia desta differença que em uns cantões prevalecia o elemento aristocratico; em outros dominava a democracia.

Acompanhou a Suissa á corôa imperial, transferida por morte de Carlos Magno para a Allemanha, de onde procedia a raça franka.

Continuou, pois, a receber um vice-rei ou bailio, que a governava em nome do imperio, e vivia socegada sempre que elles não commetiam grandes arbitrariedades.

De um dos pequenos feudos da Suissa procede a casa nobre dos Habsburgos, actualmente denominada Austriaca. O conde Rodolfo, que a representava como chefe, foi escolhido imperador, em diéta solemne dos magnatas tudescos convocada para a eleição. Abandonou, de uma vez, a Suissa, e formou dynastia pôderosa assenhoreando-se do condado da Austria e ahi assentando seus solares principaes e dominios particulares mais valiosos e opulentos. A eleição do Imperador

pelos magnatas germanicos não respeitava o principio de direito hereditario, variava conforme os interesses politicos e sociaes do momento.

Cingia a corôa imperial da Allemanha um Habsburgo, quando foi mandado para a Suissa, como bailio e representante do imperio, o cavalheiro Gessler, ousado, violento, despotico e caprichoso,

Inquietaram-se logo os Suissos aos seus primeiros actos, demonstrativos de feroz arbitrio; mais se desgostaram ao notarem que, em vez de moderar-se em seus desmandos, tornava-se progressivamente mais perseguidor das classes médias e das populares, que tratava com o maior desprezo, bêm que procurasse agradar aos senhores dos castellos, no intuito de attrahir-lhes o apoio e auxilio.

Percorria Gessler os cantões, apodera-va-se do que lhe agradava aos olhos, propriedades, gados, fructos, e ameaçava com prisões e castigos os que reclamavam contra suas espoliações; insultava a honestidade das familias, e incutia terror em todos os animos dos habitantes, que até então viviam pacificamente, como que sem governo, e nem autoridades domesticas.

Crescia o descontentamento, enraiveciam-se os espiritos, multiplicavam-se as queixas. Não era só em um ou outro cantão; timbrava Gessler em molestar a todos e ostentar seu poderio por si ou por seus subalternos, espalhados em varias localidades.

Lançai os olhos sobre o panorama pittoresco que formam esses cantões, aparentados mais ou menos uns com os outros, interessados todos em destino identico. Dir-se-hia reinar a paz, os habitantes exclusivamente occupados em trabalhos pastoris, ruraes e industriaes, ignorantes de idéas e aspirações politicas, subindo e descendo suas montanhas, navegando em seus lagos, e entretendo entre si um commercio activo.

Percebeu-se, no entanto, pelos soffrimentos, tendencia para revolta, ainda que não bem definida, mas já repleta de indicios. Tres homens do povo, possuidores de alguma riqueza, importantes pelas familias, respeitados pelos compatriotas, dotados de animo levantado e brioso, conversaram e concertaram planos de opposição, e começaram a propaganda do levantamento das massas, no intuito de tornar independente a patria, para que seus habitantes se não rebaixassem mais a bailios estranhos.

Pertencia cada um delles a um cantão, onde exercitavam influxo, e eram ouvidos e attendidos pelos moradores. Werner Schaufacher, Walter Fursst e Arnold de Melschtal comprometteram-se, sob solemne juramento prestado no meio dos bosques, e repetido tres vezes em voz sonora, a sublevar as terras de Ury. Winterwal e Schwitz, e a transmittir a aspiração politica e social de independencia aos demais cantões vizinhos.

Constituem-se, elles, pois, os chefes do movimento, que com fortuna e mysterio con-

seguiram por fim realizar. Eis ahí os verdadeiros auctores da independencia da Suissa.

A pouco e pouco se foi alargando a conspiração ; em Berne, Zurich, Luzerna, Basiléa, e outros pontos, organisaram-se sociedades, praticaram se conciliabulos, asentaram-se resoluções, que se submettiam aos tres chefes. Corriam assim e ajustavam-se os planos esperando com paciencia admiravel a oportunidade de desenrolar-se o estandarte da libertação. Tratava-se de uma conjuração natural, que a tyrannia do bailio alimentava, e que, sem estrepito, sem manifestações ruidosas, desenvolvia-se com facilidade por entre os povos. Innato, profundo, enraizado, tornava-se assim o sentimento geral, e por elle firmavam-se resoluções para o desempenho da empreza. Estendia-se e propagava-se a conjuração, sem que a percebesse e nem a suspeitasse o bailio Gessler.

Habitudo Gessler a caprichos, em que se aprazia seu animo, inventava cada dia um meio de divertimento para si e de humilhação para o povo. Expedia editos extravagantes, exigindo manifestação servis e obediencias ruidosas.

Lembrou-se uma vez de fazer plantar no meio de uma praça publica da cidade de Altorf, onde residia, uma arvore, collocar em cima a corôa da casa austriaca, e ordenar que quantos paisanos por alli transitassem tirassem o chapéo e venerassem a insignia da realeza. Castigos rigorosos infligir se-hiam aos recalitrantes, e sentinellas

postadas executariam o edicto do bailio.

Que excusa podiam oppôr os populares? De que meios dispunham para eximirem-se á obediencia? Curvaram-se, traspassados de medo, bem que resentidos da injuria. Casualmente por alli passava um caçador de cabras montezes, conhecido pela agilidade do braço e certeza da pontaria, e barqueiro habituado aos temporaes, que não raro nos lagos suizos produzem naufragios por entre os escarpados rochedos. Chamava-se Guilherme Tell, era casado, tinha numerosa familia, e merecia respeito de quantos o conheciam.

Nada de politica entendia, nem noticia lhe havia chegado de que se planejava libertação de sua patria.

Vivia retirado, entregue a seus trabalhos da caça e pesca, e estimado por seus vizinhos.

Ou por ignorancia do edicto, ou bem que avisado, desprezando o, ousou Tell affrontar a ordem do bailio.

Passou por diante da arvore sem cumprimentar a corôa, que a cobria. Preso e recolhido á masmorra, causou o facto impressão forte no povo. Velhos e mulheres. crianças, homens robustos, encheram a praça, tomando o partido da victima, vociferando, lastimando-a, ameaçando as sentinellas de dar-lhe a liberdade, quando no carcere a conservassem.

Avisado Gessler, appareceu cercado de tropas, impôz silencio ás turbas, dispersou-as

á força de armas, maltratou a muitos e prendeu a quantos lhe pareceram autores do movimento tumultuario.

Desattendeu ás desculpas de Tell, que declarava não ter nutrido intenção de desobedecer-lhe, e só por irreflexão commettera o acto condemnado. Ordenou que fosse embarcado em um escaler, carregado de ferros, transportado para as masmorras de Kussnacht, collocadas na margem opposta do lago dos quatro cantões, e que se appoiassem em um castello fortificado.

Qualquer que fosse o meio que empregasse Tell para salvar-se dos perseguidores, ou atirando-se ao lago, ou corrompendo os guardas, certo é que escapou-lhes ás garras e refugiou-se nas montanhas. Dias depois, uma noticia inesperada encheu de pavor os povos de Altorf. Gessler, passeando a cavallo, nos suburbios da cidade, recebera no peito uma setta arremessada por mão de arbaleteiro dextro e cahira immeditamente morto.

Quem fosse o assassino ninguem o affirmava porque ninguem o vira; mas a opinião geral apontou a Tell como vingador de sua injuria e brios. De varias tradicções suissas consta que Tell negara sempre que houvesse commettido o crime, e protestava constantemente por sua innocencia. Assim parece pensar o historiador João de Muller, mas o chronista Zoschocke attribue a morte a Tell, e em geral a historia o acredita.

Comprehende-se que a noticia do aconteci-

mento verificado em Altorf espalhou-se por todos os cantões. Ao desespero pelo arbitrio annexou-se a alegria pela morte do tyranno e á muitos pareceu chegado o momento de se libertarem. Aproveitaram-se immediatamente os tres chefes politicos da morte de Gessler, e da fraqueza em que cahia a autoridade do imperio, e appellidaram os povos para o combate. Na noite de 31 de Dezembro de 1307, reuniram-se Furst, Werner e Arnold; proclamaram no dia seguinte. 1º de Janeiro de 1308, a independencia da Suissa; marcharam contra os castellos e fortalezas de Rosbery, Schwanan, Sarnem e outras; renderam-nas e arrazaram, depois de destroçarem os nobres e as forças que obedeciam ao imperio: accenderam-se fogos ardentes pelo cume das montanhas, como signaes de appello ás armas, como pharões e guias dos revolucionados, e por todos aquelles lagos, veigas e serranias. infiltrou-se o pensamento do levante e ecoou o grito de guerra.

Por seu lado, o imperador da Allemanha convocou soldados e barões feudaes, afim de esmagarem os revoltosos suissos. Cumpre dizer que não foi coadjuvado pelos seus vassallos, e pequena força pôde empregar contra a Suissa.

Iniciada a luta, os Suissos, na defensiva, guardados por suas montanhas, e fortalecidos por seu valor e patriotismo, cantaram victorias em diversos encontros, e no fim de dous annos conseguiram que sua independencia fosse reconhecida pela Casa d'Austria. Re-

publica federativa organisaram com os primeiros oito cantões sublevados, aos quaes depois uniram-se os de origem franceza e italiana, que viviam do lado septentrional dos Alpes.

Até nossos dias têm seus povos conservado essa independencia e vivido felizes e tranquillios, ainda que pobres, no centro de lutas e guerras atrozes e incessantes, que em derredor têm ferido a França, a Allemanha, a Austria e a Italia.

Até aqui seguimos escriptulosamente a historia já de si interessante e curiosa. Porque deixaria a legenda de emendal-a, accrescental-a, aformoseal-a, opulentat-a, poetisal-a? Não se prestava o episodio á fiação, e esta não se embebe com mais firmeza na alma popular?

Foi o que succedeu naturalmente. O acontecimento de Altorf elevou-se a proporções pittorescas, e Guilherme Tell, o arbaleteiro e caçador, exáltou-se a chefe da libertação da patria.

Ornou-se o episodio com lances dramaticos. Tomou-se uma tradição dinamarqueza do seculo XI referida por Saxo-grammaticus nos contos scandinavos que recolhera, e que se derramaram pela Allemanha; e creou-se assim um novo heroe legendario. Affirmou-se que Gessler, sabendo quem era Tell e quão habil atirador, condemnou-o a fazer alvo de sua setta a um pomo collocado na cabeça do filho menor que o acompanhava, quando desacatára a corôa da Austria, e

de obedecera ás ordens do bailio. Na praça publica foi Tell obrigado a atirar ao pomo, bem que se horrorisasse o povo diante de um acto tão arbitrario, despotico e perigoso tanto para o pai como para o filho.

Accompanhando de perto a bella e pittoresca ficção dinamarqueza, assim como o heroe scandinavo, não perdera Tell o olhar certo, não lhe hesitou o braço, e nem se lhe enfraqueceu a arbaleta ou béstia como os portuguezes a chamam. Cahio o pomo traspassado pela setta, sem que offendesse ao filho. Aos applausos do povo, diante de façanha tão estrondosa, mais exasperou-se o bailio, que embarcou-se elle proprio levando consigo o preso para Kussnacht, receioso de que o libertassem em Altorf. Para mais exaltar o feito, imaginou-se uma tempestade furiosa, que revolvera as aguas do lago e ameaçára naufragar o barco que os conduzia. Não sabendo os mareantes sustentar e menos dirigir a viagem, Tell, reputado navegador experiente, foi pelo proprio bailio incumbido da salvação dos navegantes.

Arrancaram-se-lhe então os ferros para que pudesse manobrar a embarcação. Executou elle a empreza com felicidade e depondo todos os companheiros nas margens do lago, fugiu e desapareceu as vistas e novas perseguições de Gessler.

Não páram ainda ahí suas fabulosas proezas. Depois de matar o bailio, collocou se á frente dos libertadores da Suissa, e tornou-se o chefe e o heroe da independencia da pa-

tria. Com a mais feia ingratidão deixam-se assim no olvido os tres primitivos promotores da empreza, os tres politicos, que desde o principio projectaram e impelliram a obra meritoria que gloriosamente levaram ao cabo.

Não interessa, não apraz a legenda? Não conseguiu-se com ella formar uma tradição nacional, e glorificar-se ao mesmo tempo o merito do protogonista?

Póde exautorar a Tell o desfolhamento de tão lindas e agradaveis flôres, com que se lhe orna a memoria. Não desdoura, todavia, uma nação briosa e patriota como é a Suissa. Porque, pois, porfiam tão resolutamente ainda os seus concidadãos na pretensão de incluir na sua historia uma fabula cabalmente demonstrada? Perde a antiga Grecia seus elevadissimos creditos da mais valente nação da antiguidade, porque se patentea a exageração senão ficção da narrativa dos trezentos Spartanos de Termopyllas, que Xenofonte transmittio aos posteros?

Mareou o escrupuloso historiador Niebuhr os louros de Roma, porque destruiu as ficções de Remo, do roubo das Sabinas, das ousadias de Cocles, das heroicidades de Regulo e de Scevola, e da luta dos Horacios e Curiacios? Deshonra-se a historia do imperio de Constantinopla, porque não se acredita mais na cegueira e desgraças de Belisario, que tantas lagrimas têm arrancado aos corações sensiveis? Não se ha destruido tantas legendas poeticas em relação a personagens celebres, e no tocante a factos historicos de

nações modernas sem que estas percam de seu prestígio ?

Que fim levaram as aventuras do rei Arthur de Inglaterra, as valentias de Roldão, de Bernardo del Carpio, do Cid Campeador e os tremendos golpes de espada do portuguez Magriço ?

Basta que o romance e o drama mintam ; seja a historia escrupulosa.

D. Pedro I de Portugal e D. Ignez de Castro

Uma das figuras mais curiosas, menos conhecidas geralmente, mais cantadas pelos poetas e romancistas, e mais resplendentes de legendas, é, de certo, D. Pedro I de Portugal, appellidado por si mesmo de justiceiro e pela historia de crú. Glorificado em versos variados, heróe de tragedias, protagonista de poemas, symbolo de briosas paixões nos romances, lastimado como amante infeliz quer em numerosas elegias, quer em escriptos encantadores, não conserva todavia na historia logar distincto, senão pelos seus feitos atrozes. excentricidades originaes e singulares extravagancias. Conhecido e admirado pela luz radiante que projecta sobre elle a sombra pathetica e mimosa de D. Ignez de Castro tem até hoje triumphado a legenda sobre a historia, e vencido a poesia contra a realidade. Commemoram-se seus amores, lembram-se seus suspiros na Quinta das Lagrimas. junta-se o assassinato barbaro de uma dama innocente, e descreve-se a vingança cruel do amante que lhe sobrevivêra; não bastam estas circumstancias para realçarem-lhe a nomeada, e ornarem-lhe a memoria louros sempre viçosos e brilhantes?

Pertence Pedro I á primeira raça de reis

portuguezes, á burgonhesa. Dous príncipes francezes transferiram-se da pátria para Hespanha, em busca de guerras e fortuna. A um d'elles confiára o rei de Leão um condado a governar. destacado do de Galliza, e serrado entre o rio Minho e o rio Mondego, consorciando-o com uma filha natural. Posto que subdito é o burguinhão ambicioso; trama desde o principio rebelliões, e o que é mais, augmento-de territorio sobre a Galliza, porque lhe parece muito estreito e mesquinho o que lhe fôra doado. Quando viuva, não lhe cede a mulher em audacia e elevadas pretenções; já chama-se Rainha, luta e guerreia com animo verdadeiramente varonil. Herda-lhes o filho os instinctos ambiciosos, augmenta os estados para o Sul, já que encontra no Norte resistencias invenciveis; dirige se para o rio Tejo, rouba aos Mouros Lisboa, Cintra, Santarém; passa adiante, apodéra-se de Almada e Palmella; ganha nomeada na escaramuça ou algara mais que batalha de Ourique, e crescido em forças proclama-se rei, independente de Leão e de Castella, e apenas subdito do Papa.

E' D. Pedro I o setimo successor de Afonso Henriques, fundador da monarchia portugueza. Não ha ainda uma nacionalidade formada segundo a expressão genuina da palavra. Constituirá-se, porém, a independencia de facto e de direito. O rei é o primeiro dos fidalgos, considerado chefe de todos; o povo nada. A nacionalidade portugueza começa propriamente com D. João I, porque

o povo tomou parte então na eleição do seu rei, e o rei tornou-se seu representante, não mais sómente o proprietario da terra e dos servos.

Pela primeira vez pesou a influencia do povo, ao celebrarem-se as côrtes de Coimbra em 1385. Declararam pela voz de João das Regras que não queriam rei estrangeiro, que não queriam príncipe que houvesse empunhado armas contra a pátria.

A espada de Nunes Alvares sancionou esta doutrina, na batalha famosa de Aljubarrota.

Pedro I não se parece com nenhum dos seus antepassados ; nem deixou semelhantes em nenhum dos successores. Nasceu em 1320. Succedeu no throno a seu pai D. Afonso IV, em 1550.

De natureza extravagante, de character excentrico, de costumes e de instinctos violentos, de modos brutaes, e de tendencias a allucinações e loucuras, é como o deve pintar a verdadeira historia. Que importa que da reminiscencia dos seus amores infelizes, e da sua vingança estrondosa, derivasse a predilecção que lhe consagram todos os poetas, desde Garcia de Rezende, Ferreira e Camões ; bem como a credulidade inconsciente de chronistas e historiadores, desde Nunes de Lyão, Brandões, Faria Souza, e Laclede ?

Custa, todavia, muito a quem estuda, indagando, prescruta e aprofunda as chronicas, os livros e os monumentos, apanhar ao vivo os traços d'esse vulto semi-historico e semi-

legendario. Por emquanto apparece-nos um só guia para trazer-nos um pouco de luz, que rasgue as nuvens amontoadas em torno da realidade, e esclareça a escuridão dos tempos.

E' o chronista poeta Ferrão Lopes, o creador elegantissimo da prosa portugueza, o primeiro guarda-mór da Torre do Tombo, fundada no seculo XV por D. Duarte.

Desentrancemos essa meada de realidades e ficções; photographemos esse mytho, conforme D. Pedro parece haver sido, e façamos apreciar, por sua physionomia e qualidades proprias, uma entidade excentrica e contraria quasi á natureza humana.

Filho de Affonso IV, que fôra guerreiro e homem de juizo notavel, passou D. Pedro sua primeira idade em correrias por valles e montes, em caçadas permanentes, ora atraz de alcatéas de lobos, ora em procura de javalis bravios. Quando descansava d'esses exercicios violentos, atirava-se a amores perdidos e extraviados com mulheres de todas as classes e costumes.

Casado com Constança de Castella, não provára fidelidade e nem estima á consorte, bem que d'ella houvesse um filho, D. Fernando, que por sua morte lhe succedeu no throno.

No correr de suas voluceis e inconstantes paixões succedeu-lhe o que acontece sempre a outros seductores.

Captivou-o por fim uma dama da côrte, chamada D. Ígnez de Castro, que enfeiti-

çou-o de modo que não teve mais olhares e nem mais pensamentos que a ella se não dirigissem.

Fallecida a princeza Constança, ou por effeitos de padecimentos naturaes, ou ralada de ciumes e desgostos, como alguns escriptores conjecturam, entregou-se Pedro I exclusivamente a seus amores com Ignez de Castro, e quatro filhos nasceram das relações illicitas que traváram.

D. Affonso IV resolveu casal-o de novo com princeza de linhagem, que accrescentasse o lustre de uma stirpe régia e lhe granjeasse allianças poderosas. De toda a importancia eram, durante a idade média, as ligas oriundas dos consorcios das dynastias; os soberanos decidiam todas as questões á capricho e segundo seus interesses particulares ou o dos parentes; não passavam os povos de rebanhos de carneiros, que se cediam ou trocavam conforme as conveniencias dos monarchas.

Resistio D. Pedro á vontade paterna, e ameaçava a todo o instante consorciar-se com Ignez de Castro. Providenciava com geito o velho rei para que não cumprisse D. Pedro o intento que apregoava, fazendo-o acompanhar, espiar e dissuadir da desobediencia projectada por meio de amigos. Lembraram ao rei alguns conselheiros a conveniencia de matar-se Ignez, afim de arredar uma vez o obstaculo que separava o filho do pai, e de harmonisar no pensamento politico o monarcha e o seu herdeiro.

— Ou cedesse-lhes D. Affonso aos conselhos, ou deixasse-os livres para commetterem o que julgassem mais acertado e util ao estado, certo é que tres fidalgos e favoritos poderosos Pedro Coelho Alvaro Gonçalves e Lopes Pacheco, resolveram o assassinato de Ignez de Castro. Aproveitando-se de achar se o principe ausente de Coimbra, onde ordinariamente residia, e occupado em caçadas, penetraram na casa e nos aposentos de Ignez de Castro e barbaramente a trucidaram.

Ao ferir os ouvidos de D. Pedro tão magoadora noticia, revoltou-se contra o pai, levantou o estandarte da rebelião, concentrou vassallos, peões e cavalleiros, iniciou a guerra civil e á ferro e fogo assollou parte da provincia do Minho, apoderando se de villas e povoações, e ameaçando atacar o rei na propria capital de Lisboa.

Estremeceu D. Affonso: amigo era do filho e est emoso pelo bem do povo; tratou de apasiguar D. Pedro empregando meios conciliatorios; incumbio a emissarios que o procurassem, e chamassem a seus deveres de principe e de cidadão; mandou sahir de Portugal os fidalgos suspeitos de haverem praticado o lastimoso crime, contra o qual D. Pedro com razão se revoltára. Conseguiu por fim com geito e custo que o principe volvesse á devida obediencia.

Regressando á côrte pareceu D. Pedro socegado: mostrava se filho submisso, bem que recusasse casar se pela segunda vez, como D. Affonso o desejava. Dir-se-ia mesmo

que recomeçava suas correrias amorosas, e seus antigos habitos e costumes. De uma burgueza, Gallega, chamada Thereza Lourenço, teve ainda um filho que se baptisou com o nome de João, e a quem elle, quando rei, dotou com o mestrado de Aviz.

Ao fallecer Affonso IV, em 1357, subio ao throno D. Pedro, como legitimo herdeiro. Afeiçãoara-lhe as sympathias do povo a catastrophe de Ignez de Castro: a consciencia das massas plebéas indignara-se contra attentado tão hediondo, tanto mais quanto fôra praticado por fidalgos de linhagem. Posto que tributassem e guardassem respeito e veneração a memoria de Affonso IV, pela sua bravura guerreira e suas qualidades preciosas de monarcha, rodeiaram os subditos de prestigio o novo rei, que cingio a corôa.

Cresceu a estima do publico por D. Pedro ao vel-o desenterrar o cadaver de Ignez de Castro do sepulchro que o recolhera no claustro de Santa Clara, e deposital-o em jazigo honroso na egreja de Alcobaça. Não agrada, não sorri, não penhora corações um acto de amor dedicado e fino, uma saudade primorosa, uma peregrina gratidão? Pelo instincto e pela consciencia dirigem-se as multidões, e parte então de seus peitos um sentimento sincero e digno que echôa e perdura.

Desembaraçado D. Pedro da vigilancia e caricias paternas, entendeu que era chegado o tempo de patentear-se como a natureza o constituiria em carácter, opiniões e sentimentos.

Desenham-no os poetas e fabricantes de legendas como mancebo gentil, lindo de rosto, brilhante de olhos negros, agradável no trato, ornado de coração terno, apaixonado e mavioso. Heróe adaptado para galan em dramas, amante dedicado em romances, seductor e ao mesmo tempo victima de amores em cantatas e elegias.

Já, porém, o dissemos : diversamente e muito diversamente o descrevem as chronicas veridicas e particularmente o historiador Fernão Lopes.

E' pela singeleza, lealdade e independencia com que escreve, escriptor digno de todo o conceito ; não pertence á classe dos lisonjeiros, que só deparam elogios ao tratarem de reis e principes, ao fallarem de personagens poderosos. Obeso era D. Pedro de corpo, tristonho de semblante, de olhar quasi vesgo quando d'elle se não apoderava a colera, a que era por naturêza sujeito.

Ao irritar-se, tornava-se gago; inclinava-se a furias e desesperos repentinos. Onde estão pois as flôres perfumadas que a poesia derrama por sobre a pessoa de Dom Pedro para a tornar interessante e attrahente ?

Fôra seu predilecto divertimento e occupação quasi exclusiva, quando principe, a caça por montes e por valles, por penedos e por bosques, por descampados e precipicios. Nada modificou neste ponto quando rei. Entregava-se ao mesmo exercicio sempre que sahia de seus paços, onde vivia na solidão e nas

trevas, separado de cortezãos e afastado de companhia de amigos.

Encontral-o nos seus sombrios aposentos, ou quando partia ou voltava de suas correias de caçador, seguido pelos criados com falcões e nebris, e acompanhado pelas matilhas de cães. seus predilectos : dir-se-hia que era um animal bravio e raivoso.

Foi seu primeiro cuidado de rei haver ás mãos os assassinos de Ignez de Castro, refugiados em Castella. Dominava alli outro Pedro, ainda peor que elle ; tyranno sanguinario, assassino e capaz de todas as perversidades : chamava-se o cruel, e acabou ao punhal do irmão bastardo, Henrique de Transtamara. Os dous Pedros entenderam-se perfeitamente. Os inimigos do Portuguez asylados em Hespanha foram presos e mandados entregar a Pedro de Portugal ; e a Pedro de Castella alguns Castelhanos, que se consideravam salvos em Portugal. Podia cada um delles, assim protegendo se e satisfazendo-se mutuamente, exercer á vontade suas vinganças. Pacheco conseguira, todavia, evadir-se para o Aragão, presentindo logo não estar seguro em Castella, e escapou assim e unico á sorte desventurada de seus dous companheiros, Gonçalves e Coelho.

Que prazer satanico o de D. Pedro ao vêr diante de si manietados e carregados de ferros dous dos implicados no assassinato da infeliz amante ? Brutalmente os castigou com um azourraque e com suas proprias mãos ;

retalhou-lhes o rosto com golpes certos ; cuspiu-lhes desapiadadamente nas faces ensanguentadas : dirigio-lhes palavras desonestas e injurias atrozes, e depois mandou-lhes arrancar, ainda vivos, os corações. que exclamava gaguejando e espumando de colera, pretender tragar com vinagre e cebola. Mortos que foram ordenou que os corpos se atirassem em campo aberto para pasto de abutres, visto que não eram merecedores de sepultura aberta na *terra*.

Vingança propria dessa época ignorante e barbara, denominada idade média, que os poetas folgam pintar com feitos de cavalheirismo heroico, scenas deslumbrantes de torneios, justas do valor e dos brios ; ingenuidades misturadas com crimes, instinctos da ferocidade e attentados hediondos !

Assomou desde então ao animo de D. Pedro uma só paixão, mania, allucinação, loucura : ser juiz inexoravel, como rei e senhor dos povos avocar a seu conhecimento a decisão final de todos os processos, por si vêr os réos, castigar-os, sendo possível, elle proprio, insinuar rigores aos seus magistrados, e pelo terror obrigar os subditos a procederem com respeito, resignação e obediencia absoluta aos edictos determinados pelo soberano.

Publicou novas leis, minuciando crimes e augmentando penalidades. O de infidelidade conjugal subio a proporções de lesa-magestade : o de relação illegitima sujeitou-se igualmente á pena de morte. A simonia do clero, as devassidões e violencias da no-

breza, não mereceram menor castigo. Nivellou todas as classes da sociedade, abolindo privilégios de tribunaes para profissões distinctas. Nobreza ou clero, peão ou categoria média, dependeram de sua sentença, subindo á sua deliberação todos os processos-crimes que se instauravam. Não se explica seu odio contra a nobreza e o clero, porque áquella pertenciam os assassinos de Ignez, e a este por não ter encontrado quando principe nenhum sacerdote que se prestasse a celebrar-lhe o casamento secreto com a desditosa amante, como por vezes pretendêra, e que a vigilancia do pai não consentio jámais cumprir-se ?

Desde que foi rei entrajou se D. Pedro de roupas grosseiras, pendurou aos hombros o sceptro e á cintura um azorrague com fios de aço e couro : aquelle, na sua opinião significava o poder ; este, a justiça.

Logo que ao iniciar seu governo soube que fôra condemnado a um anno de suspensão de ordens um sacerdote, que matára a um lavrador, insinuou ao parente, que se lhe queixara que tirasse a vida ao clerigo assassino. Condemnado foi á morte pelos juizes o matador do clerigo ; era carpinteiro de profissão ; commutou-lhe D. Pedro a sentença em suspensão tambem do officio por um anno. Não fôra essa a pena do clerigo ? Casou-o depois com a viuva do lavrador, e dotou-os com rendas sufficientes. Não lhe agradando, em consequencia deste facto, que fôra da sua alçada criminal se conservassem privile-

giadamente os padres e frades, avocou a si tambem o julgamento dos assumptos ecclesiasticos, como o fizera relativamente aos civis e aos dos fidalgos.

Applicou a muitos padres a pena de morte, e quando se lhe lembrava o juizo pontificio como unico competente, respondia que eram remettidos para diante de Deus, que afinal os julgaria. Mandou cortar a cabeça a um escudeiro de familia nobre, sobrinho do alcaide-mór de Lisboa, por ter depennado as barbas de um porteiro, e a varios fidalgos, por haverem roubado a um judêo. Grandes e pequenos, ninguem se salvava de sua justiça arbitraria, instinctiva, muitas vezes errada e caprichosa, mais por ignorancia sem duvida que por vontade, porque desejava de veras acertar. Contam-se bastantes decisões que lhe honram a memoria, bem assim muitas que provam apenas barbaria e ferocidade.

Resolveu tambem que os clérigos se curvassem como os leigos ao serviço militar, abolidas suas isenções anteriores ; que os nobres não pudessem apropriar se dos bens dos populares ; que nem um rescripto, bulla ou lettras do Papa Romano se publicassem e executasse no reino antes de obterem o *placet régio*.

Alegrava-se quando ou em viagem, ou em seus paços apresentava se-lhe qualquer accusado : estivesse á mesa ou em orações religiosas, suspendia tudo, levantava-se para julgar os delinquentes.

Ouvida a accusação, e interrogados os

réos por elle proprio, ditava a sentença para ser executada ; antes porém que se cumprisse, desatava da cinta o azorrague, e mortificava contente as victimas, depois de lhes tirar as vestes afim de effectivamente empregar no corpo e nas carnes vivas os fios cortadores do chicote. Ao passo que as castigava, apostrophava e injuriava-os desapiadadamente. A gagueira, que lhe vinha então, juntava-se a olhares terriveis ao rosto rubro de colera, á bocca mergulhada em espumas, e produzia um espectaculo de horror.

Ao chegar-lhe aos ouvidos que o Bispo do Porto reagira contra um de seus editos, e ordenara sua não execução, partio incontinentemente para a cidade do Douro; penetrou com seus guardas no palacio episcopal, mandou despir o Bispo, e elle proprio o surrou com o seu azorrague, e deixou-o ensanguentado e prostrado em terra. Abandonou-o n'essa triste situação, prevenindo-o de que, a perseverar em seus designios, seria o rei obrigado a cortar-lhe a cabeça.

Voltou para Lisboa satisfeito de haver provado que castigava tantos aos grandes e poderosos como a pequenos e humildes. Constituiu-se assim pessoalmente juiz e algoz, e coadjuvava até ao carrasco na execução das penas.

Vertigem, allucinação, loucura, era certamente effeito de exagerada idéa que o dominou de justiça com inhexoravel zelo.

E essas mesmas extravagancias, exdruxilidades e tenebrosos instinctos, affeiçoavam-

lhe a admiração, as sympathias, a dedicação do seu povo. Sua morte, que teve logar em 1366, prantearam as multidões da plebe unisonas, lastimosas, banhadas em lagrimas sinceras, e exclamando:—« Outro rei como este tão bom não ha de ter Portugal.»

E' que D Pedro por muitos feitos extraordinarios encantava e seduzia seus subditos. Castigava nobres e clero, que andavam até alli ás soltas e impunes; guardava nas arcas o dinheiro, em vez de despendel-o, com a sua pessoa e côrte, e na occasião de fomes e pestes gastava-o em soccorrer a miseria do povo.

Sempre que de fóra da cidade voltava para Lisboa, recebiam-no os vassallos em multidão, tocando bozinas e charamelas. cantando modinhas encomiasticas, bailando com frenesins de alegria.

Misturava-se com elles o rei, cantava, dançava e divertia-se tambem na folia.

Verdadeiro democrata, satisfazia assim o gosto da plebe, e deixava de parte toda a etiqueta cortezã.

Se dava El-Rei festas, não se cumpriam ellas nos seus paços, mas em publico, nas ruas e praças da cidade, para gozo de todos.

Levantavam-se então tendas repletas de montanhas de pão e de grandes tinas cheias de vinho; assavam-se em fogueiras e em espectos colossaes, bois e carneiros inteiros.

Dava-se de comer e de beber á Lisboa inteira e gratuitamente. e a plebe exaltava,

inebriava-se nesses ágapes e munificencia do seu rei predilecto.

Quantas vezes, de noite, todavia, assaltado D. Pedro de insomnias, que as tinha frequentes, chamava os criados e archeiros, mandava accender numerosissimos archotes, ordenava que os musicos e cantores de sua casa se aprestassem, e sahia para a rua com esse cortejo, a deshoras, estando tudo ainda submergido no silencio das trevas !

Os rumores causados pelas vozes, pelo som das trombetas e charamelas, pelo bater dos pés dos dansarinos, accordavam os habitantes que corriam ás janellas, sahiam das casas, juntavam-se á procissão, e, de repente, rei, povo, mulheres, homens, rusticos, nobres, tudo rodopiava em dansas extravagantes e em canticos clamorosos, percorrendo as praças até amanhecer o dia !

Desentranhai a legenda da historia. Como esta mostra-se assim secca, grave, severa, entretantô que é aquella revestida de formosos enfeites, commovente nos episodios, inebriante de sonhos agradaveis e dourados ! A imagem de Ignez de Castro paira como a figura de um anjo, adejando-lhe em torno, e perfumando o de enfeitiçados amores. Bella, virtuosa, meiga, encantadora, nota-se Ignez, e, como não realçar o principe á amante querido, á elegante joven, á paladino estremecido, á namorado seductor !

Que importa que Pedro se não houvesse casado com Ignez ! O poeta enthiasmado proclama-a rainha e corôa a no throno depois

de morta, exprimindo hymno mavioso e estremeceador, que penetra o intimo dos corações, e grava em todos elles uma reminiscencia immorredora, e um culto de amor. Pedro e Ignez substituem por este feitio uma crença falsa á verdade historica, que desaparece diante de douradas phantasias.

Quanto és arrebatadora, ó Musa da poesia!
Quanto, porém, com teus vôos e raptos enfeitiçados, illudes e enganas !

Joanna d'Aro

A verdade historica apparece neste episodio dos annaes de França como si fôra legenda, e a legenda e a historia confundem-se de modo senão a impossibilitar, pelo menos a tornar difficilimo, o limite que as separa. D'ahi resulta que para muitos é Joanna d'Arc uma véra heroína, quando na opinião de outros é considerada uma louca, uma allucinada.

Como quer que seja, Joanna d'Arc commetteu façanhas admiraveis, procedeu de modo exemplar, conservou-se constantemente pura e nobre, levantou o espirito patriotico em França, e constitue, portanto, uma das figuras mais encantadoras e sublimes, de que ha noticia no mundo.

Nasceu em Domremy, aldêa collocada em Champanha, nas raias de Burgonha e da Lorena, e ao correr do anno de 1410. Terceira filha de um lavrador, aprendera não a lêr e nem a escrever, mas a trabalhar desde a mais tenra idade, applicando-se á costura, á fição e a misteres do serviço domestico. Curiosa de saber, não faltava ás missas, aos sermões da egreja : deleitava-se com a narração de milagres de santos ; fazia-se recitar lendas religiosas, e embebia-se nas narrativas da biblia, sempre que encontrava quem a lêsse e explicasse.

Miserabilissima era então a situação da França.

Reinava Carlos VI, que ensurdecera, e convertera-se em instrumentos dos caprichos da mulher, Izabel da Baviera. Mas seu governo, bem que elle se appellidasse rei, não se estendia á grande porção de territorio e de vassallos. Possuia o rei da Inglaterra, Henrique V, a Normandia, parte da Guyana e o Norte da França. O duque de Burgonha era soberano da Burgonha, e seguindo para o Norte, dominava as Flandres e os Paizes Baixos. Proclamavam-se tambem independente o duque de Bretanha; e varios barões, de Berry, Bourbon, Nemours e Armagnaes, que de seus castellos e cidades expediam ordens para numerosos vassallos que lhes formavam e opulentavam os solares.

Inimiga era a rainha franceza do proprio filho o Delfim, que foi depois Carlos VII. Expellido de Pariz recolhera-se o principe a Bourges, e ahi juntava partidarios, e occupava-se em continuas escaramuças contra os inglezes, que se derramavam por toda a parte.

A rainha anciosa de prejudicar ao Delfim assignou em nome do marido, em Troyes, um tratado, pelo qual dava em casamento a Henrique V da Inglaterra sua filha Catharina, e transmittia-lhe a herança dos estados francezes, de que Carlos VI estava de posse para quando este fallecesse, tirando assim ao Delfim o direito que lhe competia como varão e filho mais velho. Intitulava-se, já,

rei de França, ainda em vida do sogro, o rei de Inglaterra, e appellidava ao cunhado vallete de Bourges.

A Inglaterra andava ligada á Burgonha, e ambas formavam quasi a maioria da França. Por vezes escorregava para o lado de Delfim o duque de Bretanha; não se decidia, no emtanto, de uma vez, porque antes de tudo pensava nas suas vantagens: os demais fidalgos independentes aproveitavam-se também das guerras inglezas em França, no intuito de se locupletarem e engrandecerem. Não menos de cem annos duraram as grandes e encarniçadas lutas entre inglezes e francezes, aquelles como representantes dos antigos Normandos, estes pretendendo dominio inteiro no sólo.

Emquanto assim digladiavam-se com furor e ardentia, succedeu a morte de Henrique V em Vicennes, e logo após a de Carlos VI em Pariz. Immediatamente os inglezes e normandos tomaram conta de Pariz, e acclamaram rei de França a Henrique VI de Inglaterra e Normandia.

Raiava o seculo XV e terminava-se a idade média; iniciava-se a que se costuma denominar da renascença; resentia-se, todavia, ainda das barbaridades e torpezas do passado, e continuava fanatisada e supersticiosa. Acreditava-se geralmente em milagres, em predicções, em feitiçarias. Espalhou-se em França uma prophesia do magico Merlin que lamentando que o reino se perdesse por uma mulher, vaticinava que o

salvaria outra mulher. Era aquella a famosa Izabel de Baviera, consorte de Carlos VI, que transferira a corôa de França ao rei de Inglaterra.

Quem seria esta e quando ella appareceria ?

Não perdurou, por tanto tempo, em Portugal, a idéa de que D. Sebastião havia de voltar, bem que morto nos arraiaes da Africa ?

A educação de Joanna d'Arc, suas entusiasticas crenças religiosas, um espirito patriótico exaltado, e desde criança adquirido, ao ouvir fallar dos inimigos inglezes, normandos e burginhões, ao soffrer invasões delles no centro mesmo de sua solidão, tendo sido sua familia obrigada em certa occasião a fugir de Donrenmy, diante de soldados desenfreados e perseguidores, que em bandos numerosos se derramavam para depredarem e roubarem ; todas estas circumstancias concorriam para excitar-lhe o espirito, causar-lhe allucinações, trazer-lhe visões nocturnas, sonhos terriveis, e preparar a, emfim, para empreendimentos surprehendedentes.

Desde a idade de treze annos não pensava senão nas desgraças da França, na necessidade de combater os inimigos, de salvar o rei natural, de firmar a paz e tranquillidade publica.

Em um sonho apparecera-lhe Santa Catharina aconselhando-a a proceder com toda a honestidade, guardar e zelar sua honra e

virgindade, e poder assim cumprir uma missão patriótica que elle reservava o reino do céo.

Em outro sonho um anjo armado, que ella tomára por S. Miguel, incitava-a a soccorrer o Delfim da França, e insinuava-lhe que o procurasse e servisse na guerra.

Em varias occasiões figuras do Paraizo fallavam-lhe em nome de Deus, lembrando-lhe o exemplo de Judith, que arrancára Jerusalem ao terrivel adversario que pretendia destruil-a.

Até os dezoito annos de idade não se preocupava sua mente com outros pensamentos, e em suas vigílias cogitava só nos meios de obedecer ás vozes celestes, que lhe apontavam sua vocação. Illuminações visionarias, arroubos fanaticos não se assenhorearam tambem do espirito de Thereza de Jesus, e de Francisco de Assis, que se devotaram á propaganda da religião e foram canonizados pela egreja ? Identicos phenomenos enlevaram o animo e vontade de Joanna d'Arc para defenza e salvação da patria, inebriada com as visões e arrastada ao cumprimento da missão que lhe era intimada, e lhe estava reservada pelo céo.

Decidio-se a deixar o pai, a mãe, a familia, as amigas e companheiras da aldêa, a casa em que nascera, os campos em que passeava, as arvores a que se abrigava, os passarinhos com quem convivia, folgando e dando-lhes nutrição, o ribeiro em cujas aguas se mergulhava com delicia, a egreja em que

fazia suas orações, o sino que resoando pelo espaço, e echoando plangentemente pelas campinas, tanto a enternecia.

Declarou aos pais sua vocação ; resistio-lhes aos rogos e aos conselhos ; recusou um vantajoso casamento que lhe propuzeram, e conseguiu por fim que um tio procurasse o commandante da fortaleza proxima de Van-couleurs, expuzesse-lhe suas intenções, ordenadas por Deus, e pedisse-lhe que a apresentasse a Carlos VII como mensageira do céu, e predestinada a salvá-lo. Teria então de idade dezoito annos.

Zombou o commandante de pretensões que lhe pareceram tresloucadas, e despedio brutalmente o mensageiro. Não recuou Joanna de seus designios ; não eram seus — não ; ella preferiria vegetar no seio da familia, no ninho paterno, pastorear rebanhos e fiar a lã. Deus, porém, a dirigia para outros fins, e ella pertencia antes ao céu que á terra. — Irei, irei, — exclamava. — Deus me ordena.

Não ha na historia da humanidade tantos exemplos d'essas allucinações de espirito, d'essas vocações divinas, d'esses fanatismos que abafam a razão e os sentimentos ?

Ignacio de Loyola não se entregara á realisação de sonhos, a sacrificios estupendos, no intuito de desempenhar uma missão que pensava tambem e que lhe era imposta pelo céu, a de formar um exercito religioso para combater os inimigos da Egreja e salvar o Papado ?

Abandonou Joanna seus pais, familia, casa, arraial e companheiras de infancia.

Cinco annos de exaltações, allucinações, sonhos, predicções de santos, haviam-lhe amadurecido os projectos, aclarado a vocação, e sobrepujado a razão e a vontade! Partio da aldêa acompanhada por seu tio; chegou á Vancouleurs : aboletou-se em casa de um carpinteiro. Apresentou-se ao commandante da fortaleza, declarou-lhe que Deus a mandava para fallar ao rei, servil-o, e animal-o na guerra, porque á elle pertencia o throno da França e não a Henrique VI da Inglaterra. Seria alguma feiticeira — pensou o capitão assustado? Chamou o cura, que estendeu diante de si a estola, e conjurou Joanna que se retirasse, caso a animava espirito perverso. Ella ajoelhou-se, beijou a estola, revelou profunda crença nos mysterios da egreja e affirmou terminantemente que era indispensavel que fallasse ao rei antes da quaresma, para que elle irremessivelmente se perdesse.

Commoveram-se quantos presenciaram a scena, e ouviram-lhe as vozes, que pareciam inspiradas. Pelas massas populares espalhou-se logo a sympathia e admiração para a donzella. Lembraram-se muitos da profecia de Merlin : um ou outro sacerdote não esqueceu de recontar a historia de Judith. Facilimas são de impressionar-se as multidões rusticas. Governa-as a imaginação, não a razão. Remetteu-a o commandante ao duque de Lorena, que a mandou recolher a uma casa, e escreveu ao rei. Não tardou Carlos VII em responder-lhe que lhe enviasse a donzella. Não

acreditava na missão de que ella se dizia incumbida, mas inspirava-o a curiosidade. Abrio-se subscrição por entre as massas populares ; compraram-lhe um cavallo, em que ella montasse, e vestes de homem, com que se cobrisse.

Formosa donzella, como a pintam as chronicas da época, de porte elegante, de gestos nobres, de voz sonora e forte, acostumou-se logo a montar a cavallo, a dirigir-o destramente e a sustentar-se na sella com galhardia e firmeza, como se fôra adextrado cavalleiro.

Acompanhada por gente escolhida, e que haviam jurado defendel-a e respeit-a, partio Joanna de Vaucouleurs. Atravesaram-se terras occupadas por burguinhões e inglezes, que por toda a parte as infestavam ; fugio-se dos caminhos frequentados, preferindo por segurança romper florestas, e pernoitar em casebres isolados, ou localidades desprezadas.

Por vezes pensaram os conductores que ella era feiticeira ; ao notar-lhe, porém, a voz autorisada, o gesto elevado, a vontade firmemente accentuada, estremeciam e curvavam-se : todos os dias rezava, confessava-se com um sacerdote da comitiva, e comungava devota e modestamente. Ao terminar-se a viagem, ao chegar a Chinon, onde permanecia Carlos VII, estavam todos convencidos de que ella era uma emissaria de Deus. Tres dias de oração gastou Joanna na Igreja antes que se apresentasse ao rei, e durante os momentos de descanso ouviu noticias da

guerra, das posições dos belligerantes, do cerco que estendia em torno de Orleans o famoso general Talbot, e do perigo que corria esta cidade de cair em poder dos inimigos, quando não fosse urgentemente soccorrida.

Recebeu-a por fim o rei. Ajoelhou-se perante elle Joanna, disse-lhe que Deus a enviára para soccorrel-o contra seus inimigos, coroal-o e sagral-o rei em Reims, e salvar a França; que elle não seria reconhecido rei verdadeiro e geralmente acceito emquanto se não sagraasse, e o fizesse antes que o inglez o praticasse em seu prol; acrescentou que quanto antes convinha descercar Orleans e expellir os inglezes da Touraine, abrindo caminho livre entre seus estados, e que ella estava prompta para guiar os francezes em nome da França e de Deus.

Espantou-se Carlos VII ao presenciar a attitude e decisão da donzella. Mais impressionou se quando ella lhe disse com força: «Declaro-te em nome de Deus que és o verdadeiro herdeiro de França e filho de rei francez».

Não propalavam os inglezes o contrario para lhe tirarem o prestigio da crença dos povos? Não se serviam para seus fins dos procedimentos deshonestos de sua mãe, Isabel de Baviera, no intuito de espalharem que não era filho de Carlos VI?... Não fallava a donzella em nome de Deus? Não era só Carlos VII appellidado até alli de delfim pela quasi totalidade do povo?

Desde logo conjecturou o rei que podia ser verdadeira a vocação de Joanna, e ceaste a missão que se propuzera. Não ousou, todavia, por si resolver. Partio com a donzella e sua côrte para Poitiers; convocou ali bispos, sabios, prelados, juriscultos conhecidos, e incumbio-lhes que ouvissem a Joanna d'Arc, com ella discutissem, e depois o aconselhassem. Seria o demonio que fallava pela bocca de uma mulher, ou de Deus recebêra ella a missão gloriosa que apregoava? Recorria-se naquellas éras, nos casos de duvida, aos padres doutos da egreja, que se consideravam conhecedores de toda a sciencia, e representantes da religião. Na religião concentravam-se as crenças, os sustos, a consciencia, a vida.

— Não conheço nem o A e nem o B—lizia-lhes Joanna—Mas recebi de Deus, do verdadeiro Deus dos christãos, a incumbencia de levantar o assedio de Orleans e de coroar e sagrar Carlos VII em Reims.

As suas respostas decisivas e firmes espantaram os juizes. Seu espirito lucido e religioso impressionava os. Cumpria, como catholica, seus deveres com zelo inexcedível. Missas, confissões, communhões, jejuns, a nada faltava. A plebe que tão facilmente acredita em boatos, sejam para anemathisar os propagandistas, sejam para santifical-os e endoal-os, extasiava-se diante da donzella, acompanhava-na, pedia-lhe a benção, saudava-na como uma santa descida do paraíso para salvação do mundo. Contavam-se por toda a

parte e com exageração seus feitos, repetiam-se suas palavras, inventavam-se e propagavam-se milagres por ella praticados. Salvára-se em uma casa um doente grave? Era Joanna que o quizera. Escapara de um perigo eminente um morador da cidade? Apegara-se com Joanna. Produziam as vaccas, fructificavam as arvores, raiava o sol sem queimar as sementeiras? Devia-se á donzella. Nada ella dizia, nada commettia para impôr essas idéas; protestava, pelo contrario, contra a credulidade publica: sustentava, apenas, que recebera missão de Deus para combater os inimigos da França, e salvar o territorio invadido e dominado pelos inglezes e assollado pelos Burguinhões.

Geral opinião de estima ganhava, e convenceram-se por fim todos que Deus patenteava um milagre em favor dos povos, inspirando a piedosa donzella!

Decidio se o rei. Mandou preparar reforços para descercar Orleans, sitiada pelos inglezes. Mimoseou a Joanna com um bello cavallo branco, ornado de arnezes escolhidos; deu-lhe egualmente uma armadura completa de guerreiro, escudo, elmos, capacete de aço; um estandarte com as armas de França e a imagem da Virgem Santissima, e uma espada antiga, que se guardava no altar de Santa Catharina, onde ella de joelhos costumava dirigir suas preces ao Todo Omnipotente, e que ella pedira de preferencia a novas e mais bem afiadas espadas.

Partio finalmente Joanna d'Arc para

Orleans, seguida de um estado-maior primoroso que lhe foi concedido como guarda, e de tropas ao mando de varios fidalgos do tempo. Estava a cidade rodeada de bastilhas levantadas e guarnecidas com forças inglezas numerosas, e difficilmente se conseguiriam com munições através dos inimigos occupados no assédio.

A' voz da donzella ousaram os francezes descer o rio por entre as bastilhas, e penetrar em Orleans, promptos para o combate, sem que fossem todavia incommodados pelos inimigos. Enthusiasmo immenso da população acolheu-os: foi particularmente a donzella alvo das ovações dos habitantes. Ao aspecto magestoso, que se diria de um varão esforçado, á nobreza, á fidalguia do seu porte, ás suas palavras animadoras, persuadiram-se devéras que era um anjo enviado pelo céu, puro e nobre como o espirito de Christo.

Não era Joanna admirada, respeitada, estimada sómente; era já venerada como santa, acreditada como instrumento de que Deus se servia em pró de uma nação decahida e desgraçada!

Como não devia subir a magestade de culto esse sentimento popular, quando presenciaram a primeira sortida de tropas desfaldando bandeiras, e no meio a donzella animando a todos! Quando ao primeiro tiroteio que travaram com os inglezes triumpharam os francezes, tomaram-lhes e destruíram-lhes duas das bastilhas que ameaçavam a cidade! Quando emfim souberam

que á frente combatera sempre a donzella, com o estandarte levantado em um braço, com a espada empunhada no outro, despedindo golpes certos e valentes, e com a voz encorajando e excitando os guerreiros? Que delirio e enthusiasmo ao recolher-se Joanna aos muros da cidade, trazendo o signo de Orleans, o baptismo de sangue em uma ferida que no pescoço recebera de uma setta adversaria!

Não nos alongaremos descrevendo os combates que se seguiram e com os quaes os francezes, guiados pela donzella, obrigaram por fim os inglezes e seu chefe, aliás valeroso e destemido, o famoso Talbot, a levantar o sitio de Orleans, e na sua retirada para Ruão, e a soffrer, em Pathay, vergonhosa derrota. Não ha chronista ou historiador que não rememore os feitos heroicos da donzella, desle os annaes monasticos e as memorias de Richmond e de Holinslied; desde Martelet, Comines, Monroy e Augustil até o poetico Michelet, o escrupuloso Barante, e o preseruatador Berriat de Saint Prix, uns mais crentes, outros mais scepticos, temendo tropeçar em legendas e ficções, sem que nem um ouse fazer pairar a menor sombra de suspeita no tocante á honestidade e pureza de Joanna.

Resultava das façanhas por ella praticadas que a consideravam os francezes uma creatura divina, emquanto que os inglezes apavoravam-se de tal modo diante d'ella, que bastava avistarem de longe o estandarte particular de que usava, para fugirem a toda á brida.

Não era só a valentia do seu braço, o animo que infiltrava nos peitos dos guerreiros francezes, que amedrontava os soldados de Talbot. Para elles surgiu uma feiticeira, um ente inspirado por espirito infernal, um demónio finalmente, ao qual se não podia resistir.

Não devem admirar-nos estas crenças e superstições, que por toda a parte da Europa então se derramavam, e nas quaes o povo acreditava: nem pôde surpreliender-nos o facto de provar-se soldado intrepido uma donzella de dezoito annos.

A historia demonstra a valentia physica das mulheres; commemora muitas façanhas por ellas praticadas, eguaes, senão superiores, ás dos homens. Não salvára depois a burgueza Joanna Hachote a cidade de Beauvais cercada pelos exercitos de Carlos temerario de Borgonha? Tornay não fôra valorosamente defendida pela dama Lalain contra o príncipe de Parma? Não deveu Amiens libertar-se do assedio rigoroso á trinta denodadas damas, que portaram-se como velhos guerrilheiros? Na historia de Portugal e Brazil não fallam tambem os chronistas nos feitos d'armas de algumas mulheres? Não consagram o nome de Maria Ursula Lancaster na tomada de Arébona, e em outros combates nas Indias, vestida de homem, tendo assentado praça como soldado raso, com o nome de Balthazar Cordeiro? Não affirma Santa Maria no «Anno historico» que ella nascera no Rio de Janeiro e

recebera uma tença do thesouro pelos seus actos de valentia? Como a religião, conta a patria heroicas verdadeiras: anima as, enthusiasma-as um sentimento fanatico, digno de todos os encomios; quando encaminhado á missão nobre e elevada, as religiosas alcançam canonisação, culto, altar; ás patriotas cabem a admiração e as lagrimas dos povos. Bem que destinados os dous sexos a diversos misteres, não aponta a historia tambem mulheres eminentes pelo genio, pelas qualidades moraes e intellectuaes, e pelas resoluções intrepidas e primorosos conselhos?

Partio Joanna, libertada apenas a praça e obtida a victoria gloriosa de Pathay, de Orleans para Gien, onde estava Carlos VII. Acolhida com todo o favor e veneração, aconselhou-o a fazer-se sagrar e coroar quanto antes em Reims. A' frente de numerosas tropas, á olhos vistos engrossadas por paisanos em quantidade, que voluntariamente concorriam agora para servir ás ordens da donzella santa, seguiu Carlos VII, tendo a seu lado a adoravel virgem.

Ao chegar a Troyes, prevaleceu a opinião de Joanna contra as dos principaes capitães que temiam assaltos á cidade, e preferiam deixal-a de lado, penetrando quanto antes em Reims. Troyes rendeu-se immediatamente ao rei, apenas iniciaram-se as primeiras operações de guerra. Em Reims foi emfim coroado e sagrado Rei de França Carlos VII, occupando a donzella durante toda a cerimonia, verificada na soberba cathedral, um

logar eminente entre os chefes militares que cercavam o monarcha.

Sagrado e coroado Carlos VII, declarou Joanna que estava terminada sua missão e a outros cabia continual-a ; fallava-lhe a voz interior e divina que lhe cumpria recolher-se á sua aldêa, ao seio de sua familia, aos misteres do seu sexo.

Nem o rei, nem os guerreiros provecos, nem o clero, nem o povo que a adorava, acceitaram-lhe a renuncia dos serviços. Carlos VII pretendia marchar contra Pariz e retomal-a aos inglezes. Não dispensava o braço poderoso e a influencia exercida pela donzella sobre esses camponios, pouco exercidos nas operações de guerra, mas que precipitavam-se temerariamente e como loucos ás vozes de Joanna, formando o neruo de suas tropas.

Cedeu Joanna e partiram todos para novos combates. A donzella foi de opinião em S. Diniz que se não assaltasse Pariz, praça defendida por burguinhões e inglezes, veteranos e adestrados. Não se lhe ouviu o conselho, e na desastrada empreza, ao domar Joanna uma bastilha, foi gravemente ferida na côxa. Recolhida á Compiègne foi esta cidade logo accommettida pelos borguinhões, e apezar das dôres dos ferimentos, não cicatrizados ainda, defendeu-a a donzella com todo o denodo ; mas vencida, aprisionada, por fim, em uma investida que commettera contra os siliantes, foi levada a João de Ligny, um dos chefes borguinhões. Conheceram todos então,

ao vê-la, quem era esse guerreiro que tanto os amedrontava, esse diabo, esse espirito ao qual não podiam resistir: era uma moça de dezoito a dezenove annos!

Não tratou Carlos VII de salvar-a comprando-a a Ligny, que lh'a venderia e entregaria de certo. Por ordem do duque de Borgonha foi ella transferida para o poder dos inglezes. Passou pelas enxovias de Arras, de Crotois e de Beauvais, antes de ser remettida para Ruão, e encerrada na torre do castello. Jubilaram os inglezes com a aquisição. Prisioneira, porein, de guerra, como justical-a? Não se revoltariam contra o acto os espiritos dos proprios subditos?

No intuito de vingar-se dos males que della haviam soffrido, lembraram-se então de confial-a a tribunaes ecclesiasticos. Podia-se considerar soldado e guerreiro uma mulher que se vestia como homem? Não era antes uma feiticeira?

Foi sujeita a um tribunal de inquisição, presidido pelo bispo de Beauvais. Imputaram-se-lhe os crimes de heresia e feitiçaria, e obrigaram-na a retomar os trajos femininos. Publicaram-se posteriormente em França todas as peças do processo, e espanta como Joanna respondia acertada e firmemente ás perguntas capciosas que os juizes lhe dirigiam. Seus sonhos, suas visões, suas allucinações de espirito, bem que invertidas por elles, ella as aclarava logo, fallando sempre a verdade, em virtude das profundas creanças que nutria.

Cerca de um anno durou o processo até que por fim lavrou-se a sentença, condemnando-a a ser queimada viva.

Eram ainda normandos, e pois inglezes, e não ainda francezes, os habitantes de Ruão e de todo o territorio septentrional de França. Não haviam sido os normandos conquistadores de Inglaterra, e Inglaterra e Normandia não formavam a mesma nação?

Não foi, portanto, o clero propriamente francez que sentenciou a Joanna; foi o clero inglez e normando.

Dir-se-hia o odio contra Joanna d'Arc semelhante ao dos judeus contra Jesus Christo! Declararam-na heretica, relapsa, apostata e idolatra, mas não proferiram uma expressão que lhe maculasse a honra. No meio de seus padecimentos, carregada de ferros, constantemente injuriada, desfeiteada, maltratada, era felizmente, muito respeitada em sua pudicicia, que admiravam tanto inglezes como os proprios francezes.

Quem em nossos dias visita a cidade de Ruão, não deixa de examinar a celebre praça onde, a 30 de Maio de 1431, levantaram os inglezes a fogueira destinada a queimar Joanna d'Arc. Amarrada a donzella a um poste elevado, e cercado de enormes achas de lenha, untadas de alcatrão para arderem facilmente, apenas se lhes applicasse o fogo, estenderam-se em roda da praça as linhas de tropas afin de abafar qualquer movimento de compaixão popular.

Ao lado o palacio episcopal repleto de

curiosos, defronte a bella cathedral gothica, e ondas de plebe enchendo os tectos das casas e as ruas que desembocavam na praça, até onde lhe permittiam os soldados de sentinella e guarda.

Joanna pediu um crucifixo, e um official inglez quebrou um pedaço de pão e entregou-lhe. Dobrando-o como si fôra uma cruz e chegando-o religiosamente aos labios, beijou-o, e começou a recitar preces sonoras e religiosas.

O incendio principiou por baixo e á proporção que lavrava, subiam labaredas que foram-lhe a pouco e pouco cobrindo o corpo e escondendo-o de envolta com espessas nuvens de fumo. A' proporção que o estrepito da madeira incendiada, e o som rouco das chammas se tornavam mais sensiveis, diminuia a voz até alli ouvida da donzella: «Jesus! Jesus!» foram as ultimas palavras que se lhe perceberam, e em poucos minutos Joanna, posto, lenha, cada falso, tudo eram cinzas!

Luiz XI de França

Percorrendo os annaes da historia de França nota-se um typo singular e originalissimo: O rei Luiz XI. Nem um antigo ou moderno soberano tem sido alvo de tantas e tão graves imputações, de feitos tão execrandos e de tão enormes crimes. Não ha duvida que se comprova seriamente o estigma que se gravou em sua memoria. E' fóra de duvida, porém, que, para se lhe accrescentar o desconceito, se lhe attribuiram actos que não praticou, intuitos que não teve, ferocidade que não commetteu: paga pelo que fez e pelo que deixou de fazer.

A' astucia, á perflidia, á traição, que eram communs a todos os personagens elevados e poderosos de seu tempo, juntava Luiz XI qualidades eminentes de rei, de estadista, de politico. Lembram-se sempre aquellas nos livros denominados de historia, que confundem a verdade com a legenda, a realidade com a ficção, a exacção com a calunnia. Deixam de memorar estas para mais odiosa transmittirem aos posteros sua reminiscencia.

Exige a imparcialidade de escriptor que se lhe salientem os contrastes do character e a diversidade dos sentimentos; que se o pinte tal qual foi, para se lhe descobrir seu espirito e sua alma, e comprehender-se sua par-

particular natureza ; para isso é mister que se o estude no meio da sociedade em que viveu ; que se descreva a situação da França durante a sua época ; que se revelem também os odios, as lutas, as barbarias, as perfidias e traições dos seus adversarios, com os quaes elle labutou em constante, porfiada e tenaz lide de embustes e armas ; que se examine, emfim, o que era a França, ao tomar Luiz XI, em 1461, conta do solio regio, e ao terminar seus dias de vida, após um reinado de 22 annos, violento e permanentemente agitado, com revoltas, com sedições e com guerras internas e externas, de forasteiros e de vassallos.

Legara lhe seu pai, Carlos VII, o reino em melhores circumstancias do que o tinha encontrado ao morrer Carlos VI. Conseguira expulsar de França os inglezes, reivindicando Pariz, repellindo-os para sua ilha, e arrancando-lhes as possessões da Normadia, Guyana e outras localidades importantes que, por heranças e conquistas, haviam pertencido aos Duques Normandos, ora reis da Inglaterra, e que para Inglaterra haviam transferido a séde principal dos seus domínios.

Libertado, porém, de estrangeiros o sólo francez, continuava, todavia, retalhado em feudos hereditarios, autonomos e independentes, mais ou menos poderosos, entre os quaes notava-se o territorio denominado reino de França : accrescia que os estados mais poderosos pertenciam a parentes do rei,

que se orgulhavam tanto como elle de sua estirpe; e pois consideravam-se independentes.

Contra a vontade de Carlos VII esposára o Delfim, que reinou depois sob o titulo de Luiz XI, a princeza Carlota de Saboya: collocara-se para mais angustial-o á frente dos inimigos dos seus favoritos, e movia a seu governo opposição declarada.

Exasperado o rei contra o principe e já embotado das faculdades intellectuaes, que se lhe iam minguando, tratou de perseguil-o, em vez de modificar-lhe os instinctos e conter-lhe os impetos desordenados. Abandonou, então, o principe a côrte e a familia, e recolheu-se ao territorio do Delfinado, que se lhe tinha distribuido como apanagio, na qualidade de herdeiro do throno, e ahí iniciou uma particular e independente administração, revelando-se favoravel á emancipação das classes populares e servas, e adverso aos fôros e privilegios da nobreza.

Tranquillo, n'esse canto da França não o deixou o rei influenciado por seus favoritos, que o rodeavam e dirigiam lhe a acção. Ordenou ao filho que voltasse para Pariz, e mandou força armada afim de obrigar-o á obediencia, quando se não prestasse expontaneamente a cumprir as ordens que se lhe transmittiam.

Temeu-se o Delfim dos odios paternaes excitados pelos seus conselheiros. Deixou o Delfinado e encaminhou-se para os estados da Borgonha a pedir asylo ao Duque Felipe, o bom, casado com uma princeza portugueza, filha de D. João I.

Era o duque de Borgonha ainda mais poderoso que o proprio rei de França, e bem que, como os demais senhores feudaes, nominalmente reconhecesse a suzerania do intitulado monarcha, não lhe prestava a menor subordinação e nem respeito; governava livre e independentemente seus estados, que não só comprehendiam o ducado, cuja capital era Dijon, mas estendiam-se para o Norte, por entre a Lorena e o chamado reino de França, e incluíam tambem as Flandres, Luxemburgo e Paizes Baixos, dominios seus particulares pela conquista e heranças.

Emquanto o Duque, indisposto já com Carlos VII, acolhia o Delfim com o mais galhardo agasalho, o rei de França declarava confiscado o territorio do Delfinado, tirava-o ao herdeiro da corôa, e incorporava-o inteiramente nas suas posses.

Desde então até fallecer o rei, não se avistaram mais pai e filho. Seis annos viveu o Delfim na côrte dos Duques de Borgonha, e só d'ahi sahio, em 1461, para empunhar o sceptro da França, que lhe pertencia por morte de Carlos VII.

Já ahi começou a legenda a calunnial-o. Atribuem-lhe uns ter elle causado a morte do pai com os desgostos que lhe dava, e com a opposição que lhe movia; outros sóbem mais alto, asseverando que lhe fizera propinar veneno na comida por meio de secretos e perversos agentes que sustentava na côrte paterna. Nem uma nem outra imputação fundam se na verdade, e nem mesmo na verosimilhança.

Luiz XI permanecia nos estados do Duque de Borgonha, longe do pai, inteiramente afastado dos negocios publicos, desprendido dos laços da familia. Certo é ainda que, Carlos VII, morreu inanido de fome, e impossibilitado de comer. Resultara, porém, sua molestia, não de peçonha que lhe fosse ministrada, mas de um cancro na queixada superior e nas extremidades da garganta, que se não pôde extirpar, e que prohibio a introdução de alimentos com que mantivesse a vida.

Achou-se Luiz XI diante de destemidos e arrojadossenhores feudaes, que lhe negavam os direitos e foros de suzerania. De um lado, o Duque de Borgonha, que dispunha de elementos superiores aos seus: do outro o Duque de Bretanha, quasi igual em possessões e em numero de vassallos ao proprio rei, bem que inferior ao de Borgonha. Além delles os Duques de Proença, de Nemours, de Berry, de Bourbon e muitos outros fidalgos de menor hierarchia, que viviam igualmente independentes em seus solares e estados. Não havia uma França como é a França de hoje, unida e compacta.

O rei de então era um chefe cercado de numerosos e feudaes barões, que se colligavam, que se guerreavam, conforme os inspirava o interesse, ou os arrastavam as paixões e instinctos.

Pensou desde logo Luiz XI em firmar seu poder sobre os dos senhores feudaes; em augmental-o, arrancando-lhes os dominios;

em garantil-o, abolindo-lhes os privilegios, e extinguindo-lhes a autoridade autonoma. Não poderia em sua vida unificar a França em um só reino, já libertado por seu pai de estrangeiros, ainda, porém, dividido em estados particulares, bem que todos francezes? Fixou-se-lhe no espirito esta idéa, este pensamento, esta esperança. Dedicou-se á sua realisação, quaesquer que fossem os meios a empregar, bons ou máos, honestos ou reprovados, insidiosos ou legaes, violentos ou artificiosos, perfidos ou francos, moraes ou barbaros.

Applicar a guerra leal era-lhe impossivel. Um ou outro mostrava-se inimigo temivel; alguns reunidos vencel-o-hiam. A' força convinha substituir a astucia, illudindo a estes para dar cabo daquelles, separando-os em interesses, e excitando-lhes as ambições e brios. Só, todavia, com muito geito e tempo o conseguiria, porque desconfiavam tambem delle, e preparavam-se para resistir a desígnios que elle pretendesse executar contra a liberdade, que usufruiam, e para empregar, por seu lado, todos os meios por mais insidiosos e traiçoeiros que fossem.

« — Quem não sabe dissimular, — disse Luiz XI em um livro de maximas que escreveu para ensino do filho — não sabe reinar. » — Dirigio-se sempre por este axioma. Tratou de angariar o povo miúdo, manifestando familiaridade com os pequenos, particular predilecção pelos camponios, e á todos fallando, em qualquer logar e occasião, sem

a menor cerimonia. Em vez de côrte luzida e festas deslumbrantes, como era costume dos barões feudaes, e particularmente dos Duques de Borgonha, que se vangloriavam com os apparatus e symbolos da riqueza, da opulencia e do luxo, concentrou-se em um viver modesto, em simplicidade de trajes, em modos singelos e populares.

Queixavam-se muito os povos da pragmatica sancção de seu pai, que outorgára aos senhores dos solares a nomeação dos dignatarios e beneficiarios das capellas, egrejas e dioceses.

Foi um dos primeiros actos de Luiz XI revogar o edicto paterno, declarando que á Curia Romana pertencia o direito da sancção dos ecclesiasticos, sob proposta exclusiva da corôa.

Os povos animados então pela religião, e devotos extremados da egreja, mais se lhe affeioaram em sympathias, ao saberem que o Summo Pontifice lhe agradecera encarecidamente esta prova de sua piedade.

Não tardou o rei em contratar com o Duque de Borgonha, que carecia de dinheiro, restituição á França das cidades de Abbeville, Amiens e S. Quintino, que estavam encravadas em seus territorios e pertenciam entretanto á Borgonha. Carecia d'ellas para livremente percorrer seus estados. Cuidou em reduzir a autoridade e attribuições dos senhores de solares, revogando-lhes alguns privilegios anteriormente concedidos, nomeando commissarios que examinassem os

títulos da nobreza e exigissem o pagamento dos direitos de suzerania. Resolveu igualmente que se apresentassem documentos comprobatorios da posse dos bens usufruidos pelos ecclesiasticos e confrarias religiosas. Prohibio lutas armadas entre fidalgos, a caça de aves e animaes durante a estação reservada para a criação e augmento da especie; e pescas nos rios com instrumentos destruidores dos peixes.

Adiantava-se Luiz XI demasiado; cumpria-lhe andar mais de vagar e mais reflectidamente para vencer reluctancias. Os barões mais poderosos esposaram a causa dos menores e mais fracos. Formaram liga para resistir ao rei, e chamaram em seu apoio os Duques de Borgonha e Bretanha. Unio-se-lhes o clero, interessado igualmente nos abusos, que o rei pretendia extinguir. Na propria cathedral de N. S. de Pariz reuniram-se em assembléa os descontentes de ambas as classes, e ahí fundaram uma associação denominada do bem publico, destinada a sustentar seus privilegios.

Fôra de Pariz achava-se Luiz XI, quando lhe chegou aos ouvidos a noticia da trama combinada pelas duas classes poderosas do reino. Tinha provado bravura nas guerras contra os inglezes: desejaria, comtudo, evital-as, preferindo os meios da seducção e concordia. Não havia, no emtanto, recurso senão empregar as armas. Preparou tropas e marchou para Monlhery, onde outras dos nobres se haviam juntado. Travou se um combate,

que ficou indeciso. Recolheu-se Luiz XI a Pariz, sem ter conseguido triumpho. Pensou em Pariz que mais lhe convinha applicar os meios de corrupção, enviando agentes a cada um dos chefes da nobreza, afim de conciliar-os e separar-os uns dos outros companheiros.

Era tarde e nada conseguiu. Augmentou-se o numero dos adversarios com novas acqui-sições de outros até então tranquillos e neutros, e com socorros que lhes remetteu o Duque de Borgonha. Pensou Luiz XI que só lhe restava fazer concessões, quer revogando varios edictos que lhes interessavam, quer accrescentando-lhes mesmo os fóros e privilegios sobre os já outorgados. Dir se hia o marinheiro que atira a carga ao mar para salvar o navio. Sacrificou parte do reino para não perder-se a realleza. Assignou o tratado de Conflans, que inteiramente o desmoralisava.

Queria, porém, escapar aos perigos da occasião. Assignatura de tratados, promessas, juramentos, porfiou desprezar sempre que lhe fosse conveniente. Que importava sua acquiescencia ao tratado de Conflans? Desde logo foi sua idéa fixa rasgal-o, destruil-o. Raiasse a oportunidade e não trepidaria em fazel-o e em vingar-se, guardando em memoria os nomes dos principaes inimigos.

Não esqueceu jámais a liga de Carlos Temerario, filho do Duque de Borgonha, que se apresentou francamente em favor dos insurgidos e á frente de vassallos dedicados.

Reputava-o até ahí seu amigo, com elle convivera seis annos em Dijon, e eram ambos de quasi identica idade. A morte do pai, que por esse tempo se verificára, elevara ao throno o Temerario, e tornava-o agora mais perigoso. Não deixou dahí por diante Luiz XI de damnifical-o, bem que continuasse a simular-lhe a mesma estima e sympathia que quando principes pareciam mutuamente consagrar-se.

Abrio, por meio de emissarios, relações com os habitantes turbulentos da cidade de Liége e de outras povoações flamengas, que sabia indispostas contra o novo duque. Com dinheiro, que lhes forneceu, animou-os em levantamentos. Tumultos sobre tumultos avolumaram-se desde logo nas Flandres, incommodando a Carlos Temerario.

Conhecendo o character vario, violento e ambicioso do duque borgonhez, sua inexperiencia dos negocios e sua fatuidade, mal o vio occupado com os alvoroços de Liége, mandou-lhe dizer que a união de ambos era indispensavel para conter vassallos na subordinação, que lhe era grato confessar que lhe devêra hospitalidade honrosa, e pois entendia que em conferencias amigaveis e a sós podiam concertar providencias necessarias e convenientes. Propunha-lhe com elle encontrar-se e negociar, na localidade que lhe fosse designada, sob promessa firmada e jurada de mutuamente respeitarem a inviolabilidade de suas pessoas.

Acceitou-lhe o duque a proposta, fixou a

reunião de ambos na cidade de Perona, e mandou-lhe um salvo conducto, pelo qual se compromettia a recebê-lo e tratá-lo como rei de França, quaesquer que fossem as occurrencias que sobreviessem.

Não trepidou o rei Luiz XI em procurar o duque no seio de seu estado particular; considerava-se sagaz e astuto e reputava credulo a Carlos Temerario. Partio de Pariz, acompanhado de pequena escolta de vassallos, eutrou em Peronna, e foi acolhido com todas as honras pelo Duque que o esperava em seus paços.

« Meu irmão — Exclamou geitosamente Luiz XI ao abraçá-lo — Bem se vê que sois gentilhomem e da casa de França ».

Foram-lhe, porém, apresentados muitos fidalgos, seus inimigos decididos e irreconciliaveis, e que notou gozarem de grande deferencia e favores na côrte do Duque. Quasi não descobria personagem que lhe parecesse affeioado, ou que lhe merecesse sympathias. Considerou que se lhe armava um laço, uma traição. Arrependeu-se do passo dado, ao assistir a scenas e palavras que lhe pareciam ameaças.

Tratavam, de feito, aquelles fidalgos que cercavam o Duque, de insinuar-lhe no animo a idéa de aproveitar-se da situação do rei, afim de coagil-o a sacrificios vergonhosos, e até de arrancar-lhe a vida, quando resistisse, libertando-se a si e a todos do inimigo mais traiçoeiro e perfido, do qual não havia a esperar senão maldades e crimes.

Despresava-lhes, no entanto, o Duque as inspirações e avisos, e continuava a tratar o rei com todas as demonstrações de amizade e digna hospedagem, iniciando logo com elle conferencias para convenção vantajosa.

Rompe, no entanto, uma noticia terrivel. Os habitantes de Liège tinham assaltado Tongres, assassinado o bispo e conegos, fieis vassallos do Temerario, e o proprio governador nomeado pelo Duque. Haviam-se reconhecido entre os sediciosos agentes e emissarios de Luiz XI, que os incitavam, soccorriam com sommas pecuniarias, e até com o armamento necessario.

Tomou-se Carlos de colera e de indignação. Mandou recolher Luiz XI ao castello, e considerou-o seu prisioneiro.

Sobravam sempre nos maiores perigos a Luiz XI estratagemas e astucias. Posto que assustado, começou a empregal-as com os favoritos de Carlos, e por elles fez chegar ao conhecimento do duque que era alheio inteiramente aos alvoroços de Liège, prestava-lhe juramento de innocencia sobre o santo lenho, que trazia ao pescoço com a imagem immaculada da Virgem, e estava prompto a ceder-lhe a Champanha e outros territorios para livre accesso e facil communicação de Borgonha com as Flandres, em tratos que estipulassem.

Pareceu a Carlos mais proficuo aceitar o que lhe offerencia Luiz XI que martyrisal-o ou assassinal-o. Voltou a discutir com elle, e assignaram um tratado, em que muito ga-

nhava o duque, territorios importantes, e mais a obrigação de juntos irem a Liège e juntos castigarem os rebeldes que Luiz XI excitara e estipendiara, tornando-se assim o rei de França odioso para seus amigos, e vilipendiado de modo que ninguem mais nelle confiasse. Percebeu então Luiz XI que os espertos tambem se illudem, e resignou-se á imposta humilhação. Cooperou para o castigo dos Liégenses. Auxiliou o duque a submettel-os, a incendiar e a destruir a cidade; assistio a levantamento de forças em que se executaram aos milheiros os infelizes habitantes. Firmada a autoridade do duque nos paizes revoltados, e envergonhado o rei que o acompanhára e se constituirá seu cúmplice nas barbaridades praticadas, declarou — o Carlos livre, e pôde Luiz XI regressar para seus estados.

Ardia-lhe, porém, o animo por vingança e vingança de vulto. Metteu Luiz XI hombros á empreza com um afan desesperado. Começou por segurar-se no tocante á Inglaterra, que o poderia incommodar quando desembarcasse tropas no continente. Urdio uma conspiração contra a casa dominante de York, alliada de Borgonha, e conseguiu elevar ao throno a de Lencaster. Fallecendo, na occasião, de molestias adquiridas o duque de Guyenna, bem que falsamente a Luiz XI se impute a morte, aproveitou-se do acontecimento, e tomou conta immediata da Guyenna, com o que se elevou em força e prestigio. Confiscou ao mesmo tempo o du-

cado de Alençon. Obrigou o duque de Bretanha a assignar tratados, que o submettiam á vontade do monarcha de França. Aprisionou o duque de Anjou. Mandou cortar as cabeças a muitos fidalgos que, pela violencia, astucia, promessas fallazes, traições e perfidias, colheu ás mãos, e que eram adversarios temerosos. Entre elles figuravam o conde Saint Pol, o de Armagnac, o duque de Nemours, o de Alençon. Revelou-se inexoravel e cruelissimo nos castigos que lhes foram applicados.

Incitou a Suissa e as cidades allemãs do Rheno para que guerreassem a Carlos Temerario, que commettia em suas terras depredações e insultos continuados, e ás occultas enviou aos cantões helveticos dinheiro e armas para que pudessem entrar em campanha.

Desesperou-se Carlos, e moveu sem perder tempo seus exercitos contra a França. Repellido, porém, foi de Beauvais, que cercára, e cujo assedio levantou uma burgueza da cidade. Joanna Hachette, á frente de batalhões formados exclusivamente de mulheres patriotas; deixou de repente a França, e á frente de boa cavallaria e infantaria apressou-se em vingar-se dos Helvecios, que se lhe tinham declarado inimigos, resolvido a impôr-se depois aos francezes. Em Granson e em Dorat soffreu Carlos derrotas, e recolheu-se ao Norte, no intuito de receber novos reforços de Flandres, Brabante e Paizes Baixos. Foram-no, porém, seguindo os Suis-

sos vangloriosos e ufanos de suas victorias esplendidas, e apanharam-no ás portas de Nancy, que elle pretendia conquistar no intuito de constituil-a centro de futuras operações militares. Surprehendido o Temerario, volveu contra os Suissos suas armas, e morreu no campo da batalha, ao correr do anno de 1477. Assim extinguiu-se o ultimo dos poderosos duques de Borgonha, deixando apenas por herdeira uma filha que se consorciou na casa Austriaca, a qual herdou com esta alliança as Flandres, o condado de Borgonha ou propriamente Franko, separado na administração do ducado propriamente de Borgonha, e mais os Paizes Baixos.

Liberto Luiz XI do seu maior inimigo, não perdeu tempo, atirou-se sobre o ducado de Borgonha, curvou-o a seu jugo, e incorporou-o na França, sem que respeitasse os direitos da princeza herdeira do Temerario, e nem temer a Maximiano, principe austriaco que ella desposára. Não satisfeito ainda apoderou se Luiz XI da Proença, da Picardia e do Artois, que pertenciam a outros fidalgos, sem que nenhum delles ousasse então resistir-lhe.

Formou então um estado e reino poderoso sobre os despojos dos barões feudaes, que o hostilizavam constantemente, e que, quando colligados, continham-lhe as ambições, e cortavam-lhe os vôos.

Fortalecido o seu poder com a destruição de tantos inimigos, quer por meio de intrigas e armas, quer pelos azares da fortuna, que

muito o favorecêra, e que elle sabia aproveitar, pensou Luiz XI em reparar as injurias soffridas, e em reorganisar o seu reino, que já se podia chamar reino de França, com as consideraveis acquisições e acrescentamentos de ducados e baronias feudaes, desapparecidos nas guerras executadas.

E' particularmente nas punições e castigos que Luiz XI applicou a seus inimigos que a legenda se tem desenvolvido livremente, ennegrecendo com côres mais carregadas os quadros de suas execuções judicarias, e attribuindo-lhe muitos attentados que elle não commettêra.

Em vez de dirigir-se o leitor, que pretende estudar a historia de França, por Brantome, Mezerai, Auquetil e outros denominados historiadores, procure de preferencia as chronicas de Comines, a historia de Leopoldo Ranke, os estudos de Guizot, e o romance de Quintino Duruard escripto por Walter Scott — é um romance, que no quadro de invenção que apresenta traça a pintura verdadeira e historica do character de Luiz XI. — N'estes livros achará mais verdade que naquelles primitivos chronistas.

Que de falsidades se tem inventado para nodicar a memoria de Luiz XI! Não bastam tantas atrocidades, que praticou, para ser inscripto na lista dos grandes despotas e tyrannos? Para que accrescentar-lhe mais vicios e crimes que não commetteu!

Esboçam-se, no emtanto, scenas commovedoras. Inventar-se ter elle collocado por

baixo do cadafalso, em que se decepou a cabeça do Duque de Nemours, os jovens filhos para que o sangue do pai lhe cahisse sobre as vestes e as faces. Inventá-se que elle fabricára gaiolas de ferro, nas quaes encerrava os presos, que não podiam nellas caber, nem sentá-los, nem de pé, nem deitados, mas encolhidos do modo mais incommodo e martyrisador. Não está actualmente demonstrado que estas gaiolas eram usadas na Italia e Hespanha antes que Luiz XI as empregasse? Narram-se ainda circumstancias horribéis ao referir-se a execução de varios fidalgos, que elle condemnou como traidores, quando é certo que em outros paizes, particularmente na Hespanha e em Inglaterra, mais feroz e barbaro era o uso de torturas nos réos, já com cordas e ferros que lhes apertavam os membros e desconjuntavam os braços e as pernas; já com denominadas provas de fogo, que queimavam a pouco e pouco até confessarem com a dor os crimes que se lhes desejavam imputar.

Não ha que duvidar. Barbaro e innexoravel revelou-se Luiz XI nos castigos e vinganças contra seus inimigos. Numerosas forças armaram-se: copia espantosa de victimas foram nellas dependuradas nas praças das cidades, nos campos, ás bordas dos caminhos e rios. Em tudo, porém, prevalecia a politica. O rei queria submissão em povos, que entravam em uma só França, como elle a organisava; queria que os habitados á algaras, correrias, roubos, assaltos e crimes,

por conta de seus senhores e por conta propria, preferissem a quietação e se sujeitassem ás leis.

Desde que Luiz XI considerou-se vingado, retirou-se de Pariz, e recolheu-se ao castello de Plessy les Tours, ás ribas do rio Loire, na bella terra de Touraine. Separou-se ahí da mulher e dos filhos, para viver solitario no fundo de seus paços com seus favoritos, e asseclas. Entre estes contam-se o medico Coitier, e o barbeiro Olivier. Fallam alguns chronistas tambem do preboste de Pariz, Tristão l'Hermitte, que dizem Luiz XI tratava de compadre, e que se convertera em um dos algozes mais notaveis do tempo. Michelet contesta, comtudo, este facto allegado pelo fabuloso Brantome, porque Tristão morrera, já muito avelhantado, logo ao iniciar-se o reinado de Luiz XI.

Entre as fabulas que se propalam a seu respeito não se repete tambem que nem ao filho que foi depois rei sob o titulo de Carlos VIII ensinára a ler, quando está provado que o proprio Luiz XI para uso d'elle mandara escrever compendios de doutrinas de moral, de religião e de politica, pelos quaes ordenava aos professores lhe ensinassem? Bem que arredado da familia, não ha o menor indicio de que elle a não protegesse e honrasse, cercando a de todos os confortos da vida.

Ninguem mais devoto e supersticioso do que elle. Corria ás Egrejas, humilhava-se perante os Padres; rogava ao frade Fran-

cisco de Paula, que mandára vir da Calabria que lhe curasse as molestias, com suas orações e valia perante o céo ; acompanhava procissões religiosas ; adorava, prostrado e humilde, o altar e a imagem da Virgem Santissima ; folgava tomar parte nas danças e folia dos componios, brincar com as crianças, resar com elles terços ; convocava-os para os parques do castello sombrio, como os poetas folgavam de pintar o de Plessy les Tours, mysterioso e rodeiado de trevas, e ahi passava horas e horas alegres e risonhas, no meio do povo rude, que o adorava.

Ninguém se podia gabar de merecer-lhe affecto ou confiança. Desconfiava de todos, fazia-os vigiar uns pelos outros, desde o mais qualificado dos seus delegados até o ultimo de seus subordinados.

Não lhe escapava a familia, comquanto residindo em distancia. Sabia assim tudo quanto se passava, e quanto occorria, e a punição não tardava para os que a mereciam.

No meio desses grandes defeitos, porém, notava-se uma primorosa qualidade, que a França deve apreciar, porque refere-se á sua prosperidade.

Luiz XI não meditava senão na unificação e engrandecimento de seu reino, cuidando ou nos seus interesses administrativos, ou no augmento do seu territorio.

Modificou o systema e a instituição dos Estados Provinciaes no intuito de offerecer aos povos facilidades e elementos de progresso. Dous parlamentos existiam em seu

tempo : o de Pariz e o de Tolosa ; eram assim denominados os altos tribunaes judiciarios, que registravam os decretos do Soberano e lhes davam a publicidade do estylo ; Luiz XI augmentou-lhes o numero. Fundou-os em Bordéos, Dijon e outras cidades importantes para melhor distribuir-se e administrar-se a justiça e para mais proveito e commodidade dos subditos. Concedeu franquezas ás cidades para cuidarem de seus melhoramentos, permittindo lhes eleições livres de magistrados administrativos.

Cópia notavel de escolas de ensino primario e secundario espalhou por seus Estados, e fundou algumas universidades de estudos superiores, accrescentadas ás que já funcionavam consideraveis vantagens para o adiantamento das sciencias e das letras.

Reorganizou as finanças, introduzindo a ordem, a contabilidade, a responsabilidade nas repartições derramadas pela França, e obrigando os agentes a attenderem a reclamações e queixas justificadas. Inventou os correios regulares para conduzirem officios do governo e correspondências de particulares.

Converteu a magistratura em vitalicia e inamovivel, creando assim uma ordem de funcionarios independentes, que honram as paginas da historia franceza, e que lembra os nomes de L'Hopital, Daguesseau, Molé, Pasquier e notaveis vultos dignos de celebridade. Estabeleceu regras á administração communal, e animou a industria, mandando buscar á Grecia e a Italia obreiros habilitados, incumbidos

de fabricas de seda e linho. Prestou favores tambem á agricultura, diminuindo os impostos que sobre ella pesavam, e a entorpeciam nos seus progressos.

Não merece um tão activo e previdente rei que se falle de seus patrioticos feitos? Para que só memorar aquelles actos que o abatem e nodam, e, o que é mais, injustamente comparal-o com Tiberio, como alguns escriptores ousam dizel-o?

Estorcia-se com dôres produzidas por uma paralytia no fundo dos aposentos do sombrio Castello, a que se retirára, e onde se isolava quasi da sociedade humana, quando francamente lhe declararam que parecia a morte eminente. Chorou, implorou misericordia, confessou-se, commungou-se, mand u celebrar preces em todas as egrejas. Desenganoado por fim de que não escapava, ordenou então a seu genro, o Conde de Beaujeu, que unico da familia ás vezes o acompanhava, que procurasse em Ambege o filho herdeiro; dissesse-lhe que o confiava, durante a sua menoridade, bem como o governo do reino, ao Conde e á sua mulher, e lhe remettia os sellos régios. Finou-se em 1483 o despota, com a serenidade de um christão convicto e de regular procedimento, e transmittio aos herdeiros da corôa o titulo de christianissimo, que o Papa lhe outorgára, e a França convertida em Estado poderoso, compacto e libertado de feudos independentes e solares privilegiados.

Eis aqui esboçada a figura verdadeira de

Luiz XI, tão atrozmente caricaturado pela legenda, que a outros vultos, menos que elle merecedores de sympathia, presta, aliás, colorido agradavel e enfeites, que tambem os transformam, bem que os aformoseem apparentemente.

Foi celebre tanto por seus vicios como por suas boas qualidades; uns e outros pesados na balança mostram um grande rei bem que um homem perverso.

Henrique IV de Castella

Falla-se muito, e muito se tem escripto á respeito da instituição de côrtes em Hespanha. Presume-se geralmente que emquanto ellas funcionaram praticava-se como que um governo representativo ; eram as liberdades publicas respeitadas e garantidas ; refrejavam-se as ambições dos reis ; limitavam-se suas attribuições ; continham-se os fidalgos leigos e ecclesiasticos, que possuíam grandes e valiosissimas cidades, villas e territorios ; governava emfim mais ou menos a vontade nacional. Escriptores ha tão credulos que até se convenceram de legendas fabricadas no intuito de se nobilitarem as côrtes, e attribuir-se-lhes uma importancia, que jámais alcançaram.

Cumpre desfazer idéas falsas propaladas, restituir a verdade á historia, que deve ser lição, e, pois, moralisar como sacerdocio. Para esse fim escolhemos uma notavel época, e um episodio interessante de Castella.

Havia côrtes em Aragão e em Castella, reinos diversos e independentes, que até fallavam lingua differente, e que só no seculo XVI se fundiram em uma unica nacionalidade. Dellas tambem destacavam-se as funções em varios e importantes assumptos.

Mais antigas as do Aragão distinguiram-se com uma magistratura appellada justiça-mór, que vigiava, na ausencia das côrtes, o cumprimento das leis, e oppunha resistencia aos caprichos dos soberanos. Em Castella e Leão a falta deste empregado diminuia o valor das côrtes, e prestava ao rei oppportunidades para desmandos e arbitrios. Por esta razão convocavam-se ellas sómente para o voto de subsidios, que o governo desejava, e para dirigir-lhe as queixas e pedidos dos povos, que era livre ao soberano deferir ou desprezar. Não havia época fixada para reunião de côrtes, que só erão chamadas quando dellas o rei carecia. Accresce ainda que a nobreza e o clero em Castella dispunham de copiosas forças, moraes e physicas, emquanto que no Aragão o povo mais predominava, e pois, mais livre era a nação.

Compunham-se as côrtes de Castella, ao principio de dous braços ou camaras, a nobreza e o clero; annexou-se-lhes por ultimo um terceiro, o dos procuradores das villas e cidades, que por concessão régia investiram-se deste privilegio, mas que ahi jámais pesaram na balança politica; funcionava separadamente cada um dos tres braços das Côrtes.

Ad instar das côrtes de Castella e Leão installaram-se côrtes em Portugal, quando já independente e desmembrado do condado da Galliza. Foram as primeiras verificadas sob Affonso II em 1211 e na cidade de Coimbra.

Nenhum credito se deve dar ás denomi-

nadas Côrtes de Lamego de 1143, bem que adoptadas por varios historiadores e tidas como lei fundamental do reino durante os dous ultimos seculos ; apregoaram-se até como base de direito que cabia a D. Miguel de Bragança, na successão de seu pai D. João VI. O traslado destas referidas côrtes, forjado no seculo XVI, foi encontrado no cartorio de Alcobaça e publicado por Antonio Brandão na sua Monarchia Lusitana. Considerava-se verdadeiro, porque lisongeava a vaidade nacional, que queria ter uma lei fundamental na sua historia, como a França tinha a appellidada salica, a Allemanha a bulla de ouro, e a Inglaterra a magna carta.

Quando só se compunham côrtes com a nobreza e clero. não raras vezes o rei achava-se coacto ; desde, porém, que, um terceiro braço foi convocado, o do elemento popular, robusteceram-se os soberanos, porque affeiçoando-lhe sympathias, tornaram-no seu instrumento para não attenderem mais aos agravos e pretenções dos nobres e dos prelados.

Da preponderancia assim adquirida pelo rei procedeu o absolutismo d'elle e desapareceu á pouco e pouco a instituição das côrtes. No correr do seculo XVI reduzidas estavam já não sómente as de Castella e Portugal como as de Aragão, arrastando-se d'ahi por diante como simulacros mais de apparato que realidades, como mais ou menos o haviam sido anteriormente. Carlos V em Castella, D. João II em Portugal, e por fim

Felippe II no Aragão, nullificaram-nas e aniquilaram-nas de todo.

Sempre que os nobres e ecclesiasticos não podiam predominar deliberando em côrtes, tratavam de sedicções e revoltas ; juntando soldados e formando exercitos, mais ou menos poderosos, segundo suas riquezas, extensão de propriedades rusticas, e numero de vassallos de que dispunham, atiravam-se denodadamente á guerra civil.

Dahi deriva a série de tumultos e lutas que até o decimo quinto seculo assolaram Castella e Portugal, e que nodoam os annaes dos dous reinos da peninsula iberica. Dahi decorre egualmente a quantidade prodigiosa de legendas e fabulas, com que se conspurcou a historia, a pretexto de ornamental a, inventando-se herões, exaltando-se caracteres, exaggerando-se acontecimentos, improvisando-se lances dramaticos e aventuras prodigiosas de personagens.

Não houve jámais divergencias entre côrtes e reis que provocassem a guerra ; suscitava-as o despeito, a ambição dos vassallos, não um facto notavel, regular, legal como seria o da opposição de côrtes.

Revelaram-se paixões, odios, incitando revoltas e guerras intestinas e seu desenlace ou alçava os reis, que castigavam os fidalgos e prelados, ou prestava a estes maiores ousadias para rebaixarem o poder magestatico, e até para deporem soberanos legitimos, e collocarem no throno outros principes, que mais lhes agradassem.

Portugal não escapou a este exemplo ; D. Sancho II, expulso do throno, fugio dos seus estados e foi morrer em um mosteiro em Sevilha, enquanto que vindo de França o irmão D. Affonso III roubava-lhe a corôa, e empossava-se do governo. Ainda depois Affonso V foi desthronisado e preso violentamente na ilha Terceira e por fim acabou os dias da existencia no encerro do palacio de Cintra. Em nem um destes acontecimentos apparece influxo ou acção das côrtes.

Já em tempo de D. João II de Castella tinham-se manifestado e commettido terriveis sublevações da nobreza e do clero contra a autoridade do rei, que nem sempre lhes resistira com exito feliz, e que por fim subordinou-se ás exigencias dos poderosos vasallos. Ao subir ao throno Henrique IV, não cessaram as perturbações da ordem publica, as resistencias das duas classes privilegiadas do reino, e as difficuldades e perigos do governo.

Proclamou-se como primeira queixa o facto de chamar o novo soberano para seu ministro a Beltran de la Cueva, que não pertencia á primeira fidalguia de Castella. Accusações e censuras contra seu procedimento, intrigas para derribal-o do poder, foram immediata e successivamente empregadas. Respondia-lhe Henrique IV, honrando cada vez mais o seu ministro e exaltando-o como amigo dedicado.

Exacerbados os nobres e os prelados, antes que iniciassem a luta armada, concordaram

em augmentar o valor das increpações dirigidas contra La Cueva, razoaveis ou ficticias. Lembraram-se, para o malquistarem com o rei de imputar-lhe amores com a rainha. Não se mostrava a rainha tão familiar com o ministro, esquecendo-se da dignidade reclamada pela gerarchia e sangue que lhe girava nas veias? Nascera uma princeza do regio matrimonio. De Joanna deu-se-lhe o nome na pia baptismal. Porque se não apregoaria ser ella filha antes de La Cueva que do rei? Não se procurava espalhar ao mesmo tempo o boato de que era o rei impotente, porque não houvera filhos da primeira consorte? Não se desmoralisava assim á princeza desde o berço perante a opinião dos populares, afim de arredar della as affeições dos vasallos?

Não produziam, no emtretanto, nem um effeito, no animo regio as noticias que se faziam correr a respeito. Vivia Henrique IV convencido da lealdade da rainha e da fidelidade do ministro. Resolveu-se, todavia, a inquirir a origem dos boatos e a castigar os que os propagavam. Não poucos nobres foram por ordem do governo encerrados nos calabouços e fortalezas, como suspeitos deste crime, e destituídos outros dos cargos que occupavam por conniventes na imputada calumnia á rainha.

Tramaram então os nobres e ecclesiasticos uma conspiração.

Não dispunham de tantos soldados, de tantas praças fortificadas, e de tantos elementos

para a luta? Seus bríos offendidos, seu espirito turbulento, suas ambições desordenadas, arrastavam-nos a uma guerra declarada.

Deliberaram reunir-se e concordar em planos. A' sua frente collocaram-se o arcebispo de Toledo e o marquez de Vilhena. Convocaram-se os principaes descontentes para a cidade de Toledo e para o proprio palacio archiepiscopal.

No dia designado nenhum faltou dos descontentes. Não allegavam agravos particulares. Costume é dos conspiradores apregoar interesses publicos, verdadeiros ou simulados e não intuitos ou queixas particulares. Move-os, não o capricho, não o despeito, não o crime, não a ambição, mas o amor da patria, a veneração pelas leis, a necessidade de reivindicar o direito dos povos opprimidos, cuja causa santa allegam amparar e defender. Qualquer que seja o paiz, quaesquer os propositos, a linguagem dos conspiradores é sempre identica.

Não lhes sorria a idéa de reconhecer herdeira do throno a princeza Joanna, apesar de como tal haver ella sido proclamada pelo rei.

Não espalhavam com indicios de verdade que a rainha conservava relações illicitas com La Cueva? Não era-lhes neste caso mais vantajoso preferir para cingir a corôa o infante D. Affonso, irmão mais moço do monarcha? Crime seria roubar o sceptro a Henrique IV, mas não regular a successão. Convinha ao mesmo tempo arrancar-lhe do lado a Beltran de La Cueva e dar ao rei mi-

nistros que melhor o servissem e administrassem o paiz, que elle malbarateava e desgraçava.

Combinaram nestes alvitres os conjurados, bem como em mandar ao rei uma commissão de nobres e ecclesiasticos incumbidos de communicar-lhe suas resoluções,

Residia então o rei em Segovia. Um mensageiro que lhe foi dirigido pelos conspiradores recebeu resposta de que Henrique IV admittiria benevolamente em sua presença os commissarios da nobreza e clero; que lhe solicitavam providencias em favor do reino e dos povos.

Para Segovia partio a embaixada.

Compunha-se de vinte fidalgos e prelados de elevada categoria, linhagem e influencia no reino. Mais de quinhentos soldados e criados os acompanharam como sequito imponente. A' frente collocara-se o arcebispo de Toledo.

Espantaram-se os moradores da cidade ao assistirem á entrada de tão numerosa comitiva. Dirigindo se a embaixada aos paços régios, foi recebida com galhardia pelo soberano, que exigio-lhe expuzesse os aggravos de que se formulavam queixas.

O arcebispo referio as razões em que se fundavam os nobres e clero para não reconhecerem herdeira do throno a princeza Joanna, e para sustentarem os direitos do infante D. Affonso, filho segundo de D. João II. Accentuou egualmente queixas contra a administração de La Cueva, que opprimia o

povo com tributos e despotismo, e offendia os direitos das classes privilegiadas.

Amedrontou-se um tanto o rei ao escutar a linguagem altanada do poderoso prelado. Pensou logo em paliar, entretendo os conjurados com palavras e promessas com que ganhasse tempo e se preparasse para combatel-os. Afiançou-lhes que tomaria em consideração seus agravos, e providenciaria de modo a contental-os inteiramente no tocante ao governo do reino. Declarou-lhes por fim que era sua resolução casar o irmão D. Affonso com a princeza Joanna, e assim conciliar todos os interesses.

Mostraram-se satisfeitos os conjurados, agradeceram ao rei, e despediram-se na intenção de communicarem aos demais collegas o que se passára, e de combinarem com elles o que lhes convinha praticar posteriormente, harmonisados, como deviam acreditar-se, com o generoso soberano

De volta á Toledo, reuniram-se de novo todos os descontentes na sala do palacio do Arcebispo. Ao ouvirem, porém, as novas annunciadas, revelaram-se muito contrariados, considerando-se illudidos; censuraram alguns o procedimento dos commissarios que se tinham deixado illudir com as promessas de Henrique IV, e retirado de Segovia antes que ellas se cumprissem. Não era ainda tão joven a princeza e tão maduro o infante para se casarem? Bastavam palavras para garantirem as intenções preconisadas? Como continuava La Cueva á frente do governo?

Porque não haviam obtido que fosse logo exonerado dos cargos que occupava, exilado e expulso da côrte ?

Prevalecia a irritação dos animos, quando o marquez de Villena, bem que criticasse egualmente a embaixada, propoz que se suspendessem hostilidades armadas até que se entendessem com o infante D. Affonso, e com elle marchassem de accôrdo. Aceita a lembrança, partio Villena para a residencia do infante.

Decorria, no entanto, o tempo, o rei não modificava sua administração politica, e tratava de juntar gente, appellidando nobres do seu bando, e robustecendo-se com elementos de guerra.

Villena, por seu lado, conseguira entender-se com o infante. Joven ambicioso prometteu acompanhar os conspiradores e sustentá-los com sua pessoa e espada.

Satisfeitos os nobres e ecclesiasticos conjurados com o accôrdo do príncipe D. Affonso, chamaram ás armas a todos os seus vassallos e unidos marcharam á frente de gente numerosa, bem que soubessem que já o rei estava prevenido e preparado, e que em torno d'elle se reuniam muitos fidalgos poderosos, notando se particularmente o celebrisado escriptor e guerreiro marquez de Santilhama.

Nas planicies de Olmedo encontraram-se os combatentes. A' frente dos seus collocára-se Henrique IV; das tropas dos conjurados seu irmão, o infante D. Affonso. Foram, porém os rebeldes os destroçados, e compul-

lidos á fuga vergonhosa. Para augmentar-lhes o desastre logo depois do combate falleceu o infante, que haviam acclamado rei, perdendo assim a bandeira prestigiosa que lhes restava.

Uma após outra cidade e fortaleza levantada contra sua autoridade, foi o rei restaurando, ao passo que punia severamente os rebeldes que podia apprehender

Pareceu a victoria régia ter restabelecido a ordem publica, e terminado a guerra civil. Entendeu Henrique IV, que tempo era de acalmar os animos, e tratou dahi por diante de attrahir e socegar os espiritos ainda irriquietos e desesperados de muitos fidalgos e ecclesiasticos, que haviam sido vencidos. Conseguio assim governar até 1474 sem mais encontrar resistencias, e no pleno gozo de suas attribuições magestáticas.

Sentindo depois approximar-se-lhe a morte escreveu testamento e deixou declarado nelle que a corôa pertencia de direito á sua filha a princeza Joanna, reconhecida legitima herdeira na fôrma das instituições vigentes do reino, e noiva prometida ao rei de Portugal D. Affonso V.

Mal cerrára os olhos, e já Affonso V invadia Castella com poderoso exercito, celebrava em Placencia seu casamento com D. Joanna, e reunia em seu favor e da princeza cópia notavel de partidarios asturianos, gallegos, castelhanos e leonezes. Curioso foi que entre estes nomeavam-se o arcebispo de Toledo e o marquez de Vilhena, que tanto se haviam

distinguido contra os direitos da princeza Joanna durante a vida de Henrique IV. A ambição e os desgostos preferiam á opiniões e a procedimentos anteriores.

Grande parte da nobreza hespanhola, porém, e bastantes prelados desconhecera-m-lhe a autoridade, proclamaram rainha de Castella a infanta D Izabel, irmã de Henrique IV, e casada com o principe D. Fernando de Aragão.

Começaram grandes lutas. Aragonezes e castelhanos pelearam contra portuguezes e castelhanos. O sólo de Hespanha alagou-se em sangue. A victoria, todavia, de Toro, em 1476, repelliu de Castella os portuguezes e seu rei, que em companhia levou para Portugal a princeza D. Joanna.

Não ousando volver á Hespanha, terminou a contenda em favor de Izabel e de Fernando, que fundiram posteriormente os dous reinos de Hespanha; e firmaram um throno peninsular que se denominou de Hespanha.

Em vez de Portugal e Castella, annexados, reuniram-se Aragão e Castella. Que differença para a peninsula, quando Affonso V em vez de vencido, fosse acclamado rei de Castella, cingisse as duas corôas visinhas e limitrophes, e as transmittisse a seus herdeiros?

A infeliz princeza D. Joanna, fugida de Castella, entrou para o convento de Santa Clara, em Coimbra, esposa apenas de nome de Affonso V. Annullou-lhe immediatamente o Papa seu consorcio, com o fundamento

de não ser ainda nubil. Beltraneja appellidam-na os Castelhanos ; virtuosa senhora a chamavam os portuguezes. Na penitencia do claustro, na humildade da existencia cenobita, finou-se a desgraçada donzella, nascida nas galas da purpura, educada nas grandezas dos paços régios, e lisongeada por uma sumptuosa e brilhante côrte.

São estes os factos historicos verdadeiros. Quereis, porém, saber o que inventou a legenda hespanhola no proposito de tornar pittoresca a narrativa dos acontecimentos?.. Em quasi todos os historiadores e chronistas passados a encontrareis reproduzida unisonamente, e para muitos é ainda a fabula verdade, porque está inscripta nos livros, bem que Lafuente e outros modernos a tenham destruido com provas e documentos authenticos.

Folgaram sempre os hespanhões em engrandecer os caracteres de seus filhos famosos, em exagerar suas acções e façanhas, e em tornar pomposa e heroica a chronica de sua nação.

Não está ahi a legenda de Bernardo del Carpio destroçando e exterminando na passagem de Rocenvalhes nos Pyrinêos os paladinos destemidos e tão decantados de Carlos Magno ? Não refulge a figura do Cid Campeador montado no seu cavallo Bibieca, e domador das cidades Mouriscas ; do famoso Cid que a cada golpe da afiada espada decepava cabeça de Arabe ?

Não se poetisa tanto o tributo das cem

donzellas e os rasgos cavalheirescos dos que conseguiram aboli-lo ?

Não ha quem acredite ainda na narrativa dos sete infantes de Lara e na façanha temeraria do bastardo que a todos os irmãos vingou de maneira estupenda ?

Quasi todos os historiadores antigos de Hespanha publicaram em suas obras episodios portentosos, praticados pela nobreza e clero em tempo de Henrique IV, tomando as inventadas legendas por factos exactos da historia.

Improvisaram pelo modo seguinte os feitos dos nobres e ecclesiasticos, ao rebellarem-se contra seu rei, e antes de sua derrota nas campinas de Olmedo.

Dizem que em côrtes regularmente reunidas em Toledo, quando nunca taes côrtes se celebraram, resolvera-se a exautoração de Henrique IV e a aclamação do irmão, como rei de Castella. Para cumprir-se a deliberação tomada, engenharam um espectaculo que impressionasse o povo e o attrahisse à causa dos revoltosos. Cumpria convidal-o à sanctão legal das determinações das côrtes.

Fixaram dia para se reunirem os conspiradores com os seus vassallos armados em guerra, nos descampados de Avila, cidade decahida hoje, e encostada às serranias elevadas de Guadarrama em pequena distancia de Madrid. Avila só tem de notavel guardar o tumulo de Santa Thereza de Jesus, a philosopha mistica, que ahí nasceu, residia e morreu, e cuja memoria chama nos dias anni-

versarios escolhida multidão de romeiros e crentes que vão rezar e penitenciar-se sobre sua sepultura.

Escolhido perfeitamente fôra o sitio. Descendo dos morros de Guadarrama em ondulações irregulares, dobrava-se uma veiga ou descampado de muitas leguas de extensão. Estava concordado que n'aquelle sitio se representasse um espectaculo extraordinario e singular.

No dia e hora aprazada, contam as legendas que se dirigiram os chefes da conspiração ao gothico mosteiro de S. Thomaz, emquanto povoavam o campo hordas copiosas de seus guerreiros. Confessaram-se, commungaram aquelles, depois de ouvirem missa e sermão. Terminadas todas as ceremonias religiosas, partiram para o campo, alçadas as bandeiras, e ao som de musicas ruidosas. No centro da planicie havia-se erguido um throno; nelle assentada a figura em madeira de Henrique IV coberto com todas as insignias da realza. Em derredor se foram collocando os bispos e nobres conjurados, deixando espaço largo para que de fôra o povo e tropas assistissem e presenciassem a cerimonia, que se propunham commetter.

Um arauto subio armado a uma tribuna que ladeava o throno e começou a ler a sentença pronunciada pelos nobres e clero em Cortes, condemnando Henrique IV a perder a autoridade régia, como indigno monarcha, e oppressor do povo.

A' proporção que lia o arauto, procedia-se

a execução da sentença. Ao annunciar que o rei não soubera guardar sua corôa, e deixava-se guiar por um favorito, que era o verdadeiro rei, o arcebispo de Toledo approximou-se do throno improvisado e arrancou a corôa da cabeça da figura do rei. Appiausos geraes approvaram-lhe o acto.

Continuou o arauto e expoz tambem como fundamento da deposição do rei o facto de não saber manejar a espada da justiça. Tocou a vez ao Conde de Palencia, que seguindo o exemplo do Arcebispo, despio a imagem da espada, que symbolisava á justiça.

Praticou se terceira scena no tocante ao sceptro com igual e identico ceremonial; e foi o manequim retirado pelo Conde de Benevente por ultimo quando se annunciou que as côrtes tinham condemnado o rei a descer do throno, D. Diogo Lopes de Zuniga, com o braço, empurrou a figura de madeira, atirou-a ao chão, cortou-lhe publicamente a cabeça, e mostrou-a espetada em uma lança ao povo e tropa amontoados, que proromperam em vivas.

Acclamou-se em seguida lei de Castella e Leão o infante D. Affonso, que estava presente, e foi enthusiasicamente saudado. Como soberano deu logo a mão a beijar aos grandes e poderosos, que o revistiram com todos os symbolos de magestade, e o ornaram com os emblemas e insignias da realleza. Partiram depois para o combate de Olmedo, e ahí foram destroçados e vencidos.

Como embellezam as legendas um episodio da vida das Nações?

D. João II de Portugal

Percorrendo a lista dos reis portuguezes desde que Portugal se destacara do condado da Galliza e do reino de Leão, e fundára sua independencia e autonomia nacional, tres notamos particularmente, que por qualidades excentricas e feitos singulares deixaram no povo immorredoura memoria ; saudades que ainda actualmente perduram, sobretudo nos rudes camponios, que são os nervos indispensaveis das nações, e que, entretanto, não passam de instrumentos inconscientes dos politicos astutos.

São — D. Affonso Henriques, mais bandido que rei, mais guerrilheiro que general, mais barbaro que civilisado, que firmou, todavia, um novo reino independente na peninsula iberica ;— D. Pedro I, que as multidões denominavam de crú, pelos actos e procedimentos extravagantes de completo doudo, mas que affeiçoara a sympathia dos subditos, enfeitçados principalmente com a sombra mimosa da sua desditosa amante, Ignez de Castro, victima infeliz dos duros designios da politica brutal que dominava na época ; — D. João II, emfim, que a historia appellida de Justiceiro, e que, mais de character italiano que portuguez, alliou a violencia á astucia, e, rebaixando a nobreza e o clero para sobre

suas ruínas edificar o absolutismo regio, soube captar também e inteiramente a veneração das massas populares.

Um ou outro dos demais soberanos refulge com uma ou outra peculiar qualidade: em geral, porém, confundem-se nos traços e nas acções, e sepultam-se na mesma fossa commum, quasi sem dissemelhança.

Tratemos de descrever a physionomia de D. João II, revelando-a em quadro, que lhe saliente o physico e o moral, os vícios e a alma, os instinctos e o coração, a crueza e a intelligencia politica. Com D. João II, filho e successor de D. Affonso V, extinguiu-se a raça varonil e legitima da dynastia de Aviz, que contava apenas quatro reis, a começar de D. João I, o feliz pupillo do douto João das Regras, e venturoso protegido do herôe Nuno Alvares Pereira.

Principe e bem moço ainda, provára D. João II valentia nos combates a que o arrastára seu pai: prudente observação, notavel sagacidade, e retrahimentos intimos e secretos, nos tratos, nos conselhos, nas palavras, nas peripecias da vida. Reservado para todos nas relações que entretinha, impossivel parecia descobrir-se-lhe, advinhar-se-lhe o pensamento e as intenções. Tristonho e sombrio de character, lograva, comtudo, simular confiança, mas não angariar affeições e sympathias decididas.

A nenhum rei da casa de Aviz faltaram talentos naturaes e nem instrucção e estudos, que o collocasse á par dos varões eru-

ditos e notaveis da sua época. Devia-se este facto curioso á educação esmerada, que aos filhos prestára D. Felippa de Lancastre, mulher de D. João I, e que seus descendentes continuaram e praticaram.

Quando príncipe, governou D. João com o titulo de regente. Commettera seu pai uma tresloucada viagem á França, a solicitar de Luiz XI auxilio contra Fernando e Isabel, reis de Aragão e Castella. Ambicionava Affonso pelo seu casamento com a princeza Joanna, filha de Henrique IV, reunir Portugal e Castella em um só reino. Zombado por Luiz XI, regressou para Lisboa descontentissimo e aborrecido da vida.

Entregou-lhe, todavia, D. João o reino, que administrava com rara sabedoria.

Por fallecimento de D. Affonso V, em 1481, subio ao throno, que de direito lhe pertencia.

Desde a mais tenra juventude costumava D. João II dizer que no mundo mistér era representar de coruja, sumindo-se aos olhos, e do falcão, voando pelos ares; decidiriam as circumstancias occurrentes quaes os momentos de transfiguração.

No animo de D. João II concentravam-se, pois, qualidades oppostas, a instrucção e a crueldade, a lucidez e a manha, instinctos rudes e planos bem amadurecidos de politica.

Haviam sido para elle tempos de coruja os que passára quando príncipe: na cathegoria de rei devia predominar exclusivamente a natureza do falcão. Era-lhe livre voar e de-

vassar a atmospheria. Cumpria-lhe, no entanto, simular ás vezes, para melhor apreciar a situação do paiz, conhecer os homens e apanhar-lhes os intentos, penetrando-lhes no segredo intimo do peito. Repellia e condemnava o fausto e a ostentação, e manifestava-se em publico com a maior singeleza e modestia. Preferia em sua côrte que se observasse a austeridade nos costumes, a economia nas despesas, a modestia nos trajés e nos modos de viver. Como que um funebre horizonte pairava em seus paços, despídos de convivencias alegres e apraziveis espectaculos. Pessoalmente tambem nenhuma elegancia lhe nobilitava o corpo e nem os gestos. Custavam as palavras a desprender-se-lhe dos labios, fallava a custo e fanhosamente. Aos trinta e cinco annos, barba e cabellos, tudo embranquecera. Não era amado, era, porém, temido. Sabia-se geralmente que lhe provocassem, por qualquer maneira, as iras e os despeitos

O famoso cardeal da Alpedrinha, Jorge da Costa, favorito de Affonso V, e seu conselheiro estimado, conhecia o caracter de D. João II. Apenas cingio o principe a corôa, abandonou o cardeal o reino e recolheu-se a Roma, de onde não quiz mais sahir, apezar dos instantes pedidos e ordens até positivas do novo rei para que regressasse.

As Côrtes em Portugal, que quasi nenhum influxo exerceram durante a primeira dymnastia dos reis, tinham conseguido, todavia,

prestigio e uma tal ou qual importância com a dynastia de Aviz. Deram-lhes o solio D. João I, força D. Duarte, e subsidios copiosos para suas emprezas na Africa e na Hespanha D. Affonso V. D. João II não dispensou-lhes o auxilio ao começar seu governo, no intuito porém de que lhe servissem de instrumento com que fundasse um completo regimen absoluto. Para conseguil-o convinham-lhe o rebaixamento das classes elevadas e privilegiadas e o apoio e votos dos populares, que entravam nas assembléas como o terceiro braço da representação nacional.

Convocou-as por vezes mas tratou de inutilisal-as. Alcançado seu intuito firmou progressivamente as regalias do soberano e legou as Cortes a seus successores muito enfraquecidas de importancia. Tanto D. Manoel como D. João II e D. Sebastião puderam, pois, desprezar as Côrtes. O regimen absoluto do monarcha estava reconhecido. Que aproveitou ás Côrtes a força que pareceu readquirirem em 1640? Tombaram immediatamente, e desapareceram, por fim, da scena social, politica e economica, esquecidas, de uma vez, no reinado de D. João V.

A suas primeiras Côrtes annuciou D. João II que revogava concessões aos fidalgos assignadas por Affonso V, e que subreptivamente haviam sido arrancadas ao monarcha; que nas jurisdicções quer dos donatarios ecclesiasticos, quer dos nobres, quaes quer que fossem suas gerarchias, abriria inqueritos no tocante á execução das leis do

reino ; que retirava ás classes até então privilegiadas a administração da justiça criminal por terem della abusado em detrimento dos fóros da corôa e socego dos povos ; que nomearia corregedores propios para cumprirem em todo o territorio do reino suas régias ordens, devendo considera se desde logo abolidos os asylos de criminosos, e extinctos os direitos da nobreza e clero no intromettimento de eleições de conselhos de cidades ou villas, bem que lhes pertencessem de senhorio.

Era guerra declarada que iniciava o novo rei contra seus vassallos mais poderosos, e que estes acceitaram, levantando a luva e tratando de nullificar lhe as providencias tomadas. A' sua frente collocou-se o duque de Bragança, parente do rei pelo tronco bastardo, oriundo do primeiro Conde de Barcellos e preponderante pelas allianças subsequentes de familia. Possuia o duque cerca de cincoenta cidades villas e castellos, além de extensas propriedades rusticas. Dispunha de uma reserva de tres mil cavallos e dez mil infantes. Não era um pequeno rei ? Com elle ligou-se o duque de Viseu, cunhado e o mais proximo e legitimo parente de D. João II. Acompanharam-nos varios bispos e abbades, que contavam tambem opulentos bens de fortuna e numeroso sequito de vassallos, e notavel phalange de fidalgos menores, que sentiram feridos seus brios e prejudicados seus interesses. Não os inspirou idéa de offender o rei, e nem de marear o

brilho da corôa. Pretendiam apenas conservar seus privilégios, concessões e direitos antigos, e coagir o monarcha a suspender suas vistas politicas.

Estendia se, propagava-se a conjuração; abriam seus chefes correspondencias com fidalgos de Castella, e dos reis visinhos supplicavam auxilios para arcarem com D. João II.

D. João II, porém, tinha formado uma policia secreta e activa, e por seu intermedio obtinha conhecimento do quanto diziam e projectavam seus adversarios. Não havia já castigado um Conde Lopo Vaz que ousára declarar publicamente que lhe não obedeceria? Mandára o El-Rei matar, em suas proprias terras, por emissarios de confiança. Descoberta a trama que urdiam os fidalgos e ecclesiasticos sob a direcção do duque de Bragança, tratou D. João II de extirpal-a. Eram já particulares inimigos D. João e o duque de Bragança. Raiou ao monarcha a oppor-tunidade para tirar vingança dos agravos, que pensava haviam-lhe sido feitos pelo duque.

Preparou El-Rei uma cilada ao duque de Bragança, e por surpresa conseguiu prendel-o; tão poderoso era, que poderia resistir-lhé, quando lhe suspeitasse propositos. Ordenou logo que lhe instaurassem processo e lhe sentenciassem a causa juizes de nomeação e confiança régia. Protestou o duque por seus privilégios e recusou-se a responder a um tribunal que não reconhecia. Condemnado

apezar de suas reclamações á pena de morte, foi em Evora degolado, publicamente, na praça do Rocio, bem que o inquerito não passasse de um simulacro de justiça. A' solta impera a força em questões politicas.

Não aproveitou, porém, o exemplo aos outros nobres ; mais se exacerbaram seus animos, com a execução cruel do duque de Bragança, por elles appellidada assassinato. Não tardou D. João II em descobrir que ao duque de Bragança succedera na chefia dos seus adversarios o de Vizeu, e novas conjurações se urdiam, e agora para arrancar-lhe a corôa, senão para assassinar-o. Agentes secretos communicaram-lhe os planos do duque de Vizeu, do bispo de Evora e dos mais fidalgos que com elles conjuravam.

Chamado aos paços de Setubal apresentou-se o duque de Vizeu ao rei, que sem processo, sem ouvir-lhe a defeza, levando-o para o canto de uma janella, enterrou-lhe o punhal no peito, e o fez cahir a seus pés assassinado. O que no curto dialogo entre elles se passou, ninguem o soube ao certo. Formaram-se apenas conjecturas. Improvisaram-se altertações. A' ninguem jámais disse o rei palavras que houvessem trocado. Acabou enterrado em uma cisterna profunda o bispo de Evora ; falla a legenda de veneno ; bastava-lhe a sepultura em vida, e a fome a que foi condemnado. Padeceram no cada-falso Fernão de Menezes, Pedro de Athayde e muitos fidalgos, apontados como cumpli-

ces ; nem escaparam alguns que fugiram para paizes estranhos ; lá mesmo os foi apanhar e matar a justiça de D. João II, pelos sicarios incumbidos da execução de suas ordens.

Não se diria que João II de Portugal se mostrava discípulo de seu quasi coevo Luiz XI de França ?

D'ahi em diante não ousou mais a nobreza levantar-se contra o rei. Curvou-se egualmente o clero amedrontado ; todas as vontades, todos os animos submeteram-se. D. João II podia governar livremente.

A fidalguia, desprovida de privilegios e fóros importantes, perdêra emfim todo o seu valor, e convertera-se d'ahi em diante em sequito régio, preferindo acompanhar a côrte dos monarchas. Nunca mais houve resquicio de feudalismo em Portugal, e para a administração do reino preferiram-se tambem, d'ahi em diante, os theologos e lettrados que haviam cursado estudos universitarios.

Politico reflectido e atilado administrador, além de importantes reformas executadas na justiça e nas leis, proseguiu D. João II nos planos de explorações maritimas e em descobrimentos de novas terras. Perseverou em abrir o caminho das Indias, iniciado pelo infante D. Henrique de Vizeu, e que D. Afonso V abandonára. Preferira erradamente seu pai apoderar-se de Alzira, Tangere e Alcalcer na Mauritania, e reunir a Portugal o reino de Castella.

Mandou D. João II fundar presidios na

costa de Guiné, povoar as ilhas do Cabo Verde, proseguir as viagens para o Sul até encontrar-se o rumo para o Oriente. Descobriu Bartholomeu Dias em seu tempo e por sua ordem o cabodas Tormentas, pelo rei denominado da Boa Esperança, e desde logo não pensou el-rei senão em corresponder-se com as Indias, dobrado aquelle ponto final Africano.

Fundou nos seus proprios paços uma repartição de estudos geographicos, trabalhos cosmographicos e deposito de roteiros, mappaes e narrativas de viagens comprehendidas no descobrimento e exploração da Africa Occidental e executadas no seio do mar Atlantico. Presidindo-a em pessoa, ahi ouvia os doutos Behaim, de Nuremberg, mestre José e mestre Rodrigo, judeos de raça, reputados sabios e eruditos mathematicos. Discutindo a marcha das navegações e conquistas intentadas, firmava sua opinião e assentava seus planos. Inventaram-se em seu tempo as taboas da declinação do sol, e melhoraram-se os instrumentos nauticos. Traçaram-se novas cartas maritimas e o rei assistia dos estaleiros ao fabrico dos navios destinados a empreendimentos maritimos. Fiscalisava os trabalhos dos chefes das officinas e dos obreiros de todas as profissões chamadas ao aperfeiçoamento das construções navaes. Attendia aos mais afamados navegantes, avaliava lhes os serviços e pres-timo e caminhava assim com acerto em seus projectos de devassar os segredos dos mares e enveredar o caminho das Indias.

Não falta chronista que pense que a lembrança da escolha de Vasco da Gama procedera de sua indicação e não da de D. Manuel seu successor no throno, que foi o rei que a executára.

No intuito de melhor instruir-se no tocante ás Indias, escolheu dous monges, eruditos na lingua arabica, diligentes e atilados no modo de travar relações e conseguir esclarecimentos de povos estranhos, Pero de Covilhã e Affonso de Paiva. Incumbiu lhes que por terra procurassem as costas do Matarbar e da Abyssinia, seguindo pelo mar Vermelho, como mercadores que acompanham caravanas, afim de não suscitarem suspeitas.

Paiva falleceu na viagem, mas Covilhã chegou a Calicut, a Kananor e a Goa. Voltou por Aden, alcançou noticias de Sofala e da costa Oriental da Africa. Do Egypto escreveu ao rei e remetteu lhe importantes noticias que mais animaram a D. João II para perseverar em seus disignios. Com certeza, pois, e em presença das informações de Covilhã, as náos, que dobrassem para o Oriente o cabo da Boa Esperança, encontrariam a Africa e o Indostão separados por um braço de mar estreito e facil de navegar-se.

Não se o censure, portanto, por ter recusado o offerecimento do genovez Christovam Colombo, que pretendia ir ás Indias directamente, atravessando o Atlantico para o poente. Contava certo D. João II que, dobrado o cabo da Boa Esperança, conseguiria seu desideratum, de preferencia a uma idéa

nova, partida de um homem de génio, e asentada rasoadamente na crença da redondeza da terra, mas que arriscava tornar-se sonho.

Não se occupava sómente a D. João II com os progressos da navegação marítima, augmento das conquistas portuguezas, o desenvolvimento das sciencias astronomicas e geographicas, aperfeiçoamentos da bussola e das cartas e mappas das costas terrestres; e accrescimos do commercio e da industria. Pensou em concentrar tambem em um só reino, como seu pai pretendêra, Castella, Portugal e agora igualmente toda a provincia iberica.

Era então a herdeira dos thronos de Aragão e Castella a infanta D. Isabel, filha de Fernando de Aragão e de Isabel de Castella. Pedio-a D. João II e obteve-a de seus pais para casar-se com o principe D. Affonso, seu tambem unico filho.

Festas sumptuosas celebraram-se. Pela primeira vez em Portugal provou D. João II seu regosijo e magnificencia nos paços de Evora, assombrando tambem os subditos com publicas demonstrações de jubilo em Lisboa. Assegurava-se assim o futuro de toda a Hespanha em uma só dymnastia, sonho grandioso do rei, afagado com todo o carinho e pertinacia.

D. Affonso, porém, correndo o pareo em Santarém, cahio desastradamente do cavallo e morreu, deixando, após um anno de venturas, viuva e moça, aquella princeza que

devia enlaçar Portugal e Hespanhas, e converter toda a península em um só estado.

Foi para D. João II um golpe mortal o falecimento do filho; tão merencoria e funebre era já a sua côrte! Só o príncipe mostrava-se-lhe amigo e causava-lhe alegria. Dos paços régios se tinham afastado todos os parentes, quasi todos os fidalgos. A própria rainha magoada pelo assassinato do irmão separára-se do marido. Mas convento parecia a residencia de D. João II que morada de reis.

Não se tinham evadido para Castella as familias e descendentes dos dous fidalgos tão ligados pelo sangue á casa régia, os Duques de Viseu e de Bragança? A dor que soffreu pela morte do Príncipe cobrio o rei de pesado luto que conservou até morrer. Mandou raspar a cabeça em signal de dó e de tristeza e nunca mais luzio-lhe um raio de alegria. Continuou, todavia, a dedicar-se ao bem do seu paiz e ao engrandecimento dos seus estados.

Recusou admittir em Portugal o tribunal do Santo Officio da Inquisição, que já funcionava em Hespanha, pelo qual lhe instaram os dous monarchas amigos e visinhos. Em vez de imitar o exemplo de Fernando e Isabel na expulsão e condemnação dos judêos, confirmou, pelo contrario, os direitos dos residentes em Portugal; não admittio contra elles offensa; publicou ainda que receberia em seus estados os judêos exilados de Hespanha e lhes garantiria protecção e segurança. A perda soffrida então por Hespanha

em gente tão industriosa e illustrada, tornou-se lucro para Portugal, que acolheu numero notavel de familias israelitas, escapas ás perseguições do povo visinho, bem que em maioria se dirigissem os exilados para Africa, Hollanda e França.

Razões sobravam-lhe, comtudo, para perder o gosto da vida, comquanto occupada constantemente para esquecer-lhe os amargores.

Seus sonhos de organizar um grande imperio com a união de toda a península sob o governo de seu filho e de seus decendentes não se tinham tornado tristes realidades? Illusões que nutrira contente e esperançoso? Quem era agora o herdeiro do throno portuguez? Um filho natural que tinha? De certo que o não accitaria o povo, quando parentes proximos e legitimos não faltavam, uns refugiados em Hespanha, outros, porém, ainda residentes em Portugal, e que mereciam as sympathias publicas.

Não só soffrimentos physicos ameaçavam a vida de D. João II, como moralmente tambem desesperava se elle, notando que morto D. Affonso, não tinha herdeiro legitimo para o throno e competia a corôa pelas leis do reino a familia de Vizeu. Acabrunhado pelos achaques da molestia que padecia, ralado pelos remorsos, abandonado pelos parentes, prostrado pelas proprias meditações, narram alguns chronistas, que começou a ser assaltado de visões singulares: levantava-se por vezes do leito e alta noite com os cabellos arripiados, e impressionado por sonhos terriveis

que o tinham assaltado ; armava-se, corria as salas dos paços, procurando sombras que dizia o desafiavam e arrastavam para os vãos dos telhados.

Desejava legar a herança a seu filho natural, e pensou em ouvir pareceres de pessoas de confiança. Seus amigos consultados unisonamente reprovavam lhe o proposito. Não se manifestava egualmente contraria a opinião de todos os vassallos ?

Resolveu-se por fim e após meditadas reflexões a declarar seu herdeiro legitimo a D. Manuel, Duque da Beja, irmão do Duque de Vizeu, que elle assassinára com suas proprias mãos. Era seu primo-irmão e pois o mais proximo parente e a quem cabia de direito a corôa, segundo as leis estabelecidas. Percebendo approximar-se seu fim, escreveu em Alvor, villa do Algarve, para onde se tinha retirado no intuito de experimentar as aguas medicinaes que ali abundam, solemne testamento. Dictou suas vontades, formulou conselhos de politica e governo, recomendou com fervor a expedição premeditada para as Indias. Quando começaram as agonias da morte, não se mostrou constricto, não confessou peccados ; repetia só e constantemente : « Perseguem-me sem dó os filhos de Bragança. » Falleceu em 1495, em Alvor, longe da consorte, dos parentes, abandonado pela familia, e rodeiado unicamente de alguns cortezãos e favoritos.

Mister é confessar, todavia, que nenhum rei portuguez desenvolveu tanto como D.

João II o engrandecimento e prosperidade da sua nação ; rebaixando o clero e a nobreza, elevando as massas populares, estabelecendo a egualdade para todos os subditos, e chamando para os empregos os homens de lettras mais reputados, bem que fundasse o regimen absoluto, iniciou idéas democraticas. Foi-lhe necessario, infelizmente, abafar no sangue dos nobres o ultimo grito do feudalismo para nivellar quantos habitavam nos seus territorios.

Costumam os historiographos portuguezes corôar com um titulo os reis que governaram a nação, desde que ella se emancipou do jugo Leonez. Affortunado chamam a D. Manuel, porque herdou um estado prospero e um poder absoluto sobre os seus vassallos, e continuou mais ou menos acertadamente a politica iniciada e praticada por D. João II. Comprehende-se este appellido. Mas como explicar a denominação dada a D. João II de Principe Perfeito ? Derivam d'ahi duvidas e travam-se porfiadas controversias.

Perfeito porque reinou absoluta e arbitrariamente, concentrando em suas mãos toda a acção e poder, depois que esmagou a nobreza habituada a resistir aos reis, depois que converteu em docil instrumento do despotismo a instituição de côrtes, depois que subjugou o clero, que dispunha de tanta força sob os anteriores regimens, não só pelo numero de propriedades rusticas e opulencia de riquezas, como pela instrucção que, quasi unica classe da sociedade, monopolisava, e

mais ainda pelas armas espirituaes que manejava e com que amedrontava as consciencias dos crentes religiosos? Perfeito porque plantou a egualdade entre os vassallos, nivellando-os nos direitos? Perfeito porque melhorou a legislação social e administrativa do reino, e desenvolveu com tino e galhardia as explorações dos mares e terras desconhecidas, rasgando novos horisontes ao commercio e á navegação, e abrindo caminho para as encantadas Indias Orientaes, que fulguravam como mythos e ao mesmo tempo como Eldorados de fortunas, opulencia, riqueza e gloria para a nação e para os povos?

Pensa um illustrado escriptor moderno que se lhe applica o conceito, não na accepção moral do termo, mas na sua significação restrictamente politica. Não fôra D. João II mestre consumado na arte de governar, avisado e astucioso, dissimulado e justiceiro, prudente e arrojado ao mesmo tempo? Não estima, não preza, não admira o vulgo esses caracteres inexoraveis e decididos, que curvam sem piedade a seu jugo as potestades que em torno delles ousam disputar-lhes o mando, moderar-lhes ou limitar-lhes os intentos?

Não provou D. João II que só elle era rei, e só elle governava? Não libertou as massas inferiores da sociedade portugueza das violencias e arbitrios com que a opprimiam até então, clero e nobreza, conventos e solares, abbadias e senhorios de terras?

Não se fez respeitar e temer dos visinhos, e não encaminhou a nação para grandes

emprehndimentos marítimos? Que importava ao povo que o rei se tornasse absoluto no seu governo, quando escapava aos flagícios e perseguições dos nobres, que lhe não poupavam despotismos e martyrios?

Não é em Zurita, Ruy de Pina ou Faria e Souza, que se pesam ao justo suas acções, se aprecia no devido valor sua politica, e se penetra com probabilidade de certeza o seu singular character; mais esclarecimentos encontrará o leitor em Garcia de Rezende e em Damião de Góes; foi aquelle seu secretario particular, e conheceu-o a fundo. Bem que lhe não dispense lisongerias, escapa-lhe não raro a censura e a ironia; este, espirito elevado, superior á sua época, observa com exactidão, raciocina com franqueza, critica com liberdade, narra imparcialmente os crimes e as virtudes, os attentados crueis e os feitos memoraveis. Representante fiel das idéas, tendencias e vicios de seu tempo, é D. João I complexo de oppostas qualidades, de bons e máos instinctos; de generosidade e grandeza d'alma, e de astucia, perfidia e crueldade no procedimento; de illustração notavel, de largas vistas politicas, e ao mesmo tempo de pequenas e miseraveis intrigas, que parecem só proprias de espiritos acanhados. E' este o rei perfeito, que legou ao afortunado D. Manuel os elementos e trophéos mais gloriosos da sua nação, a descoberta das Indias com que tanto se ostenta e enfeita o primeiro rei da terceira dymnastia que reinou em Portugal.

Americo Vespuccio

Feliz mortal ! Annexou o seu nome a uma importantissima parte do mundo, ao continente destinado a succeder a Europa na civilisação ! E outros navegantes mais que elle haviam praticado façanhas, mais que elle tinham commettido serviços ! E ao genovez Christovam Colombo que descobrira e desvendára aos olhos de seus contemporaneos esse novo hemispherio, inteiramente ignorado por todos os povos antigos e modernos, a memoria do feito audacioso é roubada por um piloto e cosmographo de talentos medianos !

Uns plantam, outros colhem. Aquelles a quem a Providencia Divina enriqueceu de genio, esquecem-se, olvidam-se. Mediocres aptidões ganham fama e brilho superior ! Sorte reservada aos homens durante não só a vida como até depois que a morte os arrebatata e o sepulchro os absorve !

Não se gloria D. Manuel de Portugal com os descobrimentos das Indias, quando a D. João II cabe de direito a empreza ? Não se attribue a idéa de descobrir o Mexico a Fernão Cortez, o Perú a Francisco Pizarro, quando Grijalva ao primeiro, e Nunes de Balbôa ao segundo, apontaram e ensinaram o caminho ? Não se honra com o invento dos

balões aerostaticos o francez Mongolfier, quando muito tempo antes, em Lisboa, os havia imaginado, fabricado e feito subir á atmosphaera o Santista Bartholomeu de Gusmão? Porque admirar que se denominasse o novo mundo America e não Colombia!

Examinemos o que a historia nos refere a respeito de Americo Vespucio, e destaquemos della o que elle proprio accrescentou para realçar seus merecimentos e actos, e justificar de antemão os titulos que a posteridade lhe applicou por singular capricho da fortuna.

Nasceu Americo em Florença, em 1451. Procedia de estirpe honrada. Era terceiro filho de Anastacio Vespucio e de Isabel Mimi, que lhe deram esmerada educação, e o enviaram joven ainda para a Hespadha, no intuito de empregar-se em transacções commerciaes, que alli interessavam á familia Medicis, e onde já parente seu se estabelecera.

A primeira noticia que sobre Americo encontramos na peninsula iberica data de 1496. Residia elle então em Sevilha e acompanhava com muita attenção e curiosidade quanto se publicava e se dizia no tocante a navegações comprehendidas por Christovau Colombo, desde que descobrira em 1492 a America, e continuava em suas explorações ultramarinas, persuadido de que attingiria ás Indias, objecto exclusivo de seus sonhos!

Descobre-se a referida noticia nos documentos officiaes encontrados na thesou-

raria régia de Sevilha. Provém de um contracto que Americo, como representante de uma casa commercial italiana, fundada naquella cidade por Bernardi & C., celebrára em 1846 com a Corôa Castelhana para fornecimento de viveres e victualhas de quatro caravellas destinadas á ilha do Haity e remettidas a Christovam Colombo.

Depara-se depois menção do seu nome em 1508, no depoimento de Alonso Ojeda a respeito das costas do Pariá no golpho das Antilhas, quando lh'o exigiram os herdeiros de Colombo em processo intentado para provar que fôra Colombo o primeiro em descobri-las. O illustrado geographo Navarrete publicou em nossos dias o processo referido, e a declaração de Ojeda, ácerca de uma viagem por elle executado em 1499, tendo por companheiros João de la Cosa, Vespuccio e outros pilotos.

Achou-se ainda uma carta autographa de Colombo a seu filho Diogo, datada de 5 de Fevereiro de 1505, recommendando-lhe Americo Vespuccio, desfavorecido da fortuna, bem que piloto habilitado e dextro desenhador de cartas geographicas, e que desejava empregar-se no serviço de Castella.

Uma ordem régia de Abril de 1505, firmada por Fernando de Aragão, manda pagar a Americo Vespuccio a quantia de doze mil maravedis por victualhas de navios.

Em 1508 apparece finalmente a naturalisação de Americo, que trocou a patria italiana pela hespanhola, e a sua nomeação

então de principal piloto, cujas funcções consistiam em examinar os candidatos a pilotagem, fiscalisar o equipamento dos navios destinados a expedições e prestar os avisos necessarios ás viagens que se emprehen-dessem.

Fallecendo em 1512, nem documentos, nem memorias, nem chronicas fallam mais de Vespuccio em Hespanha. Os escriptores coévos, Oviedo, Cura de Palacios, Pedro Martyr, Las Casas, e os posteros como Herrera, Garcilaso e outros que trataram de viagens e conquistas na America, não mencionam em suas obras o nome de Americo, comquanto fallem de outros navegantes nacionaes e estrangeiros. Não se podem censurar por infundado espirito patriotico. Porque se mostrariam nessa hypothese tão enthusias-tas de Colombo, que nascêra em Genova, tão elogiadores de Caboto, egualmente ita-liano, e de Fernão de Magalhães e Solis, por-tuguezes, que serviram a Hespanha em ex-plorações maritimas ?

Verificam-se as mesmas circumstancias em Portugal. Consta apenas dos archivos e roteiros de navegadores ao serviço régio, que em 1503 estava Americo Vespuccio em-pregado como piloto nas armadas de explo-ração e descobrimentos ultra-marinos, de-vendo destas declarações conjecturar-se que viajava sob as ordens de portuguezes.

Não se póde contestar, na parte relativa á Hespanha, que em 1499 embarcou Americo na esquadilha de Alonso Ojeda, e visitou,

portanto, as costas do Pariá, correu as terras de Venezuela, refrescou na ilha do Haity, e regressou para Hespanha em 1500, depois de se perderem duas caravellas, e de nem um resultado vantajoso alcançarem os amadores da viagem emprehendida. Attesta este facto o depoimento de Ojeda, já citado mais acima.

No tocante á Portugal, deve-se egualmente considerar certa a viagem que elle fez em 1503, de cuja flotilha parece ter sido commandante Christovão Jacques, enviado por D. Manuel. Tendo perdido quatro navios, voltaram para Lisboa os dous restantes, carregados da madeira preciosa que mudou o nome da terra de Santa Cruz para o de Brazil. Haviam durante a viagem percorrido e reconhecido parte das costas do Brazil, alli deixando, perto de Porto Seguro, uma colonia com gente, denominada Santa Cruz, de que fallam Damião de Góes e Gabriel Soares, e prestando nomes de santos ás localidades que foram encontrando, e que recebiam postos ornados de armas e disticos para se considerarem portuguezes. O nome de Santa Cruz havia sido substituido ao primordial, que Cabral dá á terra, e que era de Vera Cruz. Trocára-se emfim, pelo do Brazil pela abundancia de madeira assim conhecida e que para seu commercio, além de portuguezes, francezes e inglezes, concorriam áahi buscal-a, bem contra a vontade dos conquistadores portuguezes.

E' tudo quanto sabemos de exacto a res-

peito da vida e feitos de Americo, e que se extrahе dos documentos officiaes e memorias da época hespanhóes e portuguezes.

O que posteriormente se publicou na Europa, e fóra da Hespanha e Portugal, procede de cartas do proprio Americo. Algumas durante sua vida se publicaram; outras depois de sua morte se imprimiram e que varios auctores reputaram sinceras e verdadeiras.

Das cartas referidas e escriptas por Americo deriva-se todavia a prova de que elle não foi de seobridor de terras desconhecidas mas que em diversas viagens que fez á America, no serviço de Hespanha e de Portugal, tomou parte nas emprezas do Pariá desempenhadas por Ojeda, e nas do Brazil incumbidas á commandantes portuguezes.

Póde-se affirmar, pois, que Americo é o seu proprio e quasi unico biographo, e que infelizmente conseguiu illudir a varios escriptores distinctos como Humboldt, Southey e Varnhagem, os quaes nas suas narrativas o acreditam, porque elle, instruido geographo como era, soube esboçar descripções que combinam perfeitamente com as dos documentos historicos, comquanto Portuguezes e Hespanhóes, como Navarrete e Santarém, e numerosos estrangeiros como Avezac e outros, consideram falsos muitos episodios por Americo referidos em suas cartas no proposito de gloriar-se.

Esforcemo-nos em demonstrar nosso juizo particular, desvendando a verdade no n eio

da falta quasi completa de esclarecimentos ácerca dos feitos e meritos de Americo, e confrontando o muito que elle reconta em suas cartas e o pouco que consta dos documentos officiaes ou escriptos por outros a seu respeito.

Depois da tomada de Granada, da reconquista do sólo hespanhol, occupado até então pelos Arabes e Mouros, da expulsão dos soberanos musulmanos da península Iberica, e da unificação de Hespanha em um só estado e reino, fundidos Castella, Galiza, Asturias, Aragão e Navarra, começaram em Hespanha as emprezas ultramarinas. Carecia-se empregar a actividade, o valor, o entusiasmo dos guerreiros, que nada mais tinham a cumprir na patria contra inimigos. Iniciou Colombo, em nome e honra de Hespanha, seus empreendimentos maritimos para encontrar as Indias, que os portuguezes procuravam depois de esplendorosas explorações no mar Atlantico, e de correrias e reconhecimentos da costa occidental da Africa. Em direitura pretendeu ir Colombo, e não contornando o cabo da Boa Esperança. Em 1492, partio audaciosamente de Palos com tres miseraveis caravellas, dirigio-se para o poente, descobrio as ilhas do mar das Antilhas. Em segunda e terceira viagens adiantou suas explorações, e descortinou á Europa um novo mundo. Espalham-se em todos os cantos de Hespanha as noticias de seus feitos. Não havia castelhano que não quizesse ir tambem ás paragens novas por elle

descobertas, e pintadas como paraizo de opulencia e riqueza.

Não faltaram tambem a Colombo invejosos, que lhe negassem o genio altanado, mas que anciavam ganhar identicos louros, fortuna, honras e nome deslumbrante.

Descobrio Colombo na sua terceira viagem de 1497 a terra firme do Pariá. — Encontrára alli abundantes perolas preciosas, que remettera para Hespanha. Como se não excitariam os espiritos dos castelhanos?

Collocára-se á frente de uma repartição publica novamente fundada para tratar e dirigir negocios das Indias Occidentaes, como se appellidava ainda a America devida a Colombo, um bispo, chamado Fonseca, favorito de D. Fernando de Aragão, e que se não mostrava amigo de Colombo. Conseguiu Fonseca que Izabel e Fernando, no intuito de alargarem suas conquistas, publicassem editos, convidando a emprehndimentos maritimos os hespanhões habilitados, que á sua custa tentassem commettel-os. Até então eram as explorações confiadas privativamente a Colombo, nomeado almirante e governador das terras que descobrisse. Até então não partiam dos portos de Hespanha navios para as Indias Occidentaes, que se não submettessem, e dirigissem a Colombo, pelo monopolio estabelecido nos seus contratos com a corôa. Residia Americo então em Sevilha, occupado na gerencia de casa commercial italiana ahi estabelecida. Dedicava-se, porém, e muito a estudos cosmogra-

phicos, acompanhava curiosamente o movimento e progressos marítimos; pesquisava com cuidado noticias provenientes das Indias Occidentaes, desenhava admiravelmente cartas e mappas, e manifestava-se douto cosmographo.

Protegia o Bispo Fonseca a Affonso Ojeda, fidalgo valente e arrojado mareante e guerreiro, que acompanhára Colombo na sua segunda viagem, e voltára para Hespanha desgostoso do almirante.

Com elle tratou Americo de entender-se. Porque não alcançaria carta patente paraprehender por sua conta viagens e descobrimentos de terras nas Indias? Dinheiro para equipar navios arranjar se-hia; marinheiros e pilotos não faltavam. Estava Americo prompto a acompanhal-o e auxiliá-lo. Não lhe proviriam grandes lucros e gloria?

Decidio-se Ojeda. Aproveitou-se da protecção do Bispo Fonseca, que lhe deu a estudar e copiar os roteiros e cartas de Colombo, a respeito de sua terceira viagem, e que se guardavam na repartição official das Indias Occidentaes. Recebeu logo depois Ojeda auctorisação régia para armar á sua custa navios destinados a exploração de novos continentes, comtanto que não offendesse os privilegios de Colombo sobre os territorios de que elle se apossára, e de entrar para o erario com parte importante dos proventos. Assignou os contratos respectivos e procurou socios em Sevilha para executar seus designios.

Unio-se-lhe João de la Cosa, piloto afamado. Concorreu Americo com dinheiro e com trabalhos proficuos. Formaram sociedade nos lucros que alcançasse a empreza. Quatro caravellas apparelharam-se, partiram de Sevilha em 1499, singrando para a costa do Pariá, onde particularmente convidava os mareantes a noticia de perolas preciosas. Tomou Ojeda o commando em chefe, e o rumo dos aventureiros foi fixado sobre o roteiro e cartas da terceira viagem de Colombo, de cuja cópia Ojeda conseguira munir se. Cosa e Americo embarcaram como pilotos e associados.

Descahio a esquadriha um pouco mais para o sul do que fôra o rumo de Colombo, que das Canarias se dirigira directamente para o Occidente. Não tem até hoje apparecido em Hespanha o roteiro ou livro de bordo, relativo a esta viagem, comquanto muito procurado, fallam porém á respeito alguns escriptores que viveram n'esse tempo, e que deixaram narrativas interessantes.

Encontram-se tambem importantes declarações de Ojeda nos depoimentos que em 1508 prestou á convite dos herdeiros de Colombo, e que foram publicados por Navarrete. Confirmou-os o de João de la Cosa. Affirma tanto Ojeda como Cosa que a grande distancia para o sul do golpho de Pariá, descobrira-se terra, e procurara-se communicar inutilmente com os gentios. Depois de combates mortiferos seguira-se róta para o Norte, passando pelas boccas de um rio caudaloso e immenso, até

que por fim chegara-se á costa do Pariá, que se reconhecera tal qual a descrevêra Colombo, que fôra o primeiro a avistal-a. Naufragados dous dos seus navios, abrigou-se então Ojeda á ilha do Haiti, e d'ahi em 1500 voltou para Sevilha, sem que nenhuns proveitos tirasse da excursão executada. Pelas duas referidas declarações conhece-se, pois, que a flotilha não atravessou a linha equinocial para o Sul; que apenas approximou-se de costas que se devem suppôr Goyannas e vizinhanças de Serinan, e vio as boccas numerosas do rio Orenoco, calculadas as distancias e alturas referidas por Ojeda.

Contrastemos as declarações de Ojeda com as de Americo. Em carta dirigida a Lourenço de Medicis, com data de 18 de Julho de 1500, e que só foi publicada em 1745 por Bondini em Florença, e se numera como a primeira, narra Americo esta viagem com bastantes differenças.

Falla só de dous navios, não nomêa nenhum dos companheiros nem o chefe Ojeda. Segundo sua estimativa, a linha equinocial foi dobrada para o Sul, e aos 5 grãos descobriu-se terras. Apregoa-se assim já como descobridor do Brazil antes de Pinzon em Janeiro de 1500, o de Cabral em Abril do mesmo anno. No regresso para o Norte, trata do Pariá e diz que foi o primeiro a avistar e pisar o sólo. Concorda sómente com Ojeda, na ida ao Haiti, na volta para Sevilha, e na confissão de ter-se mallogrado inteiramente a empreza com a perda de duas

caravellas ! Dessa carta de Americo, contraria ao depoimento de Ojeda tem derivado a opinião de que Ojeda descobrira o Brazil antes de Pinzon e de Cabral e que Americo fora o espirito da expedição. Como dar-se credito a Americo em vista do que allegára Ojeda, que é tanto mais insuspeito quanto a gloria de preferencia lhe caberia como chefe da flota exploradora ?

Depois d'esta viagem malograda sabe-se que não viveu Americo satisfeito em Hespanha ; talvez se despeitasse contra o governo castelhano, por lhe não apreciar os serviços como os aquilatava. Deixou Hespanha repentinamente, e logo depois alistou-se, conforme elle proprio o declara em outra carta, na qualidade de piloto maritimo ao serviço de Portugal.

Publicou-se em 1789 a segunda carta á que nos referimos de Americo, pelos cuidados do seu compatriota Bardelli na Italia. Tem a data de 1501, diz-se escripta do Cabo Verde, e é dirigida igualmente a Lourenço de Medicis. Affirma que commandando navios portuguezes, ao voltar de descobertas na ilha de Vera Cruz, encontrára no Cabo Verde a frota de Alvares Cabral que regressava das Indias Orientaes. Foi logo depois e no mesmo anno de 1789 impressa em Florença por Bertolozzi uma terceira carta, que se diz por elle escripta de Lisboa, com data de 1502, endereçada tambem a Lourenço de Medicis. Nesta ultima refere Americo que fôra incumbido por D. Manoel de

Portugal de seguir mesmo direito para Malaca, depois de examinar e explorar as costas do Brazil, e que percorrêra estas desde o Cabo de Santo Agostinho até cerca de 52 grãos de latitude ao sul. Dá noticias interessantes a respeito do paiz e dos indigenas.

Apreciemos agora o que consta dos documentos e memorias portuguezas no tocante a esta viagem de 1502. Partira effectivamente de Lisboa em 1501 uma expedição de quatro navios, destinada á explorar as terras que Cabral descobrira em 1500, a de que por uma caravella mandára logo á Lisboa dar noticia ao rei de Portugal. Esta flotilha cumpriu sua incumbencia, voltou pelo Cabo Verde e encontrou em Besequengue a frota de Cabral que regressava das Indias. Se Americo acompanhou-a, foi na qualidade de pi'oto, de subalterno, nunca de chefe, como se gaba ter sido, e que não poderia mesmo ser na qualidade de estrangeiro. Nem palavra sobre Americo proferem os escriptos e memorias encontradas em Portugal, bem que coincidam muitos successos relatados por Americo com os das chronicas portuguezas do tempo.

Confrontemos agora o valor das cartas que Americo publicou em sua vida, visto que aquellas, de que temos fallado, se não são apocryphas, gastaram seculos em serem impressas, e não foram, portanto, conhecidas na época para poderem ser commentadas, e discutidas pelos interessados.

Em Sevilha feneceu Americo em 1512. Tinha-se publicado em 1505, e em Stras-

burgo, uma carta sua na lingua latina dirigida a Lourenço de Medicis como titulo— Americus Vespucius, de orbe antartico per rege Portugali pridem invento. Tem data de 1504. Contém numerosas divergencias da primeira carta: contraria inteiramente o que allegára na narrativa da exploração da costa e das peripecias da viagem de 1502 em obediencia as ordens do rei de Portugal. Como conciliar as duas? Não se conhece que é uma pelo menos apocripha? Foi logo traduzida em italiano e impressa em Vicencia e Milão, tornando-se, então, muito espalhada e lida. Como um dos primeiros documentos a respeito da America, de certo d'ahi proviria a idéa de que Americo fôra o primeiro europeu que pisou terra americana, e quiçá não concorreria esta circumstancia, junta com os mappas por elle desenhados e assignados, e que na verdade foram os mais aperfeiçoados da época, para se dar ao novo mundo e de preferencia seu nome ao de Colombo?

Uma derradeira carta de Americo Vespuccio é a que mais tem illudido a boa fé dos escriptores, e chamado injustamente para seu nome glórias que lhe não pertencem. As quatro de que tratamos em primeiro logar pouco concorreriam para conseguir-lhe o fim que almejava de grande fama e reputação.

Foi impressa esta quinta carta em 1507 em Saint Dié, é datada de 4 de Setembro de 1504, redigida em latim e endereçada, segundo uns, ao Duque Renato de Lorena, conforme

outros, a Pedro Solerini, ganfalonier de Florença. Comprehende uma especie de auto biographia: recapitula os acontecimentos de sua vida: enumera quatro viagens, que diz praticára, duas em serviço de Hespanha, em 1497 e 1499, e duas no de Portugal, em 1501 e em 1503; apresenta seus titulos para que os posterios guardem eternamente sua memoria.

Analysada criteriosamente esta carta, não pôde ella ser tomada como expressão da verdade, tão palpaveis são as contradicções, tão imaginadas as circumstancias que minuncia e reconta.

Pela primeira vez falla Americo de uma viagem que effectuára em 1497, dirigindo quatro caravellas destinadas a explorações nauticas. Nem uma prova apresenta que lhe abone a veracidade, nem mesmo a verosimilhança. Nem um assento apparece nos archivos de Sevilha, de onde affirma que partira, quando elles consignavam as entradas e sahidas de todos os navios de Hespanha para as Indias Occidentaes e vice-versa. Até 1499 nem uma expedição ou barco deixou os portos da Andaluzia, privilegiados para as communicações das Indias Occidentaes, que não fosse subordinado ao almirante Colombo. As primeiras embarcações que livres largaram com cartas de auctorisação particular datam de 1499, e coube a sorte a Ojeda, a Nino, a Peppe e a Pinzon. Nem vale a pena refutar-se falsidade da allegada viagem de 1497, além de que como estrangeiro

não lhe poderia ter sido concedida licença para commandar na categoria de chefe marítimo. Presume-se que improvisou Americo esta viagem, e attribuiu-lhe parte das circumstancias e successos da de 1499, para o fim de adiantar-se a Ojeda no descobrimento da costa do Pariá, que Colombo já em 1498 conhecêra, e que, guiado pelo roteiro e mappas do almirante, verificára Ojeda em 1499. Como se organisou essa viagem de 1497? Com quem navegou Americo? Porque publicando em uma carta a Lourenço de Medicis as peripecias da de 1499, sob as ordens de Ojeda, não fallou nessa viagem anterior de 97 que elle havia já executado?

Uma unica viagem de Americo, ao serviço de Hespanha, é que está provada; teve logar em 1499, quando acompanhára Ojeda e Cosa.

Referindo depois Americo sua verdadeira viagem de 1499, desata-se em contradicções de factos e datas manifestas com os depoimentos de Ojeda, e com o que elle em outra carta asseverára. Alguns episodios são concordes com o que os chronistas hespanhóes contemporaneos narram descrevendo a mesma viagem; mas ha accrescentamentos como a descoberta do Brazil, e as basofias de que fôra Americo o principal actor da empresa, que lhe tiram todo o conceito.

Quanto agora ás duas viagens verificadas por conta de Portugal, de que trata egualmente a mencionada carta, não se pôde inferir que seja exacto tudo o que Americo relata. Falhau egualmente provas, e Por-

tugal as não fornece em nenhum documento. Pôde ser que Americo estivesse embarcado na expedição de 1501, que parece ter corrido ás ordens de Gonçalo Coelho, quando não seja de Nuno Manuel, como varios escriptores sustentam. E' de acreditar que o fosse como piloto, porque combina no geral sua narração com as relações e roteiros portuguezes, que descrevem as costas percorridas por maneira identica, navegando-se ao longo das terras do Brazil, reconhecendo-se varios pontos, e voltando-se para Lisboa pelo Cabo Verde.

Passando a tratar agora da viagem de 1503 ás costas tambem do Brazil, e que Americo assevera ser sua quarta e ultima exploração ultramarina, das chronicas e documentos officiaes portuguezes consta apenas que D. Manuel enviára uma esquadrilla de seis navios para o fim de procurar caminho directo pelo Occidente para Malaca, na Asia; e que Americo fôra á bordo empregado como piloto. Comquanto na sua carta a Soderini, ou a Renato, procure mais ou menos Americo arvorar-se em chefe, como o fizera no tocante á viagem de 1501, no correr da penna elle proprio contradiz-se quando affirma que a perda de quatro navios se deve á loucura do commandante, que não quiz acceitar seus conselhos. Consequentemente outro era o commandante e não elle.

Certo é que regressando Americo para Lisboa, com os dous navios que escaparam, não se demorou em Portugal, voltou para

Sevilha, e lá tratou de desenhar mappas do Brazil, pintando-o como uma ilha, e espalhando-os pela imprensa. Achava se já em 1404, em Hespanha, de onde não sahio mais para occupar-se de expedições maritimas. Podemos no emtanto asseverar que só duas viagens por elle descriptas estão perfeitamente provadas, a de 1499 e a de 1503.

Parece provavel tambem a de 1501, bem que seu nome não conste dos documentos portuguezes, mas suas narrativas não contrariam as informações officiaes. E' inteiramente falsa a que elle inculca haver praticado em 1497. Acresce que mesmo a respeito das viagens que se lhe podem attribuir, não se devem acreditar todas as circumstancias e episodios que narra. Como, pois, alçou-se tanto a fama de Americo que ficou considerado um grande navegador, um feliz descobridor de terras americanas? Nem a Pizon, a Solis, a Balbôa, a Ojeda, a Caboto, a Cabral, a Côrte Real, a Bartholomeu Dias, a Magalhães, pôde comparar-se, e entretanto, sua gloria quasi hobreou com a de Colombo!

Varias causas concorreram para esse resultado tão inesperado: primeiramente os numerosos mappas por elle desenhados, assignados e derramados pelo mundo europêo, que os tinha pelos melhores e mais completos; depois as duas cartas publicadas em lingua latina, a Melicis e a Renato, traduzidas logo e impressas em italiano, e na lingua franceza, que lhes prestaram a maior notoriedade, e que os hespanhóes e portuguezes

por muito tempo desprezaram, e pois as não refutaram, se é que d'ellas tiveram noticia. E mais ainda cooperaram seus compatriotas florentinos, exaltando a figura de Americo em obras de Canovai, Albodo de Vicencia, Bertoluzzi, Ramusio. Ousam até alguns d'elles contal-o no numero dos primeiros companheiros de Colombo. Não lhes bastava a gloria de terem nascido em Florença, Dante, Buonarroti, Galiléo, Machiavelli, genios que honram um paiz, uma geração inteira? Não tiveram seu berço na Toscana tantos outros notaveis personagens? Que ganhavam em improvisar glorias para Americo?

Com imparcialidade esboçamos a vida de Americo, segundo os documentos historicos. Foi geographo de talentos singulares, dextro desenhador de mappas. Não se reveste, porém, de côres valiosas e resplendentes como alguns escriptores o pintam. As legendas, invenções, imposturas, fabulas, que se lhe annexaram, procedem d'elle proprio, de sua imaginação, de suas ambiciosas tendencias a grangear gloria e louros, que não conseguira todavia.

Americo Vespuccio inventou sua propria reputação.

Nicolau Machiavelli

Cita-se geralmente o nome de Machiavelli como o de um cortezão de príncipes, de um defensor de tyrannias, de um apologista de despotas. Mencionava-se a sua obra intitulada *Tratado do Principe*, como o manual da perfidia politica, o breviario de maximas tendentes a escravisar os povos e justificar os mais escandalosos arbitrios.

E', entretanto, sabido que ninguem o excedera em honorabilidade de procedimentos publicos, em honestidade de vida domestica, em serviços relevantes prestados á sua patria, e em talentos superiores. Seus escriptos historicos e litterarios desafiam a attenção da posteridade e obrigam á profunda leitura e meditação.

Mais ainda nos attrahe a sympathia porque não cuidava só da republica de Florença, a que pertencia, mas elevava suas vistas e apreciações á liberdade e independencia da Italia inteira.

Administrador consciencioso e sagacissimo diplomata em muitos cargos e missões, de que fôra incumbido, deixou correspondencias que provam esmerado zelo, perspicacia e patriotismo estremecido.

O tratado, porém, do *Principe* maculou-

lhe a reputação, de modo que quasi todas as nações do mundo adoptaram seu nome para exprimirem o que significa astucia, velhacaria, baixeza, infamia ; e pois o machiavelismo.

Examinem se, todavia, os acontecimentos publicos de sua época ; a situação dos espiritos e estado da Italia ; as idéas que grassavam entre seus habitantes ; os fundamentos dos governos, que a dirigiam ; comparem-se, umas com outras, suas obras, e julgue-se então o homem com inteira imparcialidade.

Descobrir-se-ha o politico mais illustrado e completo do seu tempo ; o representante genuino e fidelissimo dos italianos que queriam independencia da patria e liberdade de instituições ; o inimigo mais decidido dos estrangeiros, hespanhães, allemães, suissos, francezes, que assaltavam, dominavam, curvavam, prostravam, avassallavam, arruinavam a peninsula, que é e foi sempre a mais bella e preciosa porção da Europa, aquella que unica guardou os resquicios da antiga civilisação de Roma e da Grecia, e que generosamente transmittio-os ao mundo, illuminando com um clarão que não fôra de todo apagado apezar do cataclysmo horroroso produzido pelas invasões dos barbaros do 4º, 5º e 6º seculos.

Nasceu Nicolau Machiavelli na cidade de Florença a 3 de Maio de 1469. Era sua familia nobre e abastada de bens de fortuna. Fortalecido com estudos regulares em faculdades superiores de instrucção publica, de-

dicou-se ainda joven á composição de comedias imitativas das latinas, muito apreciadas pelos eruditos italianos, que então preferiam o bello antigo ás inspirações modernas e originaes da poesia, que Dante creára e Petrarca affeminára com a harmonia das fórmas e organisação musical do verso. Cita-se ainda hoje o merito de uma comedia que elle escreveu com o titulo de *Madragora*.

Com excepção dos Argonezes, que se haviam assenhoreado do sul da Italia, a pretexto de heranças de Napoles e Sicilia, estava então a Italia livre de estrangeiros e particularmente de allemães, que por tanto tempo ali haviam permanecido, lutando com os pontifices romanos na sujeição da terra. Não havia, felizmente, mais nem Guelfos e nem Gibelinos, partidarios ou do imperio ou do Papado.

Dividia-se, porém, a Italia em pequenos estados independentes, que entre si brigavam, dilaceravam-se, subjugavam-se. O Papa por um lado, Veneza, Milão, Florença e Saboia por outro, consideravam-se poderosos, estorciam-se, porém, em intrigas, allianças, brigas e guerras declaradas não raras vezes. No meio delles pequenos condados, republicas independentes, como Modena, Genova, Turim, Alexandria, que não podiam tambem por seu lado gozar de paz, e nem firmar ordem publica.

Predominavam, pois, mais ou menos a dictadura e anarchia por toda a parte.

Bem que denominada republica, era Flo-

rença despoticamente governada pela família dos Medicis. Não são tantas vezes os intitulados regimens republicanos verdadeiros regimens de oppressão, arbitrio e violências ?

Commerciantes e banqueiros elevaram-se os Medicis á posição superior, á influencia suprema no estado ; e com suas riquezas adquiriram clientella extensa, sectarios numerosos. Apoderaram-se exclusivamente de todos os cargos publicos, que, como se fossem hereditarios, transferiam de pais a filhos.

Cosme de Medicis e Lourenço, o Magnifico, favoreceram, é verdade, as industrias, as artes, as lettras, fundaram estabelecimentos proficuos e administraram com moderação e justiça. Pedro de Medicis revelava-se, porém, indolente e caprichoso, e era o chefe de Florença ao findar o seculo XV.

Não existiam em parte alguma da península liberdades publicas e nem privadas, de nenhuma garantia gozava o cidadão, e bem que superior em luzes, riqueza, commercio e industria ás demais nações da Europa, a Italia, por divisões internas, que a tornavam fraca e incapaz de defender-se, provocava ambições estrangeiras. Lembrou-se Carlos VIII, de França, que a casa de Anjou arrogava direitos de preferencia ao dominio de Napolés sobre a de Aragão, que então alli governava. Chamou a seu partido Ludovico Moro, de Milão, o marquez de Saluzzio, e os senhores de Saboya, e premeditou uma invasão armada na península, no proposito

de conquistar territorios, povos e gloria. Inspirava-o o desejo de assenhorear-se de Napoles, e de lá transferido para a Grecia, expulsar os Turcos de Constantinopla, de que elles se haviam ha pouco apoderado, repellil-os ainda da Syria e restaurar o reino christão de Jerusalém que os antigos Cruzados do occidente tinham possuido, e que depois haviam sido obrigados á abandonar aos Musulmanos.

Exaltado com estas idéas, penetrou Carlos VIII na Italia em 1494 á frente de um possante exercito.

Ao saber a noticia das pretenções francezas, Napoles, o Papa e os Medicis de Florença concertaram allianças e trataram de resistir lhe.

Livremente atravessou, comtudo, Carlos VIII os estados do Norte da Italia, e adiantava-se para Florença, quando Pedro de Medicis, assustado, dirigio-se a seu encontro, protestou-lhe amizade, associou-se á sua côrte, e declarou-se separado do Papa e dos Aragonezes de Napoles.

Revoltaram-se os Florentinos contra esse procedimento. Aproveitou-se um frade dominicano, por nome Savanarola, que usufruia grande popularidade, para sublevar o povo. Era já elle o chefe da opposição conhecida contra a dominação dos Medicis, e constituiram-se um tribuno eloquente e poderoso. Ao regressar Pedro de Medicis do acampamento francez, não foi recebido mais em Florença, que nomeou um governo proviso-

rio sob a direcção de Savanarola, e declarou os Medicis exilados da republica.

Dirigio-se tranquillamente Carlos VIII para Roma, penetrou na cidade sem encontrar obstaculos. Recolheu-se o Papa Alexandre VI ao castello de Santo Angelo. Concor-daram rei e Pontifice, após repetidas confe-rencias, em pazes e alliança, e seguiu Carlos para Napoles. Fugiram para a Sicilia os principes Aragonezes. Em Napoles, no anno de 1495, corôou-se Carlos VIII como rei de Napoles, imperador do Oriente e rei de Jeru-salém.

Formaram-se, no emtanto, accôrdos contra os francezes entre o foragido rei de Napoles, o imperador da Allemanha, Veneza, Fern-ando de Aragão, o rei de Inglaterra, e o proprio Ludovico Moro, de Milão.

Impressionou-se Carlos VIII com a noticia da alliança de tantos inimigos poderosos. Deixou guarnição franceza em Napoles e um delegado para governar o reino. Já com difficuldades e sérias opposições pôde atra-vessar os Apeninos. Descobria inimigos por toda a parte em seu regresso para França. No valle de Taro encontrou um exercito adverso, que felizmente conseguiu derrotar, abrindo-lhe essa victoria caminho para França.

Na sua ausencia atacaram Napoles os reis da raça Aragoneza, subjugaram as guarnições francezas, restauraram seu do-minio e sumio-se assim a influencia de Car-los VIII na Italia.

Bem se não haviam retirado os francezes e já allemães e hespanhóes invadiam a Italia pelo norte e pelo sul. Fernando o Catholico, que contava reunir Napoles e Sicilia ao Aragão e Navarra, como um dos herdeiros dos reis de raça Aragoneza, que até então dominavam os estados meridionaes da península; Maximiliano da Allemanha, que ambicionava a posse da Lombardia. Apareceu tambem em campo Luiz XII, rei de França, successor de Carlos VIII, que anciaava repetir os feitos de seu antecessor. Exercitos estrangeiros derramaram-se, pois, pela Italia, travando combates assiduos, cobrindo o solo de ruinas, destruindo cidades importantes, roubando preciosidades de egrejas e de palacios, que assaltavam excitados pela fama que corria de suas opulencias.

Não lograram, no emtanto, os Medicis volver para Florença. O louco Savanarola não se pôde tambem sustentar na influencia e no governo. Não lhe assaltava o espirito a idéa de que são sempre as primeiras victimas de uma revolução aquelles que a promovem e executam? As aguas revoltas submergem os que as baralham, porque não podem coagil-as a pacificar-se. Com suas violencias alienou Savanarola de seu governo o favor popular, foi apeado do poder, condemnado á morte e ignominiosamente queimado em uma fogueira levantada no centro da mais bella praça publica. Organizou-se então um governo sério; foi nomeado Gafalonieri Pedro Soderini, cidadão hotenos

e moderado, e Machiaveli, seu secretario principal. Fixaram-se instituições para garantir a liberdade e independencia da republica.

Emquanto permaneceu no poder o Gafalonieri Soderini, não só na politica interna como na externa, predominava Machiaveli, e merecia ella o apoio de todos os bons cidadãos. Por vezes partio Machiaveli como embaixador para França, para Allemanha, para Roma, e provou nas missões diplomaticas rara habilidade. Perante Cesar Borgia, filho do papa Alexandre VI e potentado de muito valor na Italia, como Duque de Urbino e senhor da Romanha, conservou-se algum tempo acreditado no character de representante de Florença.

As communicações officiaes, dirigidas por Machiavelli a seu governo, provam as difficuldades e perigos de sua posição como diplomata de uma republica que carecia agradar, lisongear, humilhar-se até, para poder afastar opposições e malquerenças com o papa e seu filho Cesar, com o imperador da Allemanha e os reis de França e de Aragão, os quaes poderiam destruil-a e restaurar os Medicis. Revelou igualmente pericia, astucia e tino, dignos de nota, bem que se visse coagido a destoar das normas da justiça, da moral e da verdade. Precisava Florença, para salvar sua independencia e liberdade. entreter neutralidade entre os varios Estados que se guerreavam, e provou Machiaveli que era o estadista proprio para tão melindrosa missão.

Fallecido o papa Alexandre VI em 1503, succedeu-lhe Pio III, e, no mesmo anno, a este, Julio II, que chamou os aragonezes de Napoles em seu soccorro, e perseguiu a Cesar Borgia. Recolheu-se Cesar a Napoles, e d'ahi foi remettido preso para Hespanha, onde morreu em 1507 em batalha campal ás portas da praça de Vianna, estado de Navarra.

De francezes triumpharam hespanhóes e allemães na Italia; com o apoio dos primeiros, volveram em 1512 para Florença os Medicis, que restauraram seu anterior governo. Pedro morrera, mas Julião, Lourenço e João, que depois foi eleito papa, sob o nome de Leão X, tomaram conta da auctoridade suprema, apòs dezoito annos de exilio, anciosos como estavam do poder e da vingança. Expatriaram-se então os mais conspicuos cidadãos; presos, processados, e condemnados a varias penas, foram muitos e alguns bastantemente notorios. Machiaveli achou-se incluído no numero dos ultimos, supportou com dignidade os tormentos da tortura nos carceres, e foi por fim desterrado para fóra da cidade, bem que se lhe consentisse residir em distancia de doze milhas, e em sitio agreste. Considerou-se feliz, ainda assim, porque varios companheiros haviam perdido a vida nos cadafalsos, e Pedro Soderini e alguns outros, fugindo para paizes estrangeiros, mendigavam para comer, e estorciam-se nas maiores angustias e miserias.

Retirou-se Machiaveli para uma granja

que possuía no logarejo chamado S. Graciano e tratou, pobre e despojado dos bens que possuía, de tirar proveito de alguns olivae e matta, que se incluíam na sua propriedade. Era casado, contava bastantes filhos, e necessitava alimentar-se e á familia.

Conhecem-se as peripicias de sua vida no exilio pelas suas cartas guardadas hoje como preciosidades nos archivos do antigo palacio de Florença.

Dizia em uma carta enderessada a Francisco Vetori e que tem a data de 10 de Dezembro de 1513:

« Vivo na minha granja. Levanto-me antes de alvorecer, carrego aos hombros um feixe de varas com visco, gaiolas e outros apetrechos, destinados a caçar tordos, e saio para o matto. Nesta faina passei o mez de Setembro. Mas faltou-me logo este passatempo, porque precisei tratar de cousas mais necessarias á existencia. Desde então encaminho-me a vigiar o côrte da lenha, que mando fazer. Junto-me aos trabalhadores, e todos desempenhamos a tarefa, que muito pouco rende, mas que me é extremamente precisa. A' hora de jantar volto para minha casinha, converso um pouco com minha familia, sentamo-nos todos á mesa frugal, porque escassos são os recursos da minha pobre fazenda. A' tarde vou á taverna, onde ordinariamente encontro um carnicheiro, um carpinteiro, e alguns forneiros de cal, com os quaes me rebaixo jogando o cricrac.

Logo que anoitece, regresso para minha

granja. Dirijo-me então ao meu gabinete de estudo: deixo no humbral da porta o fato de camponez, cheio de pó e lama, e com o pensamento visto um manto real, ou um traje de côrte. Assim transformado, conforme a elevação de meus pensamentos, entro com honra na sociedade antiga dos grandes homens. Durante as quatro horas que conferencio com os mortos, esqueço as minhas angustias e as minhas penas, e desprezo a minha pobreza, escrevendo alguns apontamentos e livros. etc.»

Em carta posterior declara ao mesmo Vettori que desejava que os Medicis lhe déssem algum emprego, obrigado pela miseria domestica a fazer este pedido. A verdade — acrescenta — é que me aniquilo e não posso permanecer mais tempo nesta penuria e que a pobreza me torna objecto de desprezo geral. Ainda que ao principio me empregassem a carregar pedra, sujeitar-me-hia.

Cada vez mais acabrunhado pela miseria, vê-se obrigado a confessar que carregava ás costas não só a lenha que vendia como a que era mister para sua casa, e que mal lhe chegava o azeite que fabricava para ter accessa ás noites a lampada com que pudesse escrever algumas obras litterarias, a que se dedicava. Acrescentava ainda que faltava-lhe ás vezes uma moeda de cobre para as despezas indispensaveis.

Em 1516 acrescenta em outra carta:

« Baldo de recurso vêr-me hei obrigado a procurar a subsistencia em qualquer lugar

de escrivão de tristonho villorio; e se ainda não encontrar este recurso, procurarei ser mestre de escola em alguma aldeola obscura e miseravel, resignando-me a ensinar meninos a lêr, e deixando minha familia aqui, como se fôra homem morto, visto que para ella sou hoje um fardo.»

Em 1531 cingio a teára pontificia o cardeal João de Medicis e tomou o nome de Leão X. Deixou o governo de Florença a seu irmão Julião.

Ou por commiseração, ou por politica, resolveu Julião permittir-lhe o regresso para Florença, perdoando assim a Machiaveli.

Ao sentarse depois Julio Medicis no throno pontificio reintegrou, em 1523, a Machiaveli em varios empregos que elle exerceu até fallecer em 1527.

Foi durante seu exilio na granja de S. Graciano e depois do seu regresso a Florença que Machiaveli escreveu suas mais notaveis obras litterarias que o mundo illustrado aprecia e admira.

São a *historia de Florença*, espantoso monumento de saber, de methodo, de gosto, de estylo, de conceitos e de pensamentos sociaes e politicos. Seguem-se a *arte de guerra* em que combate o emprego usual de soldados mercenarios improvisados, e exige tropas nacionaes e permanentes; os *discursos sobre Tito Livio*, que correm parellas, se não exceedem os melhores escriptos do francez Montesquieu, e a famosa *Historia* de Boussuet; o tratado emfim do *Principe*, que dedicou a

Julião de Medicis, que governava então Florença, e que lhe havia perdoado o desterro.

Para o mundo em geral sua maior celebridade procede deste opusculo, porque é só nelle que se deparam os conceitos e maximas indispensaveis aos despotas e tyrannos. Para os entendidos, porém, sóbe Machiaveli á mais elevada reputação pelas suas outras composições, que já mencionamos e pelas comedias com que iniciára sua carreira litteraria.

Porque é que excita tanto a curiosidade o livro intitulado o *Principe*? Examinemol-o, apreciemol-o, moralisemol-o.

Escrevendo-o, Machiaveli revela-se narrador frio e indifferente diante dos factos e dos axiomas politicos que delles decorrem naturalmente. Dahi deriva-se a duvida que tem agitado os espiritos dos criticos e dos commentadores. São opiniões suas? Existe ironia occulta? Que idéa abraça? Adopta ou reprova os conceitos que faz resultar dos factos?

Variam os escriptores que se entregaram a seu estudo. Esão numerosissimos em todas as nações e em todas as linguas modernas do mundo. Impossivel é até conhecel-os todos; cópia extraordinaria de livros a seu respeito enchem as bibliothecas, contrariam-se nos juizos, lutam, porfiam. discorrem divergentemente, separam-se de opinião, e deixam tudo em incerteza e confusão.

Para uns não passa Machiavelli de corteção official, de adulator de tyrannetes que

dominavam a Italia, e que tomavam o exito pelo dogma, que esqueciam que a moralidade é a primeira condição dos actos publicos, que materialisavam a politica, reduzindo-a a habilidade, em vez de espiritalisal-a, elevando-a á dignidade de virtude.

Para outros deve-se considerar o livro um singular producto de refinada ironia, no proposito de tornar odiosa a tyrannia, embriagando os tyrannos e estimulando os povos para se revoltarem. Não se revelara o autor por excellencia satyrico e de humor eminentemente ironico nas suas comedias e em diversos de seus escriptos, aliás sérios e graves?

Bacon, o famoso e illustradissimo philosopho inglez, adopta a opinião ultima, e não trepida em affirmar que o Principe de Machiavelli é obra de um escriptor eminentemente ironico, que se precisa estudar profundamente para se comprehender, pois que sob a gravidade apparente destina-se a preservar os povos contra os artificios dos poderosos. O historiador consciencioso, Hallam, não receia declarar que Machiavelli, republicano, como constante e energicamente se patenteára, quer em suas obras litterarias, quer em seus feitos e tendencias como secretario de estado e diplomata de Florença, maltratado, perseguido e exilados pelos Medicis, offensas que não devia esquecer, incitara-as no livro que lhes dedicava a perseverarem em medidas violentas e ferozes, afim de alienar delles os animos populares, que

sublevando-se libertassem Florença, e reconstruissem o systema republicano. Rousseau, que no seculo XVIII fulgurou como apolo-gista das idéas e doutrinas que extinguissem as tyrannias e despotismos, tece a Machiavelli os mais esplendidos elogios. O emigrado Sismondi julga-o tambem e com muito favor e decidida sympathia, elevando-o á altura de patriota pelo odio que consagrava aos estrangeiros !

Aproveitam-se seus adeversarios, todavia, de trechos extrahidos do livro que lhes parece não admittirem controversias pela clareza com que foram escriptos.

Que responder, segundo elles, aos seguintes conceitos ?

« Ganhar os homens e destruil-os era o meio empregado por Cesar Borgia como base de seu poder. Explicando seu procedimento nada encontro que se deva censurar. Não podia obrar de outro modo. Em uma soberania é mister fazer-se o chefe temido dos povos : aniquilar os que podem prejudical-o e provar gratidão aos que o sustentarem. Para conservar o poder, bem que não adquira gloria, precisa olhar para os meios de preferencia aos fins. Affeiçoar o povo pelos meios que o seduzam afim de combater e exterminar conjurações de ambiciosos e turbulentos que não faltam. Não ha que recceiar estas quando o povo ou está contente ou não se mostra inteiramente adverso. Um povo não tem senão o governo que merece. »

« As crueldades — accrescenta em outro

logar—são bem cabidas, se a palavra—bem cabidas—póde-se empregar nas cousas que são más de si, quando se commettam de um golpe e em massa. Tão corrupto está o mundo que quem quizer proceder em tudo e por tudo como homem de bem perecerá no meio de tantos perversos. Preferível é ser amado a ser temido; quando se não possa lograr ambas as condições, antes ser temido. O que sobretudo convém é que se repeite a propriedade. Qualquer homem perdôa mais facilmente a perda de seu pai que a perda de sua herança.

« Não é necessario que um principe possua todas as qualidades que tenho notado. Basta que as apparente. Perigoso é mesmo tel-as e pratical-as. Convém lhe ser senhor de si, manifestar se clemente, cortez, leal e só executar o que lhe fôr de utilidade. Vê-se o que parece ser não o que é. Nos actos dos principes só se elogia o exito, não o meio que emprega. Quantos incios empregar para se manter na autoridade reputa-os excellentes a multidão em geral, e nada vale a opinião de poucos esclarecidos. Fernando o catholico prégava exclusivamente a paz e a boa fé; quando assim pelas palavras pautasse o procedimento teria perdido sua reputação e seus Estados. »

Como — exclamam os adversarios de Machiavelli — diante destas maximas, negar que elle escreveu a apologia dos tyrannos ?

Encaremos agora a questão sob varios pontos de vista afim de melhor elucidal-a e res-

ponder aos libellos que lhe arrancam os creditos de moralista.

Percorram-se os escriptos todos de Machiavelli. Nas suas correspondencias diplomaticas nota-se que conviveu muito intimamente com Cesar Borgia, que admirava-lhe o genio politico, reconhecia-lhe a summa habilitade de guerrilheiro, bem que não deixe de recordar seus maleficios, seus attentados, seus crimes horrorosos, Exaltava-se ainda Machiavelli, encomiando o patriotismo extremecido de Cesar que se mostrava o mais encarniçado inimigo de francezes, hespanhões e allemães, que invadiam de continuo a Italia, e a arrastavam com suas guerras e conquistas á miseria e á ruina: aspirava, pois, Machiavelli a levantar o espirito popular dos italianos, e que a Italia se governasse com italianos exclusivamente.

Percebe-se que Cesar Borgia grangeava de alguma sorte a sympathia de Machiavelli pelo odio que nutria contra os governos oppressores estrangeiros.

Por esta razão Machiavelli grava-lhe a imagem no retrato do principe, que fantasia. Complexo de boas e más qualidades. Estudo necessario de psychologia politica, abstrahida de todo a noção de moralidade.

Não elogia propriamente, narra; não critica, não censura, não condemna o que contrariava as maximas da justiça eterna. Parece revelar a mais completa indiferença.

Nos commentarios a respeito de Tito Livio, que redigio quasi ao mesmo tempo que com-

punha o — Tratado do Principe, mostra-se franca e ousadamente republicano, amigo da liberdade e defensor dos direitos civis e politicos dos povos.

Na historia de Florença respira-se o aroma da virtude e da liberdade. Como se pôde com exacção appellidar o livro do Principe código da tyrannia, apologia do absolutismo, catechismo da immormalidade politica?

Não nos parece tambem admissivel a opinião de que elle anciava comprometter os Medicis e despopularisal-os. Mostrava-se agradecido pelo perdão, devotava-lhes affecto, e ao papa Clemente VII, da familia dos Medicis, dedicou no fim de sua vida a historia de Florença.

Era Machiavelli grande artista litterario: empregava phrase valente, vocabulos apropriados, estylo elegante, methodo admiravel, conceitos resultantes dos factos, tão conscienciosos quanto livres.

Como escriptor, pôde-se equiparar Machiavelli a Dante: este creou a poesia elevada e energica; aquelle a prosa tersa e robusta.

Não será preferivel deparar alvo diverso do que commummente se pensa? Não seria o de lançar fóra de Italia o estrangeiro, e pertencer Italia exclusivamente a italianos? Não se manifesta sob varios pontos de vista esta idéa patriotica? Como conseguil-a com estados pequenos, em que a Italia se dividia; com republicas que viviam sob regimen dictatorial, ou continuada anarchia; com principados de mais ou menos importantes regulos,

que exerciam toda a casta de despotismos, e guerreavam-se mutua e ferozmente ?

☛ Não seria indispensavel um principe ou rei que concentrasse sob sua autoridade exclusiva toda a Italia e poder collocar-se á frente de um poderoso exercito nacional ? Que importa que castigasse, perseguisse, trucidasse os condotieris que se lhe não subordinassem, logo que lograsse expulsar do sólo os estrangeiros e rebater novas invasões ?

Não transparece no — Principe este pensamento de Machiavelli ?

Não termina o livro com uma invocação aos Medicis, rogando-lhes se investissem de toda a autoridade, reunissem todas as vontades, e assumissem todas as forças da Italia contra os estrangeiros ?

Não deixa, todavia, de agradar a muitos a theoria de Maccaulay. Considera a Machiavelli cidadão honesto e prestimoso, pai de familia exemplar, patriota italiano decidido, republicano convicto de idéas e doutrinas de liberdades privadas e publicas.

« Seu tempo, — diz porém — foi época da maior immoralidade nos governos e nos homens politicos. Como poderia Machiavelli rasgar a athmosphera que o rodeiava, sahir do circulo e do meio em que vivia ? Pertencem os homens, mesmo superiores, á sua época, exprimem-lhes os sentimentos, representam-lhes as idéas e os conceitos. Escrevia, pois, o autor do — Principe como todos pensavam, e elle com todos, de boa fé, e arrastado pelas crenças do tempo. »

Não ha duvida que sendo quasi coevos Fernando I de Napoles, Fernando de Aragão, Luiz XI, D. João II de Portugal, Cesar Borgia, o papa Alexandre VI, o governo dictatorial de Veneza e Ludovico Moro de Milão, a politica não era uma sciencia, mas um jogo de astucia, de perfidia, de traições, de infamias. Mais feliz e mais encomiado tornava-se o mais velhaco e estrategico. Não affirmava Montaigne, espirito aliás recto, que o bem publico exigia que se trahisse, que se mentisse, e que se trucidasse?

Bem que republicano, a predilecção politica de Machiavelli o não cegava a ponto de negar a fraqueza inevitavel do systema republicano, que mais que qualquer outro exige virtudes politicas e que só pôde subsistir com garantias e liberdades dos povos, e quando todos os adeptos se dispam de despeitos e ambições, e deixem de tramar contra a ordem estabelecida, respeitando-se mutuamente. Ideal que acceito e adoptado de boa fe nobilitaria as nações, mas que raras vezes se encontra!

Não percebia, porém, Machiavelli nas republicas italianas, e muitas ellas eram espalhadas então pelo sólo, nem força nem duração, nem elementos capazes de defender e salvar a independencia da patria. Estendendo a vista pelo mundo, não deparava potentados, despotas e tyranos que conseguiam todos os fins que anhelavam pela astucia, pela perfidia e pela traição, e que enriqueciam e gloriaavam, no emtanto, as nações que governavam com virga de ferro?

Não era a historia do seu tempo que escrevia Machiavelli no tratado do Principe?

Approvava, porém, elle, as maximas e doutrinas que resultavam da moral politica da época?

Esta é que é a questão, e mais ou menos razão tem cada um dos criticos para defender seus commentarios.

Para nós, todavia, reunindo o estudo das suas qualidades individuaes e publicas, a quantidade de maximas moraes derramadas em seus diversos livros, pensamos que Machiavelli no tratado do—Principe não passou de narrador, e nunca pretendeu assumir os fóros de expositor de doutrinas politicas então geralmente preponderantes, mas que sua consciencia repellia, e que actualmente formam um complexo de immoralidades, bem que na pratica ainda muitas vezes sejam applicadas.

D. Francisco de Almeida

Partira de Lisboa Vasco da Gama a 18 de Julho de 1497, commandando tres navios de guerra, e acompanhado por um quarto que transportava os viveres necessarios á esquadra destinada por D. Manuel de Portugal ao descobrimento das Indias. Corrêra a carta occidental de Africa; dobrára o famoso Cabo da Boa-Esperança; seguira depois para o Norte, á vista mais ou menos de terras; reconheçêra varias cidades habitadas por pretos, frequentadas por Indios, Egypcios e Arabes: Moçambique, Sofala, Quilôa, Mombaça, Melinde; com alguns pontos communicára; livrára-se cuidadosa e vigilantemente de ciladas e traições que se lhe dirigiram; chegára a 20 de Maio de 1498 em frente de Calicut, cidade situada nos mares das verdadeiras Indias, tão procuradas pelos reis portuguezes e hespanhões, sonho de tantos annos, convertido emfim em realidade!

Torneando assim a Africa e rumando depois para o Oriente, mostrara-se o rico Indostão aos portuguezes, emquanto que, cinco annos antes, enveredando para o occidente em direitura, e procurando a China e o Japão, descortinára Christovam Colombo para os castelhanos um novo hemispherio, a America, que elle tomou então erradamente por parte

das Indias, alvo de seus projectos ainda mais arrojados.

Bem que acolhido com desfavor, tratado mais como pirata que como almirante e embaixador de um rei europeu, voltára Vasco da Gama para Lisboa em 1499, trazendo a D. Manuel a agradável e gloriosa noticia do descobrimento das verdadeiras Indias Asiaticas.

Em 1500 effectuou-se nova expedição, ás ordens de Pedro Alvares Cabral, mais numerosa em navios e mais abundante de soldados, para respeito do chefe e para honra da nação, em cujo nome devia fallar.

Foi durante esta viagem que descobrio-se a terra brazileira, para maior lustre do nome de Cabral, e garantia e salvação de Portugal nos seculos posteriores.

Seguiu-se a Cabral ainda Vasco da Gama, que tirou desforra cruel do Samorim de Calicut. Francisco de Albuquerque, Vicente Sodré, Affonso de Albuquerque e Duarte Pacheco provaram valentia temeraria e espantosa felicidade, seguindo os passos de Vasco da Gama.

Sobretudo, o ultimo, commetteu heroicas façanhas, que não podem ser esquecidas. Com pequeno numero de soldados destroçou superiores hordas, que lhe oppuzeram os de Calicut, e salvou Cochim, onde se achava de um assedio que lhe traria a destruição. O nome portuguez ficou registrado desde então e eternamente nas Indias, como o de um povo bravo e temerario por excellencia, mas por

excellencia egualmente, barbaro, devastador, ambicioso de riqueza e mercadorias preciosas, e mais pirata que explorador honesto.

Transportavam-se já das Indias para Portugal generos de valor subido, ouro, diamantes, rubis, perolas esmeraldas, pimenta, cravo, aljofar, marfim, camphora, madeiras exquisitas, drogas e especiarias de toda a natureza, muito procuradas na Europa: enriquecia-se a nação portugueza e invejavam-lhe as glorias e a opulencia os demais povos seus conterraneos, obrigados a procurar em Lisboa os objectos que desejavam. Já um forte em Cochim cobria-se com o estandarte das cinco chagas de Christo, e significava conquista e dominio dos ousados argonautas, que infestavam desassombradamente as plagas do Malabar.

Andava, porém, tudo em plena anarchia; cada commandante de navio navegava, pirateava por sua conta, as equipagens roubavam francamente, e voltavam ao reino quando lhes parecia tempo, e carregadas de despojos dos infelizes que encontravam, maltratavam e trucidavam com feroz barbaridade.

Entendeu D. Manuel que cumpria regular a administração maritima e militar, e promover commercio remunerativo para a corôa e para a nação que governava, bem como colonias proveitosas para o reino. Instituiu um visoreinado nas Indias, com autoridade absoluta sobre os navios, sobre as terras, e sobre os soldados, equipagens e commandantes, que para lá fossem enviados. Fixou tres annos de duração ao cargo, e escolheu

D. Francisco de Almeida para seu primeiro representante e logar-tenente naquellas paragens, de onde esperava, com razão, engrandecimento e opulências para seus estados.

Acertou na nomeação. Não se sabe em que anno nascêra D. Francisco de Almeida, nem em que localidade. Descendia, porém, de familia nobilissima. Acompanhára nas guerras de Africa a Affonso V, que o prezava tanto que o levou em sua companhia á França, quando se dispôz a reclamar soccorros de Luiz XI contra Isabel de Castella, e Fernando de Aragão: apenas em Marselha desembarcado o rei portuguez, partira Almeida na cathogoria de diplomata para communicar ao francez a noticia de sua chegada. Suas qualidades primorosas de saber e seus feitos honrosos nos combates haviam sido igualmente apreciados por D. João II, que o honrara uma vez, — graça que poucos se gloriam de haver alcançado — fazendo-o sentar-se a seu lado na régia mesa. Combatêra depois briosamente no cerco e tomada de Granada, ás ordens de Fernando e Isabel, soberanos do Aragão e de Castella, e por elles fôra dignamente galardoado.

De Lisboa seguiu o primeiro Viso-Rei das Indias no anno de 1505. Nos portos da Africa oriental deixou logo nomeada. Respondeu a hostilidades dos naturaes da terra, incitando particularmente pelos arabes inimigos dos portuguezes, devastando e incendiando Qui-loa e Mombaça, erigindo fortalezas em Sofala, e afugentando e aprisionando navios mu-

sulmanos do Egypto, que descendo pelo mar Vermelho, traficavam com os cafres e manifestavam-se adversarios tambem dos portuguezes. Atravessando o mar da Africa para a Asia, tomou á força algumas náos arabicas, que encontrou a merca lejar pelas costas; impôz pazes ao rei de Onor depois de dar-lhe lição de mestre, arrazando-lhe a cidade e destruindo-lhe muitos navios ancorados no porto.

Chegado a Cochim, na costa de Malabar, tratou de reedificar a fortaleza, já muito arruinada, que alli haviam os portuguezes levantado, e de corresponder-se com os rajahs e regulos das vizinhanças, offerecendo-lhes presentes, e declarando-lhes que só para commercio cruzava os mares das Indias, e não para offendêl-os, e menos ainda exautorá-los de seus postos e autoridades.

Numerosa população pululava por sobre os territorios que a Asia estende ao lado occidental, desde o golfo Persico até o cabo Camorin. Engastavam-se nas praias e ás margens dos rios cidades importantes de commercio e de industria: navegação ininterrupta de Arabes, Egyptios e Persas, para allise dirigia, occupavam-se seus barcos mercantes em transportar para a Europa pelo mar Vermelho ao Egypto, ou pelo golfo Persico á Syria, á Armeia e á Constantinopla, as especiarias asiaticas. Varios eram os Estados mais ou menos independentes ou tributarios, regidos por Rajahs ou chefes despotas e ciosos de suas autoridades. Granganor,

Cambaia, Calicut, Cochim e Narsinga eram os principaes reinos, além de outros de menor consideração. De costumes afeminados, de animos fracos, despidas de quasi todos os sentimentos de brio, vivendo como em captiveiro, amontoavam-se por aquelle solo populações consideraveis e industriasas. Seus soberanos submettiam-se covardemente aos invasores e monopolisadores dos fructos da producção do paiz, Arabes, Persas, Egyptios e Turcomanos, predecesores dos Portuguezes.

Riquezas espantosas revelavam pagodes, edificios, monumentos, aldeias espalhadas; no solo intelligentemente cultivado e em fabricas importantes de industria adiantada (admirava-se a actividade dos povos).

Tratou D. Francisco de Almeida de percorrer e examinar as costas, e dividio a missão entre si e um filho que o acompanhava, ornado de qualidades guerreiras e de um espirito atilado, de nome D. Lourenço de Almeida, que já se mostrára adestrado nas armas, combatendo ao lado do pai nas varias escaramças que haviam travado. Emquanto D. Lourenço visitava o sul, e corria a terra até a ilha de Ceylão, que elle primeiro descobriu, empenhou-se o Viso Rei em ajustar pazes com os rajahs de Narsinga e de Cananor; em levantar o presidio de Santo Angelo e ao lado uma feitoria destinada ao commercio: e em destroçar muitos navios, que por alli andavam pertencentes aos Egyptios e Arabes; continha, emfim, em res-

peito o Samorim de Calicut, que sempre adverso se patenteava, e incitava outros Rajahs contra os Portuguezes.

Por este modo de proceder e pelo systema que adoptou desde o principio, comprehendeu o Viso-Rei que até então não haviam os Portuguezes cuidado senão de piratarias, perdendo no conceito dos Indios, e desafiando desastroso futuro. Convinha de preferencia ligar-se aos Rajahs e populações de Malabar, sustental-os nos seus governos livres e independentes, não apossar-se de terras, não praticar conquistas, contentar-se de commerciar, e conseguir monopolio mercantil, assenhoreando-se dos mares, delles expellindo concurrencia de outras nações; e com a força dos canhões de bordo oppondo resistencia e exigindo respeito dos Indigenas. Não era idéa sua propria que defendia, encontrára-a na historia antiga, em que muito se instruiu. Não se haviam avantajado e enriquecido os Phenicios e Carthaginezes, e suas nomeadas e prestigio os não tinham tanto exaltado sobre as de outros povos? Conquistas territoriaes podiam ambicionar os Romanos, e dominar o mundo. Dispunham de grandes exercitos, e necessitavam de expandir-se para fóra da Italia, occupando a opinião com successos extraordinarios e aventuras imprevistas. Sua força contida no seio da patria os suffocaria de plethora. Não se lhe assemelhava mais a situação de Portugal, pequeno em territorio, e baldio de povo, com a dos Phenicios? Poderia attingir jámais á

grandeza e potestade de Roma? Não ganhára também Veneza com o systema phenicio, applicando-o ao Mediterraneo e mar Negro?

Estadista, militar, marinheiro, geographo, economista, administrador como era, convenceu-se D. Francisco de Almeida que outro alvo não cumpria aos portuguezes aspirar, para que obtivessem todos os fructos da navegação e descoberta das Indias. Em officios communicou ao rei de Portugal suas idéas com uma expansão digna de louvor, e uma perspicacia, que adoptada, não lograriam, de certo, os portuguezes no seculo 16 tantos proveitos da India, poderiam, porém, nella conservar-se e nella continuar com honra e vantagens, sem grangearem o epitheto de piratas e salteadores, e sem perderem por fim quantos territorios sujeitavam á seu jugo, como no fim do seculo começou a succeder-lhes: e o que lhe resta hoje das suas grandiosas conquistas nas Indias, com o systema de crear ali um imperio colonial?

Dizia Francisco de Almeida em seus officios:— «Toda a nossa força seja no mar. Desistamos de nos apropriar da terra. As tradições antigas de conquistas, o imperio sobre reinos tão distinctos, não convém. Destruamos Arabes, Egypcios, Aphagans, Ethiopes, Turcomanos e os expulsemos destas costas. Depois iremos mais longe. Com as nossas esquadras teremos os mares seguros e protegidos os indigenas, em cujo

nome reinaremos de facto sobre a India ; e se o que desejamos e queremos são os fructos della, o nosso imperio maritimo assegurará o monopolio portuguez sobre o Turco e o Egypcio, alliados dos Venezianos. Imponhamos pesados tributos, exageremos o preço dos cartazes (licença) para as náos dos Mouros; navegarem nos mares das Indias, e isso as expulsará. As nossas armadas darão cerco aos contrabandos. Não é mal de certo que tenhamos algumas fortalezas ao longo das costas, mas sómente para proteger as feitorias de um golpe de mão: porque a verdadeira segurança dellas estará na amizade dos rajahs indigenas por nós collocados nos seus thronos, por nossas armadas apoiados e defendidos. Substituamo-nos mera e simplesmente ao Persa, ao Arabe, ao Turco, e abandonemos a idéa de conquista para não padecermos das moléstias de Alexandre. O que até agora se tem feito é uma anarchia, um systema de matanças, de piratarias e de desordens a que é mister pôr cobro. As guerras passadas até agora aqui eram com bestas. Preparemo-nos de hora em diante para tel as com os Venezianos e Turcos do soldão.»

É o que escrevia praticava. Alcançava bastantes mercadorias. pimenta, aljofares, cravo, canella, marfim, sedas, porcellanas, brocados, diamantes, perolas, ouro, rubis, saphiras e expedia progressivamente para Portugal. Com a força dos navios afugentava, aprisionava, destruia, afundava os bar-

cos Egypcios e Arabes, e fazia-se temer dos regulos da terra.

Ao passo que entrelaçava relações com os chefes indigenas, formava no sólo feitorias para o commercio portuguez, guarnecedo-as sufficientemente contra um golpe de mão, e expunha tambem ao rei que era indispensavel abolir as concessões feitas aos capitães de navios, officiaes e tripolações de piratear por sua conta e risco, para se enriquecerem, como o effectuavam que não se poderia conservar ordem, obediencia, disciplina com o procedimento que elles tinham porque preferiam interesses particulares ao do soberano, e navegavam a talante muitos sem se importarem com as necessidades do serviço publico e da guerra, e sem prestarem homenagem ao Viso-Rei e aos seus immediatos.

«Desinteressem-se repetia-- de lucros. os capitães e equipagens, seja o commercio apañagio da Corôa e monoplio do estado. poupen se saques escandalosos, crimes nefandos, que se commettem, e manter se-ha então glorioso o nome portuguez.»

Posto que como feitor ou caixeiro escrupuloso, intelligente e activo, prestando ao Rei contas miudas e documentadas dos preços das mercadorias que comprava e remetia; revelava-se guerreiro sagaz, e honrava a patria com façanhas memoraveis. Não eram infelizmente acolhidos seus avisos na côrte com aquelle favor que necessitava o serviço publico. Appreciava-o D. Manuel, mas não podia resistir aos cortezãos, associados aos

aventureiros, capitães de navios e governadores subalternos de fortalezas, que se viam ameaçados por D. Francisco de Almeida, e que iniciaram logo contra o Viso-Rei uma opposição decidida, empregando astucias, intrigas, calumnias. Para mais abalar o espirito do Rei não se olisongeava com a historia das grandezas de Roma, que tão poderosa se tornara pelas conquistas, enquanto que os Phenicios só se tinham enriquecido e locupletado?

Pro luziram effeito as queixas dos desaffectos de D. Francisco de Almeida. Desprezou-lho D. Manoel os conceitos prudentes e experimentados. Que importava que D. Francisco de Almeida assim se exprimisse nas suas communicações.

« O principal estado consiste na navegação. Não temos gente para governar terras como colonias e posses. Só se governará a India com as mãos de guerra, que fecharão as entradas e sahidas de suas mercancias pelo mar Vermelho e pelo golpho Persico, as duas correntes até aqui da sua exportação.

« Tranquemol-as, levando as os portuguezes pelo Cabo da Boa Esperança: é o unico caminho que deve ter para a Europa. Só com as armadas maritimas dominaremos tambem a península de Malaca, que é a transição da India para o extremo Oriente. »

Tratou no emtanto D. Manuel de dar-lhe successor no governo da India, trocando a politica apregoada por D. Francisco de Almeida pela da conquista e dominio.

De Lisboa, em 1506, tinha partido Affonso de Albuquerque commandando bem equipada e poderosa frota. Logo em 1507 expediu El-Rei a Affonso de Albuquerque carta régia para succeder na administração da India a D. Francisco de Almeida. Recommendou-lhe, todavia, todo o sigillo até o dia em que o visorrei completasse o triennio para que fôra nomeado no proposito de não desgostal-o. Em vez de seguir para o chim preferira conservar-se Affonso de Albuquerque com seus navios nas costas entre o mar Vermelho e o golpho Persico pretextando necessidade de vigiar as naos egypcias que tentassem mercadejar : e dedicou se a atacar, a aprisionar embarcações que lhe appareciam, e a destruir cidades como Mascate, Curiat e Calafate, saqueando-as inteiramente. Dirigiu-se depois a Ormuz, opulentissimo porto, e destroçou armadas, assassinou barbaramente populações, incendiou a cidade, depois de haver-lhe roubado enormes riquezas e de impôr ao régulo exorbitantes tributos.

Emquanto se passavam estes acontecimentos, e logo que soube o que occorria nas Indias, preparou o soldão do Egypto uma enorme e possante armada. Encheu-a de gente guerreira, mercenarios de todas as nações, Egypcios, Venezianos, Esclavonios, Turcos, Mamelucos e Arabes. Artilhou-a com todo o cuidado e fortaleza. Confiou seu commando a um destemido chefe, Miracem, afamado almirante.

Coadjuvado particularmente pelos Vene-

zianos, ciosos das conquistas dos Portuguezes, que lhes roubavam o commercio do Oriente, que até então se dirigia para a Europa pelo Egypto, Asia Menor e Mar Negro transportados pelos Arabes, Persas e Turcos. a esquadra do soldão do Egypto continha força respeitavel e superior, em todo o sentido, a quantas El-Rei D. Manuel poderia enviar para as Indias

Razão tinha D. Francisco de Almeida, annunciando a seu soberano, que a guerra tornar-se-hia mais difficil quando nella se envolvessem turcos e egypcios, que rivalisavam em armamentos e valentia com os mais provados povos da Europa.

Singrava a esquadra egypcia o Mar Vermelho e penetrava no das Indias, enveredando para Diu, porto estabelecido na entrada do golfo Persico, e ponta meridional da peninsula de Guzarate.

Ao ferir os ouvidos do vice-Rei a noticia da vinda da esquadra egypcia, ordenou a seu filho Lourenço que com doze naos partisse de Cochim a vigiar-lhe as manobras com prudente astucia e cuidado cauteloso. Comprehedia que a guerra que se iniciava mudava de aspecto; não era mais com indios timoratos, que não sabiam responder ás bombardas e á artilharia; tratava-se agora de armadas tão convenientemente tripoladas e equipadas como as portuguezas.

Em Chaul avistou D. Lourenço os inimigos, que tão audazes pretendiam repellir os portuguezes do Imperio das Indias.

Precisa de experiencia a mocidade ainda que corajosa.

Não basta a valentia; a temeridade compromette quasi sempre.

Illudio-se D. Lourenço, pensando que batia a esquadra de Miracem com a facilidade e tatica empregadas contra barcos particulares de indios. Era porém, mestre em armas o commandante egypcio, e dispunha de todos os elementos necessarios para a mais encarniçada luta. Escondeu por detraz de uma enseada, recamada de morros, a maior parte dos seus navios, mostrando só alguns para incitar D. Lourenço a atacal-o. Affrontou-o, de feito, D. Lourenço. Rija foi a peleja, que tornou-se muitissimo desigual logo que Miracem cercou a frota portugueza com uma quantidade enorme de embarcações, galeotas e bergantins, que estavam occultos. Commetteram os portuguezes proezas, prodigios de valentia; perderam alguns navios, mais de cem soldados foram mortos, e o proprio chefe, D. Lourenço, ferido por vezes e gravemente, perdeu emfim a vida no combate, porque com inaudita temeridade expunha-se nas abordagens.

Escaparam, todavia, quatro dos navios portuguezes, que abandonaram afortunadamente o campo da batalha; o resto ou afundou-se nos mares, ou foi presa dos vencedores, ou salvou-se recolhendo-se a Diú, e entregando-se prisioneiro ao Rajah para escapar ás garras do Egypcio.

Cantou Miracem victoria, e dirigio-se

triumphante para Cambaia, cujo regulo era seu alliado.

Que sentimento para o coração de D. Francisco de Almeida, ao receber a nova da primeira derrota que os portuguezes soffriam nos mares da India, e que os devia desprestigi- ar aos olhos de gentios que até então os consideravam invenciveis! Que dôr, que paixão ainda ao annunciar-se-lhe a desast- rada morte do filho querido, em quem confiava, em quem depositava todas as suas esperanças de gloria!

Resolveu vingar-se tirando desforra es- trondosa.

Reunindo os elementos precisos para um combate terrivel, collou-se á frente de uma forte esquadra. Conteve cuidadosamen- te as amarguras da alma, e nem um indicio mostrou de animo atribulado.

Começou por incendiar e arrasar Chaul, que presenciára satisfeita a derrota do filho. Rumou depois para o norte; ao approximar- se de Diu avistou a frota de Miracem, ahi esta ionada, e a saltou a sem perder tempo.

E ensinava-o sua experiencia de guerreiro e de maritimo. Sabia calcular com acerto, manobrar com sciencia, pelejar com tatica e valentia.

Eram, de certo, muito superiores as for- ças de que Miracem dispunha. Além da sua esquadra, recebera reforços consideraveis de navios e gente dos rajahs de Calicut e de Cambaia. Coalhava os mares com o numero de embarcações belligerantes, e encostado

á terra. della lhe podiam chegar, sempre que precisasse e appellidasse, auxilios de toda a especie.

Possuia, egualmente, coragem e sciencia., e pois, tomadas as necessarias cautellas, não trepidou Miracem em responder ao insulto de D. Francisco de Almeida.

Ao ler-se João de Barros, Jeronymo Osorio e outros escriptores coevos. não foi uma batalha que se travou: foi um horror. um inferno, e nunca igual espectaculo se presenciou mais nos mares indiaticos. Disputava-se o dominio das armas; combatia-se com furor inaudito e extraordinario desespero.

Luta de gigante! Nos seus admiraveis Luziadas assim esboça o quadro o grande poeta portuguez:

Quanto ahi sentiram olhos e ouvidos.

E' ferro, fumo, flammias e alaridos.

Enleiou se a briga. De ambos os lados degtadiavam-se leões não menos denodados. Não vergava para nenhum lado a victoria, e já muitas horas tinham decorrido. Ambos os chefes dirigiam a acção, com signaes, com gritos, com sons pavorosos de instrumentos musicos. Tinha D. Francisco de Almeida, em pé no chapiteo da sua náu. e de espada em punho, os olhos cravados no prelio, expe lindo ordens, animando, reprehendendo, dirigindo todos os movimentos dos navios, das equipagens. dos galés remadores, dos artilheiros, dos mosqueteiros. A' popa e á prôa despediam-se miriades de balas, e estavam proximos e como que agarrados os navios

de ambos os combatentes. Relampejava o fogo, cruzavam-se os tiros, fusilavam as peças e bombardas, enterravam-se os espiões de uns navios nos costados de outros, rasgando-lhes os ventres. Alli despedia o comitre contra os remadores inutilizadas, para perseverarem sem susto. Acolá partilhava-se a pólvora tirando-se dos caldeirões as gamelas. Dos baileus defendiam se os costados das embarcações, e gritos estrondosos atroavam os ares enfumaçados.

Quando já decahia o dia, gastei todo no prelio, fraqueou Miracem, notando destroços espantosos na sua esquadra. Muitos navios afundados, bastantes incendiados, não poucos já aprisionados.

Nas aguas boiavam innumeros corpos, copiosa quantidade de juncos, galeões e bergantins abandonados de gente, e desconjuntados. Para a terra escapavam a nado grande numero, e não raros imploravam misericórdia com gritos pavorosos. Nas praias restos de embarcações, cadaveres em abundancia que os mares e os ventos atiravam sem cessar. Vencêra por fim o visor-Rei ! A lida não lhe quebrantára as forças phisicas ; nem um empeço o detivera ; nem um perigo de vida o embaraçára. Contemplava agora mudo e altanado a scena de carnagem, os destroços dos contrarios, os despojos da victoria. Cravava os olhos nesses mares ensanguentados, satisfeito do triumpho. Apenas em Diu espalhara-se a noticia da derrota da Miracem, da destruição quasi completa de sua poderosa

esquadra, e da sua fuga precipitada para Cambaia com os resquícios despedaçados que lhe restavam, virou-se o povo assustado para o lado de D. Francisco de Almeida, e mandou o rajah de Diú comprimentar ao vencedor, remetendo-lhe os portuguezes que se tinham asylado em seus estados, escapos do combate em que D. Lourenço fôra morto, e entregando-lhe os navios de Miracem que se haviam refugiado no porto. Foi então que precipitaram-se dos olhos do velho guerreiro lagrimas copiosas e pesadas. Entre os prisioneiros portuguezes que recebia não vinha o filho, e elles haviam sido seus companheiros de infortunio! Despertavam lhe elles mais as angustias e as dôres intimas, que o dilaceravam.

Saltou-lhe do peito o coração sangrado pelo soffrimento; dos seios da alma partio-lhe uma saudade, que se não pôde exprimir — a saudade paterna! Assentou-se na tolda, a esconder os olhos com um lenço. Ahi entregava-se á sua dôr, quando correram os amigos a saudal-o. Respondeu-lhes, afogado ainda em pranto — que já passara a dôr, pela morte do filho com a vingança tirada, e que agora cumpria que se alegrassem todos pela victoria conseguida.

Em Diú, Damão, e nas mais cidades da costa por onde passou voltando para Coxim, foi o viso-Rei acalhido, festejado pelos rajahs, que agora se tinham mais que nunca dos portuguezes.

Esqueceu-se D. Francisco de Almeida da

sua natural justiça ; succumbio aos impetos do peito. Tirou desforra cruel dos habitantes de Cananor que tinham applaudido a victoria de Miracem e a morte dos fi hos; salvou a cidade com bala para celebrar o seu triumpho ; ás bocas das peças fez amarrar prisioneiros egypcios, e seus corpos, em estilhaços, vararam a praia conjunctamente com os pelouros.

Transtornavam se suas opiniões de estadista, sua lucidez de espirito, suas qualidades de coração, diante dos inimigos que haviam applaudido a primeira victoria dos egypcios e tinham festejado com estrondosos enthusiasmos a derrota do filho adorado.

Vingou-se com atrocidade.

Chegado a Cochim, ahí lhe foi notificada a carta régia, ordenando-lhe a entrega do governo da India a Affonso de Albuquerque. Considerada finda sua administração, era-lhe igualmente intimado que quanto antes regressasse para Lisboa.

Não tardou em apparecer Affonso de Albuquerque, exigindo o cumprimento das determinações da carta. Sumariam os historiadores discussões travadas entre um e outro governador. Ha quem affirme que Almeida quiz ao principio desobedecer ao Rei, levado de inspirações alheias, mas que por fim resolvêra passar o cargo a Affonso de Albuquerque, e embarcar-se immediatamente para Lisboa, afim de dar contas de seus actos e procedimento como se lhe ordenava da Côrte.

Mudava-se por este modo a primeira phase

do governo politico portuguez nas Indias, iniciada pelo vis-Rei D. Francisco de Almeida. Tão racional era que a imitaram posteriormente os hollandezes, successores dos portuguezes, e a praticam ainda actualmemente no Ceylão e em tantos pontos importantes asiaticos, onde conseguem e usufruem as vantagens unicas que deve almejar um povo pouco numeroso, que não pôde sustentar conquistas longinquas e consideraveis.

Não se lhes tem provado preferivel o systema de exploração commercial e de monopolio mercantil, arredando concurrentes, e impondo-se aos naturaes da terra, bem que lhes deixem livres sua administração, suas instituições, sua religião, seus uzos e costumes?

Com Affonso de Albuquerque, outros foram os planos, diversas as vistas e differentes as aspirações dos portuguezes.

Exigia se dominio, colonisação, conquista cada vez mais progressiva, como os Romanos, como a moderna Inglaterra.

Conseguiu Portugal com Affonso de Albuquerque mais do que com D. Francisco de Almeida? Victorias, tomadas de cidades, incendios de portos, de navios, de edificios e pagodes, roubos, piratarias, grandezas de façanhas, historia mais deslumbrante e fascinadora. Dir-se-hia Affonso de Albuquerque um outro Alexandre. Não pisava mais nas Indias o Egypto, desde a derrota que D. Francisco de Almeida lhe havia inflingido: curvadas foram Malaca, Java, Sumatra e

pontos distantes. já na costa da China: desde o golfo Persico até ás bocas do Ganges, da bocca do Ganges até o golfo de Sião improvisára-se um imperio colossal, tendo Gôa por capital, e de um lado Ormus para monopolio do commercio da Arabia e Persia, e de outro lado Malaca, que concentrava as riquezas dos mares da China.

Não se desmoronára pouco depois de verificada a empreza? Onde as forças para sustentá-la e garantil-a?

Que valeu ir depois governar á India um varão santo, um sabio, um valente guerreiro como D. João de Castro? Pode aguentar por algum tempo o edificio que desabava, mas que desabou apenas faltou sua classica figura, tão classica como o livro historico de Jacintho Freire á seu respeito.

Com a conquista penetrára a devassidão nos costumes de todos; corroêra a infamia os peitos que só deviam pulsar pela patria; nada mais vergonhosa que a situação em que decahira a India Portugueza, apesar das grandiosas victorias que se ganharam, e do novo imperio portuguez que parecia haver fundado Affonso de Albuquerque.

Venaes, corruptos, crueis, ferozes tornaram-se os governadores, os empregados subalternos, os capitães de navios—piratas—ladrões—que devastavam, assassinavam, roubavam sem pudor e sem o menor receio de castigo!

Dous homens de bem, dous varões probos, honrados, justiceiros, que se esforçavam em

conservar a ordem, manter a pureza de costumes, castigar os delinquentes, fixar disciplina, morigerar, emfim, D. Francisco de Almeida e D. João de Castro, são apontados quasi que unicos na multidão dos regulos portuguezes que deshonraram e desprestigiaram nas Indias o nome portuguez, até que por fim perderam os portuguezes quanto haviam adquirido, já por levantamentos dos proprios naturaes da terra, indignados contra as suas tyrannias, já por invasões de Inglezes, Hollandezes e Francezes, que lhes foram arrancando aos pedaços tantas, tão opulentas posses e dominios, nada lhes havendo valido os grandiosos feitos e conquistas de Affonso de Albuquerque, que para deixar firmado o imperio portuguez, precisava cercar-se de forças imponentes, como as que Inglaterra, seguindo-lhe os planos, e imitando-lhe a politica, poz em movimento, apoderando-se do Indostão e do golpho da Bengala.

Deram as Indias gloria eterna e esplendorosas riquezas á Portugal durante os primeiros annos doseu descobrimento, conquista e exploração. A gloria cerca lhe ainda e esmalta-lhe a historia. As riquezas, porém, foram ephemeras, e serviram mais para demoralisar que para engrandecer a metropole, que se inoculou de vicios asiaticos, em vez de infiltrar nos animos dos vencidos o conhecimento e pratica das qualidades singulares de seus guerreiros antigos e illustres. Nem a arte, nem a força e nem o exemplo de poucos va-

rões distinctos e honestos que ahí tinham apparecido ; nem os exemplos dos missionarios celebrisados. como Francisco Xavier e Antonio Galvão, lozaram conter os instinctos perversos dos invasores augmentados pelos vicios dos vencidos. Regressados para Lisboa e carregados de despojos da rapina, abriam escola no reino para o desaparecimento das virtudes antigas, que tanto haviam nobilitado os portuguezes.

¶ Infelizes foram os tres mais salientes vultos que fulguraram nas Indias. Affonso de Albuquerque expirou amargurado, ao entrar no porto de Gôa, e ao saber que fôra demittido e substituido no governo por um official, seu subalterno outrora, e que por insubordinado elle havia enviado para Lisboa. D. João de Castro acabou tambem a vida longe da patria, da familia, dos amigos, do cõchego doce e saudoso do niho materno, depois de tormentos e trabalhos e soffrimentos!

Quanto a D. Francisco de Almeida, que voltara para Lisboa, em 1509, succedeu que ao approximar se do Cabo da Boa Esperança, necessitou a frota que o conduzia refrescos e aguada. Mandou-se a terra procural-os. Voltaram os emissarios com resposta satisfactoria dos Cafres, que simularam-se amigos. No dia seguinte quiz D. Francisco desembarcar com os companheiros. Apenas em terra, foram assaltados á traição pelos Cafres, que os attrahiam com cilindas. Um zargancho despedida por mão certa de preto atrevi-lo traspasso-lhe a garganta, ferio-o

mortalmente e atirou-o ensanguentado por terra. Expirou quasi instantaneamente. Fugiram os companheiros acossados pelos Cafres e recolheram-se ás lanchas e ao navio, que se fez logo de vela para Lisboa. Ficaram abandonados nos areaes africanos cerca de setenta cadaveres dos seus, e entre elles o do primeiro viso-Rei da India !

Quantas victimas heroicas devoraram as praias insalubres da Africa ? Empaparam-se do mais precioso sangue portuguez, sem que ahi se houvessem colhido louros ou cantado victorias que honrassem os martyres!

Vasco Nunes de Balbôa

Na historia das Americas nem uma nação Européa iguala a Hespanha, quer no numero e importancia de descobrimentos e conquistas ultramarinas, quer na posse dos mais opulentos territorios; já nas victorias ganhas sobre povos civilisados, que ella, unica, ahi encontrou em suas aventuras e explorações: já na temeridade, arrojo e heroismo provado de seus navegadores e guerreiros, que precipitando-se como leões sobre o novo continente, até então desconhecido e que nem era adivinhado, pareciam tentados por allucinações e loucuras furiosas.

Desde que os Hespanhães conseguiram encontrar a America e os Portuguezes as Indias verdadeiras da Asia, assombravam o mundo as façanhas portentosas dos filhos destemidos da península iberica.

Subio sua fama, elevou-se sua gloria acima de todas as nações da Europa, e a historia dos seculos XV e XVI affirmam o lugar proeminente de honra á Portugal e á Hespanha, nas Americas, nas costas da Africa, nas terras opulentas de Malabar e nos mares irritados de Bengala e da China.

França, Inglaterra, Italia, Allemanha e Hollanda faziam-se então notar apenas em guerras civis ou européas que se debatiam

tenaz e constantemente, emquanto que Hespanhões e Portuguezes cuidavam de fundar colonias e presidios em territorios ignorados inteiramente, curvavam com as quilhas de seus navios as ondas de oceanos não devassados por Europêos e abriam emfim commercio novo para se enriquecerem e gloria-rem ao mesmo tempo que alargavam os dominios e progressos das sciencias.

Avistára Colombo em 1492 a America, estabelecera a séde de seu governo na ilha de Haity, e dahi, percorrendo o golpho das Antilhas, achegava-se e apropriava-se do continente, estendendo cada vez mais o poderio de Hespanha.

Do Haity partiram todas as emprezas posteriores dos hespanhoes, ao principio no intuito de procurarem caminho para as Indias, depois para avassallarem a America toda, logo que se convenceram de que era um hemispherio novo, ignorado dos antigos e modernos povos, e abundante de ouro, prata e pedrarias preciosas.

Cópia numerosa de exploradores, educados na escola que Colombo em Hespanha creára, seguiram o exemplo do mestre, e tantos foram e tão illustres os discipulos, que por demais extensa seria a lista que lhes gravasse os nomes e numerosas as paginas que lhes inscrevessem os feitos.

Pensa-se geralmente que, após Colombo, dous unicos merecem nomeada geral, Fernando Cortez, o cavalheiro domador do Mexico, e Francisco Pizarro, o barbaro vence-

dor do Perú. Engano que cumpre desfazer, aclarando a historia. A' Colombo compete a gloria inmarcessivel da iniciativa da idéa e do commettimento da empreza, que antes que á ninguem apoderara-se-lhe do espirito. Colombo é o unico dos navegantes que não teve precursores, que por si imaginou e executou empreza portentosa. Cortez e Pizarro receberam de outros mais ou menos noções e ensinamentos, no tocante aos imperios do Mexico e do Perú, e da grandeza e civilisação dos Aztecas e Incas, cuja reputação corria por entre os selvagens, que os circumdavam, e que primeiro os castelhanos encontraram nas suas correrias pelo isthmo que liga os dous continentes americanos.

A' Pizarro ensinára Vasco Nunes de Balbôa. A Cortez João de Grijalva, guiando-os, e apontando-lhes os importantes imperios do Perú e do Mexico, como os de maior importancia para as conquistas que diariamente se praticavam, e cujas proximidades elles haviam attingido e desvendado.

Menos felizes que Cortez e Pizarro, porque coube a estes a gloria, quando a iniciativa lhes pertencia, desapparecem ingratamente no olvido os nomes de Grijalva e de Balbôa.

Não se deve, senão mais, pelo menos tanto á Bartholomeu Dias que primeiro dobrara o Cabo da Bêa Esperança e mostrára a rota das Indias á Vasco da Gama, almirante ditoso que por elle, por assim dizer, guiado, conseguira penetrar nas Indias?

Balbôa e Grijalva foram igualmente os

precursores de Pizarro e de Cortez na exploração do Perú e do Mexico, como fôra Bartholomeu Dias o de Vasco da Gama.

Pittoresca não é de certo a vida de Grijalva; mas a de Balbôa, inteiramente aventureira, entremeiada de accidentes romanticos, repleta de trabalhos e sacrificios, coroada, enfim, no cadafalso, á que fôra condemnado illegal e injustamente, depois de tantas conquistas gloriosas, e de tantas façanhas commettidas, credora é de certo de ser mais conhecida, para que offereça aos poetas assumptos peregrinos, com que immortalizem sua memoria e a do heróe, victima infeliz dos seus proprios compatriotas.

Não se esqueça o estudioso das chronicas de investigar nos vestigios historicos os feitos de Ojeda, Solis, Pinzon, Nicuesa e de varios outros hespanhoes, descobridores e conquistadores do sólo americano: notabilissimos vultos, que derramaram immenso lustre nas paginas brilhantes dos annaes da monarchia de Isabel de Castella e do seu neto Carlos I de Hespanha e V de Allemanha.

Encontrará, todavia, maior interessena vida de Balbôa de quem occupar-nos-hemos h. je de preferencia, tanto mais quanto cabe-lhe mais que á qualquer outro navegante a gloria de ser o primeiro que mostrara ao mundo que a America formava um continente novo e proprio, intercalado entre a Asia e a Europa. e não uma parte das Indias, como, até então, era considerada, figurando nos mappas e globos fabricados qual costia

occidental da Asia, ou ilhas d'ella separadas.

Nascido em Hespanha no anno de 1475, oriundo de familia nobre mas pobrissima, estudara mathematicas e ao principiar o seculo XVI, desenganado de não ganhar fortuna na patria, partira como aventureiro para Haity, ancioso de fama e de dinheiro. Estabelecido na cidade de S. Domingos, em vez de prosperar, individava-se cada vez mais, e não presentia futuro que lhe fosse vantajoso. Ao soar-lhe os ouvidos a noticia de que o bacharel Enciso preparava uma expedição ao Darien, no fundo do golpho das Antilhas, imaginou um estratagemma para acompanhal-o na empreza.

Era em S. Domingos prohibido embarcar quem devesse dinheiro aos moradores da colonia. No dia da partida dos navios de Enciso introduzio-se Balbôa dentro de uma pipa vasia, que simulando cheia de agua foi levada para bordo por gentios, que elle comprára e que lhe guardaram o segredo necessario.

Levantadas as ancoras e abertas as velas dos navios, saltou Balbôa de dentro da pipa, quebrando-lhe os tampos. Espantou-se Enciso: ouvindo-o, porém, pensou que preferivel lhe era ter mais um soldado, e soldado que parecia dotado da mais intrepida temeridade, que crear um inimigo.

Bateu-se como um leão contra os gentios ferozes que no Dariem oppuzeram aos Hespanhóes resistencia inopinada. Conseguiram estes todavia, firmar-se em um ponto es-

trategico na costa e edificar ahi uma povoação que appellidaram Santa Maria de Antigua. Enciso apreciava a superioridade do espirito e a valentia do braço de Balbôa. Os aventureiros tributavam-lhe respeito. Dentro em pouco tempo mais pesava Balbôa em influencia sobre os rudes e cobiçosos castelhanos que o proprio chefe. Rivalidades, ciumes, ambições dahi provieram. Uma sublevação rebentou. Enciso deposto do governo fugio para S. Domingos; Balbôa foi elevado a primeira autoridade da colonia pelos promotores do alvoroço.

Em toda a historia dos descobrimentos e conquistas dos Hespanhoes na America deparam-se revoltas, sedições, lutas civis, assassinatos e execuções no cadafalso. Não havia meio de conter a turbulencia, nem apparecia homem que puzesse cobro á anarchia. A' par destas guerras intestinas e fraternas, colloque-se a luta com os gentios, barbara, sangrenta, inexoravel. Paginas seguidas de sangue e de horrores cobrem-lhes os annaes, deshonram lhes os feitos, conspurcam-lhes as valentias.

Astuto era Balbôa, e ao assumir o governo preferio conciliar ás affeições e confiança dos gentios, no intuito de obter delles noticias exactas da terra e de seus recursos.

Conseguiu seus designios e soube que para o Oeste, nas enormissimas montanhas que se avistavam de longe, existiam minas abundantes de ouro e povoações numerosas e valentes.

Estreitou desde logo relações com as tribus mais proximas de Antigua e de Darien. Começou por esmagal-as com victorias repetidas. Aprisionado o cacique de Cohyba com toda a sua familia em uma surpresa commetida no seu arraial, concedeu-lhe Balbôa e a todos os indigenas plena liberdade, e fez-lhes presentes de objectos que lhes agradaram. Como não confiarem dahi por diante em Balbôa, que se mostrava tão generoso e magnanimo e ao mesmo tempo tão valente ?

Para mais estreitar a amizade travada, Balbôa recebeu como consorte a filha do Cacique, e os indigenas relacionaram-se desasustadamente com os Hespanhóes.

Continuavam os gentios a excitar os instinctos e ambições de Balbôa, referindo-lhe pomposa e entusiasticamente que desses morros elevadissimos, que se sumiam nos ares, via-se mar de outro lado, e nas costas oppostas jaziam terras abundantes de ouro, e nas suas ilhas perolas em quantidade.

Foi quanto bastou para exaltar o espirito de Balbôa que resolveu sem perder tempo uma exploração a tão preconisadas localidades.

Não lhe foi difficil alcançar dos gentios de Cohyba que o acompanhassem e lhe servissem de guias. Escolheu cento e noventa castelhanos destemidos e denodados; aceitou os serviços de mais de mil gentios amigos, e ousou emprender uma expedição aventureira; apromptou matilhas de cães de fila habituados aos combates; e pôz-se em marcha

levando por seu ajudante de ordens a Francisco Pizarro.

Não tem o isthmo de Darien mais de sessenta milhas de largura desde Antigua até o Pacifico. Mas tão pequeno espaço é cortado por uma cordilheira elevadissima de montanhas, cujo cume quasi se não póde descobrir com a vista, e que parece desaparecer na immensidão dos astros.

Foi Balbôa encontrando pelo caminho tribus de gentios que, ou fugiam diante d'elle, ou quando ousavam combater eram destrôçados, bem que muito mais numerosos que os aventureiros castelhanos e seus alliados indigenas.

Que fadigas custou-lhe rasgar caminho por entre espessas florestas, onde nem um raio de sol penetrava; atravessar rios, alguns assoberbados de aguas possantes; destruir as ferozes serpentes gigantescas que se lhe mostravam; vencer inimigos que a todo o instante lhe appareciam pela frente, pelos lados, pela retaguarda! Deixadas as terras baixas depois de decorridos bastantes dias, começou a subir as serras altanadas. Foi ahí maior o seu trabalho, e carecia sempre de animar os seus companheiros, que ás vezes manifestavam queixumes e desanimos e tentavam voltar para Antigua e Darien. A cobiça falla, porém, muito poderosamente no homem. Combatiam-se e destroçavam-se indigenas quasi diariamente; ao passo que se marchava, lutava-se, guerreiava-se. Saqueando-se aldêas dos gentios, encontravam-

se bastantes objectos de ouro, e Balbôa os distribuia liberalmente pelos seus asseclas, que amaciavam logo, arrependidos de terem ameaçado de abandoná-lo.

Subiam, subiam constantemente: a atmosphera mudava, e rarefeita e friava á proporção que mais elevados no hemispherio se achavam os aventureiros. Ora arvores gigantescas, cascatas singulares, plantas exquisitas; ora terrenos aridos, pedras sobre pedras, soltas ou amontoadas, sem quasi abrigo. Alli torrentes de agua, poderosas, acolá precipicios, ameaçadores. Rasgavam-se caminhos, andava-se suspenso aos penedos e aos troncos das arvores; que impeçilhos para fazer passar alguns cavallo. que levava o aventureiro!

Admira Annibal dobrando os Alpes, na descripção de Tito Livio.

Não lhe obstaram de certo a empreza temeraria perigos e difficuldades, maiores que os deparados por Balbôa, nem mais selvagens e bravios silios e serranias mais difficéis dobrar que as das cordilheiras do Panamá.

Depois de trabalhos inauditos, perigos e obstaculos, chegaram enfim os aventureiros exploradores a logares, onde só pedras se encontravam: ahi os guias gentios disseram que subindo um pouco mais e relanceando os olhos para o occidente, avistava-se o mar. Quiz Balbôa ser o primeiro a admirar tão surprehendente espectaculo. Convulso, batendo-lhe desmedidamente o coração, seguio,

unico hespanhol, para o ponto mais culminante, acompanhado pelos guias indigenas. Seriam dez horas da manhã, dia clarissimo, sol esplendido, horizonte diaphano. Os guias mostravam-lhe o caminho, limpavam-no e preparavam-no para que elle pudesse ascender sem grandes riscos. Depois de duas horas de uma marcha difficulosissima, attingio Balbôa á maior altura das serranias.

A seus olhos rasgou-se esplendoroso panorama. Por cima da cabeça nuvens douradas em hemispherios illimitados. Aos péscahos immenso de rochedos, florestas, rios despenhados, e lá ao longe o mar immenso, infinito, brilhante aos raios do sol, que luzia com vigorosa pompa.

Cahio Balbôa de joelhos, agradeceu a Deus a descoberta que lhe proporcionava, mandou chamar os companheiros que se conservavam ainda um pouco distantes : apenas chegados absortos do que viam, dirigio-lhes Balbôa, mostrando o oceano, uma pratica, em que lhes aconselhava o triumpho da religião catholica, e a obediencia aos reis de Hespanha.

Não houve quasi quem de entusiasmo não chorasse. Estendia-se ao longe um mar, outro mar, que não era o das Antilhas, Seria o verdadeiro mar das Indias? Chegava-se emfim á ellas depois de tanto tempo pendido para encontral-as?

Vinte cinco dias eram, entretanto, decorridos desde a partida da Antigua, e a 26 de Setembro de 1513 descobrira-se finalmente

o oceano Pacifico do alto das serranias do Panamá!

Preparou Balbôa una enorme cruz de madeira e levantou-a no mais elevado cimo da cordilheira. Declarou pertencer o dominio das terras ao rei da Hespanha, e depois de descansar alguns dias, decidio-se a descer para o lado do Occidente. Não lhe faltaram ainda ahi difficuldades, que não para elle, mas para outros se diriam invenciveis. Não havia egualmente caminhos; marchava-se sobre precipicios; animaes bravios, gentios intrepidados encontravam-se a cada passo; travavam-se combates, voavam de um para outro campo espingardas e flechas, e não raro andava-se de cócaras apegando se a troncos e pedras esboroadas. Paráram os aventureiros diante de vastas praias, em que preguiçosamente se desfazião as ondas do oceano. Mesmo vestido e armado, levantando no braço esquerdo a bandeira hespanhola, e na mão direita sustentando a espada desembainhada, entranhou-se Balbôa no seio do oceano, até que as aguas lhe attingiram os joelhos. Entoando então preces fervorosas a Deus, affirmou o direito e posse de Hespanha sobre o solo que tinha atravessado e sobre os mares que divisava diante de si.

Reposou ainda alguns dias; todos estavam prostrados da viagem, castelhanos, indigenas, cavallos, cães de fila, e sentia-se grande falta de mantimentos. Logo que pôde proseguir resolveu enveredar para o sul, acompanhando as sinuosidades das costas banhadas

pelo oceano, e procurando descobrir aldeamentos de selvagens onde deparasse viveres.

Pensar-se hia outro paiz, não o que haviam divisado os castelhanos desde que Colombo aportára ás ilhas das Antilhas. Começou-se a vêr campos lavrados; já appareciam indícios de povos menos rudes; não andavam os novos gentios nus e errantes, mas cobertos de mantos longos. Descortinava agora Balbôa guerreiros cobertos de tunicas e capazes de plumas variadas, armados de flechas, achas pesadas e especies de escudo, que iniciaram galhardamente nos combates. Prevaleceram as colibrinas de fogo, despedindo balas certeiras ao som do estrondo, que concorria para augmentar o espanto dos gentios. Triumpharam os cães de fila que pareciam endemoninhados contra os indigenas e anciosos por rasgar-lhes as carnes. A derrota dos indigenas tornou-se mais estrondosa ao avançar sobre elles a pequena cavallaria, que mais que nem um outro elemento provava a superioridade strategica dos castelhanos.

Perseguiu Balbôa na fuga os adversarios e com elles penetrou ao mesmo tempo em uma vasta povoação repleta de casas grandes mais ou menos bem edificadas. Ahí não se lhes oppôz resistencia, e apenas foram encontrados mulheres, crianças e velhos abandonados.

Contra a opinião de seus companheiros, tratou-os amigavelmente, e acariciou os com humanidade. Pelos interpretes communicou aos caciques que se haviam evadido para fóra

da aldêa. que elle se apresentava como amigo, não na categoria de adversario. Conseguio em poucos dias entabolar relações, chamando ao gremio da taba os guerreiros que andavam errantes e temerosos, e presenteados-os com objectos europêos de infimo valor, que elles não conheciam e que muito apreciavam.

Recebeu em troca cópia abundante de objectos de ouro, figuras, animaes e symbolos exquisitos que provocaram sua admiração.

Não hesitaram os gentios em noticiar-lhe que para as bandas do sul havia cidades importantes, templos construidos de ouro, estradas aperfeioadas, riquezas portentosas. Referiam-se sem duvida a Cuzco e Quito, capitães dos Incas do Perú. Contaram-lhe egualmente que alli perto existia uma ilha, opulenta de perolas, como as que elles lhe offertavam e que tanto preciam agradar lhe.

Exaltou-se a mente de Balbôa com as descripções dos gentios do Pacifico. Seria o Japão o paiz em que pisava? Ou terras destacadas das Indias, e dellas differentes?

Este descobrimento não lhe esclarecia ainda o espirito; só mais tarde revelou-se a verdade de que estava na America, paiz novo, e não na Asia que a cobiça europêa procurava.

Perspicaz, porém, como era, percebeu que se não devia aventurar mais longe, deante de povos que deviam ser numerosos e guerreiros, quando apenas amparado em poucos castelhanos e indigenas que o seguiam. Já

alguns tinham perecido de fadigas e ferimentos em combates ; outros enfraquecidos com molestias que os assaltavam em climas inteiramente novos e a que não estavam acostumados.

Carregado de ouro e perolas, como signaes provados da opulencia das terras descobertas, despedio-se amistosamente dos gentios do Pacifico, condecorou a localidade com o nome de S. Miguel, e pôz-se a caminho de volta para o Darien, ancioso de ahi chegar quanto antes afim de communicar o glorioso feito ao rei de Hespanha, e pedir-lhe soccorros de gente com que proseguisse no descobrimento de paizes tão opulentos.

Estorvos e impecilhos bastantes encontrou ainda no regresso, que effectuou, bem que, todavia, em menos dias do que conseguira em viagem para o Pacifico. Chegado á Antigua, despachou immediatamente um bergantim em direitura á Hespanha, a dar contas do seu procedimento, e a levar ao monarcha o ouro e perolas que lhe pertenciam.

Desde, porém, que Balbôa se constituiria chefe da colonia, havia o bacharel Enciso seguido para Hespanha, e ahi chegado, levára queixas ao throno. Não o havia Balbôa violentamente expulsado da Antigua, e não se empossara arbitrariamente da autoridade suprema da colonia? Pintando egualmente Antigua como nucleo importante de população, e seus arredores como fertilissimas minas de ouro, conseguiu Enciso que D. Fernando, na categoria de regente de Castella,

preparasse uma importante expedição de tropas e colonos, e confiasse a Pedrarias Dávila o governo de Darien, concedendo-lhe poderes extraordinarios para processar e punir Balbôa e seus cúmplices pelo attentado commettido contra Enciso.

Uma esquadra de quinze caravellas e cêrca de dous mil tripolantes e soldados foi entregue a Pedrarias, que encaminhou-se logo para o Darien. Tarde chegára á Hespanha o mensageiro de Balbôa : sulcava já os mares a frota qua conduzia Pedrarias.

Foi todavia tão impressionadora a noticia communicada por Balbôa, que arrependido D. Fernando fez partir immediatamente um navio, ordenando a Pedrarias premiasse e honrasse a Balbôa, em vez de lhe infligir o castigo que se lhe tinha recommendado.

Enthusiasmou-se Hespanha com o feito de Balbôa, saudou-lhe o nome como equal ao de Colombo, e sua gloria attingio quasi a do descobridor da America. Longe, bem distante estava elle infelizmente ! Das ovações que lhe eram dirigidas, chegou-lhe apenas aos ouvidos echo enfraquecido por entre as aguas do oceano que o separava da Europa.

Ao approximar-se Pedrarias de Antigua, temeu saltar em terra antes de certificar-se de que seria obedecido por Balbôa e pela população da localidade, que sabia lhe era extremamente afeiçoada.

Socegou o, porém, Balbôa : ao scientificar-se de sua missão, prestou-lhe preito, como

subdito obediente da corôa, preparou-lhe recepção condigna, acolheu-o em sua casa como hospede e entregou-lhe briosamente o governo da colonia.

Acompanhava o governador um bispo para Antigua, que era por decreto regio elevada a cidade com os titulos e privilegios de episcopal, e cabeça dos dominios de Darien, appellidados Castella de Ouro.

Corria então o anno de 1514, e Balbôa, não o aventureiro irreflectido dos primeiros annos, mas um experimentado e prudente administrador, um guerrilheiro arrojado e proprio para commetter conquistas, garantia a prosperidade do paiz e preparava-lhe porvir venturoso. Estimado e admirado geralmente, insinuava-se com maneiras modestas e populares, vivia no meio de seus compatriotas mais como pai que como chefe, mais como amigo que como autoridade ciosa de suas attribuições e fóros. A Pedrarias communicou, pois, franca e lealmente suas façanhas, seus descobrimentos do oceano Pacifico e das terras do Occidente, as innumeraveis riquezas que alli encontrára, e os designios que nutria de proseguir em tão gloriosos empreendimentos.

Esclarecido Pedrarias de todos os acontecimentos, em vez de aproveitar-se de seus serviços, e de tratá-lo como elle merecia, considerou-o mais rival de gloria que companheiro de aventuras. Mandou o recolher preso a uma masmorra, e sujeitar a processo e sentença pelo crime de haver-se rebelado

contra Enciso : na conformidade, allegava, das ordens régias que lhe haviam sido transmittidas. Protestou o bispo contra a arbitrariedade. O historiador Oviedo, que servia cargo elevado na magistratura, avisou a Pedrarias do quanto se comprometteria perante o rei, naquelle momento sabedor sem duvida dos relevantissimos serviços de Balbôa. A população quasi inteira ameaçou-o de libertar o seu antigo chefe. Os juizes não ousaram curvar-se ás insinuações do governador e absolveram unanimemente o accusado. Irritado Pedrarias conservou-o, todavia, em prisão, declarando que o remetteria para a Hespanha. Chegou no emtanto ao Darien o navio que trazia novas ordens de D. Fernando.

Não restou a Pedrarias recurso senão na obediencia inteira ás resoluções mais recentes do monarcha. Mandou soltar a Balbôa, dirigio-lhe protestos de amizade, mostrou-lhe as ordens régias que recebera em Hespanha, quando de lá partira e que lhe cumpria executar como o havia feito, e assegurou-lhe que dahi por diante o sustentaria com denodo e sinceridade

Tratou logo Pedrarias de mandar uma expedição ao mar Pacifico incitado pela narrativa de Balbôa; encarregou-a, porem, a Francisco Pizarro e a Morales, antigos companheiros de Balbôa no descobrimento daquelle oceano, deixando á margem o verdadeiro chefe.

Infelizes foram, todavia, os dous cabos es-

colhidos. Depois de travarem lutas sangrentas com os indigenas, por não seguirem o exemplo de Balbôa, afeiçoando-lhes os animos e conciliando-lhes as vontades, foram coagidos a voltar para Antigua, dizimadas as tropas que commandavam, e incapazes de adiantarem as conquistas encetadas atravessando as cordilheiras.

Não teve Pedrarias remedio senão em servir-se de Balbôa. Confiou-lhe a empreza porque tanto se empenhava o regente de Castella. Entendeu Balbôa que devia transportar navios para correr as costas do Pacifico e ser acompanhado de força imponente. Autorizado pelo Governador, escolheu Balbôa o porto de Acle. Fez ahi fabricar os cavernames, forros, mastreações, velame e quantos elementos eram indispensaveis para as embarcações, preparou carretas, reuniu copia de gentios e pretos d'Africa já nas colonias hespanholas introduzidos como escravos; abasteceu-se de viveres em abundancia, e bem que á frente sómente de duzentos castelhanos não trepidou em pôr se de novo em marcha, acompanhado por cerca de mil indigenas.

Havia apenas attingido ás costas do oceano Pacifico quando amigos de Darien mandaram-lhe noticias de que o governo metropolitano exonerára Pedrarias do seu posto e nomeava novo commandante para Castella de Ouro. Confiava n'esse momento Balbôa demasiado em Pedrarias; e estava convencido deveras de que se lhe afeiçoara. Penali-

sou-o a nova, e temendo que o successor mudasse de politica a seu respeito, expedio para Acle emissarios incumbidos de verificar o occorrido, e ao mesmo tempo exigir munições e objectos proprios para navegarem os bergantins, que conduzira, desaparelhados.

Recebeu Pedrarias os emissarios, seduzio-os para apanhar os segredos do chefe, e conseguiu esclarecimentos, que o habilitaram a exercer seus odios antigos, e que até então escondera com o mais escrupuloso cuidado.

Corrompidos os emissarios declararam que Balbôa considerava-se independente do seu governo, e proclamara-se dono das terras que havia descoberto e que affirmara pertenciam-lhe, e não aos reis de Castella. Exagerados e invertidos estes ditos dos emissarios, mandou-os inscrever Pedrarias em um processo que secretamente instaurava contra Balbôa. No intuito de illudil-o, escreveu-lhe amigavelmente, e pediu-lhe que voltasse a Acle, porque necessitava ouvil-o ácerca dos novos auxilios que solicitava.

Contam as legendas que um astrologo veneziano, de nome Misser Codro, prophetisara á Balbôa desgraças fataes, quando uma certa estrella fosse por elle avistada em logar designado. Zombára até alli Balbôa do prognostico, mas ao receber a mensagem de Pedrarias, e ao avistar em uma occasião a estrella designada no logar apontado pelo astrologo, estremecêra. Durante alguns dias

e noites perturbado por sonhos aterroradores, não sabia o que devia praticar: animado, todavia, pelas expressões amigáveis da carta de Pedrarias, desprezou as idéas supersticiosas e voltou para Acle, confiando durante sua ausencia a um sub-chefe de confiança o mando da gente que governava.

Qual sua admiração ao ser assaltado, apenas aproximou-se de Darien, por numerosa escolta, ao mando de Francisco Pizarro, seu antigo subordinado ! Não oppoz resistencia, confiando em sua innocencia e na fé que depositava em Pedrarias. Carregado porém de ferros que se lhe puseram aos braços e aos pés, foi recolhido á prisão de Acle. Arrastado perante juizes, escolhidos por Pedrarias, foi em poucos dias condemnado á pena de morte sem que se podesse defender, e nem que deposessem testemunhas em sua presença. Apressou-se Pedrarias em mandar executar a sentença fulminada. Não era designado como traidor e rebelde, que tentára tornar-se independente do governo da Hespanha ?

Horrorisou se a população de Acle, que considerava Balbôa innocente e lhe tributava respeito e sympathia. Não se importou Pedrarias com a opinião publica; cercou-se de tropa bastante para affrontal-a. No cadafalso perdeu a vida Balbôa, e com elle alguns dos companheiros acima-dos de cúmplices.

Foi esta a sorte de um dos mais intrepidos guerreiros castelhanos, de um dos

vultos mais gloriosos, que honraram sua patria. Victima da rivalidade, do ciúme e da inveja de Pedrarias!

Curvaram os Hespanhões a melhor parte da America; conquistaram louros para sua historia; enriqueceram-se com minas de metaes preciosos, com perolas, de que o paiz abundava; fundaram colonias importantes; brilharam pelos capitães e chefes temerarios e arroçados, que se collocaram á frente das emprezas: quanto porém, nodoaram a memoria do reino peninsular as desgraças e os assassinatos dos seus mais valentes soldados? Victimias muitos de seus serviços preclaros e dos furores de seus inimigos; outros de rancores mutuos, de crimes individuaes, de lutas fraticidas!

Os dous Pizarros, um justicado egualmente e o outro assassinado: Almagro, que os coadjuvara na conquista do Perú, como tantos outros não acabaram violentamente condemnados pelos tribunaes e executados na forca? Ponce de Leão, Ayolas, e La Cosa, e Solis e Magalhães, portuguezes ao serviço de Castella, não morreram ás flechadas dos gentios?

Não feneceram na miseria depois de paderem em prisões insultos e desprezos Colombo, Cortez, Nicuesa, Nino, Pinzon, Bastides, Ojeda?

O attentado commettido pelo governador Pedrarias roubou a Balboa a gloria de ostentar-se como descobridor do Perú que elle primeiro que ninguem procurara e de certo

conseguiria encontrar. Tocou assim e muitos annos depois a gloria á Pizarro seu antigo subalterno, que lhe tinha seguido os passos e completara a empreza.

Ensanguentam-se assim os annaes historicos de Hespanha, apezar da aureola gloriosa que nelles gravam as façanhas estu- pendas de seus filhos e as vantagens estron- dosas que colheu na America com conqui- tas e colonias que depois se tornaram nações livres e independentes que sabem honrar- lhe as tradições e a raça.

Martinho Luthero

Desde que se fundou o christianismo quer na Asia, quer na Grecia e em Roma, reben-taram divergencias e controversias. No prin-cipio logo Pedro e Paulo custaram a enten-der-se. Não tardou que o arianismo toldasse os horisontes da crença, e ameaçasse arruinal-a. Por fim a transferencia da capital de Roma para Constantinopla, os ciumes originados e desenvolvidos entre as duas cidades, causa-ram a separação do christianismo em duas egrejas, a Grega e a Romana. Esta no correr dos tempos intitulou-se—Catholica.

Não escapou, porém, a schismas e lutas, posto que abraçada de coração e convicção pelos povos occidentaes da Europa.

Com fogo e sangue por vezes abafaram-se os schismas; em outras occasiões por meio de conciliações, e graças a concilios ecumenicos convocados que a salvaram de crises, e conse-guiram sustentar a unidade do catholicismo, firmar a autoridade do Papado, determinar os dogmas, e impôr as disciplinas.

Um schisma, porém, suscitou-se no seculo XVI; começou na Allemanha, propagou-se pelas nações scandinavas; democratisado in-vadio a Suissa, parte da França, os Paizes Baixos, e a Escossia; aristocratisado foi im-posto á Inglaterra, partindo-se assim em tres grandes divisões, que se desmembraram ainda

segundo as paixões e as intelligencias. Este schisma denominado reforma ou protestante, nunca mais deixou de fundar egrejas e cultos differentes do catholicismo, perseverando sempre adverso á autoridade do Summo Pontifice de Roma. Logrou apenas a Egreja Romana pela reforma operada em suas disciplinas, pela vontade de alguns Pontifices egregios, e pelos serviços eminentes da Companhia dos jesuitas, cortar-lhe os vãos e coagil-o a parar em sua marcha progressiva.

Seu autor, seu principal instigador, não passava todavia de um frade da ordem mendicante dos Agostinhos da Erfurt. Pensamos que nem elle proprio, ao iniciar o movimento revolucionario, previa seus extraordinarios resultados.

Chamava-se Martinho Luthero, pertencia a familia honesta, e nascera em Eisleben, pequena cidade de Saxonia, no correr do anno de 1483.

Estudou com aproveitamento sciencias theologicas, e entrou para a ordem conventual dos Agostinhos de Erfurt, aos 22 annos de idade; era ainda moço quando a Universidade de Wittemberg convidou-o para professor de theologia em consideração de seus talentos notaveis, e de sua instrucção aprimorada. Transferio logo sua residencia de Erfurt para Wittemberg, e não tardou em grangear autoridade e fama, já na cadeira do magisterio, já no pulpito levantado nos templos, e finalmente com publicações de

opusculos criticos e philosophicos, a cuja redacção se dedicava, e que bem que escriptos na lingua latina eram devidamente apreciados pelos doutos do tempo.

Não se pôde attribuir a Luthero a iniciativa dos primeiros levantamentos de broqueis contra a Igreja de Roma, e nem se deve acreditar tambem que as vendas das bullas de indulgencia foram a causa do schisma proclamado. Eram os historiographos e chronistas que admittem estas duas opiniões

Já antes de Luthero raiavam divergencias consideraveis na Igreja Romana. Não se dividira o mundo catholico em dous papados, o de Roma e o de Avinhão? Não se deve ao concilio de Constança ter liquidado a questão e unificado de novo a instituição pontificia em Roma? Não reclamavam muitos catholicos illustres, bispos notaveis, uma reforma profunda nos dogmas, na disciplina e nos costumes dos representantes da Igreja? Estava perturbada a paz dos fieis, abalada a crença, e a alma dos catholicos angustiada com o spectaculo de immoralidades, que dava Roma sob governo de Papas como Alexandre VI. Em 1510 uma dieta de prelados reunida em Augsburgo implorava providencias, exigia um concilio ecumenico, que terminasse as dissensões na Igreja catholica, castigasse ás desordens e devassidões do clero, e rehabilitasse a dignidade do sacerdocio, para merecer respeito dos povos.

Luthero constituiu-se, como alguns predecessores seus, o organo audacioso das paixões

e ancias populares, e a bulla de indulgencias foi a gotta d'agua que fez derramar o vaso. Investio-se de valor e de prestigio o homem, que primeiro fallou, mas que fallou o que os outros pensavam e queriam que se dissesse. A faisca levantou então incendio, porque eram abundantes e apropriados os combustiveis a que aproximou-se.

Governava a barca de S. Pedro em 1513 o Papa Leão X, da familia dos Medicis de Florença. Era mais mundano que religioso, mais amante das letras profanas e das bellas artes que das bôas doutrinas da Egreja, mais antiquario e admirador do passado que dedicado ao catholicismo. Dirigia sua attenção e seu alvo á descobrimento de manuscriptos gregos e latinos, a formação de museos para recolher resquicios da antiguidade, a edificação de palacios, ornamentos de templos com pinturas esplendidas e imagens artisticamente lavradas, pagava com inaudita generosidade esculptores, architectos, pintores, poetas e escriptores que lhe laureassem o nome e lhe pintassem a época sob aspecto lisongeiro e glorioso. Que lhe importava que do clero, da curia, dos conventos, partissem os mãos exemplos, que escandalizavam a moral publica e privada? Faustosa não era a Corte Pontificia? Luxuosos não eram o Vaticano, o Latrão e o Quirinal? Não abrilhantavam Roma Miguel Angelo e Rafael de Urbino trabalhando sob suas ordens e produzindo maravilhas artisticas.?

Nem uma quantidade de dinheiro fartava

o Pontífice para satisfação de seus gastos de ostentação e dissipação. No erario não existia vintem; exauridas estavam as fontes de impostos. Lembrou se de ampliar uma renda até ali minguada de recursos, por andar rigorosamente limitada. Era a concessão de bullas de indulgencias, que purgava os pecados, aliviava as almas de remorsos, e garantia perdão na outra vida.

Tornou as Leão X objecto de tributo e de negocio; distribuiu-as profusamente pelo mundo catholico, encarregando ás ordens religiosas que as vendessem á quantos as solicitassem, e para Roma enviassem as sommas recolhidas.

Magoaram-se os espiritos reflectidos; impressionaram se os catholicos; irritou se o povo miudo que assistia á remissão dos peccados de quem tinha dinheiro.

Manifestou se Luthero um dos mais fervorosos antagonistas da venda das bullas. Em sua cadeira de professor, no pulpito erecto nos templos, em escriptos publicados na lingua então vulgar na Saxonia, que era uma das variedades do idioma Germanico, usado nos diversos districtos: estigmatizou com vehemencia a resolução do Pontífice; censurava as avultadas despezas da Curia Romana, que a obirgavam a meios antireligiosos afim de conseguir recursos, e pediu providencias para se pôr cobro a seus abusos.

Respondeu-lhe logo um frade Dominicano, chamado Talzer, fallando ao povo, impri-

minho defezas da bulla, e criticando o procedimento de Luthero.

Deriva se d'ahi o apregoar-se que por ter o Papa incumbido a Dominicanos e não a Agostinhos a venda e defesa das bullas de indulgencia, ciúmes e rivalidades de frades haviam suscitado as controversias e lutas.

Interveio no conflicto o povo: nobres e clero tomaram egualmente partido. Manifestava-se, porém, a maioria em favor de Luthero, que era applaudido freneticamente nas ruas, nas praças, nas egrejas, na universidade, sempre que apparecia e era visto.

Communicou-se a Leão X o que se passava em Wittemberg, e que a outros pontos da Allemanha estendia-se a revolta religiosa.

Não percebeu o Papa o resultado que a opposição poderia lograr quando não acalmada a tempo e com prudencia. Considerou-a apenas uma briga de frades, dominicanos e agostinhos, e continuou tranquillamente a assistir a representações theatraes das comedias da Madragora de Machiavelli e Calhanda do Cardeal Bebiëna, que lhe lembravam a litteratura latina e o gosto satyrico de Plauto.

Avolumando-se, porém a importancia dos movimentos germanicos, despertou o Papa de sua indolencia e cuidou de providenciar no sentido de serenar os animos.

Confiou ao Cardeal Caetano a missão de chamar na Allemanha á ordem o frade Martinho Luthero, obrigar-o a retractar-se formalmente do que disera e escrevera, empre-

gando para isso os meios e armas ecclesiasticas que lhe fossem indispensaveis.

Discussão o Cardeal com Luthero em Wittemberg, e não chegaram a accôrdo. Não se prestou Luthero a recuar das idéas que havia propagado, e despeitado o Cardeal declarou heréticas suas doutrinas e como tal condemnadas pelas disciplinas da Igreja. Protestou Luthero, appellando do Cardeal para o Papa, do Papa mal informado para o Papa bem informado, e por fim d'este para um concilio ecumenico, que cumpria quanto antes instalar se a fim de prover de remedio os males, que os catholicos soffriam.

Até ahí não se mostrava separado da Igreja Romana. Continuava a reconhecer a autoridade do Papa, bem que suas opiniões distanciassem já em alguns pontos das que eram acceitas pelos canones. A mesma idéa da superioridade dos Concilios sobre os Papas fôra reconhecida por varios Concilios, e parecia doutrina corrente. Não a tinham francamente proclamado os Concilios de Basileia e Constança, ultimos que haviam funcionado?

Em apoio do Cardeal Caetano publicou Leão X uma bulla, confirmando suas resoluções, ameaçando Luthero de excommunhão quando se não desdissesse publicamente, e ordenando que a bulla fosse lida ao povo em todos os templos de Allemanha.

Foi então que iniciou-se a luta. Conheciasse Luthero fortalecido pelas opiniões das massas populares, pela de muitos fidalgos e

pelo favor de varios margraves e principes, senhores feudaes, que adoptavam já suas idéas, e animavam-no a progredir na sua propaganda.

Convocou o povo para a praça publica, e ahi dirigio-lhe prédica ferosa, narrando vicios e devassidões da Curia Romana, escandalos do Clero, venda de bullas de indulgencia, quando o arrependimento provava-se com as boas obras, e não com dinheiro, mostrando a necessidade de resistir á tormenta de simonias, que padres e frades praticavam claramente, e de chamar o proprio Papa a seus deveres de pastor evangelico. Saudado entusiasticamente, lançou a bulla ás chammas de uma fogueira que collocara e que ardia no meio da praça.

Desde logo deixou inteiramente o emprego da lingua latina, e em seus escriptos de polemica religiosa tratou de desenvolver e tornar agradável o idioma da alta Saxonia, e fazer se comprehendido por todos. A Luthero deve muito a lingua actual allemã; foi elle um dos seus primeiros e notaveis cultivadores, estendendo a da alta Saxonia a toda a Allemanha, e tornando-a nacional e geralmente applicada, permanecendo assim e depois com dialectos as demais variedades do idioma allemão primitivo.

Destacava-se progressivamente Luthero da Igreja Romana á proporção que publicava folhetos de controversia e reclamava como unicas verdades as contidas nos Evangelhos: interpretavas segundo sua razão, não advir-

tindo que o sentido particular que lhe attribuia destruia a unidade do catholicismo, e deixava liberdade aos commentadores para a explicação que quizessem prestar aos livros sagrados.

Augmentava se a scisão religiosa na Allemanha; já o Eleitor ou Duque da Saxonia, já diversos magnatas feudaes adoptavam as doutrinas de Luthero, expostas com admiravel logica e apreciada eloquencia. O proprio Imperador Maximiliano coadjuvava o Monge que se denominava reformador, no proposito de conter as exigencias de Roma, e de oppôr obstaculos aos caprichos dos Papas.

Ao correrem assim os acontecimentos fallecera o Imperador Maximiliano. Reunida a dieta em Francfort, elegeu para cingir a corôa de Allemanha o rei de Hespanha Carlos I, neto de Maximiliano.

Não era um estrangeiro para a Allemanha; nascera em Gand, nas Flandres; com a morte do avô succedia lhe no dominio do ducado Austriaco.

Deixou Carlos immediatamente Valladolid, e por mar transferio-se de Hespanha para a Flandres. D'ahi enveredou com celeridade para Aix-a-Capella. onde corôou-se como imperador da Allemanha, tomando o titulo de Carlos V.

Não se illudam os leitores com o titulo de Imperador da Allemanha. Não a governava senão como chefe geral para as importantes questões relativas aos assumptos geraes da

nação. Dividia-se esta em feudos independentes, tendo á sua frente um Príncipe com o appellido de Duque, eleitor, margrave, ou langrave, leigo ou ecclesiastico. Eram verdadeiros soberanos em seus dominios. Quando um d'elles, ou da Casa Saxonica, Suábica, Austriaca, ou Franconica, era eleito Imperador, continuava a governar livremente seus estados particulares, como os demais senhores feudaes; mas geria tambem os grandes negocios e interesses do imperio. Acima do Imperador reputava-se a dieta composta dos magnatas feudaes, e nada podia o Imperador por si resolver, sem sua acquiescencia.

Lembrou-se Leão X de recorrer a Carlos V para extinguir o schisma religioso que se propagava. Pedio-lhe sua intervenção e appellou para seu espirito catholico, para suas obrigações como rei da Hespanha, a quem seus anteriores haviam concedido o titulo de soberano catholico.

Prometteu-lhe Carlos V empregar sua influencia e sua autoridade, e convocou logo para Worms uma dieta, incumbida de decidir as controversias religiosas. Mandou intimar a Luthero, que residia em Wittemberg, estado da Saxonia, para comparecer e defender-se perante ella.

Exigio o Eleitor de Saxonia que o Imperador assignasse uma carta de seguro para que Luthero pudesse estar em Worms livre de perseguições, e sahir á salvo da cidade, qualquer que fosse a resolução da dieta.

Mandou lho o Imperador. Reunio se a dieta em 1521. Compareceram os Príncipes feudaes e Luthero apresentou-se deo dadamente perante a assembléa, e perante o Imperador da Allemanha.

Formulou-se accusação contra Luthero de tentar alterar a religião do imperio, de formar schismas ecclesiasticos, de affirmar erros contra o dogma e as disciplinas de Roma, e de atacar a autoridade do Pontifice.

Defendeu se Luthero energica e eloquentemente. Declarou se convencido de suas doutrinas, não acquiescendo á retratações do que havia apregoado em palavras e escriptos. Recorreu egualmente para prova dos seus allegados ás escripturas sagradas, que explicou, commentou e interpretou differentemente dos seus accusadores. Foi condemnado pela maioria dos membros da dieta como herege e rebelde, e o Imperador autorisado á executar a sentença.

Protestou o eleitor da Saxonia contra perseguições em Worms, apresentando a carta de seguro firmada pelo Imperador. Não trepidou Carlos V em manter seu compromisso, e ordenou apenas á Luthero que se retirasse de Worms.

Tratou o Eleitor da Saxonia de salvar Luthero fóra das portas da cidade: sua carta de seguro referia-se unicamente á vexames dentro do recinto de Worms. A's escondidas o fez entrar em uma liteira sua, e em sua companhia, seguiu para o Castello de Wartburgo, onde o poderia asylar, sem

o menor susto de ser perseguido ou vexado. Sequestrou-o por este modo em seus estados, guardando sigillo rigoroso no tocante á localidade, a que Luthero se acolhera.

Na sua solidão de Wartburgo occupou-se Luthero com a traducção da Biblia e dos evangelhos na lingua saxonica, que mandou publicar e espalhar pela Allemanha, afim de que os povos lessem as sagradas escripturas, e as não conhecessem como até ahi sómente pelas explicações dos padres, que as conservavam no idioma latino, extranho ao vulgo germanico.

Derramou igualmente manifestos e folhetos explicando suas idéas oppostas ás de Roma e organisando um corpo de doutrinas que se adoptassem á reforma religiosa, que elle desde logo tomou á peito desenvolver.

Adiantava-se muito já. Cada vez ia mais longe em suas divergencias. Formulou proposição adversa á alguns sacramentos catholicos e á varios canones; no tocante á graça e livre arbitrio. Condemnou as ordens monasticas, como asylos de homens que se inutilisavam para o estado, e que eram assim predestinados aos vicios. Não acceitou mais o Papa como chefe espirital da Egreja, e exigio que todas as solemnidades se praticassem na lingua vulgar para que o povo lhes comprehendesse a importancia.

Agradaram estas idéas aos povos do norte da Allemanha. — Não lhes sorria a necessidade proclamada por Luthero de volver aos tempos da pobreza, caridade e bons

exemplos que tanto haviam ennobrecido os primitivos representantes do christianismo? Não os exaltava o facto de não se subordinarem mais a um chefe estrangeiro, que residia em Roma, tão longe da Allemanha, e que da cidade do Tibre enviava ordens á capricho para serem executadas em um paiz tão distincto de costumes, instituições, lingua e raça de homens?

Estendia-se o schisma, e passava as raias da Allemanha; na Dinamarca, Suecia e Noruega revolucionavam-se os espiritos igualmente. Do norte para o sul da Europa notavam-se divergencias profundas, quer nos habitos e modos de vida, quer nas tendencias dos animos; já nas instituições civis e politicas, já nas aspirações á liberdade da razão, que antepunha-se geralmente á tradição e á obediencia.

Crescia ainda o influxo de Luthero com a idéa de abolirem-se os conventos, e fundirem-se suas consideraveis propriedades nas dos estados, em que se haviam fundado.

Alliava-se assim, mister é confessal-o, á idéa moral e religiosa o instincto, a cubiça dos appetites humanos.

Não divisavam os senhores feudaes augmentos de fortuna na expoliação de propriedades dos mosteiros abolidos? Não eram tão abundantes de terras e riquezas as confrarias ecclesiasticas?

Por seu lado exagerando o sentido das doutrinas de Luthero, a respeito da fraternidade e egualdade, alvoroçavam-se tambem as

multidões do povo baixo, arraia miuda na phrase dos nossos classicos, pobres famintos, ciosos e despeitados contra a fortuna das classes médias e superiores. Não se apoderavam os senhores feudaes que se declaravam reformistas dos bens dos frades e associações religiosas, dos campos, casas e culturas, que lhes haviam pertencido?

Persistiriam os mendigos nos seus andrajos e na sua miseria?

Romperam em alvoroços, sedições e movimentos armados os populares mais infimos. Camponios, que, mais servos que livres, empregavam-se no amanho das terras, entenderam chegada a oportunidade de passar do estado de peauria para uma situação mais favoravel.

Em muitos pontos da Allemanha excitaram motins, e capitanearam os desordeiros demagogos furiosos; são delles mais conhecidos, Thomaz Munzer, João Mathiezen e João de Leyde. Assolavam-se propriedades, roubavam-se egrejas, devastavam-se palacios, saqueiavam-se casas, incendiavam-se cidades, propagavam-se maximas immoraes de communismo, e hordas de fanaticos apoderavam-se de localidades importantes.

Foi mister empregar a força publica. Reuniram-se os magnatas e classes medias. Ao encalço dos desordeiros marcharam tropas. Escaramuças, combates e assaltos, pejeas verdadeiras, commetteram-se. Ensopou-se o sólo de sangue, abateram-se cidades sob ruinas. Muitos mezes durou a luta contra os

novos barbaros e selvagens, que fanatisados praticavam horribos attentados. A's mortes nos encontros seguiam-se as execuções nos patibulos, nas fogueiras, nas forcas levantadas pelas estradas e pelos campos, de quantos se aprisionavam commettendo depredações. Aos milheiros pereceram os loucos amotinados e a guerra allemã, denominada dos *Payanos*, encerra feitos execrandos.

Estava abandonada, no entanto, a Allemanha de Carlos V, que, retrado em Hespanha, dirigia d'ahi operações militares contra a França.

Não se conservou, porém, Luthero no seu asylo de Wartburgo. Expoz-se á perseguição, seguindo para Wittemberg. Animava-o o desejo de coadjuvar os principes e classes médias contra os proletarios sublevados, cujos feitos elle anathematisava. Escreveu contra elles folhetos, prégou a necessidade de combatel-os e exterminal-os, e concorreu poderosamente para restabelecer-se a ordem e firmar-se a paz publica, protestando que pela convicção, e não pela força, se deviam propagar as idéas sociaes e religiosas.

As noticias do que se passava na Allemanha correu Carlos V para o theatro dos nefastos acontecimentos. Convocou Dieta em Spire, e pediu aos Principes seus avisos no tocante ao apasiguar-se a Allemanha, e ao pôr cobro ás dissidencias religiosas. \ Requereu igualmente socorros contra os Turcos, que iuvadiam o Danubio, amea-

çavam Hungria e Austria, e d'ahi se arremesariam decerto sobre a Allemanha.

Notou-se na Dieta quanto progredira a doutrina de Lutero : grande parte dos soberanos locaes já a adoptavam e professavam, tendo abolido em suas terras conventos de Monges, tomado conta das propriedades das ordens religiosas, e feito celebrar as ceremonias sagradas, segundo a reforma proclamada pelo frade de Wittemberg. No intuito de provar pela pratica suas maximas, casara-se Lutero com uma freira, chamada Catharina Bohven, e á pouco e pouco firmava emfim a nova Igreja livre e dissidente de Roma, subordinada aos Principes reinantes na parte temporal, e sustentadora dos direitos, foros e autoridade dos magnatas, á quem cabia o governo dos povos. Afeiçãoava lhes por esta theoria as boas graças, reputando livre e emancipada unicamente a consciencia.

Librou a Dieta em divergencias religiosas, que magoaram a Carlos V catholico vencido. Que podia, elle executar para conter o movimento denominado da reforma ? Tinha de seu lado, na Allemanha, muitos poderosos fidalgos. Não se mostravam tambem em campo contrario eleitores, principes, e langraves egualmente consideraveis ? Ligar-se a um partido não equivalia a considerar-se inimigo do outro ? Não haviam declarado os nobres reunidos em Passau que se não submetteriam mais ao jugo de Roma ? Não lhe convinha no momento a união de todos os allemães para

defender seus estados da Austria contra os Turcos ?

Astuto e politico como era, guardou no intimo do peito a necessidade que sentia de salvar a causa catholica, reservando-se o direito de livremente operar logo que circumstancias mais propicias se manifestassem.

Conseguiu uma tregua religiosa. Publicou a Dieta a doutrina da liberdade das consciencias, mas, acceito o *statu quo* de divergencia, prohibio a propagação da nova seita religiosa. Protestaram, todavia, contra esta excepção á regra geral da liberdade da consciencia muitos dos magnatas, adherentes ás idéas de Luthero. Proveio-lhes d'ahi o titulo de protestantes, por que são conhecidos os inimigos de Roma.

Logrou Carlos V com estes ajustes conciliatorios auxilios allemães para combater os Turcos, e expellil-os da Hungria, bem que não deixariam, quando vencidos, de continuar a occupar os paizes situados no longo do Danubió e as costas orientaes do Adriatico.

Alcançado que foi o alvo, á que se propunha, e coroado Imperador pelo Papa na cidade de Bolonha, introduzio e agglomerou na Allemanha forças hespanholas, flamengas e italianas, pretextando com este appoio dirigir a guerra contra Francisco I de França e Solumão II da Turquia.

Sem o auxilio estrangeiro como pesar no imperio, e proseguir no desejo ardente que sempre nutrira de submettel-o á obediencia espirital de Roma ?

Finnava-se, no entanto, Leão X. Varios Pontifices cingiram a corôa Romana. Fracos, porém, diante dos vicios que desacreditavam a Curia e o clero, não providenciaram de modo a arrancar pretextos e razões á dissidencia promovida na Allemanha.

Dous campos adversos dividiam a Allemanha, eguaes já em forças materiaes e influencia moral, catholicos e protestantes, e delicada tornava-se a posição do Imperador. agora que resolvera domar o segundo, e restabelecer a religião catholica em todos os seus estados. Apoiado na maioria dos Barões feudaes publicou, em 1536, editos prohibindo a propaganda do culto Lutherano, e tratando a Allemanha como a Hespanha, onde curvara e exterminara dissidentes religiosos, como conseguira com os politicos communereros de Toledo, que completamente esmagara.

Reuniram-se, porém, muitos chefes protestantes, e formaram uma liga defensiva, e offensiva, com o titulo de Samalkade. Em 1544 achavam se á frente de tropas regulares consideraveis, e declaravam positivamente que sustentaria, a causa da liberdade da consciencia. O Eleitor da Saxonia e o burgrave de Hesse tomaram o commando das forças, e ousaram affrontar a Carlos V.

Que poderiam conseguir quando o Imperador apoiava-se já em tropas estrangeiras acostumadas á disciplina e á extrategia, experimentadas em guerras mais difficeis, e commandadas pelo Duque d'Alva?

Dous combates, que Carlos V dirigio-lhes deram-lhe completa victoria. Derrotados os protestantes, cahiram prisioneiros em poder do Imperador os mais temiveis dos seus adversarios. Publicou então Carlos V decretos punindo com penas rigorosas os proselitos das doutrinas de Lutero, condemnando o chefe reformador, e prohibindo a adopção de seu culto aos povos e nobreza do imperio.

Pensoi Carlos V que subjugava inteiramente a Allemanha. Deveria d'ahi por diante obedecer-lhe submissamente como a Hespanha. Quem ousaria levantar-se mais contra sua vontade? Não estava em suas mãos obri-gal-a a obedecer de novo á Roma, e abandonar o culto lutherano?

Illudem-se, porém, os mais experimentados mestres. A opposição religiosa na Allemanha procedia das crenças religiosas, das consciencias agitadas. Espalhara-se pelas massas populares, ganhara cidades e campos. O Norte estava litteralmente revolvido pelas idéas propaladas nos escriptos de Lutero. Não se queixavam, além d'isto, os Allemães de que se tinham empregado tropas estrangeiras, contrariamente aos compromissos tomados por Carlos V quando eleito Imperador?

Comquanto se transferissem as tropas de Carlos V para o theatro da guerra em França, entenderam os protestantes que era tempo de provar que religiões se não impõem pela força, e forças estrangeiras. Reuniram-se em conciliabulos secretos, tomando n'elles logar

aquelles mesmos que não tinham intervido na liga de Samalkade e nem adherido ao culto protestante.

Tranquillo e vanglorioso partira Carlos V para Inspruck, no intuito de vigiar e dirigir d'ahi o Concilio Ecumenico de Trento, que por fim conseguira do Papa que fosse convocado e reunido em sessões solemnes.

Aproveitaram se os adversarios da occasião e da occurrencia. A' sua frente collocou-se Mauricio da Saxonia, parente do eleitor que Carlos V aprisionara em combate, e que recolhera a um castello fortificado.

Juntou um exercito, e partio acceleradamente para Inspruck.

Achava-se então Carlos V acabrunhado pela molestia de gota, que costumava insultal-o Desprovido de tropas, porque não suspeitava novos levantamentos na Allemanha. Ao receber noticia de que contra elle marchava Mauricio da Saxonia, reconheceu suas imprevisões, e temeu ser apanhado e preso por surpresa. Começava uma noite tormentosa ; chuvas abundantes alagavam o sólo ; agglomeravam-se neves, flagellavam frios, açoutavam ventos impetuosos. Conservar-se em Inspruck não seria um perigo, um risco lamentavel ?

Sem que se abrisse com seus intimos, e guardadas todas as reservas proprias do seu character, emquanto a cidade dormia, introduzio-se em uma liteira, sahio do palacio acompanhado apenas por criados fidelissimos, e deixada a povoação enveredou por entre as

montanhas em direcção a Trento. Tomou caminhos esguios e tão difficultosos por entre os morros, e atravez dos gelos que cobriam a terra, que foi obrigado a mandar accender archotes a fim de não perder-se nos precipicios que atravessava.

Ao chegar Mauricio á Inspruck, logo no dia seguinte, já não encontrou o Imperador, e não ousou perseguil-o na fuga que emprehendera. Escapára-lhe o astuto adversario, que Mauricio anceava segurar, no proposito de coagil-o a desistir de absolutismos na Allemanha.

Em Trento assustado o concilio dos Padres da Egreja, suspendeu suas sessões, e muitos abandonaram a cidade. Dirigio-se então Carlos V para territorios da Carinthia, e comprehendeu que lhe convinha assentar pazes com os protestantes da Allemanha, e conceder-lhe todas as liberdades religiosas. Não mingoaria sua posição e seu prestigio, nas guerras ainda travadas contra a França, a perda das numerosas forças com que os allemães podiam coadjuval-o ?

A Passau, e a assembléa ahi reunida de muitos principes e eleitores, mândou diplomatas, que assignassem uma convenção, estabelecessem a paz religiosa na Allemanha, e auctorisassem o exerci io de todos os cultos. A Dieta que posteriormente se installasse em Ausgsburgo, caberia sancionar o accordo. Morreu, n'este entretanto, Luthero em Wittenberg, no anno de 1546. Deixava, senão concluida, pelo menos muito adiantada a

obra de uma nova seita religiosa. Aceitavam-se suas doutrinas na maior parte da Alemanha e nos reinos scandinavos. Fundava-se sua egreja sobre o reconhecimento da divindade de Jesus Christo ; respeito aos seus apóstolos ; acceitação dos mysterios primitivos por elles apregoados ; certeza da revelação ; adopção de dous unicos sacramentos : o do baptismo e o da eucharistia ; graças, officios divinos em lingua vulgar ; abolição dos conventos, do celibato e de abstinencias e jejuns ; negação da auctoridade do Papa, e condemnação dos canones, disciplinas e dogmas contrarios aos Evangelhos como elle os interpretrava.

Já tambem então pela Suissa, Paizes Baixos, Escossia e França propagara-se sua escola, mais distanciada porem de Roma, mais radical, e fundada em Genebra por Zvinglio e Calvino ; e na Inglaterra predominava tambem com o titulo de Anglicana, imposta por Henrique VIII, e que manifestava-se no entanto mais approximada da religião catholica nos dogmas, nas disciplinas e nas jerarchias dos cargos ; derivadas todas, todavia, da primeira, que Luthero levantara na Alemanha.

Diogo Alvares, o Caramurú

Não escapou a historia do Brazil á legenda! Bem que modernissimo o paiz, e uma colonia quasi desconhecida, ahi mesmo uniram se a ficção e a verdade, addiccionou-se á factos o colorido da fantasia, e a uns annexaram se episodios que se haviam verificado em outros. Já no livro, publicado em 1846, sob o titulo de Plutarco Brasileiro, titulo que trocamos na segunda e terceira edição—subsequentes e muito mais correctas e augmentadas, pelo de — *Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes*, tratamos succintamente de mostrar as invenções e falsidades, que os chronistas antigos unisonamente repetiram, copiando-se uns aos outros, á respeito de Diogo Alvares, chamado o Caramurú. Alargando agora nossas observações, tomámos á peito reduzir a historia á seus termos veridicos.

Descoberto o Brazil em 1500, começaram os Portuguezes a visital-o e exploral-o. Armadas que seguiam para as Indias alongavam a viagem, fugindo ás calmarias da Africa, refrescando nas costas do continente que o acaso lhes offerecêra na America, e singrando depois em direitura ao Cabo da Boa Esperança. Visitaram-no, por este modo, capitães illustres, como Affonso de

Albuquerque e Tristão da Cunha. Appareciam egualmente em suas costas caravellas mercantes, que partidas dos portos de Portugal buscavam madeiras, particularmente o páo Brazil, de que seu solo abundava, algodão, aves e animaes estravagantes, praticando um commercio mais ou menos lucrativo. Após os primeiros que o avistaram correram tambem especuladores Normandos e Bretões, que travaram relações com os gentios. Não faltaram logo esquadras enviadas expressamente por D. Manuel e D. João III, destinadas a limpar seus mares de embarcações pertencentes aos outros povos da Europa, appellidados pelos portuguezes invasores e piratas.

Travaram frequentes vezes combates mortiferos; posto que quasi sempre victoriosos os Portuguezes por se firmarem em náos de guerra, quando os Francezes empregavam exclusivamente navios particulares e mercantes, e não recebiam auxilios de seu governo; não raro estes cantavam tambem triumphos, aprisionando e queimando navios portuguezes. depois de lhes roubarem o carregamento e trucidarem-lhes as tripolações.

Narram os annaes de França osadias e façanhas dos marinheiros de Dièppe, Honfleurs e Ruão: um Angó, um Palmier, um Cousin disciplinavam gente, aproveitavam navios e os remetiam para as costas do Brazil, de onde recebiam em troco mercadorias proveitosas.

Não faltavam, pois, difficuldades e perigos

á Portugal, e aos portuguezes, diante das arrojadas temeridades de francezes. Occupado o rei com as Indias, que lhe mereciam mais cuidados, applicava, no entanto, meios diplomaticos, e entendia se, por meio de embaixadores e agentes, com os monarchas francezes, para que estes prohibissem á seus subditos navegação nas costas Americanas que á Portugal pertenciam.

Estimavam-se, felizmente, os reis e esmeravam-se em praticar mutuas concessões para manterem a amizade que os ligava. Apezar, porém, das ordens expedidas pelo governo de França, Normandos e Bretões persistiam em incommodar os Portuguezes, e já iam os Inglezes seguindo-lhes o exemplo.

Atormentado D. João III com os dissabores que lhe causavam acontecimentos tão constantemente repetidos, engehou colonisar e povoar as terras brazileiras. No intuito de melhor garantir seu direito contra invasões estranhas, dividio-as em doze donatarias hereditarias, que, *ad instar* dos antigos feudos europêos, concedeu a fidalgos e predilectos da côrte com obrigação de occupal-as, povoal-as, e governal-as, formando nucleos de portuguezes ligados á quem e além do oceano, e que mutuamente se auxiliassem.

Em quanto cuidava Portugal de assegurar e estender suas conquistas no novo mundo, não se contentava Hespanha com as terras que descobria no centro da America; e-forçava se perseverantemente em abrir caminho para as Indias, objecto primario e prin-

cipal de suas emprezas começadas desde 1492. Enviava, uns após outros, navegadores para o sul da linha equinocial, e tinha já attingido ás alturas do Rio da Prata, sem que tivessem ainda descoberto a passagem desejada.

Não era natural que um ou outro navio de tantos que já devassavam esses mares naufragasse e em terra se salvassem pessoas da tripolação? Não sabemos egualmente que os navios de guerra abandonavam nas praias selvagens não só os condemnados a degredo, que á bordo traziam como tambem os que se incumbiam de conciliar os indigenas, aprender-lhes a lingua, e servir no futuro de interpretes e intermediarios?

Não poderiam alguns d'elles salvar-se da brutalidade antropophaga dos habitantes, posto que na maior parte lhes servissem de pasto e regalo nas suas festas horrosas, em que cortavam aos pedaços os corpos dos prisioneiros, e alegremente devoravam lhes as carnes?

Examinando os annaes, documentos e escriptos anti os officiaes e particulares, conseguimos a prova de que bastantes europêos viviam tranquillamente entre os gentios, adoptavam-lhes os costumes selvagens, e serviram posteriormente aos navegantes para conciliarem uns e outros, invasores e invadidos.

Deixando de minuciar quantos destes factos chegaram a nosso conhecimento, e reduzindo as pesquisas ao individuo appellido Caramurú, deparamos na collecção

do illustrado geographo castelhana, Navarrete, a primeira noticia extrahida da relação de Avila : nella se affirma que em 1526, na Bahia de Todos os Santos, encontrara o commandante da não hespanhola *S. Gabriel* um christão, que dizia que alli se perdera com o navio, em que estava embarcado, havia já quinze annos.

Segue-se na ordem chronologica a decada de João de Barros, asseverando que pouco mais ou menos no mesmo anno Rodrigo da Cunha descobrira um portuguez na Bahia, tão selvagem como os novos compatriotas e amigos que adquirira, e que naquellas terras escapara naufragando.

O roteiro de 1531, escripto por Pero Lopes de Souza, e publicado em nossos dias, confirma as anteriores narrativas.

Navegando sob o commando de seu irmão Martim Affonso de Souza, que fôra incumbido de expellir das costas e mares os piratas francezes, refere que, ao desembarcar na Bahia de Todos os Santos, appareceralhe um portuguez chamado Diogo Alvares, que vivia, ha cerca de vinte e dous annos, em paz com os indigenas e que deu larga razão de tudo quanto podia então interessar aos Portuguezes.

No seu estimado livro das cousas do Brazil narra egualmente Gabriel Soares que em 1538 Francisco Pereira Coutinho donatario da capitania comprehendida entre a foz do rio S. Francisco e o porto de Santo Antonio, ao sul da Bahia de Todos os Santos,

tratando de fundar sua residencia e povoação, descobrira um portuguez, casado com gentia, e que se chamava Diogo Alvares, conhecido, todavia, pelo de Caramurú, que lhe haviam dado os gentios.

Accrescenta Gabriel Soares que Diogo Alvares, naufragado, havia muitos annos, segundo o dizia, prestara bons serviços conciliando, ao principio, os indigenas com os portuguezes. Foi Coutinho desgraçadamente e apesar das intercessões de Diogo, victima da barbaria dos indigenas, que lhe moveram guerra e o expelliram da Bahia para a capitania visinha dos Ilhéos.

Voltando depois na persuasão de que haviam melhorado suas relações com os Tupinambás, segundo lhe annunciava Diogo Alvares, naufragou na ilha de Itaparica, foi preso e devorado, com muitos companheiros, pelos antropophagos indigenas.

Volvida então a capitania á Corôa, não a cedeu mais D. João III a particulares. Mandou della empossar-se Thomé de Souza, nomeado primeiro governador geral do Brazil, e estabelecer-se a capital dos estados coloniaes na Bahia de Todos os Santos. Vivia ainda tranquillamente alli o portuguez Diogo Alvares, em 1549, e elle servia de interprete a Thomé de Souza nas relações que procurava estreitar com os gentios, conforme communicava para Portugal.

Temos, pois, por averiguado, diante de tão importantes documentos, que se tratava do mesmo homem, descoberto no meio dos

indigenas, desde 1526, naufragado em 1510 ou 1511, e que alli persistira constantemente, e coadjuvára os portuguezes na sua empreza de colonisar as terras.

Quem era, porém, Diogo Alvares? Apenas de poucos documentos antigos nos chega leve noticia que se poderá considerar veridica.

O padre Simão de Vasconcellos foi o primeiro escriptor que delle tratou pelo meiado do seculo XVII. Diz apenas que era de origem desconhecida. Balthazar Telles, Jaboatão, Brito Freire, Berredo e Vicente do Salvador não investigaram a questão, e repetiram as declarações de Vasconcellos. Pero do Campo Tourinho, donatario da capitania de Porto Seguro, em officio a El-Rei, datado de 18 de Julho de 1516 e que existe na Torre de Tombo em Lisboa, o intitula Gallego. Cartas dos primeiros jesuitas que o conheceram na Bahia o chamam tambem de Gallego.

Não podemos saber se o appellidaram Gallego por ter nascido effectivamente na Galizia, ou porque uso geral era então em Portugal chamar-se tambem Gallego aos natu-raes da provincia do Minho, conchegada aquella provincia hespanhola. Qualquer das duas conjecturas torna-se razoavel, convindo todavia, notar que Navarréte refere que entre os papeis de Simancas encontrara a prova de que um navio castelhano de Corunha naufragara na Bahia, no correr do anno de 1510, pertencente á esquadra de Diogo Garcia, a qual se dirigia ao Rio da Prata. Não

parece mais provavel que desse naufragio escapasse Diogo Alvares, e que fosse realmente Gallego ?

Reproduzem ainda os escriptores portuguezes citados a noticia de que vivia amancebado com uma gentia chamada Paragua-sú, bem que, segundo os costumes dos gentios, contasse como concubinas outras muitas mulheres selvagens.

Summariando Gabriel Soares varios e pittorescos incidentes na historia dos descobrimentos, occupação e colonisação do Brazil pelos portuguezes, enumera o achado de Diogo Alvares, no meio dos Tupinambás da Bahia ; o de João Ramalho vivendo em paz e amizade com os Goyanazes, de S. Vicente, e o de um bacharel e de alguns hespanhões encontrados em Cananéa ; falla egualmente de um castelhano existente na Parahyba do Norte, para onde os francezes tratavam de dirigir-se de preferencia á Bahia, desde que o governo de Thomé de Souza os começou a expellir destas paragens.

O castelhano adaptara-se intiramente á vida dos Potiguares, donos da terra no dizer de Gabriel Soares. Indo porém á Parahyba os portuguezes, assustado fugio em navios normand's para a França áfim de que os portuguezes não tirassem vingança de suas relações com os francezes.

Nada mais revelam cartas, documentos, escriptos e tradições. A legenda, porém, que é um enfeite para affeição e interessar os animos populares, que é filha da fantasia,

que erradamente se reputa patriótica, porque realça ou os individuos a quem se applica, ou os successos e factos, que se narram, a legenda, quer como ornato, quer como pura ficção, não se esqueceu de formar-se, desenvolver-se, e alliar-se ao incidente relativo a Diogo Alvares.

O primeiro escriptor conhecido que deu curso ás legendas annexas a este episodio historico foi o jesuita Simão de Vasconcellos. Na sua chronica não hesita em declarar que elle partira para França, em embarcações normandas, levando a consorte gentia, denominada Paraguassú; fôra apresentado á côrte dos monarchas, que o acolheram benigna e fervorosamente, e lhe prestaram navios em que regressasse para Bahia, no proposito de facilitar e auxiliar as relações dos francezes com os indigenas da terra, promover-lhes o commercio, e quiçá preparar para a França a posse do continente. Derivaria o episodio de alguma vaga legenda ou tradição popular? Não parece mais provavel que aproveitou-se Simão de Vasconcellos do que Gabriel Soares referira ácerca do castelhano da Parahyba do Norte, e applicou a Diogo Alvares o que a este era peculiar? Não percebeu que seria impossivel que continuasse a viver pacifica e amigavelmente entre portuguezes quem tivesse de boa ou má vontade entretido relações tão estreitas com piratas como se reputavam então os francezes, inimigos da patria?

Copiaram-no unisonamente, e sem criterio

e nem escrupulo, os subseqüentes chronistas, Brito Freire, Jaboatão, Berredo, e Balthazar Telles. Adiantou-se ainda mais Sebastião da Rocha Pitta, nascido na Bahia, e autor da primeira historia do Brazil, escripta e publicada no seculo XVIII, obra aliás meritoria e preciosa, sob varios pontos de vista: ornou Rocha Pitta o episodio com bastantes flôres de rhetorica, accrescentando lhe circumstanCIAS novas e todas de fantasia.

Não fôra Diogo Alvares, na opinião de Pitta, um marinheiro ou homem rustico e desconhecido, como se dizia, e menos um Gallego: ele-o á cathgoria de nobre, declara que nascera em Vianna do Minho e pertencia á familia fidalga. Conta que em França recebera honrarias dos reis, e Paraguassú, sua consorte, fôra baptisada com o nome de Catharina, tendo á pia por madrinha Catharina de Medicis, casada com Henrique II. Não se cria assim uma estirpe illustre, que gloria a patria e a familia, ao mesmo tempo que desenvolve um romance interessante?

Apropriado assumpto para poetas! Não o desprezou o eximio cantor brasileiro Santa Rita Durão, em fins do seculo passado. Caramurú converte-se em personagem distincto, em protogonista insigne, em heróe respeitavel; Paraguassú brilha a seu lado, e correm após elle doudas de amor as gentias, ciumentas da que fôra objecto de sua predilecção. Brilha o episodio da morte de Moema, todo da imaginação do poeta, como joia de valor mais primoroso. Encanta em geral

o colorido derramado em tão pequeno poemeto, que honra, e muito, o nome do autor e a litteratura patria!

Resultou de todo esse ramalhete da lenda, que até nossos dias acredita-se em muitas das circumstancias fantasiadas, e que encontram-se em alguns compendios destinados á instrucção da mocidade descriptas como historicas, illudindo assim os animos populares com erros prejudicialissimos.

Raciocinemos um pouco, e tudo desaparecerá como chimera.

Quando teve logar a apregoada viagem de Diogo Alvares á França? Reinou em França desde 1499 até 1515 Luiz XII casado com Anna da Bretanha; de 1515 a 1547 Francisco I, cuja consorte chamava-se Claudia; subio ao throno sómente em 1547 Henrique II, que esposou depois a Catharina de Medicis.

Até 1547 não podia ter logar a viagem, porque não apparece rainha franceza appellada Catharina.

Documentos officiaes e todos os escriptos asseveram além d'esta circumstancia que, naufragado Diogo Alvares, ao que elle proprio dizia, em 1510 ou 1511, visto em 26, 31 e annos seguintes na Bahia, ahi sempre permanecêra e ainda fôra encontrado em 1548, ao tomar Thomé de Souza conta do governo. Nesse intervallo de tempo, não effectuou pois viagem á França e nem possivel ella lhe fôra. Percebeu-o Rocha Pitta, e por isso imputou a viagem a annos poste-

riores no proposito de encontrar uma rainha Catharina em França.

Verifica-se. no entanto, perante todos os escriptos e documentos portuguezes da época, que durante o governo de Thomé de Souza continuou Diogo a residir na Bahia, e ahí falleceu pouco tempo depois, deixando numerosa prole. Antes não se realizára o facto, e depois tornára se impossivel. Dos documentos e escriptos portuguezes que subsidiam e esclarecem a historia, nada resulta que preste o mais pequeno indicio á legenda.

Cumpre acrescentar ainda que tanto D. Manuel como D. João III entretiveram sempre agentes officiosos e secretos na Côrte de França, em razão dos insultos dos Normandos ás costas do Brazil; reclamavam a todo o momento contra as suas expedições, e vigiavam-nas para repellil-as. Nos archivos da Torre do Tombo deparam-se notas e communições mandadas de Pariz. Como nem uma falla da ida de Diogo Alvares á França? De minudencias inferiores tratam e porque calariam este episodio que mais devia-lhes chamar a attenção?

Mais valentes provas auferiremos indagando escriptos. memorias e chronicas francezas. Nem um documento d'elles e da época refere-se a semelhante evento, que seria de importancia para a França, tanto mais que os legendarios portuguezes attribuem os carinhos e favores do rei francez ao desejo e intentos de apoderar-se do Brazil, para o que pres-

tára uma não, em que Diogo e Paraguassú regressaram para a Bahia. Mencionam as memorias francezas viagens dos normandos e bretões ao Brazil, lutas com os portuguezes, descripção de victorias e desastres, estado de carregamentos para a França, numero e qualidade dos indigenas, festas que se tributavam, aos que se conduziam para a França, e curiosidade que elles excitavam Quando verdadeiros fossem, a viagem de Diogo Alvares á França e o baptismo de Paraguassú perante a côrte de Henrique II e sob a protecção da rainha, cujo nome tomára, porque deixaram os francezes de noticiar um facto tão relevante, superior a pequeninas circumstancias, que lhes não esquecem? Não é tambem sufficiente para comprovar que a França nunca fôra Diogo Alvares, esse escripto, publico em 1550, em Ruão, reproduzido e commentado pelo laborioso litterato de nossos dias Ferdinand Denis, reconhecendo festas celebrada, na capital da Normandia, em que gentios do Brazil, da tribu dos Tupinambás, appareceram em numero notavel, capitaneados por seus caciques, e executaram scenas burlescas da sua vida domestica, e de seus costumes extravagantes?

Indicio nenhum se depara portanto nas chronicas e documentos francezes á respeito de tal incidente.

Estava reservado aos posteros, já distanciados da época, inventar aventuras fabulosas. Esse direito só aos poetas e legendarios

competer, e como ficção pôde ser aproveitado por escriptores de fantasia, e nunca pelos que ambicionam as glorias de historiadores.

Notavel é egualmente que nem perceberam os credulos chronistas portuguezes que o nome de Catharina derivaria de preferencia do da rainha de Portugal naquelle periodo. Catharina consorte de D. João III e regente após sua morte durante a minoridade de D. Sebastião, isto é, desde 1531 até 1557. Não é mais crível que senhores os portuguezes da Bahia casassem religiosamente Diogo Alvares e Paraguassú e trocassem então o nome desta pelo de Catharina, em memoria de sua rainha ?

O que se deve admirar é que a Diogo Alvares se applicasse a legenda antes que a João Ramalho, ou a quaesquer outros europêus naufragados, que se encontrara no Brazil, vivendo tranquillamente no meio dos selvagens e tendo-lhes adoptado os costumes e modos de existencia.

Muitas deveriam ter sido as victimas dos antropophagos, que se regalavam com os corpos retalhados dos inimigos, colhidos em guerras, encontrados por entre brenhas ou perdidos nas praias, Felizes os que conseguiram domar-lhes as furias e voracidade, empregando estratagemas. Mais importantes serviços prestára, no emtanto, João Ramalho, na colonisação da capitania de S. Vicente, em 1532 ; mais efficaz influxo elle exercia entre os Goyanazes. que, como seu alliado e amigo, o nacionalisaram. Não conseguira verdadei-

ras pazes entre os indigenas e os Portuguezes ? Não coadjuvara efficazmente a Martim Affonso na edificação de S. Vicente, e logo depois na de Piratininga, em cima dos morros, na localidade em que pouco mais ou menos actualmente assenta a cidade de S. Paulo ? Diogo Alvares prestou na Bahia serviços e bons serviços aos Portuguezes, mas não pôde alcançar relational-os amigavelmente com os Tupinambás, que persistiram em guerras e escaramuças ininterruptas. Sob este ponto de vista merecia menos dos Portuguezes que João Ramalho, e nem entre os gentios com quem vivia gozava da importancia que adquirira o amigo dos Goyanazes.

Nem mesmo a interpretação que geralmente se presta ao nome de Caramurú, porque era conhecido entre os gentios, comprova-se de modo a excluir duvidas.

Homem de fogo declaram diversos auctores que o vocabulo exprime ; usava de espingarda, e com polvora e bala produzia estrondo e clarão ao disparar a arma. Custa a crêr que um naufrago pensasse em salvar a espingarda e pudesse conservar polvora e bala para amedrontar os indigenas, e applicar-se a caçadas e a guerras contra as tribus visinhas e adversas, como a legenda pretende que praticara Diogo Alvares. Não apparecem tambem explicações de outros escriptores ácerca da palavra — Caramurú — como significado de Dragão sahido dos mares ? Não affirmam, egualmente Claudio de Abeville, Jaboatão, Fernando Diniz e varios conhece-

dores da lingua dos gentios que significa exclusivamente moréa, peixe encontrado entre cavidades e pederneiras das praias e da familia das enguias? Não fôra ahi achado naturalmente pelas extensas praias o naufrago Diogo Alvares? Nem a origem do sobrenome Corrêa pudemos descobrir. Em seu tempo nem um escripto assim o appellida. Diogo Alvares sómente chamou-se em vida o naufrago, como adquirio augmento de nome? E muito tempo depois de morto? Não será esse sobrenome tão de invenção como o epitaphio que mais de um seculo depois da morte de Paraguassú se lhe collocou no tumulo, asseverando que ella era rainha e dona da terra, e a cedêra á corôa portugueza?

Cumpre aproveitar a occasião para explicar tambem as razões por que se trocou o nome da terra descoberta ou melhormente achada por Cabral, e a qual elle intitulara Vera-Cruz, nome trocado ao depois pelo de Santa Cruz, e por fim desaparecido diante do de Brazil, que lhe ficou, máo grado dos Portuguezes conquistadores. A prioridade do descobrimento effectuado por Pinzon, mezes antes de Cabral, considerou o governo Hespanhol acaso, e declarou que sendo em terra que devia pertencer á Portugal, a esta nação cedia quaesquer direitos que lhe coubessem. Não se suscitaram, pois, duvidas e nem conflictos, apezar de ser o Brazil avistado, e mesmo empossado antes por Pinzon, em nome de Hespanha.

Desenvolvendo desde logo os Francezes mais ou menos regular navegação pelas costas e formando seu melhor commercio a madeira que lhes proporcionava e aos Portuguezes maiores vantagens, e que appellidavam *Brazil*, por causa de ser vermelha como brazas de fogo, e de produzir uma tinta encarnada de precioso valor, madeira que anteriormente a Europa recebia das Indias por via do Egypto e da Syria, persistiam no entanto em chamar ao paiz Brazil, e em cartas geographicas que espalhavam por este titulo faziam conhecer a terra.

Que importava aos Europeus que o dono chamasse á sua propriedade differentemente? Desde o principio do seculo corriam mappaes geographicos fabricados em França e Allemanha, desenhando o paiz como uma ilha e sustentando-lhe a denominação de Brazil. Não se sabia ainda na Europa que a America formava um continente proprio, separado da Asia, correndo do pólo sul ao do norte.

Eram por todos os povos reputadas Indias Occidentaes as terras que os Hespanhoes, Portuguezes e Inglezes haviam descoberto ao occidente do Oceano Atlantico, e que os Francezes e até os Hollandezes trataram logo egualmente de visitar em procura de riquezas e aventuras. Não se conjecturavam todos os descobrimentos anteriores na America, ilhas separadas da Asia, e derramadas por suas costas em maiores ou menores distancias?

Bem que em seu tempo ainda os governos, os povos e os escriptores portuguezes porfiassem em chamar sua conquista de Santa Cruz; apezar de que o famoso historiador João de Barros, infeliz donatario de uma das capitancias doadas por D. João III, estigmatizasse com sua voz poderosa os ignorantes e teimosos, que o appellidavam Brazil, vingou esta denominação dos navegantes francezes, desenvolvida e propagada pelas cartas geographicas. Foi por fim Portugal compelido a acompanhar o titulo de chrisma e a deixar em olvido o do baptismo, com que o mimoseára.

Não succedeu o mesmo á America, á preciosa colonia descoberta por Colombo em 1492? Emquanto pensou-se que eram suas terras partes da Asia, conheciam-se pelo nome de Indias Occidentaes.

Logo, porém, que, decorridos mais de vinte annos depois do descobrimento, verificou-se que formavam continente separado e interposto entre Asia e Europa, mudaram-lhe as cartas geographicas e os globos a denominação para America, porque Americo assignava os bem elaborados mappas, e as visitara egualmente ao serviço da Hespanha e de Portugal. Preferio o uso por este modo ao nome do verdadeiro descobridor, e homem de genio, o de um cosmographo secundario, piloto subordinado, posto que dotado de espirito e de actividade!

INDICE

Advertencia.....	5
Lucrecia Borgia.....	7
Carlos Magno.....	22
O Papa Gregorio VII.....	59
Guilherme Tell.....	78
D. Pedro I de Portugal e D. Ignez de Castro..	92
Joanna D'Arc.....	108
Luiz XI de França.....	127
Henrique IV de Castella.....	149
D. João II de Portugal.....	165
Americo Vespuccio.....	183
Nicolau Machiavelli.....	202
D. Francisco de Almeida... ..	223
Vasco Nunes de Balbôa.....	247
Martinho Lutherô.....	269
Diogo Alvares, o Caramurú.....	291



Quaresma & C. — Livraria de Moraes

Sabiu á luz

Physiologia das paixões

e sentimentos moraes do homem e da
mulher, pelo sabio

J. L. ALIBERTI

Traducção do illustrado escriptor Annibal Mascarenhas.

1 grosso vol. de 300 pags. enc. 3\$, broch. 2\$000

Contém este importante trabalho todas as paixões humanas, quer grandiosas, quer vis e ignobeis, taes como o egoismo, a avareza, orgulho, vaidade, fatuidade, coragem, modestia, esperança, preguiça, medo, prudencia, aborrecimento, intemperança, o instincto de imitação, a inveja, ambição, benevolencia, estima, amizade, respeito, consideração, desprezo, zombaria, adulação, admiração, ingratição, odio, vingança, amor conjugal, paternal e filial, ciúme e outras paixões que aviltam ou ennobreceem o coração humano.

E' tal a importancia deste trabalho, que a imprensa da Capital Federal o acclamou como uma obra prima.

Leitura alegre

Martyres do Coração

Romance pandego, escripto no estylo de *Paulo de Koch*, cuja leitura agrada a todo mundo, afugenta os desgostos, desenvolve os nervos e activa a vontade.

1 grosso vol. de perto de 500 pags. enc. 4\$000
broch..... 2\$000

LIVRARIA DO POVO, RUA DE S. JOSE' NS. 65 E 67

A venda na livraria de Povo

Trovador Maritimo

Esplendida colleção de modinhas, canções, canções recitativas, poesias, tangos e fadinhos, maritimas e populares.

1 vol. \$500

A POESIA E A ARTE

Trabalho indispensavel a todas as pessoas que desejarem fazer com a maior facilidade, todas as qualidades de versos, segundo as regras da esthetica.

1 vol. in-8° grande, com 300 pags. 2\$000

O LIVRO DAS MENINAS CHRISTÃS

Ou memorias do martyrio e do culto de Santa Ignez, contendo o thesouro espirital, orações enriquecidas de indulgencias, graças, etc., pelo padre-mestre

PHILIPPE MONACI

1 vol. de perto de 200 pags. enc. 2\$, broch. 1\$000

EDUCAÇÃO DO PAPAGAIO

O Papagaio Fallante ou methodo facilimo para ensinar o papagaio a fallar em pouco tempo, contendo a sua historia natural, hygiene e regimen alimenticio, exportação, instrucção primaria, secundaria e superior, obra indispensavel aos negociantes de passaros, aos amadores e a todas as familias que desejarem possuir uma bella ave falladora, por Linnéo Brazilio.

1 vol. \$500

RUA DE S. JOSE, NS. 65 E 67

